



CANINOS BRANCOS

Jack London

L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JACK LONDON

CANINOS BRANCOS

Tradução de ROSALVA EICHENBERG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

NOTA

Um dos escritores americanos mais traduzidos e internacionalmente populares, Jack London (1876-1916) baseou vários de seus livros nas suas próprias experiências como garimpeiro no Klondike, em 1897. Em *The Call of the Wild* (1903), descreveu o retorno de uma criatura “civilizada”, o cachorro Buck, à natureza em liberdade. Em *Caninos Brancos* (1906), retrata a enorme adaptabilidade “social” de uma criatura selvagem, o cachorro-lobo do título, e o seu “progresso” gradual para a civilização. As vicissitudes de *Caninos Brancos* – especialmente quando consideradas em conjunto com a história de vida do criminoso Jim Hall, relatada em poucos parágrafos no capítulo final – também podem ser facilmente interpretadas como um apelo pela regeneração social dos marginais humanos.

I

A TRILHA DA CARNE

Uma floresta escura de abetos armava sua carranca nos dois lados do canal congelado. Um vento recente despira as árvores de sua cobertura branca de geadas, e elas pareciam se inclinar umas para as outras, negras e sinistras, na luz que definhava. Um vasto silêncio reinava sobre a terra. A própria terra era uma desolação, sem vida, sem movimento, tão solitária e fria que o seu espírito nem era de tristeza. Havia nela uma sugestão de riso, mas de um riso mais terrível que qualquer tristeza – um riso tão sem alegria como o sorriso da Esfinge, um riso frio como a geada, partícipe do caráter lúgubre da infalibilidade. Era a sabedoria dominadora e incomunicável da eternidade rindo da futilidade da vida e dos esforços da vida. Era a Floresta, a selvagem Floresta Boreal de coração gelado.

Mas *havia* vida, por toda parte e desafiadora. Mais abaixo no canal congelado labutava uma fileira de mastins. Seu pelo eriçado estava coberto de geada. O sopro congelava no ar assim que saía das suas bocas, espirrando em espumas de vapor que se fixavam sobre o pelo de seus corpos e formavam cristais de geada. Havia arreios de couro nos cães, e tirantes de couro os ligavam a um trenó que se arrastava atrás. O trenó não tinha patins. Era feito de uma forte casca de bétula, e toda a sua superfície pousava sobre a neve. A ponta dianteira do trenó era virada para cima, como um pergaminho, a fim de forçar para baixo o torvelinho de neve macia que se lançava como uma onda à sua frente. Sobre o trenó, amarrada com segurança, estava uma longa e estreita caixa oblonga. Havia outras coisas sobre o trenó – cobertores, um machado, uma cafeteira e uma frigideira; mas proeminente, ocupando a maior parte do espaço, estava a longa e estreita caixa oblonga.

À frente dos cachorros, sobre raquetas de neve brancas, labutava um homem. Na retaguarda do trenó, labutava um segundo homem. Sobre o trenó, na caixa, jazia um terceiro homem cuja labuta estava finda – um homem que a Floresta tinha conquistado e abatido até ele nunca mais voltar a se mover ou lutar. Não é da natureza da Floresta gostar de movimento. A vida é uma ofensa para ela, pois a vida é movimento; e a Floresta sempre aspira a destruir o movimento. Congela a água para impedir que corra até o mar; retira a seiva das árvores até elas ficarem congeladas em seu próprio e poderoso âmago; e, o mais feroz e terrível de tudo, a Floresta oprime, esmaga e submete o homem – o homem, que é o ser mais inquieto da vida, sempre em revolta contra a sentença de que todo movimento deve por fim chegar à cessação do movimento.

Mas à frente e na retaguarda, não intimidados e inabaláveis, labutavam os dois homens que ainda não estavam mortos. Seus corpos estavam vestidos com peles e couro macio. Os cílios, as bochechas e os lábios estavam tão cobertos com os cristais de sua respiração congelada que não se podia discernir suas faces. Isso lhes dava a aparência de máscaras fantasmagóricas, agentes funerários num mundo espectral acompanhando o funeral de um fantasma. Mas,

embaixo de tudo isso, eram homens penetrando a terra da desolação, zombaria e silêncio, aventureiros insignificantes empenhados numa aventura colossal, lançando-se contra o poder de um mundo tão remoto, alheio e sem vida quanto os abismos do espaço.

Eles viajavam sem falar, poupando a respiração para o trabalho dos corpos. Em todos os lados pairava o silêncio, pressionando-os com uma presença tangível. Isso afetava as suas mentes como as muitas atmosferas das águas profundas afetam o corpo do mergulhador. Esmagava-os com o peso da vastidão infundável e do decreto inalterável. Esmagava-os nos recessos mais remotos de suas mentes, delas extraindo, como sumos da uva, todos os ardores e exaltações falsos, os valores indevidos da alma humana, até eles se perceberem finitos e pequenos, pontos e grãos, movendo-se com fraca astúcia e pouca sabedoria entre a ação e reação dos grandes elementos e forças cegas.

Uma hora se passou, depois uma segunda hora. A luz pálida do curto dia sem sol estava começando a esmorecer, quando um grito fraco e distante subiu no ar parado. Elevou-se com um ímpeto veloz, até alcançar a sua nota mais alta, na qual persistiu, palpitante e tenso, e depois lentamente se extinguiu. Poderia ter sido o lamento de uma alma perdida, se não tivesse se revestido de uma certa ferocidade triste e de uma ansiedade faminta. O homem da frente virou a cabeça, até seus olhos encontrarem os olhos do homem mais atrás. E então, sobre a estreita caixa oblonga, um acenou para o outro.

Um segundo grito elevou-se no ar, furando o silêncio com um som estridente. Os dois homens localizaram o som. Estava na retaguarda, em algum lugar no trecho de neve que tinham acabado de atravessar. Um terceiro grito de resposta elevou-se no ar, também na retaguarda e à esquerda do segundo grito.

– Eles estão nos perseguindo, Bill – disse o homem à frente.

A sua voz soou rouca e irreal, e ele tinha falado com visível esforço.

– A carne está escassa – respondeu seu camarada. – Não vejo sinal de coelho há dias.

Depois disso não falaram mais, embora seus ouvidos estivessem atentos aos gritos de caçada que continuavam a se elevar atrás deles.

Ao cair da escuridão, viraram os cachorros para um grupo de abetos na beira do canal e fizeram um acampamento. O caixão, ao lado do fogo, servia de assento e mesa. Os mastins, aglomerados no lado mais distante do fogo, rosnavam e brigavam entre si, mas não mostravam nenhuma vontade de se perder na escuridão.

– Acho, Henry, que eles estão se mantendo bem perto do acampamento – comentou Bill.

Acocorado sobre o fogo e ajeitando o bule de café com um pedaço de gelo, Henry acenou com a cabeça. E não falou até se sentar sobre o caixão e começar a comer.

– Eles sabem onde o seu couro está seguro – disse. – Melhor comer a boia do que virar boia. São bem inteligentes, os cachorros.

Bill sacudiu a cabeça. – Oh, não sei.

O seu camarada olhou para ele curioso.

– É a primeira vez que ouço você falar alguma coisa sobre eles não serem

inteligentes.

– Henry – disse o outro, mastigando com deliberação os feijões que estava comendo –, você por acaso notou o barulho que esses cachorros fizeram quando eu estava lhes dando comida?

– Mais barulhentos do que o normal – reconheceu Henry.

– Quantos cachorros temos, Henry?

– Seis.

– Bem, Henry... – Bill parou por um momento, para que suas palavras pudessem adquirir maior significação. – Como estava dizendo, Henry, temos seis cachorros. Peguei seis peixes do saco. Dei um peixe para cada cachorro e, Henry, ficou faltando um peixe.

– Você contou errado.

– Temos seis cachorros – o outro reiterou calmamente. – Tirei seis peixes. Uma Orelha ficou sem peixe. Voltei depois ao saco e peguei o seu peixe.

– Só temos seis cachorros – disse Henry.

– Henry – continuou Bill –, não quero dizer que todos fossem cachorros, mas sete pegaram peixe.

Henry parou de comer para olhar através do fogo e contou os cachorros.

– Agora são apenas seis – disse.

– Vi o outro sair correndo pela neve – anunciou Bill com uma certeza calma.

– Vi sete.

O seu camarada olhou para ele com pena e disse:

– Vou ficar muito contente, quando essa viagem chegar ao fim.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Bill.

– Quero dizer que essa nossa carga está atacando os seus nervos, e você está começando a ver coisas.

– Foi o que também pensei – respondeu Bill sério. – E por isso, quando o vi correndo pela neve, procurei no chão e descobri o rasto. Depois contei os cachorros e ainda havia seis. O rasto ainda está ali, sobre a neve. Quer vê-lo? Vou lhe mostrar.

Henry não respondeu, mas continuou a mastigar em silêncio, até que, terminada a refeição, completou-a com uma última xícara de café. Limpou a boca com as costas da mão e disse:

– Então você acha que era...

Um longo grito de lamento, ferozmente triste, vindo de algum lugar na escuridão, o interrompera. Ele parou para escutá-lo, depois terminou a frase com um aceno na direção do som:

– ...um deles?

Bill fez que sim com a cabeça.

– Mil vezes pensar isso que qualquer outra coisa. Você mesmo notou o barulho que os cachorros fizeram.

Grito após grito, e mais gritos em resposta, estavam transformando o silêncio num tumulto. De todo lado elevavam-se gritos, e os cachorros traíam o seu medo aconchegando-se uns aos outros e aproximando-se tanto do fogo que o calor chamuscava seu pelo. Bill jogou mais lenha no fogo, antes de acender o cachimbo.

– Acho que você está um pouco desanimado – disse Henry.
– Henry... – Ele chupou meditativo o cachimbo por algum tempo antes de continuar. – Henry, estava pensando como ele tem mil vezes mais sorte que você e eu.

Indicou a terceira pessoa com um golpe do polegar virado para baixo sobre a caixa em que estavam sentados.

– Você e eu, Henry, quando a gente morrer, vamos ter sorte se conseguirmos algumas pedras sobre nossas carcaças para manter os cães longe de nós.

– Mas não temos criados, dinheiro e todo o resto como ele – respondeu Henry. – Funerais a longa distância é algo que você e eu não podemos pagar.

– O que me intriga, Henry, é o que um camarada como ele, que é um senhor ou alguma coisa no seu país, que nunca teve de se preocupar com boia ou cobertores, por que ele vem se meter nesses confins da terra renegados por Deus... isso é que não consigo realmente compreender.

– Ele poderia ter vivido até ficar bem velho, se tivesse ficado em casa – concordou Henry.

Bill abriu a boca para falar, mas mudou de ideia. Em vez disso, apontou para o muro de escuridão que os pressionava de todos os lados. Não havia sugestão de forma no breu absoluto, apenas se podia ver um par de olhos brilhando como brasas. Henry indicou com a cabeça um segundo par, e um terceiro. Um círculo de olhos brilhantes se formara ao redor do acampamento. De vez em quando um par de olhos se movia ou desaparecia, para aparecer de novo um momento mais tarde.

A inquietação dos cachorros aumentara, e eles debandaram, num surto repentino de medo, para perto do fogo, encolhendo-se e rastejando ao redor das pernas dos homens. No movimento desordenado, um dos cachorros foi derrubado na beira do fogo e ganiu de dor e susto, quando o cheiro de seu pelo chamuscado impregnou o ar. A comoção fez com que o círculo de olhos se movesse inquieto por um momento e até recuasse um pouco, mas depois voltou a se acomodar quando os cachorros se aquietaram.

– Henry, é uma desgraça não ter munição.

Bill acabara de fumar o seu cachimbo e estava ajudando o companheiro a estender a cama de pele e cobertor sobre os ramos de abeto que tinha disposto sobre a neve antes da ceia. Henry resmungou e começou a desamarrar os mocassins.

– Quantos cartuchos você disse que ainda restam? – perguntou.

– Três – foi a resposta. – Antes fossem trezentos. Então eu mostraria o que é bom a esses patifes!

Sacudiu o punho com raiva para os olhos brilhantes e começou a escorar com segurança os seus mocassins diante do fogo.

– E gostaria que esse frio se interrompesse de repente – continuou. – Está cinquenta abaixo de zero há duas semanas. E gostaria que essa viagem nunca tivesse começado, Henry. Não estou gostando do que vejo. De certo modo, não me sinto bem. E, já que estou fazendo desejos, gostaria que a viagem estivesse terminada e acabada, e que você e eu estivéssemos agora sentados perto do fogo no Forte McGurry, jogando cartas... disso é que gostaria.

Henry resmungou e arrastou-se para a cama. Quando já estava cochilando, foi despertado pela voz do companheiro.

– Me diga uma coisa, Henry, aquele outro que veio buscar o peixe... por que os cachorros não o atacaram? Isso é que está me incomodando.

– Você está se incomodando demais, Bill – foi a resposta sonolenta. – Você nunca foi assim. Agora trate de calar a boca e durma, e vai acordar todo alegre de manhã. Acidez no estômago, isso é que está incomodando você.

Os homens dormiram, respirando pesadamente, lado a lado, embaixo da única coberta. O fogo morreu, e os olhos brilhantes apertaram o círculo que tinham armado em torno do acampamento. Os cachorros se aglomeravam de medo, rosnando de vez em quando ameaçadoramente, quando um par de olhos chegava mais perto. Certo momento, o tumulto foi tão grande que Bill acordou. Saiu da cama com cuidado, para não perturbar o sono do companheiro, e jogou mais lenha no fogo. Quando as flamas começaram a se elevar, o círculo de olhos recuou bem para trás. Ele deu uma olhada casual nos cachorros amontoados. Esfregou os olhos e enxergou com mais nitidez. Depois voltou para baixo do cobertor.

– Henry – disse. – Oh, Henry.

Henry gemeu enquanto passava do sono para o estado de vigília, e perguntou:

– Qual é o problema agora?

– Nada – foi a resposta. – Só que há sete cachorros agora. Acabei de contar.

Henry acusou ter recebido a informação com um resmungo e resvalou para um ronco, voltando a dormir.

Pela manhã foi Henry quem despertou primeiro e arrancou o companheiro da cama. Ainda faltavam três horas para a luz do dia, embora já fossem seis horas. E na escuridão Henry começou a preparar o café da manhã, enquanto Bill enrolava os cobertores e preparava o trenó para as amarras.

– Me diga, Henry – perguntou de repente –, quantos cachorros você disse que nós tínhamos?

– Seis.

– Errado – proclamou Bill triunfantemente.

– Sete de novo? – quis saber Henry.

– Não, cinco. Um se foi.

– Raios! – Henry gritou de raiva, deixando o que estava cozinhando para ir contar os cachorros.

– Você tem razão, Bill – concluiu. – Gordo se foi.

– E desapareceu como um raio, depois que começou a correr. Não pude vê-lo por causa da fumaça.

– Sem chance alguma – concluiu Henry. – Eles o engoliram vivo. Aposto que gania ao descer pelas goelas desses patifes!

– Ele sempre foi um cachorro bobo – disse Bill.

– Mas nenhum cachorro bobo devia ser tão bobo a ponto de sair correndo e se suicidar dessa maneira. – Ele olhou para o resto do bando com um olhar especulativo que resumia instantaneamente os traços salientes de cada animal. – Aposto que nenhum dos outros faria uma coisa dessas.

– Não consegui afastá-los do fogo com um pedaço de pau – concordou Bill. –

Sempre achei que havia algo de errado com Gordo, de qualquer maneira.

E esse foi o epitáfio de um cachorro morto na trilha das terras do norte – menos escasso do que o epitáfio de muitos outros cachorros, de muitos homens.

II

A LOBA

Café da manhã tomado e o exíguo equipamento de acampar amarrado no trenó, os homens viraram as costas ao fogo alentador e lançaram-se pela escuridão. Logo começaram os gritos ferozmente tristes – gritos que chamavam através da escuridão e do frio e que respondiam aos chamados. A conversa cessou. A luz do dia apareceu às nove horas. Ao meio-dia o céu animou-se com um tom cor-de-rosa, marcando o ponto em que o volume da terra intervinha entre o sol meridiano e o mundo do norte. Mas a cor rosa rapidamente se esvaeceu. A restante luz cinzenta do dia durou até as três horas, quando ela também morreu, e o manto da noite ártica desceu sobre a terra solitária e silenciosa.

Quando sobreveio a escuridão, os gritos de caçada à direita, à esquerda e na retaguarda chegaram mais perto – tão perto que mais de uma vez provocaram surtos de medo entre os cachorros, mergulhando-os em breves acessos de pânico.

Na final de um desses acessos, quando ele e Henry tinham posto os cachorros de volta nos tirantes, Bill disse:

– Gostaria que eles encontrassem caça em algum lugar, fossem embora e nos deixassem em paz.

– Eles dão nos nervos de um modo horrível – simpatizou Henry.

Não falaram mais até o acampamento estar pronto.

Henry estava se inclinando e pondo um pouco de gelo na panela borbulhante de feijões, quando foi surpreendido pelo som de um golpe, uma exclamação de Bill, um grito e um rosado agudo de dor vindo do meio dos cachorros.

Endireitou-se a tempo de ver uma forma vaga desaparecer pela neve e se abrigar da escuridão. Depois viu Bill, de pé entre os cachorros, meio triunfante, meio de crista caída, numa das mãos um grande pedaço de pau, na outra o rabo e parte do corpo de um salmão curado pelo sol.

– Pegou metade do peixe – anunciou –, mas eu lhe dei uma cacetada assim mesmo. Você ouviu o guincho?

– Como era? – perguntou Henry.

– Não pude ver. Mas tinha quatro patas, boca, pelo e se parecia com qualquer outro cachorro.

– Imagino que deve ser um lobo domesticado.

– Domesticado na certa, seja o que for, vindo aqui na hora da comida para pegar seu pedaço de peixe.

Naquela noite, quando, terminada a ceia, eles sentaram-se sobre a caixa oblonga e tiraram bafaradas de seus cachimbos, o círculo de olhos brilhantes chegou ainda mais perto do que antes.

– Gostaria que eles levantassem um bando de alces ou algo assim, fossem embora e nos deixassem em paz – disse Bill.

Henry resmungou com uma entonação que não era de todo simpática, e por um quarto de hora ficaram sentados em silêncio. Henry fitando o fogo e Bill, o círculo de olhos que ardiam na escuridão um pouco além da luz do fogo.

– Gostaria que estivéssemos entrando no McGurry agora – começou de novo.

– Acabe com esses seus desejos e lamentos – explodiu Henry com raiva. – Acidez no estômago. Isso é que está afligindo você. Tome uma colher de bicarbonato que vai ficar mais aliviado e ser uma companhia mais agradável.

De manhã, Henry foi despertado por pragas ardentes que provinham da boca de Bill. Henry se escorou sobre um cotovelo e olhou para ver o companheiro de pé entre os cachorros ao lado do fogo reabastecido, os braços erguidos no meio de uma invectiva, o rosto distorcido pela paixão.

– Ei! – chamou Henry. – Que há agora?

– Rã se foi – veio a resposta.

– Não.

– Estou lhe dizendo que sim.

Henry pulou para fora dos cobertores e se aproximou dos cachorros. Contou-os com carinho, e depois juntou-se ao parceiro nas pragas contra os poderes da Floresta que lhes tinham roubado outro cachorro.

– Rã era o cachorro mais forte de todo o bando – pronunciou Bill finalmente.

– E não era nenhum bobo – acrescentou Henry.

E assim foi registrado o segundo epítáfio em dois dias.

Tomaram um café da manhã sombrio, e os quatro cachorros restantes foram arreados ao trenó. O dia foi uma repetição dos que já tinham passado. Os homens labutavam sem falar pela superfície do mundo gelado. O silêncio só era rompido pelos gritos dos perseguidores, que, ocultos, mantinham-se na retaguarda. Com o cair da noite no meio da tarde, os gritos soavam mais perto, enquanto os perseguidores aproximavam-se conforme seu costume. E os cachorros ficavam excitados e assustados, culpados do pânico que enredava os tirantes e deprimia ainda mais os dois homens.

– Pronto, isso vai lhes ensinar, suas criaturas tolas – disse Bill com satisfação naquela noite, endireitando-se depois de concluir a sua tarefa.

Henry deixou o que estava cozinhando para ir dar uma olhada. O seu parceiro não só amarrara os cachorros, como os tinha atado, à maneira dos índios, com varas. Ao redor do pescoço de cada cachorro, ele colocara uma correia de couro. Nessa correia, e tão perto do pescoço que o cachorro não podia pôr os dentes nela, amarrara uma vara bem forte de 1,2m ou 1,5m de comprimento. A outra ponta da vara, por sua vez, era presa com uma correia de couro a uma estaca enterrada no chão. O cachorro não tinha possibilidade de roer o couro na ponta de sua vara. E esta o impedia de roer o couro que prendia a outra ponta.

Henry moveu a cabeça aprovando.

– É o único meio de segurar Uma Orelha – disse. – Ele rói o couro com a precisão de uma faca afiada e quase com a mesma rapidez. Eles vão estar por aqui de manhã, todos felizes.

– Pode apostar – afirmou Bill. – Se um deles desaparecer de novo, fico sem café.

– Eles sabem que não temos meios de matá-los – observou Henry na hora de dormir, indicando o círculo brilhante que os cercava. – Se pudéssemos acertar umas duas balas neles, teriam mais respeito. Chegam mais perto a cada noite. Tire a luz do fogo de seus olhos e olhe com atenção... ali! Você viu aquele?

Por algum tempo, os dois homens se divertiram observando o movimento de formas vagas à beira da luz do fogo. Olhando com cuidado e firmeza o lugar em que um par de olhos ardia na escuridão, a forma do animal lentamente adquiria contornos. Às vezes eles até podiam ver essas formas se moverem.

Um som entre os cachorros atraiu a atenção dos homens. Uma Orelha estava emitindo ganidos rápidos e ansiosos, investindo com toda a sua vara estendida na direção da escuridão, e desistindo de vez em quando para ferrar os dentes freneticamente na vara.

– Olhe só – sussurrou Henry.

Bem à luz do fogo, com um movimento furtivo e oblíquo, deslizou um animal semelhante a um cachorro. Movia-se com uma mistura de desconfiança e audácia, observando cautelosamente os homens, a atenção fixa nos cachorros. Uma Orelha puxou toda a vara estendida na direção do intruso e ganiu com ansiedade.

– Esse tolo do Uma Orelha não parece estar com muito medo – disse Bill em voz baixa.

– É uma loba – sussurrou Henry em resposta –, e isso explica Gordo e Rã. Ela é a isca do bando. Atrai o cachorro e depois todo o resto cai em cima da vítima e a devora.

O fogo crepitou. Uma tora rachou ao meio com um estalido bem barulhento. A esse som, o estranho animal pulou de volta à escuridão.

– Henry, estou pensando – anunciou Bill.

– Pensando o quê?

– Acho que foi esse animal que eu espanquei com o cacete.

– Não tenho a menor dúvida – foi a resposta de Henry.

– E aqui gostaria de observar – continuou Bill – que a familiaridade desse animal com os acampamentos é suspeita e imoral.

– Ele sabe seguramente muito mais do que um lobo que se respeite deve saber – concordou Henry. – Um lobo que sabe o bastante para vir se meter entre os cachorros na hora da comida já teve outras experiências.

– O Velho Vilão teve certa vez um cachorro que fugiu com os lobos – cogitou Bill em voz alta. – Eu devia saber. Afastei-o do bando com um tiro num pasto de alces lá em Little Stick. E o Velho Vilão chorou como um bebê. Não o via há três anos, disse. Tinha andado com os lobos durante todo esse tempo.

– Acho que você acertou em cheio, Bill. Essa loba é uma cachorra, e já comeu muito peixe das mãos do homem.

– E se eu tiver uma chance, essa loba que é uma cachorra vai se tornar apenas carne – declarou Bill. – Não podemos nos dar ao luxo de perder mais animais.

– Mas você só tem três cartuchos – objetou Henry.

– Vou esperar um tiro certo – foi a resposta.

Pela manhã Henry reabasteceu o fogo e preparou o café da manhã com o acompanhamento dos roncões de seu parceiro.

– Você estava dormindo tão confortavelmente – Henry lhe disse, quando o arrancou da cama para a refeição da manhã. – Não tive coragem de lhe acordar.

Bill começou a comer sonolento. Notou que sua xícara estava vazia e estendeu o braço para pegar o bule. Mas o bule estava além do seu alcance e ao lado de Henry.

– Ei, Henry – censurou gentilmente –, você não se esqueceu de nada?

Henry olhou ao redor com muito cuidado e sacudiu a cabeça. Bill ergueu a xícara vazia.

– Você não vai tomar café – anunciou Henry.

– Acabou? – perguntou Bill ansioso.

– Não.

– Não está pensando que vai fazer mal para o meu estômago?

– Não.

Um rubor de raiva impregnou a face de Bill.

– Então estou muito ansioso e todo ouvidos para saber por quê – disse.

– Colosso se foi – respondeu Henry.

Sem pressa, com o ar de alguém resignado à desgraça, Bill virou a cabeça e, de onde estava, contou os cachorros.

– Como aconteceu? – perguntou apático.

Henry deu de ombros.

– Não sei. A não ser que Uma Orelha o tenha soltado, roendo a tira de couro. Sozinho ele não poderia ter saído, disso não tenho dúvida.

– Esse vira-lata estúpido – Bill falou em tom grave e pausado, sem nenhum indício da raiva que estava rugindo por dentro. – Só porque não conseguiu roer a tira para se libertar, teve de soltar Colosso.

– Bem, os problemas de Colosso se acabaram, de qualquer maneira. Acho que a esta altura ele está digerido e dando pinotes sobre a paisagem nas barrigas de vinte lobos diferentes – foi o epitáfio de Henry para esse cachorro, o último perdido. – Tome um pouco de café, Bill.

Mas Bill sacudiu a cabeça.

– Vamos – instou Henry, erguendo o bule.

Bill afastou a sua xícara. – Que o diabo me carregue, se tomar. Disse que ficaria sem café se algum cachorro desaparecesse, e vou manter a minha palavra.

– O café está muito bom – disse Henry tentadoramente.

Mas Bill era teimoso, e ele fez uma refeição seca, engolida com pragas resmungadas contra Uma Orelha pela peça que lhes tinha pregado.

– Vou amarrá-los um fora do alcance do outro hoje à noite – disse Bill, quando retomaram a trilha.

Tinham andado pouco mais de cem metros quando Henry, que estava na frente, inclinou-se e pegou alguma coisa na qual a sua raqueta de neve tinha batido. Estava escuro, e ele não podia ver o que era, mas reconheceu-a pelo tato. Atirou-a para trás, e ela bateu no trenó e saiu pulando até chegar às raquetas de

neve de Bill.

– Talvez vá necessitar disso para o que pretende fazer – disse Henry.

Bill proferiu uma exclamação. Era tudo o que havia sobrado de Colosso... a vara com que fora atado.

– Eles o devoraram com pelo e tudo – anunciou Bill. – A vara está toda limpa. Eles comeram o couro das duas pontas. Estão famintos, Henry, e acho que vão pegar você e a mim antes do fim dessa viagem.

Henry riu desafiador.

– Nunca fui perseguido por lobos antes, mas já passei por coisa muito pior e saí são e salvo. E preciso mais que um punhado dessas criaturas detestáveis para liquidar o sinceramente seu, Bill, meu filho.

– Não sei, não sei – resmungou Bill agourento.

– Bem, você vai ficar sabendo quando entrarmos no McGurry.

– Não estou me sentindo especialmente entusiasmado – persistiu Bill.

– Você não está bem, esse é que é o seu problema – dogmatizou Henry. – O que você precisa é quinino, e vou lhe dar uma dose de arrasar assim que chegarmos a McGurry.

Bill resmungou o seu desacordo com o diagnóstico e calou. O dia foi como todos os outros. A luz apareceu às nove horas. Ao meio-dia o horizonte sul foi aquecido pelo sol invisível, e depois começou o cinza frio da tarde que se mesclaria, três horas mais tarde, com a noite.

Foi pouco depois dos esforços vãos do sol para aparecer que Bill tirou o rifle de onde estava, embaixo das amarras do trenó, e disse:

– Você continua adiante, Henry, vou ver o que consigo descobrir.

– É melhor ficar perto do trenó – protestou o seu parceiro. – Você só tem três cartuchos, e não há como prever o que poderá acontecer.

– Quem está gemendo agora? – perguntou Bill triunfante.

Henry não deu resposta e continuou a se arrastar sozinho, embora frequentemente lançasse olhares ansiosos para trás na solidão cinzenta em que seu parceiro tinha desaparecido. Uma hora mais tarde, aproveitando os atalhos que o trenó tinha de utilizar, Bill apareceu.

– Estão espalhados e errando bem ao largo – disse. – Acompanhando nosso passo e procurando caça ao mesmo tempo. Sabe, eles estão seguros de nós, só que sabem que têm de esperar para nos pegar. Enquanto isso, querem apanhar qualquer coisa comestível que estiver à mão.

– Você quer dizer que eles *acham* que estão seguros em relação a nós – objetou Henry mordazmente.

Mas Bill o ignorou.

– Vi alguns deles. Estão bem magros. Não têm o que comer há semanas, acho, exceto Gordo, Rã e Colosso. E são tantos que isso não deu para muita coisa. Estão impressionantemente magros. As costelas são tábuas de lavar roupa, e o estômago está todo encolhido contra a espinha. Estão desesperados, pode crer. Eles ainda vão ficar loucos, e depois disso, cuidado.

Alguns minutos mais tarde, Henry, que agora andava atrás do trenó, emitiu um assobio baixo e de alerta. Bill se virou e olhou, depois parou os cachorros sem fazer alarde. Atrás, na última curva e claramente à vista, na mesma trilha que

tinham acabado de percorrer, vinha uma forma peluda e furtiva. O focinho estava grudado na trilha, e ela se movia com um passo peculiar, deslizante e desembaraçado. Quando eles pararam, ela parou levantando a cabeça e olhando-os firme com as narinas que se crispavam, enquanto captavam e estudavam o cheiro dos homens.

– É a loba – sussurrou Bill.

Os cachorros tinham se deitado na neve, e Bill passou por eles para juntar-se ao parceiro perto do trenó. Juntos, observaram o estranho animal que os perseguira por dias e já conseguira a destruição de metade da sua matilha.

Depois de um exame minucioso, o animal deu alguns passos para frente. Repetiu a manobra várias vezes, até estar a apenas uns cem metros de distância. Parou perto de um grupo de abetos, a cabeça erguida, e com a vista e o faro estudou o equipamento dos homens que a observavam. Olhou para eles de um modo estranhamente sequioso, como um cachorro, mas no seu anseio não havia nada do afeto de um cachorro. Era o anseio gerado pela fome, tão cruel como as suas presas, tão impiedoso como a própria geadas.

Era grande para um lobo, a sua estrutura magra anunciando as linhas de um animal que estava entre os maiores da sua espécie.

– Chega quase a uns setenta e cinco centímetros de altura nos ombros – comentou Henry. – E aposto que não está longe de um metro e meio de comprimento.

– Cor estranha para um lobo – foi a crítica de Bill. – Nunca tinha visto um lobo vermelho antes. Parece quase cor de canela para mim.

O animal não era certamente cor de canela. O seu pelo era um verdadeiro pelo de lobo. A cor predominante era o cinza, mas havia nela um leve matiz avermelhado – um matiz desconcertante, que aparecia e desaparecia, que era mais como uma ilusão de ótica, ora cinza, nitidamente cinza, ora dando indícios de vislumbres de um vermelho vago, não classificável em termos de experiência comum.

– Parece um grande cachorro husky – disse Bill. – Não ficaria surpreso se começasse a abanar o rabo.

– Ei, husky! – chamou. – Venha cá, seu qualquer-que-seja-o-seu-nome!

– Não está nem um pouco com medo de você – riu Henry.

Bill abanou a mão ameaçadoramente e deu um grito, mas o animal não demonstrou medo. A única mudança que se pôde perceber foi uma posição de alerta. Ainda os considerava com o anseio impiedoso da fome. Eles significavam carne, e o animal estava com fome, gostaria de se aproximar e comê-los, se tivesse coragem.

– Olhe aqui, Henry – disse Bill, abaixando inconscientemente a voz para um sussurro por causa do que pensava fazer. – Temos três cartuchos. Mas é um tiro certo. Não tenho como errar. Ela já liquidou três dos nossos cachorros, e temos de pôr um fim a isso. O que você acha?

Henry acenou consentindo. Bill retirou cautelosamente o rifle de seu lugar embaixo das amarras do trenó. A arma estava a caminho do seu ombro, mas nunca chegou a esse destino. Naquele instante, a loba pulou de lado para fora da trilha, entrou num grupo de abetos e desapareceu.

Os dois homens se olharam. Henry deu um assobio longo e compreensivo.

– Eu devia saber – Bill censurou-se em voz alta, enquanto recolocava a arma no lugar. – Claro que um lobo que sabe o bastante para se meter entre os cachorros na hora da comida saberia tudo sobre armas de fogo. Vou lhe dizer uma coisa, Henry, essa criatura é a causa de todos os nossos problemas. Teríamos seis cachorros a essa altura, em vez de três, se não fosse por ela. E vou lhe dizer mais, Henry, vou pegar essa loba. Ela é esperta demais para ser baleada em campo aberto. Mas vou armar uma emboscada para ela. Vou agarrá-la na emboscada, ou não me chamo Bill.

– É melhor não se afastar muito para armar essa emboscada – avisou o seu parceiro. – Se esse bando começar a pular em cima de você, esses três cartuchos não vão valer mais do que três gritos no inferno. Esses animais estão terrivelmente famintos e, uma vez no ataque, vão certamente pegar você, Bill.

Eles acamparam cedo naquela noite. Três cachorros não podiam arrastar o trenó tão rápido nem por tantas longas horas quanto seis, e eles estavam mostrando sinais inequívocos de fadiga. E os homens foram cedo para a cama, Bill cuidando primeiro para que os cachorros fossem atados fora do alcance dos dentes uns dos outros.

Mas os lobos estavam se tornando mais ousados, e os homens foram despertados mais de uma vez de seu sono. Tão perto chegavam os lobos que os cachorros entravam em pânico, e era necessário reabastecer o fogo de tempos em tempos para manter os saqueadores aventureiros a uma distância mais segura.

– Ouvi marinheiros falarem de tubarões perseguindo um navio – observou Bill, enquanto se arrastava de volta para baixo dos cobertores depois de um desses reabastecimentos do fogo. – Bem, esses lobos são tubarões terrestres. Sabem o que fazer melhor do que nós, e não estão seguindo a nossa trilha por nada. Eles vão nos pegar. Estão certos de que vão nos pegar, Henry.

– Já meio que pegaram você, falando desse jeito – replicou Henry áspero. – Um homem já está meio derrotado quando diz que está. E você já está meio comido pela maneira como está se comportando.

– Eles já venceram homens melhores que você e eu – respondeu Bill.

– Oh, pare com esses seus lamentos. Você me mata de cansaço.

Henry rolou zangado para o lado, mas ficou surpreso de Bill não ter respondido com um ataque semelhante de raiva. Não era o jeito de Bill, pois ele se zangava facilmente com palavras ásperas. Henry pensou muito antes de dormir, e quando as pálpebras abaixaram trêmulas e ele cochilou, o pensamento em sua mente era: “Não há como negar, Bill está muito deprimido. Vou ter de animá-lo amanhã”.

III

O GRITO DA FOME

O dia começou auspiciosamente. Eles não tinham perdido nenhum cachorro durante a noite, e lançaram-se sobre a trilha no meio do silêncio, escuridão e frio

com um ânimo bastante leve. Bill parecia ter esquecido os seus presságios da noite anterior, e até se mostrou brincalhão com os cachorros quando, ao meio-dia, eles viraram o trenó num trecho ruim da trilha.

Foi uma confusão danada. O trenó estava de cabeça para baixo e espremido entre o tronco de uma árvore e uma imensa rocha, e eles foram obrigados a tirar os arreios dos cachorros para desenredar os tirantes. Os dois homens estavam inclinados sobre o trenó tentando endireitá-lo, quando Henry observou Uma Orelha afastando-se furtivamente.

– Ei, aqui, Uma Orelha! – gritou endireitando-se e virando-se para o cachorro.

Mas Uma Orelha saiu correndo pela neve, os tirantes arrastando-se atrás de si. E ali, no meio da neve da trilha já percorrida, estava a loba esperando por ele. Quando dela se aproximou, Uma Orelha de repente se tornou cauteloso. Diminuiu a corrida para um andar alerta e afetado, depois parou. Considerou-a com cuidado e dúvidas, mas com desejo. Ela pareceu lhe sorrir, mostrando-lhe os dentes de um modo mais insinuante que ameaçador. Deu alguns passos na sua direção, de um jeito meio travesso, e depois parou. Uma Orelha chegou mais perto, ainda alerta e cauteloso, o rabo e as orelhas em pé, a cabeça bem erguida.

Tentou farejá-la roçando o focinho no dela, mas a loba recuou travessa e arisca. Todo avanço da sua parte era acompanhado por um recuo correspondente da parte do estranho animal. Passo a passo, ela o estava atraindo para longe da segurança de seus companheiros humanos. Em certo momento, como se um aviso tivesse passado vagamente pela sua mente, ele virou a cabeça para trás e olhou o trenó derrubado, seus companheiros da matilha e os dois homens que o estavam chamando.

Mas qualquer que fosse a ideia que começava a se formar na sua mente, ela foi logo dissipada pela loba, que avançou sobre Uma Orelha, roçou o focinho no dele por um breve instante, e depois recomeçou o seu recuo arisco diante de seus renovados avanços.

Enquanto isso, Bill tinha pensado no rifle. Mas ele estava socado embaixo do trenó emborcado e, quando Henry o ajudou a endireitar a carga, Uma Orelha e a loba estavam demasiado juntos e a distância era muito grande para arriscar um tiro.

Tarde demais, Uma Orelha aprendeu o seu erro. Antes que percebessem a causa, os dois homens o viram virar-se e começar a correr de volta na direção do trenó. Então, aproximando-se da trilha em ângulos retos e cortando a sua retirada, viram uma dúzia de lobos, magros e cinzentos, pulando pela neve. No mesmo instante, o jeito arisco e travesso da loba desapareceu. Com um rosnado, ela pulou em cima de Uma Orelha. Ele a jogou para longe com o ombro e, com a retirada cortada e ainda decidido a voltar para perto do trenó, alterou o seu curso numa tentativa de circular em torno para chegar a seu destino. Mais lobos estavam aparecendo a todo momento e juntando-se à caçada. A loba estava um pulo atrás de Uma Orelha e mantinha-se firme.

– Ei, aonde você vai? – perguntou Henry de repente, pondo a mão no braço do companheiro.

Bill afastou-a com um safanão.

– Não vou aguentar uma coisa dessas – disse. – Eles não vão pegar mais nenhum de nossos cachorros, se eu puder impedir.

Rifle na mão, mergulhou na vegetação rasteira que orlava a beira da trilha. A sua intenção era bastante clara. Tomando o trenó como o centro do círculo que Uma Orelha estava percorrendo, Bill planejou penetrar nesse círculo num ponto adiante da perseguição. Com seu rifle, em plena luz do dia, talvez fosse assustar os lobos e salvar o cachorro.

– Ei, Bill! – Henry gritou para ele. – Tome cuidado! Não se arrisque!

Henry sentou-se no trenó e ficou observando. Não havia nada mais para fazer. Bill já tinha desaparecido da vista. Mas de vez em quando, aparecendo e desaparecendo entre a vegetação rasteira e os grupos espalhados de abetos, podia-se ver Uma Orelha. Henry julgou o seu caso perdido. O cachorro tinha plena consciência do perigo, mas Bill estava correndo no círculo mais externo, enquanto o bando de lobos corria no círculo mais interno e mais curto. Era inútil pensar que Uma Orelha conseguiria se distanciar de seus perseguidores a ponto de ser capaz de cortar através do círculo à frente deles e voltar para perto do trenó.

As linhas diferentes estavam rapidamente chegando a um ponto comum. Em algum lugar na neve, oculto à sua vista pelas árvores e moitas, Henry sabia que o bando de lobos, Uma Orelha e Bill estavam se reunindo. Bem rápido, muito mais rápido do que tinha esperado, tudo aconteceu. Ele escutou um tiro, depois dois tiros em rápida sucessão, e ficou sabendo que a munição de Bill se fora. Depois ouviu um grande alarido de rosnados e ganidos. Reconheceu o grito de dor e terror de Uma Orelha, e escutou um uivo que indicava um lobo atingido. E foi só. Os rosnados cessaram. Os ganidos esmoreceram. Fez-se novamente silêncio sobre a terra solitária.

Ele ficou um bom tempo sentado no trenó. Não havia necessidade de ir ver o que tinha acontecido. Ele sabia de tudo como se tivesse ocorrido diante de seus olhos. Em certo momento, levantou-se sobressaltado e pegou apressado o machado que estava embaixo das amarras. Mas por um tempo mais longo ficou sentado meditando, os dois cachorros restantes agachados e tremendo a seus pés.

Por fim levantou-se cansado, como se toda a elasticidade tivesse abandonado o seu corpo, e começou a amarrar os cachorros ao trenó. Passou uma corda pelo ombro, um tirante humano, e puxou o trenó com os cachorros. Não foi muito longe. Aos primeiros indícios de escuridão, apressou-se a acampar, e cuidou para ter um suprimento generoso de lenha. Alimentou os cachorros, cozinhou, comeu a sua ceia e arrumou a cama perto do fogo.

Mas ele não estava destinado a usufruir dessa cama. Antes que seus olhos se fechassem, os lobos tinham se aproximado além dos limites de segurança. Já não era necessário um esforço da visão para vê-los. Estavam todos em torno dele e do fogo, num círculo estreito, e ele podia vê-los claramente à luz do fogo, deitados, sentados, arrastando-se para a frente sobre as barrigas, ou andando furtivamente de um lado para o outro. Até dormiam. Aqui e ali ele podia ver um deles enroscado sobre a neve como um cachorro, tirando a soneca que a ele era negada.

Conservou o fogo ardendo forte, pois sabia que apenas as chamas se

interpunham entre a carne de seu corpo e as presas famintas. Os dois cachorros ficaram perto dele, um de cada lado, encostando-se ao seu corpo em busca de proteção, choramingando e às vezes rosnando desesperados quando um lobo se aproximava mais do que o habitual. Nesses momentos, quando os cachorros rosnavam, todo o círculo se agitava, os lobos erguendo-se e tentando pressionar um avanço, um coro de rosnados e ganidos ansiosos elevando-se ao seu redor. Depois o círculo voltava a se deitar, e aqui e ali um lobo reiniciava a sua soneca interrompida.

Mas esse círculo tinha uma tendência contínua a se fechar sobre ele. Pouco a pouco, alguns centímetros de cada vez, um lobo avançando de barriga aqui, outro lobo avançando de barriga ali, o círculo se estreitava até os brutos estarem quase à distância de um pulo. Então ele agarrava tições do fogo e lançava-os no bando. O resultado era sempre um recuo apressado, acompanhado por ganidos zangados e rosnados assustados, quando um tição bem mirado atingia e chamuscava um animal demasiado ousado.

A manhã encontrou o homem abatido e cansado, os olhos arregalados pela falta de sono. Cozinhou o café da manhã na escuridão, e às nove horas, quando, com a chegada da luz do dia, o bando de lobos se afastou, começou a tarefa que tinha planejado durante as longas horas da noite. Cortou algumas árvores novas e transformou-as nas barras transversais de uma plataforma, amarrando-as bem alto nos troncos de árvores bastante firmes. Usando a amarra do trenó como uma corda de içar e com a ajuda dos cachorros, suspendeu o caixão até o topo da plataforma.

– Eles pegaram Bill, e eles podem me pegar, mas eles certamente nunca vão pegar você, meu jovem – disse, dirigindo-se ao cadáver no seu sepulcro entre as árvores.

Depois tomou a trilha, o trenó mais leve saltando ao longo do caminho atrás dos cachorros dispostos a seguir adiante, pois eles também sabiam que só haveria segurança na chegada ao Forte McGurry. Os lobos estavam agora mais afoitos na sua perseguição, andando sossegados atrás e vagueando ao longo de cada lado, as línguas vermelhas de fora, os lados magros mostrando as costelas ondulantes a cada movimento. Estavam muito magros, meros sacos de pele esticados sobre a estrutura óssea, com uns cordões no lugar de músculos – tão magros que Henry chegou a se maravilhar que ainda se mantivessem sobre as patas e não caíssem logo na neve.

Ele não se atreveu a viajar até o escurecer. Ao meio-dia, não só o sol aqueceu o horizonte sul, mas até introduziu a sua borda, pálida e dourada, acima da linha do horizonte. Ele o recebeu como um sinal. Os dias estavam se tornando mais longos. O sol retornava à terra. Mas, assim que a alegria da sua luz desapareceu, ele acampou. Ainda havia várias horas de luz cinzenta e crepúsculo sombrio, e ele as utilizou cortando um enorme estoque de lenha.

Com a noite veio o horror. Não só os lobos famintos estavam se tornando mais ousados, como a falta de sono estava se fazendo sentir em Henry. Ele cochilou a despeito de si mesmo, agachado perto do fogo, os cobertores ao redor dos ombros, o machado entre os joelhos, e de cada lado um cachorro pressionando contra o seu corpo. Despertou certo momento e viu diante dele, a não menos de

quatro metros, um grande lobo cinzento, um dos maiores do bando. E mesmo quando olhou, o animal deliberadamente se espichou como um cachorro preguiçoso, bocejando bem na sua face e fitando-o com um olhar possessivo, como se, na verdade, ele fosse apenas uma refeição adiada que logo seria devorada.

Essa certeza era demonstrada por todo o bando. Conseguiu contar bem uns vinte, fitando-o famintos ou dormindo calmamente na neve. Eles lhe lembravam crianças reunidas em torno de uma mesa posta, esperando a permissão para começar a comer. E ele era a comida que seria degustada! Ele se perguntava como e quando a refeição começaria.

Enquanto empilhava a lenha no fogo, descobriu-se apreciando o seu próprio corpo, algo que nunca sentira antes. Observou os músculos em movimento e interessou-se pelo mecanismo engenhoso dos dedos. À luz do fogo, dobrou os dedos lenta e repetidamente, ora um de cada vez, ora todos juntos, abrindo-os bem ou fazendo rápidos movimentos de agarrar alguma coisa. Estudou a formação das unhas e cutucou as pontas dos dedos, ora com força, ora suavemente, avaliando nesse meio tempo as sensações nervosas produzidas. O corpo o fascinava, e de repente ele apreciou muito essa sua carne sutil que funcionava de maneira tão bela, regular e delicada. Depois lançou um olhar de medo para o círculo de lobos à espera ao seu redor, e com um golpe deu-se conta de que esse seu corpo maravilhoso, essa carne viva, não era mais do que um pouco de alimento, uma caça dos animais vorazes, a ser despedaçado e retalhado pelas suas presas famintas, a lhes servir de sustento assim como o alce e o coelho tinham tantas vezes lhe servido de sustento.

Saiu de um cochilo que era meio pesado para ver a loba avermelhada à sua frente. Ela não estava a mais de dois metros de distância, sentada na neve e olhando-o com desejo. Os dois cachorros choramingavam e rosnavam ao redor de seus pés, mas ela não fazia caso deles. Estava olhando para o homem, e por algum tempo ele lhe devolveu o olhar. Não havia nada de ameaçador na loba. Ela o olhava apenas com um grande desejo, mas ele sabia ser o desejo de uma fome igualmente grande. Ele era a comida, e a visão do homem excitava nela as sensações gustativas. A boca aberta, babando saliva, ela lambia os beiços com o prazer da antecipação.

Um espasmo de medo lhe percorreu o corpo. Estendeu o braço depressa para pegar um tição e atirá-lo no animal. Mas ainda quando estendia a mão e antes que seus dedos se fechassem sobre o projétil, ela deu um pulo para trás em busca de segurança, e ele viu que ela estava acostumada a que lhe atirassem coisas. Ela rosnara ao pular, descobrindo até a raiz os caninos brancos, todo o desejo ansioso dissipado e substituído por uma malignidade carnívora que o fez estremecer. Lançou um olhar para a mão que segurava o tição, observando a delicadeza engenhosa dos dedos que o agarravam, como eles se ajustavam a todas as irregularidades da superfície, enroscados por cima, por baixo e ao redor da madeira áspera, e um dedo mínimo, demasiado perto da porção em brasa do tição, contorcendo-se sensível e automaticamente para se afastar do calor doloroso e agarrar a madeira num ponto mais frio; e, ao mesmo tempo, parecia ter diante de si a visão desses mesmos dedos sensíveis e delicados sendo

esmagados e rasgados pelas presas brancas da loba. Nunca ele gostara tanto desse seu corpo como agora, quando a sua posse era tão precária.

Durante toda a noite, com tições em brasa, ele lutou para manter o bando faminto a distância. Quando cochilava involuntariamente, o choro e os rosnados dos cachorros o despertavam. Chegou a manhã, mas pela primeira vez a luz do dia não dispersou os lobos. O homem esperou em vão que fossem embora. Eles permaneciam em círculo ao redor dele e do seu fogo, demonstrando uma arrogância de domínio que abalou a sua coragem nascida com a luz da manhã.

Fez uma tentativa desesperada de avançar na trilha. Mas, no momento em que deixou a proteção do fogo, o lobo mais ousado saltou para cima dele, só que seu pulo foi curto. Ele se salvou saltando para trás, as mandíbulas do animal fechando-se a uns escassos quinze centímetros da sua coxa. O resto do bando estava agora de pé e avolumando-se ao seu redor, sendo necessário atirar tições à direita e à esquerda para obrigá-los a observar uma distância respeitosa.

Mesmo à luz do dia não se atreveu a abandonar o fogo para cortar madeira nova. A seis metros de distância erguia-se um imenso abeto morto. Ele passou a metade do dia estendendo o fogo do acampamento para perto da árvore, tendo sempre à mão uma meia dúzia de varas em brasa para atirar nos inimigos. Uma vez junto à árvore, estudou a floresta ao redor para derrubar a árvore na direção de mais lenha.

A noite foi uma repetição da noite anterior, exceto que a necessidade de sono estava se tornando esmagadora. O rosnado dos cães perdia a sua eficácia. Além disso, eles rosnavam o tempo todo, e seus sentidos entorpecidos e letárgicos já não notavam a mudança de altura e intensidade. Despertou com um sobressalto. A loba estava a menos de um metro do lugar onde ele se encontrava. Mecanicamente, a uma distância curta, e sem soltá-lo, Henry enfiou um tição bem dentro da boca aberta e rosnadora do animal. A loba afastou-se com um pulo, gritando de dor, e, deliciando-se com o cheiro de carne e pelos queimados, ele a observou sacudir a cabeça e rosnar com raiva a uns seis metros de distância.

Mas desta vez, antes que voltasse a cochilar, ele amarrou um nó de pinho em chamas na mão direita. Se os olhos se fechavam apenas por alguns minutos, a flama queimando a sua mão o acordava. Cumpriu esse programa por várias horas. Toda vez que era assim despertado, afastava os lobos com tições voadores, reabastecia o fogo e rearranjava o nó de pinho na mão. Tudo funcionou bem, mas numa das vezes não amarrou bem o nó de pinho. Quando os olhos se fecharam, ele caiu da sua mão.

Sonhou. Tinha a impressão de estar no Forte McGurry. Estava quente e confortável, e ele jogava cartas com o Feitor. Além disso, parecia-lhe que o forte estava sitiado por lobos. Estavam uivando nos portões, e às vezes ele e o Feitor paravam o jogo para escutar e rir dos esforços vãos dos lobos para entrar. E nesse momento, tão estranho era o sonho, houve um estrondo. A porta se abriu com estrépito. Ele podia ver os lobos invadindo a grande sala do forte. Pulavam bem na sua direção e do Feitor. Com a abertura estrepitosa da porta, o barulho de seus uivos aumentara tremendamente. Esses uivos agora o incomodavam. O sonho estava se mesclando em alguma outra coisa... ele não sabia bem o que,

mas no meio de tudo, perseguindo-o, persistiam os uivos.

E então ele despertou para descobrir que os uivos eram reais. Havia um grande alarido de rosnados e gritos. Os lobos o atacavam. Estavam todos ao redor e em cima dele. Os dentes de um lobo tinham se fechado sobre seu braço. Instintivamente ele pulou para dentro do fogo e, enquanto pulava, sentiu o golpe agudo de uns dentes que rasgavam a carne da sua perna. Começou então uma luta do fogo. As luvas fortes lhe protegiam temporariamente as mãos, e ele arremessava carvões em brasa em todas as direções, até o fogo do acampamento adquirir a aparência de um vulcão.

Mas aquilo não podia durar muito tempo. Seu rosto estava se empolando com o calor, as sobrancelhas e os cílios chamuscados, e o calor tornava-se insuportável para seus pés. Com um tição flamejante em cada mão, pulou para a beira do fogo. Os lobos tinham sido forçados a recuar. Por todo lado, nos lugares onde os pedaços de carvão em brasa tinham caído, a neve chiava, e a todo momento um lobo que recuava, com um pulo, um bufo e um rosnado selvagem, anunciava que pisara num desses carvões em brasa.

Arremessando os seus tíções nos inimigos mais próximos, o homem enfiou as luvas ardentes na neve e bateu os pés no chão para resfriá-los. Os dois cachorros tinham desaparecido, e ele sabia muito bem que tinham servido como um dos pratos na refeição prolongada que havia começado dias antes com Gordo, sendo muito provável que ele próprio fosse o último prato nos próximos dias.

– Vocês ainda não me pegaram! – gritou sacudindo selvagememente o punho para os animais famintos. E ao som da sua voz todo o círculo se agitou, houve um rosnado geral, e a loba passou perto dele pela neve e observou-o com uma atenção faminta.

Ele se pôs a trabalhar para realizar uma nova ideia que lhe ocorrera. Estendeu o fogo até formar um grande círculo. Dentro desse círculo ele se agachou, o seu equipamento de dormir embaixo do corpo para protegê-lo da neve derretida. Quando desapareceu dentro de seu abrigo de chamas, todo o bando veio curioso para a beira do fogo procurando ver o que tinha lhe acontecido. Até então fora-lhes negado o acesso ao fogo, e eles agora se acomodavam num círculo mais próximo, como tantos cachorros, piscando, bocejando e espichando os corpos magros no calor a que não estavam acostumados. Então a loba se sentou, apontou o focinho para uma estrela e começou a uivar. Um a um, os lobos a imitaram, até que todo o bando, apoiado nos quadris, com os focinhos apontados para o céu, emitiu o seu uivo de fome.

Veio a aurora com a luz do dia. O fogo estava fraco. O combustível acabara, e havia necessidade de pegar mais lenha. O homem tentou sair do seu círculo de chamas, mas os lobos saltaram ao seu encontro. Tíções flamejantes os forçaram a pular para o lado, mas eles já não pulavam para trás. Em vão lutou para forçá-los a recuar. Quando desistiu e voltou tropeçando para dentro do seu círculo, um lobo saltou sobre ele, errou o pulo e aterrissou com todas as quatro patas nos carvões. Gritou de terror, rosnando ao mesmo tempo, e afastou-se com dificuldade para resfriar as patas na neve.

O homem agachou-se sobre os cobertores. O corpo inclinado para a frente a partir dos quadris. Os ombros, relaxados e curvados, e a cabeça sobre os joelhos

anunciavam que desistira da luta. De vez em quando levantava a cabeça para observar o fogo apagando-se. O círculo de flamas e carvões em brasa estava se dividindo em segmentos com aberturas no meio. Essas aberturas aumentavam de tamanho, os segmentos de fogo diminuía.

– Acho que vocês podem vir me pegar a qualquer hora – resmungou. – De qualquer modo, eu vou dormir.

Em certo momento acordou, e numa abertura no círculo, bem à sua frente, viu a loba fitando-o.

Mais uma vez acordou, um pouco mais tarde, embora lhe parecessem horas. Ocorreria uma mudança misteriosa – uma mudança tão misteriosa que ele despertou mais um pouco com o choque. Algo tinha acontecido. A princípio não conseguiu entender. Depois descobriu. Os lobos tinham ido embora. Restava apenas a neve pisoteada para mostrar como tinham chegado perto. O sono aumentava e voltava a dominá-lo, a cabeça afundando sobre os joelhos, quando ele despertou de repente com um sobressalto.

Ouviam-se gritos de homens, a agitação de trenós, o ranger de arreios, e o choro ansioso de cachorros fatigados. Quatro trenós avançaram do leito do rio para o acampamento no centro do fogo quase extinto. Os homens o sacudiam e cutucavam para que despertasse. Ele os fitou como um bêbado e engolou uma fala estranha e sonolenta:

– Loba vermelha... Metia-se no meio dos cachorros na hora da ração...

Primeiro ela comeu a ração dos cachorros... Depois ela comeu os cachorros... E depois disso ela comeu Bill...

– Onde está Lorde Alfred? – um dos homens gritou no seu ouvido, sacudindo-o com força.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

– Não, ela não o comeu... Está empoleirado numa árvore no último acampamento.

– Morto? – gritou o homem.

– E numa caixa – respondeu Henry. Com um safanão petulante, ele afastou o ombro das garras do seu inquiridor. – Ei, deixem-me em paz... Estou morto de cansaço... Boa noite, todo mundo.

Os olhos tremeram e se fecharam. O queixo caiu sobre o peito. E, ainda quando o deitavam sobre os cobertores, os seus roncões já subiam no ar gelado.

Mas havia outro som. Longe e fraco, na distância remota, soava o grito do bando de lobos famintos, tomando a trilha de outra presa diferente do homem que tinham acabado de perder.

IV

A BATALHA DAS PRESAS

Foi a loba quem primeiro captou o som das vozes dos homens e o choro dos cachorros nos trenós, e foi a loba a primeira a pular para longe do homem acuado no seu círculo de chamas moribundas. O bando relutara em desistir da caça que tinha acochado, e demorou-se ainda por vários minutos, procurando certificar-se dos sons, mas depois eles também se afastaram pela trilha aberta pela loba.

Correndo à frente do bando estava um grande lobo cinza – um de seus vários líderes. Era ele quem dirigia o curso do bando no encaço da loba. Era ele quem dava um rosnado de alerta aos membros mais jovens ou retalhava-os com as presas, quando eles ambiciosamente tentavam ultrapassá-lo. E era ele quem acelerava o passo quando avistava a loba, agora trotando lentamente pela neve.

Ela veio colocar-se ao seu lado, como se fosse o lugar a ela designado, e assumiu o passo do bando. Ele não lhe rosnava, nem lhe mostrava os dentes quando algum pulo da loba a colocava por acaso à sua frente. Pelo contrário, ele parecia bondoso com ela – bondoso demais para o gosto da loba, pois estava sempre querendo correr para o seu lado e, quando se aproximava demais, era ela quem rosnava e lhe mostrava os dentes. Nem achava indigno de sua parte retalhar o ombro do companheiro de vez em quando. Nessas horas, ele não demonstrava medo. Pulava simplesmente para o lado e corria teso para a frente dando vários pulos desajeitados, lembrando pela postura e conduta um namorado envergonhado.

Esse era o seu único problema na condução do bando, mas ela tinha outras dificuldades. A seu outro lado corria um velho lobo macilento, encanecido e marcado com as cicatrizes de muitas batalhas. Ele sempre corria pelo lado direito da loba. O fato de ele ter apenas um olho, o esquerdo, talvez explicasse esse detalhe. Ele também se inclinava a importuná-la, querendo virar a cabeça na sua direção até que o focinho marcado roçasse o corpo, o ombro ou a nuca da loba. Assim como acontecia com o companheiro à esquerda, ela repelia essas atenções com os dentes; mas quando os dois a cortejavam ao mesmo tempo, ela era rudemente empurrada, sendo compelida a afastar os dois enamorados com mordidas rápidas para cada lado e, ao mesmo tempo, manter a dianteira do bando e examinar o caminho que pisava à sua frente. Nessas horas, seus companheiros de corrida mostravam os dentes e rosnavam ameaçadoramente um para o outro. Poderiam ter lutado, mas até o namoro e a rivalidade vinham depois da fome mais premente do bando.

Depois de cada repulsa, quando o velho lobo se desviava abruptamente dos dentes afiados do objeto de seu desejo, ele empurrava com o ombro um jovem lobo de três anos que corria pelo seu lado direito cego. Esse lobo jovem já tinha atingido o tamanho de adulto e, considerando a condição de fraqueza e fome do bando, possuía mais do que o vigor e ânimo médios. Ainda assim, corria com a

cabeça emparelhada com o ombro de seu superior de um olho só. Quando se aventurava a ultrapassar na corrida o lobo mais velho (o que era raro), um rosnado e uma mordida o faziam recuar para a sua antiga posição, emparelhada com o ombro do outro. Às vezes, entretanto, ele se deixava ficar para trás, cautelosa e lentamente, e tentava se esgueirar entre o velho líder e a loba. Esse lance provocava uma dupla, até tripla, indignação. Quando ela rosnava o seu desprazer, o velho líder arremetia sobre o lobo de três anos. Às vezes, ela se lançava sobre ele. E, às vezes, o jovem líder à esquerda também atacava.

Nessas horas, confrontado por três conjuntos de dentes selvagens, o jovem lobo parava precipitadamente, voltando a se apoiar nos quadris, as patas dianteiras retesadas, a boca ameaçadora e o pelo eriçado. Essa confusão na frente do bando em movimento sempre causava confusão na retaguarda. Os lobos atrás colidiam com o jovem lobo e expressavam o seu descontentamento dando pequenas mordidas nas suas patas traseiras e flancos. Ele estava criando encrenca para si mesmo, pois a falta de alimento e o pavio curto andam juntos, mas com a fé ilimitada da juventude persistia em repetir a manobra de vez em quando, embora nada conseguisse senão frustração.

Se houvesse alimentos, o namoro e a luta teriam se desenrolado depressa, e a formação do bando teria se desfeito. Mas a situação do bando era desesperadora. Todos estavam magros com a fome duradoura. Corriam com uma velocidade abaixo da normal. Na retaguarda, mancavam os membros fracos, os muito jovens e os muito velhos. Na frente, vinham os mais fortes. Mas todos eram mais esqueletos que lobos de corpos desenvolvidos. Ainda assim, com a exceção daqueles que mancavam, os movimentos dos animais não traíam o esforço e o cansaço. Seus músculos finos pareciam fontes de energia inesgotável. Atrás de cada contração acerada de um músculo, havia outra contração acerada, e mais outra, e mais outra, aparentemente sem fim.

Eles correram muitos quilômetros naquele dia. Correram durante a noite. E o dia seguinte os encontrou ainda correndo. Corriam sobre a superfície de um mundo gelado e morto. Nenhuma vida se agitava. Apenas eles se moviam pela imensa inércia. Apenas eles estavam vivos, procurando outros seres vivos para que pudessem devorá-los e continuar vivos.

Cruzaram divisores de águas pouco elevados e percorreram uma dúzia de pequenas correntes numa região mais baixa, antes de sua busca ser recompensada. Foi então que se depararam com os alces. O primeiro que encontraram foi um grande macho. Ali estava carne e vida, sem ser guardada por fogos misteriosos ou projéteis voadores em chamas. Eles conheciam cascos achatados e chifres palmados, e jogaram ao vento a sua costumeira paciência e cautela. Foi uma luta breve e feroz. O grande macho foi atacado por todos os lados. Ele os rasgou ao meio ou lhes rachou os crânios com golpes rudes dos grandes cascos. Esmagou-os e despedaçou-os nos grandes chifres. Pisoteava-os e afundava-os na neve embaixo dos seus cascos no meio da luta em que chafurdavam. Mas estava condenado de antemão, e caiu com a loba rasgando selvagememente a sua garganta, e com outros dentes cravados por todo o corpo, devorando-o vivo, ainda antes de cessarem os seus últimos golpes ou de ser feito o último estrago.

Havia comida em abundância. O macho pesava mais de trezentos e sessenta quilos – uns bons nove quilos de carne para cada um dos quarenta e tantos lobos do bando. Mas, se podiam jejuar prodigiosamente, eles podiam se alimentar prodigiosamente, e logo alguns ossos espalhados era tudo o que restava do esplêndido animal que tinha enfrentado o bando algumas horas antes.

Houve então muito repouso e sono. De barriga cheia, começou a luta e a briga entre os machos mais jovens, e isso continuou durante os poucos dias que se seguiram, antes de o bando se dispersar. A fome chegara ao fim. Os lobos estavam agora na região da caça e, embora ainda caçassem em bando, caçavam com mais cautela, apartando fêmeas pesadas ou velhos machos mutilados dentre os pequenos rebanhos de alce que encontravam por acaso.

Veio o dia, nessa região de abundância, em que o bando de lobos se dividiu ao meio e partiu em direções diferentes. A loba, o jovem líder à sua esquerda e o velho caolho à sua direita levaram a sua metade do bando para o rio Mackenzie e para o leste através da região dos lagos. A cada dia, o bando diminuía. Dois a dois, macho e fêmea, os lobos desertavam. Ocasionalmente, um macho solitário era expulso pelos dentes afiados de seus rivais. No final restaram apenas quatro: a loba, o jovem líder, o caolho e o ambicioso de três anos.

A essa altura, a loba tinha desenvolvido um temperamento feroz. Todos os seus três pretendentes mostravam as marcas de seus dentes. Mas eles nunca respondiam com outras mordidas, nunca se defendiam do ataque da companheira. Viravam os ombros para as suas mordidas mais selvagens, e com os rabos abanando e passos afetados procuravam aplacar a sua fúria. Mas se eram todos mansidão com ela, eram todos ferocidade uns com os outros. O de três anos tornou-se ambicioso demais na sua ferocidade. Pegou o velho caolho pelo lado cego e rasgou a sua orelha em tiras. Embora o velho grisalho pudesse ver apenas de um lado, contra a juventude e o vigor do outro empregou a sabedoria de longos anos de experiência. Os olhos perdidos e o focinho marcado traziam as evidências da natureza dessa experiência. Ele sobrevivera a muitas batalhas para duvidar por um momento sobre o que fazer.

A batalha começou justa, mas não terminou justa. Não havia como dizer qual teria sido o resultado, pois o terceiro lobo aliou-se ao velho e, juntos, o velho líder e o jovem líder atacaram o ambicioso de três anos e passaram a destruí-lo. O jovem foi atacado nos dois lados pelas presas impiedosas de seus outrora camaradas. Esquecidos os dias em que tinham caçado juntos, a caça que tinham abatido e a fome que tinham sofrido. Isso era coisa do passado. O amor estava próximo – um assunto sempre mais duro e cruel do que conseguir comida.

Enquanto isso, a loba, a causa de tudo, observava sentada bem satisfeita sobre os quadris. A cena até lhe agradava. Esse era o seu dia – e ele não acontecia muito frequentemente –, quando os pelos se eriçavam, as presas batiam nas presas ou cortavam e rasgavam a carne macia, tudo pela sua posse.

E nos jogos do amor, o lobo de três anos, que fizera desta a sua primeira aventura na área, perdeu a vida. Em cada lado de seu corpo, estavam os seus dois rivais. Fitavam a loba, que sorria sentada sobre a neve. Mas o líder mais velho era sábio, muito sábio, tanto no amor quanto na batalha. O líder mais jovem girou a cabeça para lambe uma ferida no ombro. A curva de seu

peçoço ficou virada para o rival. Com seu único olho, o mais velho viu a oportunidade. Arremeteu para baixo e fechou as presas. Foi uma longa e dilacerante mordida, e também profunda. Ao entrarem na carne, os dentes romperam a parede da grande veia da garganta. Depois ele se afastou com um pulo.

O jovem líder rosnou terrivelmente, mas seu rosnado suspendeu-se pelo meio, tornando-se uma tosse interrompida. Sangrando e tossindo, já golpeado de morte, ele pulou sobre o mais velho e lutou enquanto a vida lhe fugia, as patas enfraquecendo-se sob seu corpo, a luz do dia obscurecendo nos olhos, os golpes e pulos cada vez mais aquém do alvo.

E durante todo esse tempo a loba continuava sentada sobre os quadris, sorrindo. A batalha a alegrava de um modo vago, pois assim era o namoro na Floresta, a tragédia sexual do mundo natural que só era tragédia para aqueles que morriam. Para os que sobreviviam não era tragédia, mas realização e conquista.

Quando o jovem líder caiu sobre a neve e não se moveu mais, Caolho aproximou-se furtivamente da loba. A sua postura era uma mistura de triunfo e cautela. Ele esperava claramente ser repellido, e ficou também claramente surpreso, quando os dentes da loba não faiscaram de raiva em sua direção. Pela primeira vez, ela o acolheu de maneira gentil. Esfregou o focinho no de Caolho, e até condescendeu em pular, fazer cabriolas e brincar com ele de um modo bem peralta. E ele, apesar de todos os seus anos encanecidos e sábia experiência, comportou-se com igual travessura e até com mais tolices.

Já estavam esquecidos os rivais vencidos e a história de amor escrita em letras vermelhas sobre a neve. Tudo esquecido, exceto em certo momento, quando Caolho parou por um instante para lamber as feridas que coagulavam. Foi então que seus lábios meio que se torceram num rosnado, e o pelo do peçoço e ombros eriçou-se involuntariamente, enquanto ele se agachava um pouco para dar um pulo, as patas agarrando-se espasmodicamente à superfície da neve em busca de um apoio. Mas tudo foi esquecido no momento seguinte, quando saiu pulando atrás da loba, que o atraía arisca para uma corrida pela mata.

Depois disso eles correram lado a lado, como bons amigos que chegaram a um entendimento. Os dias passavam, e eles se mantinham juntos, caçando o alimento, matando e comendo juntos. Depois de um tempo, a loba começou a ficar inquieta. Parecia estar procurando algo que não conseguia achar. Os buracos sob as árvores caídas pareciam atraí-la, e ela passava muito tempo farejando entre as fendas maiores e abarrotadas de neve nas rochas e cavernas das barrancas pendentes. O velho Caolho não estava nem um pouco interessado, mas ele a seguia de boa vontade nessa busca, e quando as investigações em determinados lugares eram extraordinariamente prolongadas, deixava-se e esperava até ela se decidir a continuar.

Não permaneceram num único lugar, atravessaram a região até voltarem ao rio Mackenzie, pelo qual desceram lentamente, deixando-o frequentemente para perseguir alguma caça ao longo das pequenas correntes que nele desembocavam, mas sempre retornando ao rio. Às vezes encontravam por acaso outros lobos, em geral aos pares; mas não havia demonstrações de amistosidade em nenhum dos lados, nenhuma alegria no encontro, nenhum desejo de voltar à

formação de bando. Várias vezes encontraram lobos solitários. Eram sempre machos, e insistiam com grande premência em se juntar a Caolho e sua companheira. Disso ele não gostava, e quando ela se colocava ombro a ombro com ele, eriçando o pelo e mostrando os dentes, os eremitos desejosos recuavam, punham o rabo entre as patas e continuavam seu caminho solitário.

Certa noite de luar, correndo pela floresta tranquila, Caolho deteve-se de repente. O focinho levantou, o rabo endureceu, e as narinas se alargaram enquanto ele farejava o ar. Ergueu também uma das patas, como um cachorro. Não estava satisfeito e continuava a farejar o ar, procurando compreender a mensagem que lhe trazia. Uma única fungadela tinha satisfeito a companheira, e ela seguiu adiante para tranquilizá-lo. Embora a seguisse, ele ainda estava em dúvida, e não pôde deixar de dar mais uma parada para estudar cuidadosamente o aviso.

Ela rastejou cautelosamente para a beira da grande clareira no meio das árvores. Por algum tempo permaneceu sozinha. Depois Caolho, rastejando, todos os sentidos alertas, todo o pelo irradiando infinita suspeita, juntou-se à companheira. Ficaram lado a lado, observando, escutando e farejando.

Aos seus ouvidos chegavam os sons de cachorros brigando e lutando, os gritos guturais de homens, as vozes mais agudas de mulheres ralhando, e certa vez o grito estridente e queixoso de uma criança. Com exceção dos imensos volumes das tendas de pele, pouco se podia ver salvo as chamas do fogo quebradas pelos movimentos dos corpos que passavam por perto, e a fumaça subindo lentamente no ar quieto. Mas às suas narinas chegava uma miríade de cheiros do acampamento indígena, trazendo uma história que era em grande parte incompreensível para Caolho, mas cujos detalhes a loba conhecia muito bem.

Ela estava estranhamente perturbada, farejava e farejava com um prazer cada vez maior. Mas o velho Caolho estava em dúvida. Deixava transparecer a sua apreensão e começou a tentar se afastar. Ela virou-se e roçou o pescoço do companheiro com o focinho para tranquilizá-lo, depois considerou o acampamento de novo. Havia um novo anseio na sua face, mas não era o anseio da fome. Ela estava fremindo com um desejo que a instava a seguir adiante, chegar mais perto do fogo, brigar com os cachorros, evitar e driblar os tropeços dos homens.

Caolho movia-se impaciente ao lado dela. A inquietude voltou a tomar conta da loba, e ela teve consciência novamente da necessidade premente de encontrar aquilo que procurava. Virou-se e trotou de volta à floresta, para grande alívio de Caolho, que avançou um pouco até os dois se encontrarem bem dentro do abrigo das árvores.

Enquanto deslizavam pelo caminho em silêncio como sombras, à luz do luar, encontraram um fugitivo. Os dois focinhos abaixaram-se para as pegadas na neve. Eram pegadas muito frescas. Caolho correu à frente cautelosamente, a companheira no seu encaixe. As almofadas largas de suas patas estavam bem espalhadas e em contato com a neve pareciam veludo. Caolho percebeu um movimento branco indistinto no meio do branco. Seu caminhar deslizante fora enganosamente rápido, mas nada se comparado com a velocidade com que agora corria. Diante dele, saltava a tênue mancha branca que tinha descoberto.

Corriam ao longo de uma aleia estreita flanqueada por um grupo de jovens abetos. Através das árvores podia-se ver a boca da aleia abrindo para uma vereda iluminada pelo luar. O velho Caolho estava rapidamente alcançando a forma branca fugitiva. Salto a salto, ganhava terreno. Agora estava em cima dela. Mais um pulo e os seus dentes se afundariam na carne branca. Mas esse pulo nunca aconteceu. Alto no ar, bem acima em linha reta, planava agora a forma branca, um coelho que pulava e saltava, executando uma dança fantástica no ar, acima de Caolho, sem pisar na terra nem uma única vez.

Caolho pulou para trás com um bufo de susto repentino, depois encolheu-se na neve e agachou-se, rosnando ameaças a essa coisa amedrontadora que não compreendia. Mas a loba passou tranquilamente por ele. Equilibrou-se por um momento, depois pulou para pegar o coelho dançante. Ela também voou alto, mas não tão alto quanto a caça, e os seus dentes se fecharam vazios com um estalido metálico. Deu outro pulo, e mais outro.

Seu companheiro afrouxara lentamente a posição agachada e a observava. Agora demonstrava desgosto com os repetidos fracassos da loba, e ele próprio deu um grande pulo para cima. Seus dentes se fecharam sobre o coelho, e ele o trouxe consigo de volta à terra. Mas ao mesmo tempo houve um movimento e um estalido suspeito ao seu lado, e seu olho espantado viu um abeto novo inclinar-se sobre ele para atacá-lo. Suas mandíbulas soltaram a presa, e ele pulou para trás a fim de escapar desse estranho perigo, os lábios deixando à mostra os caninos, a garganta rosnando, todo o pelo eriçado de raiva e susto. Nesse momento, o abeto novo retesou o seu galho delgado, e o coelho retomou o voo e sua dança no ar.

A loba estava zangada. Afundou os caninos no ombro do companheiro em sinal de reprovação; e ele, assustado, sem saber o que constituía esse novo ataque, revidou feroz e com um susto ainda maior, cortando o lado do focinho da loba. Que ele se ressentisse da reprovação, foi igualmente inesperado para a loba, e ela pulou para cima do companheiro com rosnados de indignação. Então ele percebeu o seu erro e tentou apelar a ira da loba. Mas ela passou a puni-lo severamente, até que ele desistiu de todas as tentativas de acalmá-la e rodou num círculo, a cabeça afastada da companheira, os ombros recebendo a punição dos seus dentes.

Nesse meio tempo, o coelho continuava a dançar no ar, acima deles. A loba sentou-se na neve, e o velho Caolho, agora com mais medo da companheira do que do misterioso abeto novo, voltou a pular em busca do coelho. Quando caiu de volta com a presa entre os dentes, não despegou o olho do abeto novo. Como antes, a árvore nova o seguiu de volta à terra. Ele se agachou sob o golpe iminente, o pelo eriçado, mas os dentes ainda segurando firme o coelho. O golpe não sobreveio. O abeto novo continuou inclinado acima da sua cabeça. Quando se movia, o abeto se movia, e ele lhe rosnava por entre as mandíbulas travadas; quando ficava quieto, a árvore ficava quieta, e ele concluiu que era mais seguro continuar quieto. Mas o sangue quente do coelho tinha um gosto bom na sua boca.

Foi a companheira que o livrou do dilema em que se encontrava. Ela tomou-lhe o coelho e, enquanto o abeto novo balançava e oscilava ameaçadoramente acima da sua cabeça, arrancou com calma a cabeça do coelho. Imediatamente

o abeto novo subiu no ar e depois disso não criou mais problemas, permanecendo na posição decorosa e perpendicular em que a natureza planejara que crescesse. Então, a loba e Caolho devoraram a caça que o misterioso abeto pegara para eles.

Havia outras trilhas e aleias com coelhos suspensos no ar, e o par de lobos as explorou todas, a loba abrindo o caminho, o velho Caolho seguindo e observando, aprendendo o método de roubar armadilhas – um conhecimento destinado a lhe ajudar em dias futuros.

V A TOCA

Ao longo de dois dias, a loba e Caolho andaram perto do acampamento indígena. Ele estava preocupado e apreensivo, porém o acampamento atraía a companheira, que não queria saber de partir. Mas quando, certa manhã, o ar foi rasgado com o estampido de um rifle ali bem perto e uma bala esmagou-se contra o tronco de uma árvore a vários centímetros da cabeça de Caolho, eles não hesitaram mais e partiram num longo e balouçante galope que interpôs rápidos quilômetros entre eles e o perigo.

Não foram longe – uma viagem de alguns dias. A necessidade da loba de achar o que procurava tinha se tornado imperiosa. Ela estava ficando muito pesada, e só conseguia correr lentamente. Certa vez, na perseguição a um coelho, que comumente teria pego com facilidade, ela desistiu, deitou-se e descansou. Caolho aproximou-se, mas quando roçou gentilmente o pescoço dela com o focinho, a loba tentou mordê-lo com tal rapidez e ferocidade que ele rolou para trás e fez má figura nos seus esforços para escapar dos dentes da companheira. O pavio da loba estava mais curto do que nunca, mas ele tinha se tornado mais paciente do que nunca, e mais solícito.

E então ela encontrou o que procurava. Ficava alguns quilômetros acima de uma pequena corrente que no verão corria para o Mackenzie, mas que estava então congelada até o seu fundo rochoso – uma corrente morta de uma branca sólida da nascente até a foz. A loba estava caminhando cansada, o companheiro bem à frente, quando se viu diante do alto e pendente barranco de barro. Ela virou-se para o lado e aproximou-se do local. As tempestades da primavera e as neves derretidas tinham provocado uma erosão por baixo do barranco e, num certo lugar, formara uma pequena caverna numa fissura estreita.

Ela parou na boca da caverna e examinou a parede do barranco com muito cuidado. Depois, num e noutro lado, correu ao longo da base da parede até o ponto em que seu volume abrupto se fundia na paisagem de linhas mais suaves. Retornando à caverna, entrou pela boca estreita. Ao longo de quase um metro foi compelida a se agachar, depois as paredes se alargaram e se tornaram mais elevadas, formando uma pequena câmara redonda com um diâmetro de quase dois metros. O teto mal ultrapassava a sua cabeça. Era um lugar seco e abrigado. Ela o inspecionou com um cuidado laborioso, enquanto Caolho, que tinha retornado, esperava na entrada, observando-a pacientemente. Ela baixou a

cabeça, colou o focinho ao chão apontado para um ponto perto de suas patas amontoadas, e ao redor desse ponto circulou várias vezes; depois, com um suspiro de cansaço que era quase um rosnado, enroscou o corpo, relaxou as patas e deixou-se cair, a cabeça virada para a entrada. Caolho, com as orelhas atentas em pé, riu da companheira, e ao longe, delineado contra a luz branca, ela podia ver o roçar da sua cauda balançando afavelmente. Suas próprias orelhas, com um movimento de aconchego, por um momento deitaram as pontas agudas para trás e para baixo contra a cabeça, enquanto a boca se abria e a língua pendia pacificamente para fora. Dessa maneira, ela expressava que estava contente e satisfeita.

Caolho sentia fome. Embora tivesse deitado na entrada e dormido, o seu sono era inquieto. Estava sempre acordando e erguendo as orelhas para o mundo brilhante lá fora, onde o sol de abril resplandecia na neve. Quando cochilava, chegavam aos seus ouvidos os tênues sussurros de fios de água corrente escondidos, e ele se acordava e escutava com atenção. O sol voltara e, ao despertar, o mundo do norte o chamava. A vida se agitava. A sensação de primavera estava no ar, a sensação de vida crescendo sob a neve, de seiva subindo pelas árvores, de brotos rebentando os grilhões da geada.

Ele lançou olhares ansiosos para a companheira, mas ela não demonstrou desejo de se levantar. Ele olhou para fora, e meia dúzia de emberizas das neves esvoaçaram pelo seu campo de visão. Começou a se levantar, depois olhou de novo para a companheira, acomodou-se e cochilou. Um canto agudo e fino se insinuou nos seus ouvidos. Uma, duas vezes, esfregou sonolentemente o focinho com a pata. Foi então que acordou. Ali, zumbindo no ar na ponta de seu focinho, estava um mosquito solitário. Era um mosquito adulto, um inseto que permanecera congelado numa tora seca durante todo o inverno, e que agora fora derretido e liberado pelo sol. Ele não pôde mais resistir ao chamado do mundo. Além disso, estava com fome.

Arrastou-se até a companheira e tentou persuadi-la a se levantar. Mas ela apenas rosnou, e ele partiu sozinho à luz brilhante do sol para descobrir a superfície da neve macia sob as patas e o caminhar difícil. Subiu o leito congelado da corrente, onde a neve, coberta pela sombra das árvores, ainda estava dura e cristalina. Ausentou-se por oito horas, e voltou pela escuridão mais faminto do que quando partira. Tinha encontrado caça, mas não a pegara. Ao caminhar, quebrava a crosta de neve já meio derretida e chafurdava, enquanto os coelhos deslizavam pela neve mais leves do que nunca.

Parou na boca da caverna com um choque repentino de suspeita. Sons fracos e estranhos vinham lá de dentro. Não eram sons produzidos pela sua companheira, mas ainda assim eram remotamente familiares. Arrastando a barriga no chão, ele entrou cautelosamente e foi recebido com um rosnado de alerta da loba. Isso ele recebeu sem perturbação, embora obedecesse o aviso mantendo-se à distância, mas continuou interessado nos outros sons – soluços molhados de saliva, fracos, amortecidos.

A companheira irritada mandou que se afastasse, e ele se enroscou e dormiu na entrada. Quando chegou a manhã e uma luz vaga impregnou o ar, ele procurou de novo a fonte dos sons remotamente familiares. Havia um novo tom

no rosnado de alerta da companheira. Era de ciúme, e ele cuidou para manter uma distância respeitosa. Ainda assim, descobriu, abrigados entre as patas da loba e encostados ao longo de seu corpo, cinco estranhos pequenos feixes de vida, muito frágeis, muito desamparados, fazendo uns barulhos muito fracos de choro, com uns olhos que ainda não se abriam para a luz. Ele estava surpreso. Não era a primeira vez na sua longa e bem-sucedida vida que isso lhe acontecia. Já acontecera muitas vezes, mas cada vez era sempre a mesma surpresa.

A companheira olhou para ele ansiosa. De vez em quando emitia um grunhido baixo, e às vezes, quando lhe parecia que ele se aproximava demais, o grunhido disparava na sua garganta para se transformar num rosnado agudo. Na sua experiência, não constava nenhuma lembrança de acontecimento ruim, mas no seu instinto, que era a experiência de todas as mães de lobos, aparecia furtivamente a memória de pais que tinham devorado a prole recém-nascida e indefesa. Essa memória se manifestava como um medo forte, o que a levava a não deixar que Caolho inspecionasse mais de perto os filhotes que tinha gerado.

Mas não havia perigo. O velho Caolho sentia a premência de um impulso, que era, por sua vez, um instinto que lhe fora legado por todos os pais de lobos. Ele não o questionava, nem se intrigava sobre o que sentia. Estava ali, na fibra de seu ser, e era a coisa mais natural do mundo que o obedecesse, virando as costas para a sua família recém-nascida e afastando-se pela trilha da carne que lhe dava o sustento.

A oito ou dez quilômetros da toca, a corrente se dividia, os seus braços diminuindo entre as montanhas em ângulo reto. Ali, dirigindo-se ao braço esquerdo, ele encontrou um rastro fresco. Farejou-o e achou-o tão recente que se agachou rapidamente e olhou na direção em que desaparecia. Depois virou-se deliberadamente e tomou a direção do braço direito. A pegada era muito maior do que a de suas patas, e ele sabia que na esteira dessa trilha havia pouca carne para ele.

Depois de percorrer uns oitocentos metros pelo braço direito, seus ouvidos rápidos captaram o som de dentes roendo. Espreitou a caça e descobriu que se tratava de um porco-espinho ereto contra uma árvore e experimentando os dentes na casca. Caolho aproximou-se cuidadosamente, mas sem esperanças. Ele conhecia a espécie, embora nunca a tivesse encontrado numa região tão ao norte, e jamais na sua vida o porco-espinho lhe servira de refeição. Mas aprendera há muito tempo que havia algo chamado Acaso, ou Oportunidade, e ele continuava a se aproximar. Impossível dizer o que poderia acontecer, pois com os seres vivos os acontecimentos estavam sempre ocorrendo de maneira diferente.

O porco-espinho enrolou-se como uma bola, irradiando em todas as direções espinhos longos e agudos que desafiavam para um ataque. Certa vez, na sua juventude, Caolho farejara de perto uma bola semelhante de espinhos aparentemente inerte, e recebera no focinho um safanão repentino do rabo. Um dos espinhos ele levava junto no focinho, onde tinha permanecido por semanas uma flama ulcerada, até finalmente se extinguir. Por isso ele se deitou numa confortável posição agachada, o focinho a uns bons trinta centímetros de distância e fora da linha de ação do rabo. Assim esperou, mantendo-se bem

quieto. Não havia como saber. Algo poderia acontecer. O porco-espinho poderia se desenrolar. Talvez surgisse a oportunidade de enfiar uma pata ágil e dilacerante na barriga macia e desprotegida.

Mas ao cabo de meia hora levantou-se, rosno com raiva para a bola sem movimento e seguiu adiante. Muitas vezes já esperara em vão que os porcos-espinhos se desenrolassem, não ia perder mais tempo. Continuou a subir o braço direito. O dia passou, e nada recompensou a sua caçada.

O instinto de paternidade despertado no seu interior era forte. Devia encontrar alguma carne. À tarde, encontrou por acaso uma perdiz. Saiu de um matagal e deu de cara com o pássaro de raciocínio lento. Estava pousado sobre uma tora, a menos de trinta centímetros da ponta do seu focinho. Cada um viu o outro. O pássaro levantou voo sobressaltado, mas ele o golpeou com a pata, esmagou-o no chão, depois pulou em cima e pegou-o entre os dentes enquanto corria pela neve tentando subir novamente no ar. Quando os dentes mastigaram com ruído a carne macia e os ossos frágeis, ele começou naturalmente a comer. Mas então lembrou-se e, tomando a trilha de volta, partiu rumo à toca, levando a perdiz na boca.

Um quilômetro e meio acima dos braços da corrente, correndo com patas de veludo como era seu costume, uma sombra deslizante que explorava cautelosamente cada nova vista da trilha, deparou-se com marcas mais recentes das grandes pegadas que tinha descoberto de manhã cedo. Com o rastro indicando o caminho, seguiu preparado para encontrar o dono das pegadas a cada curva da corrente.

Enfiou a cabeça sob um canto de rocha, no ponto em que começava uma curva inusitadamente longa na corrente, e seus olhos vivos descobriram algo que o fez abaixar-se rapidamente. Era o dono do rastro, um grande lince fêmea. Estava agachada, assim como ele já tinha se agachado naquele dia, e na sua frente estava a bola de espinhos muito bem enrolada. Se ele fora uma sombra deslizante antes, agora se tornara o fantasma daquela sombra, enquanto se movia furtivamente e ao redor, arrastando-se bem para sotavento do par silencioso e imóvel.

Deitou-se na neve, depositando a perdiz ao seu lado, e, com os olhos espiando entre as folhas pontudas de um abeto baixo, observou o jogo da vida à sua frente – o lince à espera e o porco-espinho à espera, cada um concentrado na vida. E essa era a curiosidade do jogo, o modo de vida de um consistia em comer o outro, e o modo de vida do outro consistia em não ser comido. Enquanto o velho Caolho, o lobo, agachado na moita, também desempenhava o seu papel, esperando algum estranho capricho do Acaso, que o ajudaria na trilha da carne, que era seu modo de vida.

Meia hora se passou, uma hora, e nada acontecia. A bola de espinhos poderia ser uma pedra pela ausência de movimentos, o lince poderia estar congelado em mármore, e o velho Caolho poderia estar morto. No entanto, todos os três animais estavam ligados numa tensão de vida que era quase dolorosa, e jamais lhes ocorreria estar mais vivos do que então estavam na sua aparente petrificação.

Caolho moveu-se de leve e espiou com maior ansiedade. Algo estava acontecendo. O porco-espinho finalmente decidira que o seu inimigo se fora.

Lenta, cautelosamente, estava desenrolando a sua armadura inexpugnável. Nenhum pressentimento o agitava. Lenta, muito lentamente, a bola ouriçada se endireitava e se alongava. Observando, Caolho sentiu uma repentina umidade na boca e uma baba de saliva, involuntária, provocada pelo cheiro da carne viva que se espalhava como um repasto à sua frente.

O porco-espinho ainda não tinha se desenrolado inteiramente quando descobriu o seu inimigo. Nesse instante, o lince atacou. O golpe foi como um lampejo de luz. A garra, com unhas rígidas curvadas como as das aves de rapina, lançou-se na parte inferior da barriga macia e voltou com um rápido movimento dilacerante. Se o porco-espinho tivesse se desenrolado completamente, ou se não tivesse descoberto o seu inimigo uma fração de segundo antes de o golpe ser desferido, a garra teria escapado incólume, mas uma pancada lateral do rabo enfiou espinhos agudos na pata no momento da retirada.

Tudo acontecera ao mesmo tempo – o golpe, o contragolpe, o guincho de agonia do porco-espinho, o grito agudo de dor e espanto repentinos do gato grande. Caolho meio que se levantou na sua excitação, as orelhas em pé, o rabo reto e trêmulo atrás de si. A má índole do lince dominou o animal. Ela pulou selvagemmente sobre o que a machucara. Mas o porco-espinho, guinchando e grunhindo, com a anatomia rompida tentando fracamente enrolar-se na sua bola de proteção, deu outra pancada com o rabo, e mais uma vez o gato grande gritou de dor e espanto. Então ela passou a recuar e espirrar, o focinho cheio de espinhos como uma alfineteira monstruosa. Esfregou o focinho com as patas, tentando retirar os dardos ardentes, enfiou-o na neve, roçou-o contra galhos e ramos, sempre pulando pra lá e pra cá, para frente, para o lado, para cima e para baixo, num frenesi de dor e susto.

Ela espirrava continuamente, e o seu toco de rabo fazia o possível para chicotear, dando safanões rápidos e violentos. Depois parou com essas cabriolas e aquietou-se por um longo minuto. Caolho observava. E mesmo ele não conseguiu reprimir um sobressalto e o movimento involuntário de eriçar o pelo do lombo, quando ela de repente deu um salto para o alto, sem avisar, ao mesmo tempo que emitia um grito longo e terrível. Depois afastou-se pulando pela trilha, gritando a cada pulo que dava.

Só depois que a balbúrdia já se enfraquecera na distância e cessara, é que Caolho aventurou-se a dar uns passos para a frente. Ele caminhava tão delicadamente como se a neve estivesse atapetada de espinhos de porco-espinho, eretos e prontos a penetrar nas almofadas macias de suas patas. O porco-espinho acolheu a sua aproximação com um guincho furioso e o entrechocar-se dos longos dentes. Tinha conseguido enrolar-se numa bola de novo, mas não era bem a velha bola compacta; seus músculos estavam demasiado dilacerados para essa façanha. Ele fora rasgado quase ao meio, e ainda sangrava profusamente.

Caolho escavou com as patas bocados da neve encharcada de sangue, mastigou, sentiu o sabor e engoliu. Isso serviu como um aperitivo, e a sua fome aumentou poderosamente, mas ele era muito velho no mundo para esquecer a cautela. Esperou. Deitou-se e esperou, enquanto o porco-espinho rangia os dentes e emitia grunhidos, soluços e, de vez em quando, pequenos guinchos agudos. Em pouco tempo, Caolho observou que os espinhos pendiam e que um grande tremor

tomara conta do animal. A tremedeira cessou de repente. Houve um último e desafiador entrechoque dos longos dentes. Depois todos os espinhos tombaram, e o corpo relaxou e não se moveu mais.

Com uma pata nervosa e amedrontada, Caolho espichou o porco-espinho em todo o seu comprimento e virou-o de barriga para cima. Nada aconteceu. Estava certamente morto. Examinou-o com atenção por um momento, depois pegou-o cuidadosamente com os dentes e começou a descer a corrente, em parte carregando, em parte arrastando o porco-espinho, com a cabeça virada para o lado a fim de não pisar na massa espinhosa. Lembrou-se de algo, deixou cair a carga e voltou ao lugar em que tinha abandonado a perdiz. Não hesitou nem um momento. Sabia muito bem o que devia ser feito, e o fez comendo imediatamente a perdiz. Depois retornou e pegou a sua carga.

Quando arrastou o resultado da caçada do dia para dentro da caverna, a loba inspecionou o porco-espinho, virou o focinho para o companheiro e lambeu de leve o seu pescoço. Mas no instante seguinte já o avisava para se afastar dos filhotes com um rosnado que era menos áspero do que o normal e mais apologético que ameaçador. O seu medo instintivo do pai da sua prole estava diminuindo. Ele estava se comportando como todo lobo pai devia se comportar, sem manifestar nenhum desejo perverso de devorar as novas vidas que ela tinha posto no mundo.

VI O FILHOTE CINZA

Ele era diferente dos irmãos e irmãs. O pelo dos outros já traía o matiz avermelhado herdado da mãe, a loba, enquanto apenas ele, nesse particular, puxara ao pai. Era o único filhote cinza da ninhada. Tinha se reproduzido fiel à pura estirpe dos lobos – na verdade, ele se reproduzira fiel, fisicamente, ao velho Caolho, com uma exceção apenas: ele tinha os dois olhos para o único olho do pai.

Os olhos do filhote cinza não estavam abertos há muito tempo, mas ele já podia ver com clareza. E, enquanto os olhos ainda estavam fechados, ele tinha sentido, experimentado o gosto e o cheiro do ambiente. Conhecia os dois irmãos e as duas irmãs muito bem. Tinha começado a brincar com eles de um modo fraco e desajeitado, e até a brigar, a pequena garganta vibrando com um estranho barulho áspero (o precursor do grunhido), enquanto ele se deixava dominar pela paixão. E muito antes de os olhos abrirem, ele aprendera pelo toque, gosto e cheiro a conhecer a mãe – uma fonte de calor, alimento líquido e ternura. Ela possuía uma língua suave e acariciadora que o acalmava, quando ela a passava sobre o seu corpinho macio, e que o impelia a se aconchegar contra a loba e cochilar até dormir.

A maior parte do primeiro mês da sua vida fora passada dormindo, mas agora ele podia ver com muita clareza, ficava acordado por períodos mais longos e começava a conhecer o seu mundo muito bem. Era um mundo sombrio, mas ele não sabia disso, pois não conhecia outro mundo. Era pouco iluminado, mas os

seus olhos nunca tiveram de se ajustar a uma outra luz. Seu mundo era muito pequeno. Os limites eram as paredes da toca, mas como ele não conhecia o mundo lá fora, nunca se sentiu oprimido pelos confins estreitos de sua existência.

Mas cedo ele descobriu que uma parede de seu mundo era diferente do resto. Era a boca da caverna e a fonte de luz. Descobriu que era diferente das outras paredes muito antes de ter pensamentos próprios, qualquer vontade consciente. Fora uma atração irresistível mesmo antes de seus olhos abrirem e fitarem o local. A luz da parede batera sobre as pálpebras seladas, e os olhos e os nervos óticos tinham pulsado em pequenos lampejos semelhantes a centelhas, coloridos, quentes e estranhamente agradáveis. A vida de seu corpo, toda fibra de seu corpo, a vida que era a própria substância de seu corpo e que estava separada de sua própria vida pessoal, ansiara por essa luz e impelira o seu corpo na direção da luz, assim como a química sagaz de uma planta a impele para o sol.

Desde o início, antes que despertasse a sua vida consciente, ele se arrastara para a boca da caverna. E nisso os irmãos e irmãs eram iguais a ele. Nunca, nesse período, algum deles se arrastou para os cantos escuros da parede dos fundos. A luz os atraía como se fossem plantas; a química da vida que os compunha exigia a luz como uma necessidade do ser; e seus corpinhos de marionetes arrastavam-se cega e quimicamente, como as gavinhas de uma trepadeira. Mais tarde, quando cada um desenvolveu sua individualidade e tornou-se pessoalmente consciente de impulsos e desejos, a atração da luz aumentou. Estavam sempre se arrastando e se esparramando na direção da luz, e sendo afastados da entrada pela mãe.

Foi assim que o filhote cinza aprendeu outros atributos de sua mãe além da língua macia e tranquilizadora. No seu insistente arrastar-se para a luz, descobriu nela um focinho que com uma cutucada brusca administrava uma reprimenda, e, mais tarde, uma pata que o derrubava ou o fazia rolar mais de uma vez pelo chão com um golpe rápido e calculado. Assim aprendeu a dor e, além disso, aprendeu a evitá-la: primeiro, não incorrendo no risco de receber uma reprimenda; e, segundo, depois de ter incorrido nesse risco, esquivando-se e recuando. Eram ações conscientes, os resultados de suas primeiras generalizações sobre o mundo. Antes disso, ele recuara automaticamente da dor, assim como se arrastara automaticamente para a luz. Depois disso, ele recuava da dor, porque sabia que era dor.

Era um filhote feroz. Como os irmãos e as irmãs. Era de se esperar. Um animal carnívoro. Provinha de uma estirpe de matadores e comedores de carne. O pai e a mãe viviam inteiramente de carne. O leite que tinha sugado nos seus primeiros bruxuleios de vida era um leite transformado diretamente da carne, e agora, depois de um mês, com os olhos abertos há apenas uma semana, ele próprio começava a comer carne – carne meio digerida pela loba e vomitada para os cinco filhotes em desenvolvimento que já exigiam demais do peito materno.

Mas ele era, além disso, o mais feroz da ninhada. Podia emitir um rosnado áspero mais alto do que qualquer um dos outros. Suas pequenas fúrias eram muito mais terríveis que as deles. Foi o primeiro a aprender o truque de fazer rolar um dos outros filhotes com um golpe ladino da pata. E foi o primeiro a

agarrar outro filhote pela orelha e puxar, arrastar e rosnar por entre as mandíbulas bem cerradas. E certamente era o que mais dava trabalho à mãe no seu afã de manter a ninhada longe da boca da caverna.

A fascinação da luz para o filhote cinza aumentava dia a dia. Ele estava sempre partindo em aventuras de um metro para a entrada da caverna, para ser sempre puxado de volta. Só que não sabia que aquilo era uma entrada. Ele nada sabia sobre entradas – passagens pelas quais se vai de um lugar para outro. Ele não sabia de nenhum outro lugar, muito menos de um modo de lá chegar. Assim, para ele a entrada da caverna era uma parede – uma parede de luz. Como o sol para o habitante do exterior, essa parede era para ele o sol de seu mundo. Atraído como uma vela atrai uma mariposa. Sempre procurava alcançá-la. A vida que se expandia tão rapidamente no seu interior forçava-o a seguir continuamente para a parede de luz. A vida no seu interior sabia que era a única saída, o caminho que estava predestinado a percorrer. Mas ele próprio nada sabia disso. Nem sequer sabia que havia um mundo exterior.

Havia uma única coisa estranha sobre essa parede de luz. O pai (ele já começara a reconhecer o pai como um outro habitante do mundo, uma criatura como a mãe, que dormia perto da luz e trazia carne para comer) – o pai sabia passar pela parede branca distante e desaparecer. O filhote cinza não entendia isso. Embora a mãe nunca permitisse que se aproximasse daquela parede, ele já tinha se aproximado das outras e encontrado uma obstrução dura na ponta de seu focinho tenro. Doía. E, depois de várias dessas aventuras, ele deixou as paredes em paz. Sem pensar a respeito, aceitou o desaparecimento através da parede como uma peculiaridade do pai, assim como o leite e a carne meio digerida eram peculiaridades da mãe.

Na verdade, o filhote cinza não era dado a pensar – pelo menos, segundo o tipo de pensamento com um aos homens. Seu cérebro funcionava de maneira vaga. Mas suas conclusões eram tão nítidas e distintas quanto as alcançadas pelos homens. Ele tinha um método de aceitar as coisas, sem questionar o porquê e o para quê. Na realidade, era o ato da classificação. Nunca se perturbava sobre a razão por que uma coisa acontecia. Saber como ela acontecia já lhe bastava. Assim, depois de bater com o focinho algumas vezes na parede do fundo, aceitou que não conseguia desaparecer através das paredes. Assim como aceitou que o pai conseguia desaparecer através das paredes. Mas não ficou nem um pouco perturbado pelo desejo de descobrir a razão para essa diferença entre ele e o pai. A lógica e a física não faziam parte da sua constituição mental.

Como a maioria das criaturas da Floresta, ele cedo experimentou a fome. Veio um período em que não só terminou o suprimento de carne, como já não saía leite do peito da mãe. A princípio, os filhotes choramingaram e gritaram, mas na maior parte do tempo dormiam. Não demorou muito para que fossem reduzidos a um coma de fome. Já não havia disputas e brigas, nem raivas diminutas ou tentativas de rosnado, e as aventuras em direção à distante parede branca cessaram completamente. Os filhotes dormiam, enquanto a vida que havia neles bruxuleava e se extinguiu.

Caolho estava desesperado. Ele andava bem longe, e pouco dormia na toca que se tornara triste e miserável. A loba também deixou a ninhada e saiu em

busca de carne. Nos primeiros dias depois do nascimento dos filhotes, Caolho tinha voltado várias vezes ao acampamento indígena e roubado as armadilhas de coelho; mas, com a neve se derretendo e as correntes se abrindo, o acampamento indígena fora embora, e essa fonte de alimento lhe fora fechada.

Quando o filhote cinza voltou à vida e retomou o interesse pela distante parede branca, descobriu que a população do seu mundo fora reduzida. Restava-lhe apenas uma irmã. O resto desaparecera. Quando se tornou mais forte, viu-se compelido a brincar sozinho, pois a irmã já não levantava a cabeça nem se movia ao redor. Seu corpo pequeno se arredondava com a carne que agora comia, mas a comida viera tarde demais para ela. A irmã vivia dormindo, um esqueleto diminuto enrolado numa pele em que a chama bruxuleava cada vez mais fraca e por fim se extinguiu.

Depois veio o tempo em que o filhote cinza já não via o pai aparecer e desaparecer na parede, nem dormir deitado na entrada. Isso acontecera no final de uma segunda fome menos severa. A loba sabia por que Caolho não voltava, mas não havia como contar o que tinha visto ao filhote cinza. Ao caçar em busca de carne, acima no braço esquerdo da corrente, onde vivia o lince, ela seguiu uma trilha aberta por Caolho no dia anterior. E o encontrara, ou o que dele restara, no fim da trilha. Havia muitos sinais da batalha que fora travada, e da retirada do lince para a sua toca depois de ter conquistado a vitória. Antes de ir embora, a loba encontrou essa toca, mas os sinais lhe avisaram que o lince estava lá dentro, e ela não ousou entrar.

Depois disso, a loba evitava o braço esquerdo nas suas caçadas. Pois sabia que a toca do lince continha uma ninhada de gatinhos, e sabia que o lince era uma criatura feroz, de má índole e um lutador terrível. Tudo muito bem que meia dúzia de lobos forçassem um lince, bufando e eriçando-se, a subir numa árvore; mas era uma história muito diferente um lobo solitário enfrentar um lince – especialmente quando se sabia que o lince tinha uma ninhada de gatinhos famintos pelas costas.

Mas a Floresta é a Floresta, e ser mãe é ser mãe, sempre ferozmente protegendo as crias quer na Floresta, quer fora dela. E viria o tempo em que a loba, por causa de seu filhote cinza, arriscaria subir o braço esquerdo da corrente e enfrentar a toca nas rochas e a fúria do lince.

VII

A PAREDE DO MUNDO

Quando a mãe começou a deixar a caverna nas suas expedições de caça, o filhote já aprendera muito bem a lei que o proibia de se aproximar da entrada. Não só essa lei fora gravada à força e muitas vezes pela pata e o focinho da mãe, como o instinto do medo estava se desenvolvendo dentro dele. Nunca, na sua breve vida na caverna, ele enfrentara algo de que tivesse medo. Mas havia medo no filhote. Um medo que lhe chegava de antepassados remotos através de milhares e milhares de vidas. Era uma herança que recebera diretamente de Caolho e da loba; mas para eles, por sua vez, ela fora transmitida por todas as

gerações de lobos que existiram antes. Medo! – esse legado da Floresta a que nenhum animal podia se furtar, nem trocar por comida.

Assim o filhote cinza conhecia o medo, embora não conhecesse o material de que ela era feito. Talvez o aceitasse como uma das restrições da vida. Pois já aprendera que havia essas restrições. Conhecera a fome, e, ao não poder saciar a sua fome, sentira a restrição. A obstrução dura da parede da caverna, a cutucada aguda do focinho da mãe, o golpe esmagador da sua pata, a fome não saciada de vários períodos de escassez tinham lhe inculcado que nem tudo era liberdade no mundo, que para a vida havia limitações e restrições. Essas limitações e restrições eram leis. Obedecê-las era escapar da dor e contribuir para a felicidade.

Ele não pensava sobre a questão da maneira humana. Apenas classificava as coisas que doíam e as coisas que não doíam. E depois dessa classificação evitava as coisas que doíam, as restrições e os limites, para desfrutar as satisfações e remunerações da vida.

Foi assim que em obediência à lei estabelecida pela mãe, e em obediência à lei daquela sensação desconhecida e sem nome, o medo, mantinha-se afastado da boca da caverna. Continuava a ser para ele uma parede branca de luz. Quando a mãe se ausentava, ele dormia a maior parte do tempo, e durante os intervalos em que estava desperto ficava muito quieto, reprimindo os gritos choramingados que comichavam na sua garganta e procuravam se tornar barulho.

Certa vez, deitado, ouviu um som estranho na parede branca. Ele não sabia que era um carcaju ali fora, tremendo da sua ousadia e farejando cautelosamente o conteúdo da caverna. O filhote sabia apenas que a fungada era estranha, algo não classificado, portanto desconhecido e terrível – pois o desconhecido era um dos elementos principais para a formação do medo.

O pelo se eriçou no lombo do filhote cinza, mas eriçou-se em silêncio. Como sabia que devia se eriçar contra essa coisa que farejava? Isso não nascia de um conhecimento seu, mas era a expressão visível do medo que existia no seu interior, e para o qual, na sua vida, não havia nenhuma justificação. Mas o medo era acompanhado por outro instinto – o de se esconder. O filhote estava num frenesi de terror, mas continuou deitado sem fazer movimento ou som, congelado, petrificado, para todos os efeitos, morto. Voltando para casa, a mãe rosou quando farejou a trilha do carcaju, entrou correndo na caverna e lambeu e afocinou o filhote com uma veemência excessiva de afeto. E o filhote sentiu que de alguma maneira escapara de um grande perigo.

Mas havia outras forças operando no filhote, e a maior era o crescimento. O instinto e a lei exigiam dele obediência. Mas o crescimento exigia desobediência. A mãe e o medo o impeliam a manter-se longe da parede branca. Crescimento é vida, e a vida está sempre destinada a se aproximar da luz. Assim não havia como reprovar a maré da vida que se erguia dentro dele – erguendo-se a cada bocado de carne que engolia, a cada sopro que aspirava. Por fim, certo dia, o medo e a obediência foram varridos pelo ímpeto da vida, e o filhote se escarrapachou e esparramou na direção da entrada.

Ao contrário de qualquer outra parede que experimentara, essa parede

parecia recuar diante da sua aproximação. Nenhuma superfície dura colidia com o pequeno focinho tenro que enfiava aos poucos no espaço à sua frente. A substância da parede parecia tão permeável e macia como a luz. E como a condição, a seus olhos, tinha a aparência da forma, ele entrou no que fora até então uma parede e banhou-se na substância que a compunha.

Era estonteante. Ele estava se espreado através da solidez. E a luz tornava-se cada vez mais brilhante. O medo insistia em que ele voltasse, mas o crescimento o empurrava para frente. De repente viu-se na boca da caverna. A parede dentro da qual pensara estar recuou repentinamente diante dele até uma distância incomensurável. A luz tornara-se dolorosamente brilhante. Ele ficou ofuscado pelo brilho. Da mesma forma, ficou tonto com essa abrupta e tremenda extensão de espaço. Automaticamente, os olhos se ajustavam ao brilho, focando para fazer frente à distância aumentada dos objetos. A princípio, a parede saltara para fora da sua visão. Ele agora a via de novo, mas assumira um extraordinário distanciamento. Além disso, a sua aparência mudara. Era agora uma parede variegada, composta das árvores que orlavam a corrente, da montanha oposta que se elevava acima das árvores, e do céu que se elevava acima da montanha.

Um grande medo desceu sobre ele. Isso era mais um pouco do terrível desconhecido. Agachou-se na frente da caverna e fitou o mundo. Estava com muito medo. Porque era desconhecido, era hostil para ele. Portanto, os pelos ergueram-se ao longo do lombo e os lábios enrugaram-se fracamente na tentativa de um rosnado feroz e intimidador. Na sua insignificância e medo, ele desafiou e ameaçou todo o vasto mundo.

Nada aconteceu. Continuou a contemplar, e tal era o seu interesse que se esqueceu de rosnar. E também se esqueceu de ter medo. Por enquanto, o medo fora dispersado pelo crescimento, enquanto o crescimento assumira a guisa de curiosidade. Começou a notar os objetos próximos – uma porção aberta da corrente que lampejava ao sol, o pinheiro fulminado que ficava ao pé da encosta, e a própria encosta que subia até ele e cessava sessenta centímetros abaixo da beirada da caverna onde estava agachado.

Ora, o filhote cinza vivera toda a sua vida num chão plano. Nunca experimentara a dor de uma queda. Não sabia o que era uma queda. Por isso pisou audaciosamente no ar. As patas traseiras ainda estavam sobre a beirada da caverna, assim ele caiu para frente de cabeça para baixo. A terra lhe deu um golpe duro no focinho, o que o fez ganir. Depois ele começou a rolar encosta abaixo, sem parar. Estava aterrorizado. O desconhecido o apanhara por fim. Tinha se apoderado selvagememente do seu corpo e estava prestes a lhe infligir alguma dor terrível. O crescimento era agora dissipado pelo medo, e ele ganiu como qualquer filhotinho assustado.

O desconhecido o impelia para alguma dor assustadora que ele não conhecia, e o filhote ganhava incessantemente. Essa era uma proposição diferente daquela de se encolher de medo, enquanto o desconhecido passava furtivamente ao lado. Agora o desconhecido o agarrara com firmeza. O silêncio não adiantaria. Além disso, o que o convulsionava não era medo, mas terror.

Mas a encosta se tornou menos íngreme, e a sua base estava coberta de grama. Ali o filhote perdeu o impulso. Quando finalmente parou, deu um último

ganido agonizante e depois um gemido longo e choramingado. E também, quase como algo a esperar, como se na sua vida já tivesse se limpado milhares de vezes, ele começou a se lamber para retirar o barro seco que o sujava.

Depois disso, sentou-se e contemplou a paisagem ao seu redor, como faria provavelmente o primeiro homem da terra a pousar em Marte. O filhote atravessara a parede do mundo, o desconhecido dele se apoderara, e ali estava ele sem machucados. Mas o primeiro homem sobre Marte teria experimentado menos estranhamento. Sem nenhum conhecimento anterior, sem nenhum aviso de que isso existia, ele se viu explorando um mundo totalmente novo.

Agora que o desconhecido terrível o deixara sair das suas garras, ele esqueceu que o desconhecido tinha terrores. Estava consciente apenas da curiosidade por todas as coisas ao seu redor. Examinou a grama embaixo do corpo, o arbusto musgoso de frutinhas um pouco além, e o tronco morto do pinheiro crestado que ficava na beirada de uma clareira entre as árvores. Um esquilo, correndo ao redor da base do tronco, deu de cara com o filhote e lhe causou um grande susto. Ele se encolheu e rosnou. Mas o esquilo também estava muito assustado. Subiu correndo pela árvore e, de um ponto seguro, rangeu os dentes selvagemente.

Isso encorajou o filhote e, apesar de o pica-pau que encontrou pouco depois ter lhe dado um susto, continuou confiante no seu caminho. Tal era a sua confiança que, quando um gaio impudentemente saltou ao seu encontro, ele procurou alcançá-lo com uma pata brincalhona. O resultado foi uma bicada aguda na ponta do focinho, que o levou a se encolher e ganir. O barulho que produziu foi demais para o gaio, que procurou segurança no voo.

Mas o filhote estava aprendendo. Sua pequena mente enevoada já tinha feito uma classificação inconsciente. Havia coisas vivas e coisas não vivas. Além disso, ele devia tomar cuidado com as coisas vivas. As coisas não vivas permaneciam num único lugar, mas as coisas vivas se moviam, e não havia como prever o que poderiam fazer. O que delas se esperava era o inesperado, e para isso ele devia estar preparado.

Ele se movia muito desajeitadamente. Tropeçava em varas e outros objetos. Um galho que ele pensava estar muito longe atingia o seu focinho ou arranhava as suas costelas no instante seguinte. Havia desigualdades na superfície. Às vezes ele exagerava o passo e batia com o focinho. Outras vezes o passo era muito curto, e ele machucava as patas. Depois havia os seixos e as pedras que se viravam sob as suas patas, quando neles pisava, e com isso ele aprendeu que nem todas as coisas não vivas tinham o mesmo estado de equilíbrio estável da sua caverna. Mais, que as pequenas coisas não vivas estavam mais sujeitas a caírem ou virarem do que as coisas grandes. Mas a cada infortúnio ele aprendia. Quanto mais caminhava, melhor ele caminhava. Estava se adaptando. Aprendia a calcular seus próprios movimentos musculares, a conhecer suas limitações físicas, a medir as distâncias entre os objetos e entre os objetos e ele próprio.

Teve a sorte do aprendiz. Nascido para ser um caçador de carne (embora não soubesse), encontrou por acaso bastante comida perto da boca da caverna na sua primeira incursão pelo mundo. Foi por andar às tontas que descobriu o ninho de perdiz astuciosamente oculto. Caiu dentro dele. Tentara caminhar ao longo do

tronco de um pinheiro caído. A casca estragada cedeu sob suas patas, e com um ganido desesperado ele arremeteu pelo declive arredondado, atravessou e esmagou as folhas e galhos de um pequeno arbusto e ali, no meio do arbusto, sobre o chão, aterrissou entre sete filhotes de perdiz.

Eles fizeram muito barulho, e primeiro o lobinho se assustou. Depois percebeu que eram todos muito pequenos, e tornou-se mais ousado. Eles se moviam. Pôs a pata sobre um deles, e seus movimentos se aceleraram. Isso era uma fonte de diversão para ele. Farejou o filhotinho. Pegou-o na boca. Ele lutou e fez cócegas na sua língua. Ao mesmo tempo, isso lhe deu consciência de uma sensação de fome. As suas mandíbulas se fecharam. Houve um esmagar de ossos frágeis, e o sangue quente correu na sua boca. O gosto era bom. Era carne, a mesma carne que a mãe lhe dava, só que estava viva entre os seus dentes, e por isso era melhor. Assim ele comeu a perdiz. E só parou depois de devorar toda a ninhada. Então ele lambeu os beiços, assim como a mãe fazia, e começou a se arrastar para fora do arbusto.

Encontrou um redemoinho de penas. Ficou confuso e cego pelo ímpeto do turbilhão e pelo bater de asas zangadas. Escondeu a cabeça entre as patas e ganiu. Os golpes aumentaram. A mãe perdiz estava uma fúria. Foi então que ele se zangou. Levantou-se, rosnando, dando golpes com as patas. Afundou os dentes minúsculos numa das asas e deu muitos puxões com força. A perdiz lutou contra o inimigo, despejando golpes sobre ele com a asa livre. Era a sua primeira batalha. Ele estava eufórico. Esqueceu tudo sobre o desconhecido. Já não tinha medo de nada. Estava lutando, rasgando uma coisa viva que o golpeava. Além disso, essa coisa viva era carne. O desejo de matar estava dentro dele. Acabara de destruir coisas vivas pequenas. Agora destruiria uma coisa viva grande. Estava demasiado ocupado e feliz para saber que estava feliz. Estava eletrizado e exultante de uma maneira nova para ele, e mais intensa do que qualquer outra que já conheceria.

Continuou agarrado à asa e rosnou entre os dentes bem apertados. A perdiz o arrastou para fora do arbusto. Quando ela se virou e tentou puxá-lo de volta para o abrigo do arbusto, ele a afastou dali e empurrou-a para a clareira. E durante todo esse tempo ela fazia um grande alarido e golpeava com a asa, enquanto penas voavam como se fosse neve. A intensidade da sua excitação era tremenda. Todo o sangue guerreiro da sua raça fervia dentro dele e crescia em seu corpo. Isso era viver, embora ele não o soubesse. Estava tomando consciência do seu significado no mundo, fazendo aquilo para o qual fora criado – matar carne e batalhar para matá-la. Estava justificando a sua existência, mais do que isso a vida não podia fazer, pois a vida atinge o seu auge quando realiza plenamente aquilo para cuja realização foi equipada.

Depois de um tempo, a perdiz parou de lutar. Ele ainda a agarrava pela asa, e eles se deitaram no chão e olharam um para o outro. Ele tentou rosnar ameaçadoramente, ferozmente. Ela bicou o seu focinho, que a essa altura, depois das aventuras anteriores, estava machucado. Ele se encolheu, mas não a soltou. Ela o bicou mais de uma vez. Do ato de se encolher, ele passou a choramingar. Tentou se afastar da inimiga, esquecido do fato de que, por estar agarrado à perdiz, ele a arrastava atrás de si. Uma chuva de bicadas caiu sobre o focinho

maltratado. A torrente de luta refluíu no seu interior e, soltando a presa, ele virou as costas e correu pela clareira numa retirada inglória.

Deitou-se para descansar no outro lado da clareira, perto dos arbustos, a língua pendendo para fora, o peito arquejando e ofegando, o focinho ainda doendo e fazendo com que continuasse a choramingar. Mas, enquanto estava ali deitado, sobreveio-lhe de repente a sensação de algo terrível prestes a acontecer. O desconhecido com todos os seus terrores se precipitou sobre ele, e o filhote se encolheu instintivamente para dentro do abrigo do arbusto. Enquanto se escondia, uma corrente de ar o abanou, e um grande corpo alado passou sinistro e silencioso. Um gavião, baixando do nada, por pouco não o apanhara.

Enquanto continuava sob o arbusto, recuperando-se do susto e espiando com medo, no outro lado da clareira a perdiz adulta saiu esvoaçando do ninho saqueado. Foi por causa da sua perda que ela não prestou atenção ao dardo alado do céu. Mas o filhote viu, e a visão passou a ser um aviso e uma lição para ele – a descida rápida do gavião, o curto roçar de seu corpo pouco acima do chão, o golpe de suas garras no corpo da perdiz, o grito de agonia e susto da perdiz, e a subida impetuosa do gavião no céu, carregando a perdiz nas suas patas.

O filhote demorou para sair de seu abrigo. Tinha aprendido muito. As coisas vivas eram carne. Eram boas de comer. Além disso, as coisas vivas, quando bastante grandes, podiam causar dor. Era melhor comer as coisas vivas pequenas, como os filhotes de perdiz, e deixar em paz as coisas vivas grandes, como a perdiz mãe. Ainda assim, ele sentiu uma pequena ponta de ambição, um desejo furtivo de ter outra batalha com aquela perdiz adulta – só que o gavião a levava embora. Talvez houvesse outras perdizes adultas. Ele veria.

Desceu por uma margem em declive até a corrente. Nunca vira água antes. O lugar para pôr o pé parecia bom. Não havia desigualdades na superfície. Pisou com audácia na corrente e caiu, gritando de medo, no abraço do desconhecido. Era frio, e ele arfou, respirando rapidamente. A água entrou com ímpeto nos seus pulmões, em vez do ar que sempre acompanhara o seu ato de respirar. A sufocação que experimentou foi como a agonia da morte. Para ele, significava a morte. Ele não tinha consciência da morte, mas, como todo animal da Floresta, possuía o instinto da morte. Para ele, era a maior das dores. Era a própria essência do desconhecido, a soma dos terrores do desconhecido, a catástrofe culminante e impensável que poderia lhe acontecer, sobre a qual nada sabia e sobre a qual tudo temia.

Veio à superfície, e o ar doce entrou veloz pela boca aberta. Não afundou de novo. Como se fosse um costume há muito estabelecido, deu golpes com todas as patas e começou a nadar. A margem mais próxima ficava a um metro de distância, mas ele subira à tona com as costas viradas para esse lado, e a primeira coisa em que seus olhos pousaram foi a margem oposta, para a qual imediatamente começou a nadar. A corrente era pequena, mas no pego alargava até uns seis metros.

No meio da passagem, o fluxo pegou o filhote e carregou-o correnteza abaixo. Viu-se apanhado na corredeira miniatura no fundo do pego. Ali eram poucas as chances de nadar. A água tranquila tornara-se de repente zangada. Ora ele estava embaixo da água, ora em cima da água. Mas sempre em movimento

violento, ora sendo virado de cabeça para baixo ou em círculo, ora sendo esmagado contra uma pedra. E a cada pedra em que batia, ele ganhava. O seu progresso era uma série de ganhos, dos quais se poderia aduzir o número de pedras que encontrou pelo caminho.

Embaixo da corredeira havia um segundo pego, e ali, apanhado no redemoinho, ele foi gentilmente carregado para a margem e com igual gentileza depositado num leito de cascalho. Arrastou-se freneticamente para fora da água e deitou-se. Tinha aprendido algo mais sobre o mundo. A água não era viva. Ainda assim se movia. Mais, parecia tão sólida como a terra, mas não tinha nenhuma solidez. A sua conclusão era que as coisas nem sempre eram o que pareciam ser. O medo do desconhecido no filhote era uma desconfiança herdada, agora reforçada pela experiência. A partir de então, no que dizia respeito à natureza das coisas, ele nutriria uma desconfiança duradoura das aparências. Teria de aprender a realidade de uma coisa, antes de poder confiar na sua maneira de ser.

Uma outra aventura lhe estava destinada naquele dia. Lembrou-se de que havia no mundo alguém como a sua mãe. E então baixou nele o sentimento de que a queria mais do que a todo o resto do mundo. Não só o corpo estava cansado com as aventuras por que tinha passado, mas o pequeno cérebro também. Em todos os seus dias já vividos, nunca trabalhara tão duro como naquele dia. Além disso, estava com sono. Por isso, começou a procurar a caverna e a mãe, sentindo ao mesmo tempo um ataque esmagador de solidão e desamparo.

Estava se espriando entre os arbustos, quando ouviu um grito agudo e intimidador. Um lampejo de amarelo surgiu diante de seus olhos. Viu uma doninha afastando-se aos saltos. Era uma coisa viva pequena, e ele não sentiu medo. Depois, diante dele, perto das suas patas, viu uma coisa viva extremamente pequena, apenas alguns centímetros de comprimento – uma doninha filhote, que, como ele próprio, tinha desobedientemente se aventurado pelo mundo. Tentou recuar diante dele. Ele a virou com a pata. Ela fez um barulho estranho e áspero. No mesmo instante, o lampejo amarelo reapareceu diante de seus olhos. Escutou mais uma vez o grito intimidador, e logo recebeu um golpe forte no lado do pescoço e sentiu os dentes agudos da doninha mãe cortarem a sua carne.

Enquanto ganhava e se arrastava para trás, viu a doninha mãe saltar sobre o filhotinho e desaparecer com ele no matagal vizinho. O corte dos dentes no seu pescoço ainda doía, mas os seus sentimentos estavam ainda mais machucados, e ele sentou-se e choramingou fracamente. Essa doninha mãe era tão pequena e selvagem! Ainda aprenderia que, apesar do tamanho e peso, a doninha era o mais feroz, vingativo e terrível de todos os matadores da Floresta. Mas parte desse conhecimento logo seria seu.

Ainda estava choramingando, quando a doninha mãe reapareceu. Ela não o atacou, agora que seu filhote estava a salvo. Aproximou-se com mais cautela, e o filhote teve plena oportunidade de observar o seu corpo magro e semelhante ao de uma cobra, a cabeça ereta, ansiosa e também lembrando a de uma cobra. O seu grito agudo e ameaçador fez com que o pelo se eriçasse no lombo do lobinho, e ele rosou ameaçadoramente. A doninha chegava cada vez mais perto. Houve

um salto, mais rápido do que a vista inexperiente do filhote, e o corpo amarelo e magro saiu por um momento de seu campo de visão. No momento seguinte, ela estava na sua garganta, os dentes enterrados nos seus pelos e carne.

A princípio ele rosnou e tentou lutar, mas era muito novo e aquele era apenas o seu primeiro dia no mundo, por isso o seu rosnado se transformou num choro, o seu combate numa luta para escapar. O doninha não o soltava. Continuava a prendê-lo, procurando atingir com os dentes a grande veia em que borbulhava o sangue do filhote. A doninha gostava de beber sangue, e sua preferência era sempre beber da garganta da própria vida.

O filhote cinza teria morrido, e não haveria história para escrever sobre ele, se a loba não tivesse surgido aos saltos pelos arbustos. A doninha soltou o filhote e jogou-se na garganta da loba; errou o alvo, mas conseguiu agarrar a mandíbula. A loba sacudiu a cabeça como o estalo de um chicote, desprendendo a doninha e atirando-a bem alto no ar. E, ainda no ar, as mandíbulas da loba fecharam-se sobre o corpo magro e amarelo, e a doninha conheceu a morte entre os dentes trituradores.

O filhote recebeu outro acesso de afeição da sua mãe. A alegria dela em encontrá-lo parecia ainda maior que a alegria dele em ser encontrado. Ela o acarinhou com o focinho e lambeu os cortes abertos pelos dentes da doninha. Depois, mãe e filhote comeram a bebedora de sangue, e mais tarde voltaram para a caverna e dormiram.

VIII

A LEI DA CARNE

O progresso do filhote foi rápido. Ele descansou dois dias e depois voltou a se aventurar para fora da caverna. Foi nessa aventura que encontrou a doninha filhote cuja mãe tinha ajudado a comer, e cuidou para que o filhote tivesse o mesmo destino da mãe. Mas nesse passeio ele não se perdeu. Quando ficou cansado, encontrou o caminho de volta para a caverna e dormiu. E desde então todo dia o encontrava explorando uma área cada vez mais extensa.

Começou a adquirir uma medição acurada da sua força e da sua fraqueza, a saber quando devia ousar e quando devia ser cauteloso. Achou conveniente ser cauteloso o tempo todo, exceto nos raros momentos em que, seguro da sua própria valentia, entregava-se a pequenas raivas e desejos.

Sempre foi um demônio de fúria, quando encontrava por acaso uma perdiz desgarrada. Nunca deixou de reagir selvagemmente ao bater dos dentes do esquilo que encontrara pela primeira vez sobre o pinheiro fulminado. E a visão de um gaio quase invariavelmente o deixava na mais selvagem das raivas, pois nunca esqueceu a bicada no focinho que recebera do primeiro daquela espécie que tinha encontrado.

Mas havia momentos em que até um gaio deixava de impressioná-lo, e esses eram os momentos em que ele próprio se sentia em perigo porque algum outro caçador de carne rondava por perto. Jamais esqueceu o gavião, e a sua sombra em movimento sempre o fazia agachar-se no matagal mais próximo. Já não se

escarrapachava nem se estatelava, e estava adquirindo o andar da mãe, sorratoiro e furtivo, aparentemente sem esforço, mas deslizando pelo caminho com uma velocidade que era tão enganosa quanto imperceptível.

Quanto à questão da carne, a sua sorte fora total no início. Os sete filhotes de perdiz e a doninha bebê representavam a soma das suas matanças. O seu desejo de matar aumentava com os dias, e ele nutria ambições famintas de pegar o esquilo que batia os dentes tão loquazmente e sempre informava a todas as criaturas selvagens que o filhote de lobo estava se aproximando. Mas se os pássaros voavam no ar, os esquilos subiam em árvores, e o filhote só podia tentar se arrastar furtivamente para perto do esquilo quando esse estava no chão.

O filhote tinha um grande respeito pela mãe. Ela conseguia carne e nunca deixava de lhe trazer a sua parte. Além disso, ela não tinha medo das coisas. Não lhe ocorria que essa falta de medo era fundada na experiência e no conhecimento. O seu efeito sobre o filhote era de poder. A mãe representava o poder, e quanto mais ele crescia, mais sentia esse poder na repreensão mais forte da sua pata, enquanto a cutucada de reprovação do seu focinho dava lugar à cutilada das presas. Por isso ele também respeitava a mãe. Ela o compelia a obedecer, e quanto mais velho ele ficava, mais curto se tornava o pavio da loba.

Veio mais um período de escassez, e o filhote com uma consciência mais clara conheceu mais uma vez a mordida da fome. A loba emagreceu na busca de carne. Já dormia raramente na caverna, passando a maior parte do tempo na trilha da carne e gastando-o em vão. Essa fome não foi muito longa, mas foi severa enquanto durou. O filhote já não encontrava leite nas tetas da mãe, nem conseguia um bocado de carne para si mesmo.

Antes ele caçara por brincadeira, pela pura alegria do jogo, agora caçava com uma seriedade mortal e nada encontrava. Mas o fracasso acelerava o seu desenvolvimento. Estudou os hábitos do esquilo com maior cuidado, procurando com maior habilidade aproximar-se despercebidamente e surpreendê-lo. Estudou os ratos do mato e tentou desenterrá-los de suas tocas, e aprendeu muito sobre os modos dos gaios e dos pica-paus. E veio o dia em que a sombra do gavião não o compeliu a se agachar entre os arbustos. Ele se tornara mais forte, mais sábio e mais confiante. Além disso, estava desesperado. Por isso sentou-se sobre as ancas, bem visível num espaço aberto, e desafiou o gavião a descer do céu. Sabia que ali, flutuando no azul acima da sua cabeça, estava uma porção de carne, a carne que seu estômago pedia com tanta insistência. Mas o gavião se recusou a descer e travar batalha, e o filhote arrastou-se para um matagal e choramingou o seu desapontamento e a sua fome.

A escassez terminou. A loba trouxe carne para casa. Era uma carne estranha, diferente de todas as outras que já trouxera antes. Era um filhote de lince, parcialmente crescido, como o lobinho, mas não tão grande. E era tudo para ele. A mãe já saciara a sua fome em outro lugar, embora ele não soubesse que fora o resto da ninhada do lince que a satisfizera. Nem imaginava o grau de desespero da sua façanha. Ele só sabia que o pequeno lince de pele de veludo era carne, e ele comia e ficava mais feliz a cada bocado.

Um estômago cheio conduz à inação, e o filhote se deitou na caverna, dormindo contra o lado da mãe. Foi desperto pelo seu rosnado. Nunca a ouvira

rosnar de uma forma tão terrível. Talvez tenha sido em toda a sua vida o pior rosnado que a loba deu. Havia razões para isso, e ninguém as conhecia melhor do que ela. Uma toca de lince não é saqueada com impunidade. Em pleno clarão da luz vespertina, agachada na entrada da caverna, o filhote viu a lince mãe. O pelo se eriçou no seu lombo a essa visão. Era o medo, e ele prescindia do instinto para saber disso. E se não bastasse a visão, o grito de raiva que a intrusa deu, começando com um rosnado e aumentando abruptamente para um berro rouco, era por si só bastante convincente.

O filhote sentiu a pontada da vida que havia no seu interior, levantou-se e rosnou valentemente ao lado da mãe. Mas ela o empurrou ignominiosamente para longe e para trás. Por causa da entrada de teto baixo, a lince não podia saltar para dentro da caverna, e quando entrou se arrastando, a loba pulou sobre o animal e cravou-o no chão. O filhote pouco viu da batalha. Houve um tremendo alarido, rosnados, cuspidas e berros. Os dois animais se debatiam, a lince cortando e rasgando com as garras e usando também os dentes, enquanto a loba usava apenas os dentes.

Em certo momento, o filhote pulou no meio da luta e afundou os dentes na pata traseira da lince. Aferrou-se à pata, rosnando selvagemmente. Embora não o soubesse, com o peso do seu corpo ele atrapalhava a ação da pata, e com isso poupou muitos danos à mãe. Uma mudança na batalha esmagou-o sob os dois corpos e soltou com um repelão a sua mordida. No momento seguinte, as duas mães se separaram, e, antes de se embolarem de novo, a lince fustigou o filhote com uma enorme pata dianteira que abriu o seu ombro até o osso e o arremessou para o lado contra a parede. Então ao tumulto acrescentou-se o ganido agudo de dor e susto do filhote. Mas a luta foi tão longa que ele teve tempo de chorar amargamente e experimentar uma segunda explosão de coragem, e o final da batalha o encontrou mais uma vez aferrado a uma pata traseira, rosnando furiosamente entre os dentes.

A lince estava morta. Mas a loba estava muito fraca e doente. A princípio ela acariciou o filhote e lambeu o seu ombro machucado, mas o sangue que tinha perdido acabara com as suas forças, e durante todo um dia e toda uma noite ficou deitada ao lado da inimiga morta, sem movimentos, mal e mal respirando. Por uma semana não saiu da caverna, exceto para tomar água, e mesmo então os seus movimentos eram lentos e dolorosos. No final desse período, a lince foi devorada, enquanto as feridas da loba cicatrizavam a ponto de permitir que ela retomasse a trilha da carne.

O ombro do filhote estava rígido e dolorido, e durante algum tempo ele mancou por causa do terrível golpe que recebera. Mas o mundo agora parecia mudado. Ele andava com maior confiança, com um sentimento de bravura que não fora seu nos dias anteriores à batalha com a lince. Contemplara a vida num aspecto mais feroz, lutara, enterrara os dentes na carne de um inimigo e sobrevivera. E, por causa de tudo isso, ele se comportava com mais audácia, com um quê de desafio que lhe era novo. Já não tinha medo de coisas pequenas, e grande parte da sua timidez desapareceu, embora o desconhecido nunca deixasse de pressioná-lo com seus mistérios e terrores, intangíveis e sempre ameaçadores.

Começou a acompanhar a mãe na trilha da carne, viu grande parte da matança e começou a participar das lutas. E, à sua maneira vaga, aprendeu a lei da carne. Havia duas espécies de vida – a sua própria espécie e a outra espécie. A sua espécie incluía a mãe e ele próprio. A outra espécie incluía todas as coisas vivas que se moviam. Mas a outra espécie era dividida. Uma porção era aquela que a sua espécie matava e comia. Essa porção era composta de não matadores e de pequenos matadores. A outra porção matava e comia a sua espécie, ou era morta e comida pela sua espécie. E dessa classificação surgiu a lei. O objetivo da vida era a carne. A própria vida era carne. A vida vivia da vida. Havia os que comiam e os que eram comidos. A lei era: COMER OU SER COMIDO. Ele não formulou a lei em termos claros e estabelecidos, nem moralizou a respeito. Nem sequer pensou sobre a lei, apenas vivia a lei sem pensar sobre ela.

Via a lei funcionando ao seu redor por toda parte. Ele tinha comido os filhotes de perdiz. O gavião comera a perdiz mãe. O gavião também o teria comido. Mais tarde, quando já se tornara maior, ele quis comer o gavião. Tinha comido o filhote de lince. A lince mãe o teria comido, se ela própria não tivesse sido morta e comida. E assim por diante. A lei estava sendo vivida ao seu redor por todas as coisas vivas, e ele próprio fazia parte da lei. Era um matador. A sua única comida era carne, carne viva, que corria rapidamente à sua frente, voava no ar, subia em árvores, escondia-se no chão, enfrentava-o e lutava, ou invertia o jogo e o perseguia.

Se o filhote tivesse pensado à maneira dos homens, poderia ter resumido a vida como um apetite voraz, e o mundo como um lugar onde se encontrava uma multidão de apetites, perseguindo e sendo perseguidos, caçando e sendo caçados, comendo e sendo comidos, tudo em meio a cegueira e confusão, com violência e desordem, um caos de gula e matança, regido pelo acaso, impiedoso, sem desígnios, interminável.

Mas o filhote não pensava à maneira dos homens. Não contemplava as coisas com uma visão ampla. Só tinha um propósito, só alimentava um pensamento e desejo de cada vez. Além da lei da carne, havia uma miríade de outras leis menos importantes que devia aprender e obedecer. O mundo estava cheio de surpresas. O movimento da vida que havia no seu interior, a ação de seus músculos, era uma felicidade inesgotável. Caçar carne era experimentar emoções e alegria. As suas fúrias e batalhas eram prazeres. O próprio terror, o mistério do desconhecido, contribuía para a vida.

E havia alívios e satisfações. Estar de estômago cheio, cochilar preguiçosamente ao sol – essas coisas compensavam plenamente os seus ardores e labutas, enquanto os seus ardores e labutas se compensavam a si próprios. Eram expressões da vida, e a vida sempre é feliz quando se expressa. Assim o filhote não brigava com o seu ambiente hostil. Estava muito vivo, muito feliz e muito orgulhoso de si mesmo.

IX

OS FAZEDORES DE FOGO

O filhote os encontrou de repente. Fora culpa sua. Tinha sido descuidado. Deixara a caverna e correrá até a corrente para beber água. Talvez não tivesse prestado atenção porque estava caindo de sono. (Passara a noite inteira na trilha da carne, e tinha acabado de acordar.) E o seu descuido talvez se devesse à familiaridade com a trilha até a água. Ele a percorrera tantas vezes, e nada jamais lhe acontecera.

Passou pelo pinheiro fulminado, cruzou a clareira e correu entre as árvores. Depois, no mesmo instante, viu e farejou. Diante dele, sentadas silenciosamente sobre as ancas, estavam cinco coisas vivas, muito diferentes de tudo o que já vira. Foi o seu primeiro vislumbre da humanidade. Mas, ao avistá-lo, os cinco homens não se ergueram, nem mostraram os dentes, nem rosaram. Não se moveram, mas continuaram sentados ali, silenciosos e sinistros.

Tampouco o filhote se moveu. O instinto de sua natureza o teria impellido a disparar loucamente para longe, se não tivesse de repente e pela primeira vez crescido no seu interior um instinto contrário. Um grande temor reverente desceu sobre ele. Foi obrigado a ficar imóvel por uma sensação esmagadora de sua própria fraqueza e pequenez. Ali estava a supremacia e o poder, algo muito além do seu alcance.

O filhote nunca vira o homem, mas possuía um instinto a respeito do homem. De maneira vaga, reconhecia no homem o animal que conquistara pela luta a primazia sobre os outros animais da Floresta. Não era apenas com os seus próprios olhos, mas também com os olhos de seus antepassados que o filhote agora fitava o homem – com olhos que tinham circulado na escuridão ao redor de inumeráveis acampamentos perto do fogo no inverno, que tinham espiado de distâncias seguras e do centro de matagais o estranho animal de duas pernas que era senhor sobre as coisas vivas. O feitiço da sua herança apoderou-se do filhote, o medo e o respeito nascidos de séculos de luta e da experiência acumulada de gerações. A herança era imperiosa demais para um lobo que era apenas um filhote. Se fosse adulto, teria corrido para longe. Mas, sendo filhote, encolheu-se numa paralisia de medo, já revelando em parte a submissão que a sua espécie tinha demonstrado desde a primeira vez em que um lobo veio se sentar perto do fogo do homem para se aquecer.

Um dos índios se levantou, caminhou até o lobinho e curvou-se sobre ele. O filhote encolheu-se ainda mais rente ao chão. Era o desconhecido, objetivado por fim, em carne e osso, inclinando-se sobre ele e estendendo a mão para agarrá-lo. O pelo se eriçou involuntariamente, os lábios contorcendo-se para trás e revelando as pequenas presas. A mão, suspensa como o sina acima dele, hesitou, e o homem falou rindo: “Wabam wabisca ip pit tah”. (“Olhem! Os caninos brancos!”)

Os outros índios riram alto e insistiram para que o homem pegasse o filhote.

Enquanto a mão chegava cada vez mais perto, travou-se dentro do filhote uma raivosa batalha dos instintos. Ele experimentava dois grandes impulsos – ceder e lutar. A ação resultante foi uma solução de compromisso. Fez as duas coisas. Cedeu até a mão quase chegar a tocá-lo. Mas então lutou, os dentes lampejando numa dentada que os fez afundar na carne da mão. No momento seguinte, recebeu uma bofetada na cabeça que o derrubou de lado. Toda a força desapareceu do seu interior. Sua pequenez de filhote e o instinto de submissão dominaram. Sentou-se sobre os quadris e ganiu. Mas o homem da mão mordida estava brabo. O filhote recebeu uma bofetada no outro lado da cabeça. Com isso, sentou-se e ganiu mais alto do que nunca.

Os quatro índios riram mais alto, e até o homem que fora mordido começou a rir. Rodearam o filhote e riram dele, enquanto ele gemia o seu terror e a sua dor. No meio de seu choro, escutou alguma coisa. Os índios também escutaram. Mas o filhote sabia o que era, e com um último e longo gemido que soava mais como triunfo que como dor, cessou o barulho e esperou a chegada da mãe, da sua feroz e indômita mãe, que lutava e matava todas as coisas e nunca tinha medo. Ela rosnava enquanto corria. Escutara o choro do filhote e corria em disparada para salvá-lo.

Ela saltou no meio deles, sua maternidade ansiosa e militante tornando-a uma visão nada bela. Mas, para o filhote, o espetáculo de sua fúria protetora era agradável. Ele emitiu um gritinho alegre e saltou ao seu encontro, enquanto os animais-homens davam apressadamente vários passos para trás. A loba parou sobre o seu filhote, enfrentando os homens, com o pelo eriçado e um rosnado bramindo profundamente na garganta. A sua face estava distorcida e malévola, cheia de ameaças, o cavalete do nariz se enrugando da ponta até os olhos, de tão prodigioso que era o seu rosnado.

Foi então que se elevou um grito de um dos homens. – Kiche! – foi o que ele proferiu. Era uma exclamação de surpresa. O filhote sentiu a mãe encolher-se a esse som.

– Kiche! – o homem gritou de novo, desta vez com aspereza e autoridade.

E então o filhote viu a mãe, a loba, a destemida, encolher-se até a barriga roçar o chão, choramingar, abanar o rabo, fazer sinais de paz. O filhote não conseguia compreender. Estava aterrorizado. O temor reverente aos homens precipitou-se mais uma vez sobre ele. O seu instinto fora verdadeiro. A mãe o confirmava. Ela também prestava submissão aos animais-homens.

O homem que tinha falado aproximou-se da loba. Colocou a mão sobre a sua cabeça, e a loba apenas se encolheu e chegou mais perto. Ela não mordeu, nem ameaçou morder. Os outros homens se aproximaram, rodearam a loba, apalparam e manusearam rudemente o seu corpo, ações que ela não tentou repelir. Estavam muito excitados, e faziam muito barulho com as bocas. Esse barulho não era indicação de perigo, concluiu o filhote, enquanto se agachava perto da mãe, de vez em quando ainda eriçando o pelo, mas fazendo o possível para se submeter.

– Não é estranho – um índio estava dizendo. – O pai dela era um lobo. É verdade, a mãe era uma cachorra. Mas o meu irmão não a amarrava no meio do mato todas as três noites na época do cio? Assim o pai de Kiche foi um lobo.

- Faz um ano, Castor Cinza, que ela fugiu – falou um segundo índio.
- Não é estranho, Língua de Salmão – respondeu Castor Cinza. – Era a época da escassez, e não havia carne para os cachorros.
- Ela viveu com os lobos – disse um terceiro índio.
- Assim parece, Três Águias – respondeu Castor Cinza, pondo a mão sobre o filhote. – E este é o sinal da convivência.

O filhote rosou um pouco ao toque da mão, e a mão recuou no ar para administrar uma bofetada. Com isso o filhote cobriu as presas e encolheu-se submissamente, enquanto a mão, ao retornar, esfregava atrás das suas orelhas e acariciava o lombo para cima e para baixo.

– Este é o sinal da convivência – continuou Castor Cinza. – Está claro que Kiche é a sua mãe. Mas o seu pai era um lobo. Assim há nele pouco cachorro e muito lobo. As presas são brancas, e Caninos Brancos será o seu nome. Assim falei. Ele é o meu cachorro. Pois Kiche não era a cachorra do meu irmão? E o meu irmão não está morto?

O filhote, que assim recebeu um nome, deitou-se e observou. Por algum tempo, os animais-homens continuaram a fazer os seus sons com a boca. Depois Castor Cinza tirou uma faca da bainha que pendia ao redor de seu pescoço, entrou no matagal e cortou uma vara. Caninos Brancos observava. O índio chanfrou a vara em cada uma das pontas, e nos entalhes amarrou cordões de couro cru. Um dos cordões ele atou ao redor da garganta de Kiche. Depois a levou para um pinheiro pequeno, ao redor do qual amarrou o outro cordão.

Caninos Brancos seguiu e deitou-se ao lado da mãe. A mão de Língua de Salmão o alcançou e o fez rolar sobre o lombo. Kiche olhava ansiosa. Caninos Brancos sentiu o medo crescer dentro de si mais uma vez. Não pôde reprimir completamente um rosnado, mas não ameaçou morder. Com os dedos dobrados e afastados, a mão esfregou o seu estômago de um modo brincalhão e o fez rolar de um lado para o outro. Era ridículo e desgracioso, ficar ali deitado sobre o lombo com as patas esparramadas no ar. Além disso, era uma posição de uma impotência tão completa que toda a natureza de Caninos Brancos se revoltava contra ela. Não podia fazer nada para se defender. Se esse animal-homem pretendesse lhe fazer algum dano, Caninos Brancos sabia que não conseguiria escapar. Como poderia afastar-se com as quatro patas no ar? Mas a submissão dominou o seu medo, e ele apenas grunhiu suavemente. Esse grunhido ele não pôde reprimir, nem o animal-homem se indignou dando-lhe um tapa na cabeça. E, além disso, era estranha a situação, pois Caninos Brancos experimentava uma sensação misteriosa de prazer quando a mão o roçava de um lado para o outro. Quando foi rolado para o lado, deixou de grunhir; quando os dedos apertaram e cutucaram a base das suas orelhas, a sensação de prazer aumentou; e quando, com uma coçada e esfregada final, o homem o deixou e afastou-se, todo o medo tinha desaparecido de Caninos Brancos. Ele iria conhecer o medo muitas vezes nas suas lidas com o homem, mas o que em última análise conservou dentro de si foi uma lembrança da convivência sem temores com o homem.

Depois de algum tempo, Caninos Brancos escutou barulhos estranhos se aproximando. Foi rápido na classificação, pois logo reconheceu que eram barulhos do animal-homem. Alguns minutos mais tarde apareceu o resto da tribo,

enfileirada na marcha, serpeando lentamente pelo caminho. Havia mais homens e muitas mulheres e crianças, quarenta almas, e todos com cargas pesadas de equipamentos e aparelhagem para acampar. Havia igualmente muitos cachorros; e esses, à exceção dos filhotes parcialmente crescidos, carregavam também equipamento para acampar. Sobre os lombos, em sacos bem amarrados ao redor do corpo, os cachorros carregavam de nove a treze quilos de peso.

Caninos Brancos nunca vira cachorros antes, mas à vista desses sentiu que eram da sua espécie, só que um pouco diferentes. Mas eles demonstraram pouca diferença do lobo, quando descobriram o filhote e a mãe. Houve uma investida. Caninos Brancos eriçou o pelo, rosnou e mordeu diante da onda voraz de cachorros que se aproximava, e foi derrubado e pisoteado, sentindo a cutilada aguda de dentes no seu corpo, ele próprio mordendo e rasgando patas e barrigas acima da sua cabeça. Houve um grande tumulto. Ele podia escutar o rosnado de Kiche, enquanto ela lutava por sua causa; e podia ouvir os gritos dos animais-homens, o som dos paus golpeando os corpos, os ganidos de dor dos cachorros atingidos.

Apenas alguns segundos e ele já voltava a se firmar sobre as patas. Agora podia ver os animais-homens enxotando os cachorros com paus e pedras, defendendo-o, salvando-o dos dentes selvagens da sua própria espécie, que de certa maneira não era a sua espécie. E embora não houvesse razão no seu cérebro para uma concepção clara de algo tão abstrato como a justiça, ainda assim, à sua maneira, ele sentia a justiça dos animais-homens, reconhecendo-os pelo que eram – os criadores e os executores da lei. Além disso, apreciava o poder com que administravam a lei. Ao contrário de qualquer animal que já conheceria, eles não mordiam nem arranhavam. Impunham a sua força viva com o poder de coisas mortas. As coisas mortas cumpriam as suas ordens. Assim, varas e pedras, dirigidas por essas estranhas criaturas, saltavam pelo ar como se fossem coisas vivas, infligindo golpes dolorosos aos cachorros.

Aos seus olhos era um poder inusitado, um poder inconcebível e fora do natural, um poder que era divino. Pela sua própria natureza, Caninos Brancos jamais poderia saber alguma coisa sobre os deuses; quando muito, podia saber que havia coisas que estavam além do seu conhecimento; mas a admiração e o temor reverente que sentia por esses animais-homens parecia de certo modo a provável admiração e temor reverente do homem diante de alguma criatura celeste, sobre o cume de uma montanha, arremessando raios com as duas mãos contra um mundo atônito.

O último cachorro fora repellido. O tumulto esmoreceu. E Caninos Brancos lambeu as feridas e meditou sobre o que acontecera, sua primeira prova da crueldade do bando e sua apresentação ao bando. Ele nunca imaginara que a sua própria espécie consistisse em mais outro animal além de Caolho, sua mãe e ele próprio. Eles tinham constituído uma espécie à parte, e ali, abruptamente, descobria muito mais criaturas aparentemente da sua espécie. E havia um ressentimento subconsciente de que esses animais, sua própria espécie, à primeira vista o tivessem atacado de rijo e tentado destruí-lo. Da mesma forma, ele se ressentia de sua mãe ser amarrada numa vara, mesmo que isso fosse obra dos animais-homens superiores. Isso sabia a uma armadilha, a uma sabotagem.

Mas de armadilha e de cativo ele nada sabia. A liberdade de passear, correr e dormir conforme sentisse vontade era uma herança sua, e ali ela estava sendo violada. Os movimentos da mãe estavam restringidos ao comprimento de uma vara, e pelo comprimento dessa mesma vara ele estava restringido, pois ainda não superara a necessidade de ficar ao lado da mãe.

Não gostou. Tampouco gostou quando um pequeno animal-homem pegou a outra ponta da vara e levou Kiche cativa atrás de si, e atrás de Kiche seguiu Caninos Brancos, muito perturbado e preocupado com essa nova aventura em que tinha entrado.

Desceram o vale da corrente, indo muito além das explorações mais longínquas feitas por Caninos Brancos, até chegarem ao fim do vale, onde a corrente desembocava no rio Mackenzie. Ali, onde algumas canoas estavam escondidas em estacas que subiam alto no ar, e onde ficavam as armações para secar os peixes, foi montado o acampamento. E Caninos Brancos a tudo fitava com olhos admirados. A superioridade desses animais-homens aumentava a cada momento. Havia a sua supremacia sobre todos esses cachorros de presas afiadas. Isso exalava poder. Porém, mais impressionante para o filhote de lobo era a sua supremacia sobre as coisas não vivas; a sua capacidade de imprimir movimento às coisas que não se moviam; a sua capacidade de mudar a própria face do mundo.

Foi essa última característica que o impressionou sobremaneira. O levantamento das estruturas prendeu a sua atenção, mas isso em si mesmo não era tão extraordinário, já que era feito pelas mesmas criaturas que arremessavam paus e pedras a grandes distâncias. Mas, quando as estruturas foram transformadas em tendas ao serem cobertas com panos e peles, Caninos Brancos ficou assombrado. Era o volume colossal que o impressionava. As tendas erguiam-se ao seu redor, por todos os lados, como o alguma monstruosa forma de vida de rápido crescimento. Ocupavam quase toda a circunferência de seu campo de visão. Ele estava com medo das tendas. Elas avultavam sinistramente acima de sua cabeça; e, quando a brisa as ondulava em movimentos gigantescos, ele se encolhia de medo, mantendo os olhos cautelosamente fixos nos panos e peles, pronto a sair pulando se tentassem precipitar-se sobre ele.

Mas, em pouco tempo, o seu medo das tendas passou. Via as mulheres e as crianças entrarem e saírem sem nenhum dano, e via os cachorros tentando frequentemente entrar e sendo enxotados com palavras ásperas e pedras voadoras. Depois de um tempo, saiu do lado de Kiche e arrastou-se cautelosamente para a parede da tenda mais próxima. Era a curiosidade do crescimento que o forçava a avançar – a necessidade de aprender, viver e fazer, que traz experiência. Os últimos poucos centímetros até a parede da tenda foram vencidos com uma lentidão e precaução dolorosas. Os acontecimentos do dia o tinham preparado para que o desconhecido se manifestasse das maneiras mais estupendas e impensáveis. Por fim, o focinho tocou a lona. Ele esperou. Nada aconteceu. Então sentiu o cheiro do tecido estranho saturado de odores humanos. Fechou os dentes sobre a lona e deu um puxão suave. Nada aconteceu, embora as porções adjacentes da tenda se movessem. Puxou com mais força. Houve um

movimento maior. Era delicioso. Puxou ainda com mais força, e repetidas vezes, até que toda a tenda estava em movimento. Então o grito agudo de uma índia lá dentro o mandou rapidamente de volta para Kiche. Mas, depois disso, ele já não tinha medo dos volumes gigantescos das tendas.

Um momento mais tarde, já se afastava novamente da mãe. A vara ficava amarrada a uma pequena estaca no chão, e ela não podia segui-lo. Um filhote um pouco maior e mais velho do que ele aproximou-se lentamente de Caninos Brancos, com uma arrogância beligerante. O nome do filhote, como o lobinho mais tarde escutaria nos vários chamados dos índios, era Lip-lip. Ele tivera experiências em lutas de filhotes e já era um pouco valentão.

Lip-lip era da mesma espécie de Caninos Brancos e, sendo apenas um filhote, não parecia perigoso; assim Caninos Brancos preparou-se para encontrá-lo num espírito amistoso. Mas quando o caminhar do estranho se tornou um andar de patas duras e os lábios deixaram visíveis os dentes, Caninos Brancos também enrijeceu e respondeu com lábios arreganhados. Eles meio que circularam um ao redor do outro, tentativamente, rosnando e eriçando o pelo. Isso durou vários minutos, e Caninos Brancos estava começando a gostar da brincadeira, como uma espécie de jogo. Mas de repente, com uma rapidez extraordinária, Lip-lip saltou para perto, deu uma mordida dilacerante, e saltou para longe mais uma vez. A mordida se fechou sobre o ombro que fora machucado pelo lince e que ainda estava profundamente dolorido até perto do osso. A surpresa e a dor provocaram um ganido em Caninos Brancos, porém no momento seguinte, num ímpeto de raiva, ele já estava sobre Lip-lip, mordendo com maldade.

Mas Lip-lip tinha passado a sua vida no acampamento e lutado com muitos outros filhotes. Três vezes, quatro vezes e meia dúzia de vezes, os seus dentinhos afiados marcaram o recém-chegado, até que Caninos Brancos, ganhando desavergonhadamente, fugiu para a proteção da mãe. Foi a primeira das muitas lutas que ele teria com Lip-lip, pois eles foram inimigos desde o início, nascidos assim, com naturezas destinadas a colidir para sempre.

Kiche tranquilizou Caninos Brancos lambendo-o com a sua língua, e tentou obrigá-lo a ficar junto dela. Mas a curiosidade do filhote era desenfreada, e vários minutos mais tarde ele já se aventurava numa nova exploração. Encontrou um dos animais-homens, Castor Cinza, acocorado fazendo alguma coisa com varas e musgos secos espalhados à sua frente no chão. Caninos Brancos aproximou-se e observou. Castor Cinza emitia barulhos com a boca que Caninos Brancos interpretou como não hostis, por isso chegou ainda mais perto.

As mulheres e as crianças carregavam mais varas e ramos para Castor Cinza. Era evidentemente a atividade do momento. Caninos Brancos entrou no meio do grupo até tocar o joelho de Castor Cinza de tão curioso que estava, e já esquecido de que esse era um terrível animal-homem. De repente viu uma coisa estranha semelhante a uma névoa surgir no meio das varas e musgo embaixo das mãos de Castor Cinza. Depois, entre as próprias varas, surgiu uma coisa viva, torcendo-se e revirando-se, de uma cor parecida com a cor do sol no céu. Caninos Brancos nada sabia do fogo. Atraía-o assim como a luz na boca da caverna o atraía na sua primeira infância. Arrastando-se, deu vários passos na direção da chama. Escutou Castor Cinza dar umas risadinhas acima dele, e sabia

que o som não era hostil. Foi então que o seu focinho tocou a chama e, no mesmo instante, a língua pequena saiu para provar a luz.

Por um momento ficou paralisado. O desconhecido, à espreita no meio das varas e musgos, agarrava-o selvagememente pelo focinho. Ele se arrastou para trás, explodindo numa série atônica de gemidos. Ao escutar o som, Kiche pulou rosnando até a ponta da sua vara, e ali rosnou terrivelmente, porque não podia ir em seu auxílio. Mas Castor Cinza riu alto, deu palmadas nas coxas, e contou o que acontecera a todo o resto do acampamento, até que todos estavam rindo às gargalhadas. Mas Caninos Brancos sentou-se sobre os quadris e ganiu, ganiu, uma figurinha desamparada e insignificante no meio dos animais-homens.

Era a pior dor que já provara. O focinho e a língua tinham sido chamuscados pela coisa viva, da cor do sol, que crescera sob as mãos de Castor Cinza. Ele gritava sem parar, e cada novo gemido era saudado por explosões de risadas dos animais-homens. Tentou acalmar o focinho com a língua, mas a língua também estava queimada, e os dois machucados entrando em contato produziram uma dor ainda maior. Com isso, ele passou a gritar mais desesperada e desamparadamente do que nunca.

E então a vergonha o cobriu. Conheceu o riso e o seu significado. Não nos é dado saber como alguns animais conhecem o riso e sabem quando alguém está rindo deles, mas foi dessa maneira que Caninos Brancos o conheceu. E ele sentiu vergonha de que os animais-homens rissem dele. Virou-se e fugiu, não da dor causada pelo fogo, mas do riso que penetrava ainda mais profundamente e doía no seu espírito. E fugiu para Kiche – enfurecida na ponta da sua vara como um animal enlouquecido – para Kiche, a única criatura no mundo que não estava rindo dele.

O crepúsculo baixou e veio a noite, e Caninos Brancos ficou deitado ao lado da mãe. O focinho e a língua ainda doíam, mas ele estava perplexo com uma dificuldade maior. Tinha saudades de casa. Sentia um vazio dentro de si, uma necessidade do silêncio e da quietude da corrente e da caverna no rochedo. A vida se tornara populosa demais. Havia tantos animais-homens, os homens, as mulheres e as crianças, todos produzindo barulhos e irritações. E havia os cachorros, sempre às turras, brigando, explodindo em tumultos e criando confusões. A serena solidão da única vida que ele tinha conhecido desaparecera. Aqui o próprio ar palpitava com vida. Vibrava e zumbia sem parar. Mudando continuamente a intensidade e variando abruptamente de altura, os sons atingiam os seus nervos e sentidos, tornando-o nervoso, inquieto e preocupado com uma iminência perpétua de acontecimentos.

Ele observava os animais-homens irem e virem, movendo-se ao redor do acampamento. De um modo que lembrava remotamente a maneira como os homens olham para os deuses que eles próprios criam, assim Caninos Brancos olhava para os animais-homens à sua frente. Eram criaturas superiores; na verdade, deuses. Para a sua vaga compreensão, eles criavam tantas maravilhas quanto os deuses para os homens. Eram criaturas de poder, possuindo toda sorte de potências desconhecidas e impossíveis – impondo obediência a tudo o que se movia, imprimindo movimento ao que não se movia, e fazendo a vida, a vida mordaz e da cor do sol, crescer no meio dos musgos secos e da madeira. Eram

os fazedores de fogo! Eram deuses!

X

A SERVIDÃO

Os dias estavam repletos de novas experiências para Caninos Brancos. Enquanto Kiche continuava atada pela vara, ele corria por todo o acampamento, inquirindo, investigando, aprendendo. Rapidamente ficou sabendo muito sobre os hábitos dos animais-homens, mas a familiaridade não gerou desprezo. Quanto mais aprendia sobre eles, mais eles demonstravam a sua superioridade, mais revelavam seus poderes misteriosos, mais gigantesca avultava a sua semelhança com deuses.

Ao homem foi concedida a dor frequente de ver os seus deuses derrubados e os seus altares desmoronados; mas ao lobo e ao cão selvagem que vieram se deitar aos pés dos homens, essa dor nunca chegou. Ao contrário do homem, cujos deuses são feitos de vapores e névoas invisíveis e conjecturados da fantasia que evita a veste da realidade, espectros errantes de bondade e poder almejados, afloramentos intangíveis do ser no reino do espírito – ao contrário do homem, o lobo e o cão selvagem que se aproximaram do fogo encontram os seus deuses em carne e osso, sólidos ao tato, ocupando o espaço da terra e exigindo tempo para realizar os seus fins e a sua existência. Não é necessário nenhum esforço de fé para acreditar num deus desse tipo; nenhum esforço de vontade consegue induzir a descrença num desses deuses. Não há como afastar-se de tal deus. Ele ali está, sobre as duas patas traseiras, um macete na mão, imensamente potente, apaixonado, irado e amante, deus e mistério e poder, tudo envolto pela carne que sangra quando rasgada, e que é boa de comer como qualquer outra carne.

E o mesmo acontecia com Caninos Brancos. Os animais-homens eram deuses inequívocos e inescapáveis. Assim como a mãe Kiche lhes demonstrara lealdade ao primeiro grito de seu nome, ele estava começando a demonstrar a sua lealdade. Ele lhes dava a dianteira como um privilégio indubitavelmente seu. Quando caminhavam, saía do caminho. Quando chamavam, acudia. Quando ameaçavam, encolhia-se. Quando o mandavam embora, afastava-se depressa. Pois atrás de qualquer desejo dos animais-homens estava o poder de impor esse desejo, um poder que machucava, um poder que se expressava em bofetadas e macetes, em pedras voadoras e chicotadas que ferroavam.

Ele lhes pertencia como todos os cachorros lhes pertenciam. As suas ações estavam à mercê do comando dos deuses. O seu corpo, à mercê de suas pancadas, pisoteios, indulgência. Essa era a lição que lhe foi rapidamente incutida. Uma lição dura, que na realidade ia contra muita coisa que era forte e dominante na sua natureza; e, apesar de não gostar dela enquanto a aprendia, sem o saber ele estava aprendendo a apreciá-la. Era colocar o seu destino nas mãos de outro, uma troca das responsabilidades da existência. Isso era em si mesmo uma compensação, pois é sempre mais fácil encostar-se num outro que manter-se sozinho.

Mas tudo não aconteceu num único dia, esta entrega de si mesmo, corpo e

alma, aos animais-homens. Ele não podia renunciar imediatamente à sua herança selvagem e às suas lembranças da Floresta. Havia dias em que andava furtivamente até a orla da floresta, ali ficava e escutava algo que o chamava de muito longe. E sempre retornava, inquieto e incomodado, para choramingar suave e melancolicamente ao lado de Kiche, e para lambe a face da mãe com uma língua ansiosa e inquiridora.

Caninos Brancos aprendia rapidamente os hábitos do acampamento. Conheceu a injustiça e ganância dos cachorros mais velhos, quando lhes eram jogados carne ou peixe na hora da ração. Veio a saber que os homens eram mais justos, as crianças mais cruéis, e as mulheres mais bondosas e mais inclinadas a lhe atirar um pedaço de carne ou osso. E depois de duas ou três aventuras dolorosas com as mães de outros filhotes parcialmente crescidos, ele aprendeu que era sempre uma boa política deixar essas mães em paz, manter-se o mais afastado possível de todas, e evitá-las quando as via se aproximar.

Mas a maldição da sua vida era Lip-lip. Maior, mais velho e mais forte, Lip-lip tinha escolhido Caninos Brancos para seu objeto especial de perseguição. Caninos Brancos lutava com bastante vontade, mas era sobrepujado. O seu inimigo era demasiado grande. Lip-lip tornou-se um pesadelo. Sempre que Caninos Brancos se aventurava a sair de perto da mãe, era certo que o valentão aparecia, correndo no seu encaço, rosnando, atormentando-o, atento a qualquer oportunidade, quando nenhum animal-homem estava por perto, para pular em cima do lobinho e forçar uma briga. Como invariavelmente vencida, Lip-lip gostava imensamente dessas brigas. Tornaram-se o seu principal prazer na vida, assim como se tornaram o principal tormento de Caninos Brancos.

Mas isso não teve o efeito de acovardar Caninos Brancos. Embora sofresse a maior parte dos danos e fosse sempre derrotado, o seu espírito continuava indomável. Entretanto, as lutas produziram um efeito ruim. Caninos Brancos tornou-se malévolo e soturno. Seu temperamento era selvagem de nascença, mas tornou-se ainda mais com essa perseguição interminável. Seu lado alegre e brincalhão de filhote encontrava pouca expressão. Nunca brincava, nem dava cabriolas com os outros filhotes do acampamento. Lip-lip não permitia. Assim que o filhote de lobo aparecia perto deles, Lip-lip saltava sobre Caninos Brancos, maltratando-o e humilhando-o, ou lutando até afastá-lo.

O efeito de tudo isso foi privar Caninos Brancos de grande parte da sua vida de filhote e dotá-lo de um comportamento mais maduro que o da sua idade. Negada a expressão de suas energias por meio das brincadeiras, ele se encolhia dentro de si e desenvolvia os seus processos mentais. Tornou-se astucioso; tinha tempo ocioso para se dedicar às trapaças. Impedido de obter a sua porção de carne e peixe quando a ração geral era dada aos cachorros do acampamento, tornou-se um ladrão inteligente. Tinha de saquear por si mesmo, e ele saqueava bem, embora por isso fosse muitas vezes uma praga para as índias. Aprendeu a mover-se sorratamente pelo acampamento, a ser astuto, a saber o que estava acontecendo em toda parte, a ver e ouvir tudo e raciocinar de acordo com essas informações, e a inventar com sucesso meios e maneiras de evitar o seu implacável perseguidor.

Foi nos primeiros dias da perseguição que ele armou seu primeiro grande

lance realmente astuto naquele jogo e teve o primeiro gosto de vingança. Assim como Kiche, na companhia dos lobos, tinha atraído os cachorros para a destruição afastando-os dos acampamentos dos homens, Caninos Brancos, de maneira bastante semelhante, atraiu Lip-lip para as mandíbulas vingativas de Kiche. Recuando diante de Lip-lip, Caninos Brancos começou uma fuga indireta, entrando numa tenda, saindo de outra e contornando as várias tendas do acampamento. Era um bom corredor, mais rápido do que qualquer outro filhote do seu tamanho, e mais rápido do que Lip-lip. Mas ele não chegava ao máximo da sua velocidade nessa perseguição. Mantinha um ritmo constante, um pulo à frente de seu perseguidor.

Lip-lip, excitado pela perseguição e pela proximidade constante de sua vítima, esqueceu a cautela e o local. Quando se lembrou do local, era tarde demais. Arremessando-se a toda velocidade ao redor de uma tenda, investiu contra Kiche, deitada na ponta da sua vara. Deu um ganido de consternação, enquanto as mandíbulas punitivas dela se fechavam sobre ele. Ela estava amarrada, mas ele não conseguiu livrar-se facilmente. Ela o virou de patas para o ar, impedindo-o de correr, enquanto o rasgava e mordida com as presas.

Quando conseguiu por fim rolar e livrar-se da loba, Lip-lip apurou-se com dificuldade, todo desganhado, ferido tanto no corpo como no espírito. O pelo era todo tufo salientes nos lugares que os dentes de Kiche tinham estropiado. O brigão ficou parado no lugar em que tinha se levantado, abriu a boca e irrompeu num longo e angustiado gemido de filhote. Mas até isso não lhe foi permitido completar. No meio do gemido, Caninos Brancos, vindo na corrida, afundou os dentes na pata traseira de Lip-lip. Não havia mais nenhum instinto de luta em Lip-lip, e ele fugiu desavergonhadamente, com a vítima no seu encaicho, atormentando-o durante todo o caminho até a tenda. Ali as índias o socorreram, e Caninos Brancos, transformado num demônio enfurecido, só foi finalmente afastado por uma fuzilada de pedras.

Veio o dia em que Castor Cinza, determinando que já não havia mais perigo de fuga, libertou Kiche. Caninos Brancos ficou maravilhado com a liberdade da mãe. Ele a acompanhava alegremente pelo acampamento e, enquanto permanecia perto da mãe, Lip-lip mantinha uma distância respeitosa. Caninos Brancos chegava a eriçar o pelo e caminhar de pernas enrijecidas, mas Lip-lip ignorava o desafio. Ele não era tolo, e qualquer que fosse a vingança que desejava, podia esperar até pegar Caninos Brancos sozinho.

Mais tarde naquele dia, Kiche e Caninos Brancos afastaram-se até a entrada do mato perto do acampamento. Ele conduzia a mãe até aquele ponto, passo a passo, e então, cada vez que parava, tentava atraí-la para mais longe. A corrente, a toca e a quietude dos matos o chamavam, e ele queria que ela viesse. Correu alguns passos adiante, parou e olhou para trás. Ela não se movera. Ele choramingou suplicante e correu brincalhão para dentro e para fora do matagal. Voltou correndo para a mãe, lambeu a sua face e tornou a correr para diante. Mesmo assim, ela não se movia. Ele parou e considerou-a, todo envolto numa atenção e ansiedade fisicamente manifestas que lentamente desapareceram, quando ela virou a cabeça e fitou o acampamento.

Algo o chamava na floresta. A mãe também escutava esse apelo. Mas ela

escutava igualmente aquele outro chamado mais forte, o chamado do fogo e do homem – o chamado que, dentre todos os animais, foi dado apenas ao lobo responder, ao lobo e ao cachorro selvagem, que são irmãos.

Kiche virou-se e caminhou lentamente de volta para o acampamento. Mais forte do que a restrição física da vara era o poder que o acampamento exercia sobre ela. Invisíveis e ocultos, os deuses ainda a prendiam com o seu poder e não a deixavam partir. Caninos Brancos sentou-se à sombra de uma bétula e choramingou suavemente. Havia um forte cheiro de pinho, e as fragrâncias sutis da mata enchiam o ar, lembrando-lhe a antiga vida de liberdade antes dos dias de cativeiro. Mas ele ainda era um filhote parcialmente crescido, e mais forte do que o chamado do homem ou da Floresta era o chamado da mãe. Em todas as horas da sua curta vida, ele dependera da mãe. Ainda não chegara o tempo da independência. Assim ele se levantou e voltou infeliz para o acampamento, parando uma ou duas vezes para sentar, choramingar e escutar o chamado que ainda soava nas profundezas da floresta.

Na Floresta, o tempo da mãe com seu filhote é curto, mas, sob o domínio do homem, às vezes é até mais curto. Foi o que aconteceu a Caninos Brancos. Castor Cinza estava em dívida com Três Águias. Três Águias estava de partida, ia subir o Mackenzie até o Lago do Grande Escravo. Uma tira de tecido escarlate, uma pele de urso, vinte cartuchos e Kiche saldaram a dívida. Caninos Brancos viu a mãe ser levada a bordo da canoa de Três Águias, e tentou segui-la. Um golpe de Três Águias o atirou de volta para a terra. A canoa partiu. Ele pulou na água e nadou na direção da canoa, surdo aos gritos agudos de Castor Cinza para que retornasse. Até um animal-homem, um deus, Caninos Brancos ignorou, tal era o seu terror de perder a mãe.

Mas os deuses estão acostumados a serem obedecidos, e Castor Cinza lançou irado uma canoa na sua perseguição. Quando alcançou Caninos Brancos, estendeu o braço e, agarrando-o pela nuca, puxou-o para fora da água. Não o depositou logo no fundo da canoa. Segurando-o suspenso com uma das mãos, com a outra começou a bater no lobinho. E foi uma surra e tanto. A sua mão era pesada. Toda pancada era para machucar, e ele desferiu uma série de golpes.

Impelido pelos golpes que choviam sobre ele, ora de um lado, ora de outro, Caninos Brancos balançava de um lado para o outro como um pêndulo errático e espasmódico. Variáveis eram as emoções que se elevavam dentro dele. Primeiro, ficara surpreso. Depois surgiu um medo momentâneo, quando ganiu várias vezes com o impacto da mão. Mas isso foi logo seguido pela raiva. A sua natureza livre afirmou-se, e ele mostrou os dentes e rosnou destemidamente diante do deus irado. Isso só serviu para tornar o deus ainda mais irado. Os golpes caíam mais rápidos, mais pesados, mais para machucar.

Castor Cinza continuou a bater, Caninos Brancos continuou a rosnar. Mas isso não podia durar para sempre. Um ou outro devia ceder, e esse alguém foi Caninos Brancos. O medo cresceu mais uma vez dentro dele. Pela primeira vez estava realmente sendo dominado pela mão do homem. Os golpes ocasionais de paus e pedras antes experimentados eram carícias em comparação a isso. Ele sucumbiu e começou a gritar e ganir. Por algum tempo, cada golpe lhe arrancava novo ganido, mas o medo transformou-se em terror, até que

finalmente os ganidos eram emitidos numa sucessão ininterrupta, sem conexão com o ritmo do castigo.

Por fim, Castor Cinza deteve a mão. Caninos Brancos, molemente dependurado, continuava a gritar. Isso pareceu satisfazer o dono, que o atirou rudemente para o fundo da canoa. Nesse meio tempo, a canoa desceira a corrente à deriva. Castor Cinza pegou o remo. Caninos Brancos estava no seu caminho. O índio o empurrou selvagememente com o pé. Nesse momento, a natureza livre de Caninos Brancos teve novo lampejo, e ele afundou os dentes no pé coberto pelo mocassim.

A surra que acontecera antes não foi nada comparada com a surra que então recebeu. A ira de Castor Cinza era terrível, e igualmente terrível o pânico de Caninos Brancos. Não só a mão, mas também o remo duro de madeira foi usado sobre o lobinho; e todo o seu pequeno corpo estava ferido e machucado, quando foi novamente atirado para o fundo da canoa. De novo, e desta vez de propósito, Castor Cinza o chutou. Caninos Brancos não repetiu o ataque ao pé. Tinha aprendido outra lição do cativoiro. Nunca, não importa qual fosse a circunstância, devia ousar morder o deus que era seu senhor e dono; o corpo do senhor e dono era sagrado, não devia ser profanado pelos dentes de alguém como ele. Isso era evidentemente o crime dos crimes, a única ofensa para a qual não havia perdão, nem tolerância.

Quando a canoa tocou na margem, Caninos Brancos continuou deitado, imóvel e choramingando, à espera da vontade de Castor Cinza. Era vontade de Castor Cinza que ele fosse para a terra, pois foi atirado para a margem, caindo pesadamente sobre o lado e machucando de novo as feridas. Levantou-se tremendo e continuou a choramingar. Lip-lip, que observara todo o procedimento da margem, precipitou-se sobre ele, derrubando-o e afundando os dentes na sua carne. Caninos Brancos estava fraco demais para se defender, e as coisas teriam se tornado feias para ele, se o pé de Castor Cinza não tivesse disparado, levantando Lip-lip no ar com a sua violência, de modo que ele se esborrachou no chão a uns quatro metros de distância. Essa era a justiça do animal-homem; e mesmo então, no seu estado lamentável, Caninos Brancos sentiu uma pequena ponta de gratidão. No encaço de Castor Cinza, mancou obedientemente pela vila até a tenda. E assim Caninos Brancos veio a aprender que o direito de castigar era algo que os deuses reservavam para si e negavam às criaturas inferiores.

Naquela noite, quando tudo estava quieto, Caninos Brancos lembrou-se da mãe e chorou com a sua ausência. O seu lamento foi demasiado barulhento e acordou Castor Cinza, que bateu no filhote. Depois disso, ele passou a lamentar-se suavemente, quando os deuses estavam por perto. Mas às vezes, errando sozinho até a beirada da mata, ele dava vazão à sua dor e abria o berro com longos choros e gemidos.

Foi durante esse período que ele poderia ter escutado as lembranças da toca e da corrente, voltando a correr para a Floresta. Mas a lembrança da mãe o prendia. Assim como os animais-homens caçadores partiam e voltavam, ela voltaria para a vila um dia. Por isso, ele continuou no seu cativoiro esperando a mãe.

Mas não foi um cativoiro inteiramente infeliz. Havia muito a interessá-lo.

Algo estava sempre acontecendo. Não havia fim para as coisas estranhas que os deuses faziam, e ele estava sempre curioso para ver. Além disso, estava aprendendo a se dar com Castor Cinza. Obediência, uma obediência rígida e constante, era o que dele se esperava; em troca, escapava das surras e a sua existência era tolerada.

O próprio Castor Cinza às vezes até lhe atirava um pedaço de carne e o defendia dos outros cachorros que também queriam o festim. E esse pedaço de carne tinha valor. De um modo estranho, era mais valioso que uma dúzia de pedaços de carne atirados pela mão de uma índia. Castor Cinza nunca mimava, nem acariciava. Talvez tenha sido o peso da sua mão, talvez a sua justiça, talvez a sua força pura, talvez tenha sido tudo isso que influenciou Caninos Brancos; pois uma certa ligação estava se formando entre ele e seu rude senhor.

Insidiosamente, e de modos remotos, bem como pelo poder da maça, da pedra e da bofetada, os grilhões estavam sendo assentados sobre Caninos Brancos. As qualidades da sua espécie, que no início tornaram possível que os lobos se aproximassem das fogueiras dos homens, eram qualidades capazes de serem desenvolvidas. Estavam se expandindo dentro do seu ser, e a vida no acampamento, ainda que repleta de desgraças, começava a se tornar secretamente cara para ele. Mas Caninos Brancos disso não tinha consciência. Sabia apenas da dor pela perda de Kiche, da esperança de seu retorno, e de um desejo faminto pela vida livre que fora sua.

XI O PÁRIA

Lip-lip continuou a anuviar de tal modo os seus dias que Caninos Brancos tornou-se mais cruel e mais feroz do que seria seu direito natural. A selvageria fazia parte da sua constituição, mas a selvageria assim desenvolvida superou a sua constituição. Ele adquiriu uma reputação de maldade entre os próprios animais-homens. Sempre que havia encrenca e tumulto no acampamento, luta e disputa ou a gritaria de uma índia a respeito de um pedaço de carne roubado, era certo encontrar Caninos Brancos no meio e normalmente no fundo da confusão. Eles não se davam ao trabalho de cuidar das causas da sua conduta. Viam apenas os efeitos, e os efeitos eram ruins. Ele era um animal furtivo e ladrão, um criador de encrenca, um fomentador de discórdias; e as índias iradas lhe diziam na cara – enquanto ele as olhava alerta e prestes a evitar qualquer projétil rapidamente atirado –, que ele era um lobo sem valor e fadado a ter um fim ruim.

Ele se descobriu um pária no meio do acampamento populoso. Todos os cachorros jovens seguiam a liderança de Lip-lip. Havia uma diferença entre Caninos Brancos e eles. Talvez percebessem a sua origem selvagem e sentissem instintivamente por ele a inimizade que o cachorro doméstico sente pelo lobo. Mas, seja como for, eles se juntavam a Lip-lip na perseguição. E, uma vez declarada a guerra contra ele, encontravam boas razões para continuar essa guerra. Todos sem exceção, de tempos em tempos, sentiam a ação dos seus dentes; e, para o seu crédito, ele dava mais mordidas do que recebia. Muitos

deles Caninos Brancos podia derrotar numa luta a dois, mas a luta a dois lhe era negada. O início de uma luta dessas era um sinal para que todos os cachorros jovens do acampamento viessem correndo e caíssem de rijo sobre ele.

Dessa perseguição do bando, ele aprendeu duas coisas importantes: como cuidar de si mesmo numa luta contra um bando hostil; e como infligir a um cachorro sozinho o maior dano no mais breve espaço de tempo. Manter-se sobre as patas no meio da massa hostil significava vida, e isso ele aprendeu muito bem. Tornou-se felino na sua habilidade de manter-se sobre as patas. Até os cachorros crescidos podiam empurrá-lo para trás ou para o lado com o impacto de seus corpos pesados; e para trás ou para o lado ele ia, no ar ou deslizando no chão, mas sempre com as patas embaixo dele, cravadas na terra mãe.

Quando os cachorros brigam, há geralmente preliminares antes do combate real – rosnados, pelo eriçado, passos com as patas rígidas. Mas Caninos Brancos aprendeu a omitir essas preliminares. A demora significava receber o ataque de todos os cachorros jovens. Ele devia fazer o seu trabalho rapidamente e cair fora. Assim aprendeu a não avisar sobre as suas intenções. Atacava, mordida e retalhava imediatamente, sem avisos, antes que seu inimigo pudesse se preparar para enfrentá-lo. Assim aprendeu a infligir danos rápidos e severos. Também aprendeu o valor da surpresa. Um cachorro, pego desprevenido, o ombro aberto ou a orelha cortada em tiras antes que soubesse o que estava acontecendo, era um cachorro meio vencido.

Além disso, era extraordinariamente fácil derrubar um cachorro pego de surpresa, e um cachorro derrubado assim invariavelmente expunha por um momento o lado inferior macio de seu pescoço – o ponto vulnerável em que atacar a vida. Caninos Brancos conhecia esse ponto. Era um conhecimento que recebera como herança direta das inumeráveis gerações caçadoras de lobos. Assim o método de Caninos Brancos, quando assumia a ofensiva, era o seguinte: primeiro, encontrar um cachorro jovem sozinho; segundo, surpreendê-lo e derrubá-lo; e terceiro, enfiar os dentes na garganta macia.

Sendo apenas parcialmente crescido, as suas mandíbulas ainda não eram bastante grandes, nem bastante fortes para tornar mortal o seu ataque na garganta, mas muito cachorro jovem andava pelo acampamento com a garganta dilacerada, um sinal da intenção de Caninos Brancos. E certo dia, pegando um de seus inimigos sozinho na orla da mata, ele conseguiu, derrubando-o e atacando a garganta várias vezes, cortar a grande veia e deixar a vida se esvaír. Naquela noite, houve um grande tumulto. Ele fora observado, a notícia fora levada ao dono do cachorro morto, as índias se lembravam de todos os casos de carne roubada, e Castor Cinza foi cercado por muitas vozes zangadas. Mas ele resolutamente se postou na porta da sua tenda, dentro da qual tinha posto o culpado, e recusou-se a permitir a vingança que o pessoal da sua tribo pedia com clamor.

Caninos Brancos se tornou odiado pelos homens e pelos cachorros. Durante esse período de seu desenvolvimento, jamais conheceu um momento de segurança. Os dentes de todo cachorro estavam contra ele, as mãos de todo homem. Era saudado com rosnados pelos da sua espécie, com pragas e pedras pelos deuses. Vivía tenso. Estava sempre estimulado, alerta a qualquer ataque,

precauído contra investidas, atento a projéteis repentinos e inesperados, preparado para agir precipitada e friamente, para saltar dentro de uma briga com um lampejo das presas, ou para saltar para fora de uma briga com um rosnado ameaçador.

Quanto ao rosnado, ele podia rosnar mais terrivelmente do que qualquer cachorro, jovem ou velho, no acampamento. A intenção do rosnado é avisar ou assustar, sendo necessário discernimento para saber quando deve ser usado. Caninos Brancos sabia como rosnar e quando rosnar. No seu rosnado, ele incorporava tudo o que era perverso, maldoso e horrível. Com o focinho enrugado por contínuos espasmos, o pelo se eriçando em ondas recorrentes, a língua saindo de repente como uma serpente vermelha e voltando a entrar como um açoite, as orelhas achatadas, os olhos brilhando de ódio, os lábios arreganhados e as presas expostas e gotejantes, ele podia forçar uma pausa da parte de quase todos os atacantes. Uma pausa temporária, quando pego desprevenido, lhe dava o momento vital para pensar e determinar a sua ação. Muitas vezes, porém, uma pausa assim conquistada alongava-se até evoluir para uma completa suspensão do ataque. E, diante de mais de um dos cachorros crescidos, o rosnado de Caninos Brancos lhe permitiu uma retirada honrosa.

Um pária expulso do bando dos cachorros meio crescidos, os seus métodos sanguíneos e a sua extraordinária eficiência faziam o bando pagar pela perseguição feita a ele. Sem permissão para correr junto com o bando, a curiosa situação lograva que nenhum membro do grupo podia correr fora do bando. Caninos Brancos não o permitia. Por causa das suas táticas de guerrilha e emboscada, os cachorros jovens tinham medo de correr sozinhos. À exceção de Lip-lip, eram compelidos a se amontoar em busca de proteção contra o terrível inimigo que tinham feito. Um filhote sozinho pela margem do rio significava um filhote morto ou um filhote que despertava o acampamento com sua dor e terror agudos, enquanto fugia do filhote de lobo que o tinha emboscado.

Mas as represálias de Caninos Brancos não cessaram, mesmo quando os cachorros jovens aprenderam categoricamente que deviam permanecer juntos. Ele os atacava quando os pegava sozinhos, e eles atacavam quando estavam em bando. A visão de Caninos Brancos era o suficiente para fazer com que saíssem correndo atrás dele, e nessas horas a sua rapidez geralmente o levava para um porto seguro. Mas aí do cachorro que ultrapassasse seus companheiros nessa perseguição! Caninos Brancos aprendera a virar-se de repente contra o perseguidor à frente do bando e a retalhá-lo completamente, antes que o bando se aproximasse. Isso ocorria com grande frequência, pois, uma vez em plena perseguição, os cachorros ficavam propensos a perder a cabeça na excitação da caçada, enquanto Caninos Brancos jamais perdia a sua. Lançando olhares furtivos para trás enquanto corria, ele estava sempre pronto a girar nas patas e cair sobre o perseguidor exageradamente zeloso que ultrapassava seus companheiros.

Os cachorros jovens não podem deixar de brincar, por isso faziam das dificuldades da situação o seu brinquedo nessa guerra simulada. Foi assim que a caçada de Caninos Brancos tornou-se o seu jogo principal – um jogo mortal, além do mais, e em todos os momentos um jogo sério. Ele, por outro lado, sendo

o mais veloz, não tinha medo de se aventurar por toda parte. Durante o período em que esperava em vão pelo retorno da mãe, conduziu o bando por muitas perseguições selvagens através das matas adjacentes. Mas o bando invariavelmente o perdia. O barulho e alarido que faziam avisavam Caninos Brancos da sua presença, enquanto ele corria sozinho, com patas de veludo, silenciosamente, uma sombra em movimento entre as árvores à maneira de seu pai e sua mãe. Além disso, ele tinha conexões mais diretas com a Floresta e conhecia melhor os seus segredos e estratégias. Um de seus truques favoritos era perder o rastro na água corrente e depois deitar-se tranquilamente num matagal próximo, enquanto os gritos desconcertados dos cachorros se elevavam ao seu redor.

Odiado pela sua espécie e pelos homens, indomável, perpetuamente guerreado e travando uma guerra perpétua, o seu desenvolvimento foi rápido e unilateral. Não havia terreno em que a bondade e o afeto pudessem florescer. Dessas coisas, ele não tinha o menor vislumbre. O código que aprendeu era obedecer o forte e oprimir o fraco. Castor Cinza era um deus e um forte. Por isso, Caninos Brancos o obedecia. Mas um cachorro mais jovem ou menor era fraco, algo a ser destruído. Seu desenvolvimento foi na direção do poder. Para enfrentar o perigo constante de ferimentos e até de destruição, as suas faculdades predatórias e protetoras foram desmedidamente desenvolvidas. Ele tornou-se mais rápido nos movimentos do que os outros cachorros, mais veloz, mais astuto, mais mortal, mais ágil, mais magro com músculos e nervos de aço, mais resistente, mais cruel, mais feroz e mais inteligente. Teve de se tornar tudo isso, senão não teria se mantido firme, nem sobrevivido ao ambiente hostil em que se encontrava.

XII

A TRILHA DOS DEUSES

No outono do ano, quando os dias se tornavam mais curtos e o aperto da geada aparecia no ar, Caninos Brancos conseguiu a sua chance de liberdade. Durante vários dias tinha havido um grande rebuliço na vila. O acampamento de verão estava sendo desmantelado, e a tribo, com sacos e bagagens, preparava-se para partir rumo à caçada do outono. Caninos Brancos a tudo observava com olhos ansiosos, e quando as tendas começaram a vir abaixo e as canoas foram carregadas pela margem, ele compreendeu. Já as canoas partiam, e algumas tinham desaparecido pelo rio.

Deliberadamente, ele ficou para trás. Esperou a sua oportunidade de sair furtivamente do acampamento para a mata. Ali no rio de água corrente em que o gelo começava a se formar, escondeu o seu rastro. Depois arrastou-se para o coração de uma moita densa e esperou. Passou-se algum tempo, e ele dormiu intermitentemente por horas. Depois foi desperto pela voz de Castor Cinza chamando-o pelo nome. Havia outras vozes. Caninos Brancos podia escutar a índia de Castor Cinza tomando parte na busca, bem como Mit-sah, que era o filho de Castor Cinza.

Caninos Brancos tremia de medo e, embora lhe viesse o impulso de arrastar-se para fora de seu esconderijo, resistiu. Após algum tempo as vozes esmoreceram, e pouco depois ele saiu rastejando para gozar o sucesso de seu empreendimento. A escuridão baixava sobre a terra, e por um certo período ele brincou entre as árvores, sentindo prazer na sua liberdade. Depois, muito repentinamente, deu-se conta da solidão. Sentou-se para meditar, escutando o silêncio da floresta e perturbado por essa condição. Nada se movia, nem soava, parecia sinistro. Ele sentia o perigo à espreita, oculto e inimaginável. Suspeitava dos vultos gigantescos das árvores e das sombras escuras que podiam encobrir toda sorte de perigos.

Depois fazia frio. Ali não havia nenhum lado quente de uma tenda contra o qual se aconchegar. A geada estava nas suas patas, e ele não parava de levantar uma pata dianteira e depois a outra. Curvou o seu rabo peludo ao redor delas para cobri-las, e ao mesmo tempo teve uma visão. Não havia nada de estranho no que via. Na sua visão interior estava impressa uma sequência de imagens da memória. Via o acampamento de novo, as tendas e a chama das fogueiras. Escutava as vozes agudas das mulheres, os sons baixos e grosseiros dos homens, e o rosnado dos cachorros. Estava com fome, e lembrava-se dos pedaços de carne e peixe que lhe eram jogados. Ali não havia carne, nada senão um silêncio ameaçador que não era comestível.

O cativeiro o debilitara. A irresponsabilidade o enfraquecera. Tinha esquecido como se virar sozinho. A noite bocejava ao seu redor. Os seus sentidos, acostumados ao zumbido e alvoroço do acampamento, acostumados ao impacto contínuo de visões e sons, estavam agora ociosos. Não havia nada para fazer, nada para ver ou ouvir. Eles se esforçavam para captar alguma interrupção do silêncio e da imobilidade da natureza. Estavam apavorados com a inação e a sensação de algo terrível iminente.

Deu um grande pulo de susto. Algo colossal e informe estava se precipitando pelo campo de sua visão. Era a sombra de uma árvore lançada pela lua, de cuja face as nuvens tinham sido afastadas. Tranquilizado, choramingou baixinho; depois sufocou o choro por medo de que pudesse atrair a atenção dos perigos à espreita.

Uma árvore, contraindo-se no frio da noite, fez muito barulho. Estava bem acima da sua cabeça. Ele ganiu no seu susto. O pânico tomou conta de Caninos Brancos, e ele correu loucamente para a vila. Sentia um desejo irresistível da proteção e da companhia do homem. Nas suas narinas, estava o cheiro da fumaça do acampamento. Nos seus ouvidos, os sons do acampamento e os gritos ecoavam alto. Saiu da floresta e entrou na clareira iluminada pela lua, onde não havia sombras, nem escuridão. Mas nenhuma vila surgiu aos seus olhos. Ele se esquecera. A vila fora embora.

A sua corrida louca cessou abruptamente. Não havia lugar para onde fugir. Desamparado, andou furtivamente pelo acampamento desertado, cheirando os montes de lixo e os refugos dos deuses. Teria se sentido alegre com o chocalhar de pedras ao seu redor, atiradas por uma índia zangada, alegre com a mão de Castor Cinza descendo com raiva sobre ele, e teria acolhido com prazer Lip-lip e todo o bando covarde a rosnar.

Chegou ao lugar onde antes ficava a tenda de Castor Cinza. No centro do espaço que ela ocupara, ele se sentou. Apontou o focinho para a lua. Com a garganta atormentada por uns espasmos rígidos, a boca aberta, deixou borbulhar num grito de desgosto a sua solidão e medo, a sua dor por Kiche, todas as tristezas e desgraças passadas, bem como a sua apreensão pelos sofrimentos e perigos ainda por vir. Era o longo uivo do lobo, a garganta estufada de tristeza, o primeiro uivo que já emitira.

A chegada da luz do dia dissipou os seus medos, mas aumentou a sua solidão. A terra nua, que há tão pouco tempo fora tão populosa, impunha-lhe a solidão com mais força. Ele mergulhou na floresta e seguiu pela margem do rio corrente abaixo. Correu durante todo o dia. Não descansou. Parecia feito para correr eternamente. O seu corpo de ferro ignorava a fadiga. E mesmo depois que a fadiga chegou, a sua herança de resistência o retesou para um esforço ilimitado, e tornou-o capaz de impelir para frente o seu corpo cheio de queixas.

Nos lugares em que o rio volteava contra ribanceiras escarpadas, ele subia por trás das altas montanhas. Os rios e as correntes que entravam no rio principal, ele vadeava ou atravessava a nado. Muitas vezes seguiu pelo gelo da beirada que estava começando a se formar, e mais de uma vez rompeu a camada de gelo e lutou pela vida na corrente gelada. Estava sempre à procura da trilha dos deuses, naqueles pontos em que esse rastro poderia se afastar do rio e prosseguir para o interior.

Caninos Brancos era mais inteligente que a média da sua espécie, mas a sua visão mental não era ampla o bastante para abranger a outra margem do Mackenzie. E se o rastro dos deuses prosseguisse por aquele lado? Isso nunca lhe passou pela cabeça. Mais tarde, quando já fosse mais viajado, mais velho e mais sábio, mais conhecedor das trilhas e dos rios, talvez pudesse reconhecer e compreender essa possibilidade. No momento corria cego, considerando nos seus cálculos apenas a margem do Mackenzie em que se encontrava.

Correu a noite toda, tropeçando na escuridão em contratempos e obstáculos que o retardavam, mas não o desencorajavam. No meio do segundo dia, já corria sem parar por trinta horas, e o ferro da sua carne estava cedendo. Era a resistência da sua mente que o mantinha em movimento. Não comera nada em quarenta horas e estava fraco de fome. Os mergulhos repetidos na água gelada tinham igualmente produzido um efeito sobre seu corpo. O pelo estava enxovalhado. As almofadas largas das patas estavam feridas e sangrando. Tinha começado a mancar, e esse caminhar claudicante aumentava com as horas. Para piorar a situação, a luz do céu obscureceu e começou a nevar – uma neve fria, molhada, derretida, aderente, escorregadia, que lhe ocultava a paisagem que percorria, e que cobria as desigualdades do terreno de modo que o caminho ficava mais difícil e doloroso para as suas patas.

Castor Cinza pretendia acampar naquela noite na outra margem do Mackenzie, pois era nessa direção que estava a caça. Mas na margem do lado de cá, pouco antes do escurecer, um alce, descendo para beber água, fora espiado por Kloo-kooch, que era a índia de Castor Cinza. Ora, se o alce não tivesse vindo beber na corrente, se Mit-sah não tivesse se afastado da rota por causa da neve, se Kloo-kooch não tivesse avistado o alce, e se Castor Cinza não o tivesse matado

com um tiro certo de seu rifle, todas as coisas subsequentes teriam ocorrido de modo diverso. Castor Cinza não teria acampado no lado de cá do Mackenzie, e Caninos Brancos teria passado por ali e seguido adiante, quer para morrer, quer para voltar a se integrar a seus irmãos e transformar-se num deles – um lobo até o fim de seus dias.

A noite caía. A neve caía mais densa, e Caninos Brancos, choramingando baixinho enquanto tropeçava e mancava pelo caminho, encontrou um rastro fresco na neve. Tão fresco que logo soube do que se tratava. Gemendo de ansiedade, afastou-se da margem do rio e entrou no meio das árvores. Os sons do acampamento chegaram a seus ouvidos. Viu a chama do fogo, Kloo-kooch cozinhando, e Castor Cinza acororado sobre o traseiro e mascando um naco de sebo cru. Havia carne fresca no acampamento!

Caninos Brancos esperava uma surra. Encolheu-se e eriçou um pouco o pelo diante dessa ideia. Depois voltou a seguir em frente. Sentia medo e repugnância pela surra que sabia estar à sua espera. Mas sabia, além disso, que o conforto do fogo seria seu, a proteção dos deuses, a companhia dos cachorros – essa última uma companhia de inimizade, mas ainda assim uma companhia que satisfazia suas necessidades gregárias.

Encolhendo-se e arrastando-se, aproximou-se da luz do fogo. Castor Cinza o viu e parou de mascar o seu pedaço de sebo. Caninos Brancos arrastava-se lentamente, encolhido e prostrado no aviltamento da sua degradação e submissão. Arrastou-se até Castor Cinza, cada centímetro do trajeto tornando-se mais lento e mais doloroso. Por fim deitou-se aos pés do dono, a cujo domínio agora se rendia, voluntariamente, de corpo e alma. Por sua própria escolha, veio sentar-se perto do fogo do homem e obedecer ao seu comando. Caninos Brancos tremia, esperando o castigo cair sobre o seu corpo. Houve um movimento na mão acima da sua cabeça. Ele se encolheu involuntariamente sob o golpe esperado. Mas esse não veio. Lançou um olhar furtivo para cima. Castor Cinza estava quebrando o pedaço de sebo pela metade! Castor Cinza estava lhe oferecendo um pedaço de sebo! Muito de leve e com um pouco de suspeitas, ele primeiro cheirou o sebo e depois começou a comê-lo. Castor Cinza mandou que trouxessem carne para Caninos Brancos, e defendeu-o dos outros cachorros enquanto ele comia. Depois disso, grato e contente, Caninos Brancos deitou-se aos pés de Castor Cinza, fitando o fogo que o aquecia, piscando e cochilando, seguro por saber que a manhã o encontraria, não errando desesperado pela floresta sombria, mas no acampamento dos animais-homens, com os deuses a quem se entregara e dos quais agora dependia.

XIII

A ALIANÇA

Quando dezembro já ia bem adiantado, Castor Cinza partiu numa viagem Mackenzie acima. Mit-sah e Kloo-kooch foram junto. Um dos trenós ele próprio dirigia, puxado por cachorros que tinha negociado ou tomado de empréstimo. Um segundo trenó menor era dirigido por Mit-sah, e a esse foi arreada uma

matilha de filhotes. Era mais um brinquedo do que qualquer outra coisa, mas constituía o prazer de Mit-sah, que tinha a sensação de estar começando a fazer o trabalho de um homem no mundo. Além disso, estava aprendendo a dirigir e a treinar os cachorros, enquanto os filhotes eram ensinados a suportar os arreios. Ainda por cima, o trenó prestava algum serviço, pois carregava quase noventa quilos de equipamento e alimentos.

Caninos Brancos já tinha visto os cachorros do acampamento labutando nos arreios, de modo que não se ressentiu muito quando lhe puseram os arreios pela primeira vez. Ao redor de seu pescoço foi colocada uma coleira estofada com musgo, que era ligada por dois tirantes a uma cinta que passava ao redor de seu peito e sobre o seu lombo. Era nessa cinta que estava amarrada a longa corda pela qual ele puxava o trenó.

Havia sete filhotes na matilha. Os outros tinham nascido antes e estavam com nove e dez meses de idade, enquanto Caninos Brancos tinha apenas oito meses. Cada cachorro era amarrado ao trenó por uma única corda. Nenhuma corda era do mesmo tamanho, e a diferença em comprimento entre duas cordas quaisquer era pelo menos a do corpo de um cachorro. Cada corda ficava presa a uma argola na parte dianteira do trenó. O próprio trenó não tinha patins, era um tobogã de casca de bétula, com a extremidade virada para cima para sulcar a neve. Essa construção permitia que o peso e a carga do trenó fossem distribuídos sobre a maior superfície de neve, pois a neve era pó de cristal e muito macia. Observando o mesmo princípio da distribuição mais ampla de peso, os cachorros nas pontas de suas cordas irradiavam como um leque da parte dianteira do trenó, de modo que nenhum cachorro atropelava os passos dos outros.

Havia, além disso, outra virtude na formação em leque. As cordas de comprimento variável impediam que os cachorros atacassem por trás aqueles que corriam na frente. Para um cachorro atacar o outro, teria de se virar contra um que estivesse numa corda mais curta. Nesse caso, se veria face a face com o cachorro atacado, mas também tendo de enfrentar o chicote do condutor. Porém, a virtude mais peculiar de todas residia no fato de que o cachorro que procurava atacar o outro na sua frente devia puxar o trenó com mais força, e quanto mais rápido corria o trenó, mais rápido o cachorro atacado podia fugir. Assim o cachorro de trás nunca conseguia alcançar o da frente. Quanto mais rápido corria, mais rápido corria o perseguido, e mais rápido corriam todos os cachorros. Incidentalmente, o trenó deslizava mais rápido, e assim, por uma astúcia indireta, o homem aumentava o seu domínio sobre os animais.

Mit-sah se parecia com o pai, de quem possuía grande parte da sabedoria cinzenta. No passado, tinha observado a perseguição de Lip-lip contra Caninos Brancos, mas naquela época Lip-lip pertencia a outro homem, e Mit-sah nunca tinha ousado mais do que atirar disfarçadamente uma pedra ocasional contra ele. Mas agora Lip-lip era o seu cachorro, e ele passou a se vingar, colocando-o na ponta da corda mais longa. Isso tornava Lip-lip o líder, o que era aparentemente uma honra, mas na realidade lhe roubava toda a honra, pois, em vez de ser o valentão e o senhor do bando, ele agora se via odiado e perseguido pelo bando.

Como ele corria na ponta da corda mais longa, os cachorros sempre tinham a visão de Lip-lip correndo na sua frente. Tudo o que viam dele era o rabo peludo e

as patas traseiras em fuga – uma visão muito menos feroz e amedrontadora do que o pelo eriçado na cabeça e as presas brilhantes. Além disso, conforme a maneira de pensar dos cachorros, a visão dele correndo à frente provocava o desejo de persegui-lo e o sentimento de que ele fugia do bando.

No momento em que partia o trenó, o bando saía atrás de Lip-lip numa perseguição que se estendia por todo o dia. A princípio ele se mostrara propenso a se virar contra os perseguidores, cioso da sua dignidade e cheio de raiva; mas nessas horas, Mit-sah lançava-lhe no focinho o chicote picante de nove metros feito de tripa de caribu, compelindo-o a virar as costas e correr adiante. Lip-lip podia enfrentar o bando, mas não conseguia enfrentar aquele chicote, e só lhe restava manter esticada sua longa corda e os flancos bem à frente dos dentes dos companheiros.

Mas uma astúcia ainda maior estava à espreita nos recessos da mente indígena. Para dar motivos a uma perseguição interminável do líder, Mit-sah o favorecia mais que aos outros cachorros. Esses favores provocavam no bando inveja e ódio. Na sua presença, Mit-sah dava carne a Lip-lip, e só a ele. Isso enlouquecia os outros. Eles se enfureciam ao redor, mal e mal fora do alcance dos golpes de chicote, enquanto Lip-lip devorava a carne e Mit-sah o protegia. E quando não havia carne para dar, Mit-sah mantinha o bando a distância e fazia de conta que dava carne a Lip-lip.

Caninos Brancos trabalhava com vontade. Já tinha percorrido uma distância maior que os outros cachorros na entrega de si mesmo à regra dos deuses, e aprendera mais cabalmente a inutilidade de se opor à sua vontade. Além disso, a perseguição que sofrera do bando tornara os cachorros menos importantes no seu esquema das coisas, e o homem mais valioso. Ele não aprendera a depender da companhia da sua espécie. E mais, Kiche estava quase esquecida, e a principal vazão de expressão que lhe restava estava na lealdade que oferecia aos deuses que aceitara como senhores. Assim ele trabalhava duro, aprendia a disciplina e era obediente. A lealdade e a boa vontade caracterizavam a sua labuta. Esses são traços essenciais do lobo e do cão selvagem quando domesticados, e esses traços Caninos Brancos possuía em medida inusitada.

Havia uma união entre Caninos Brancos e os outros cachorros, mas era de guerra e inimizade. Ele nunca aprendera a brincar com os outros. Sabia apenas como brigar, e brigar era o que fazia, devolvendo-lhes centuplicadas as mordidas e as cuteladas que lhe tinham dado nos dias em que Lip-lip era o líder do bando. Mas Lip-lip já não era líder – exceto quando corria diante de seus companheiros na ponta da sua corda, o trenó atrás saltando pelo caminho. No acampamento, ele mantinha-se perto de Mit-sah, Castor Cinza ou Kloo-kooch. Não se arriscava a se afastar dos deuses, pois agora as presas de todos os cachorros estavam contra ele, e Lip-lip provava até a última gota a perseguição que Caninos Brancos experimentara.

Com a derrubada de Lip-lip, Caninos Brancos poderia ter se tornado o líder do bando. Mas era demasiado soturno e solitário para isso. Ele meramente retalhava seus companheiros de matilha. Quanto ao mais, ignorava-os. Eles saíam do seu caminho, quando ele aparecia, nem o mais audacioso deles ousava lhe roubar o pedaço de carne. Ao contrário, devoravam a sua porção apressadamente, por

medo de que ele lhes tirasse o pedaço de carne. Caninos Brancos conhecia bem a lei: oprimir os fracos e obedecer aos fortes. Comia a sua porção o mais rápido possível. E então aí do cachorro que ainda não tivesse terminado a sua! Um rosnado e um lampejo das presas, e aquele cachorro ia chorar a sua indignação às estrelas desconsoladas, enquanto Caninos Brancos acabava a sua porção para ele.

De vez em quando, entretanto, um ou outro cachorro se inflamava de revolta, para ser logo dominado. Assim Caninos Brancos se exercitava. Era cioso do isolamento em que se mantinha no meio do bando, e lutava frequentemente para conservá-lo. Mas essas lutas eram de curta duração. Ele era rápido demais para os outros. Eles se viam com feridas abertas e sangrando, antes que soubessem o que tinha acontecido, recebiam vergastadas quase antes de começarem a brigar.

Tão rígida quanto a disciplina dos trenós era a disciplina mantida por Caninos Brancos entre seus companheiros. Nunca lhes permitia nenhuma liberdade de ação. Obrigava-os a observar um respeito constante. Podiam fazer o que quisessem entre eles. Isso não lhe interessava. Mas interessava-lhe que o deixassem em paz no seu isolamento, saíssem do seu caminho quando decidia caminhar na sua companhia, e sempre reconhecessem o seu domínio sobre eles. Uma sugestão de patas enrijecidas da parte dos companheiros, um lábio arreganhado ou um pelo eriçado, e ele saltava sobre eles, impiedoso e cruel, convencendo-os rapidamente do erro da sua conduta.

Era um tirano monstruoso. O seu domínio era rígido como aço. Oprimia os fracos com vingança. Não era por nada que fora exposto à luta cruel pela vida nos seus dias de filhote, quando a mãe e ele, sozinhos e sem ajuda, cuidavam de si e sobreviviam no ambiente feroz da Floresta. E não era por nada que aprendera a caminhar suavemente, quando a força superior passava. Ele oprimia os fracos, mas respeitava os fortes. E, ao longo da grande viagem com Castor Cinza, caminhava de um modo realmente suave entre os cachorros crescidos nos acampamentos dos estranhos animais-homens que tinha encontrado.

Os meses se passavam. Ainda continuava a viagem de Castor Cinza. A força de Caninos Brancos se desenvolvia pelas longas horas na trilha e pela constante labuta no trenó, e seu desenvolvimento mental parecia estar quase completo. Ele começara a conhecer bem minuciosamente o mundo em que vivia. A sua perspectiva era sombria e materialista. O mundo que via era um mundo feroz e brutal, um mundo sem afetos, um mundo em que não existiam as carícias, a afeição e os encantos radiantes do espírito.

Ele não tinha afeto por Castor Cinza. Certo, era um deus, mas um deus muito selvagem. Caninos Brancos sentia-se feliz reconhecendo a autoridade de Castor Cinza, mas era uma autoridade baseada na inteligência superior e na força bruta. Havia algo na fibra do ser de Caninos Brancos que tornava essa autoridade um objeto de desejo, senão ele não teria voltado da Floresta para oferecer a sua lealdade ao animal-homem. Havia regiões profundas na sua natureza que nunca tinham sido sondadas. Uma palavra bondosa, uma carícia da mão, por parte de Castor Cinza, poderia ter sondado essas profundezas, mas Castor Cinza não acariciava, nem falava palavras bondosas. Não era o seu jeito de ser. A sua primazia era selvagem, e ele governava selvemente, fazendo justiça com um

macete, punindo a transgressão com a dor de um golpe, e recompensando o mérito com o golpe evitado, jamais com a bondade.

Assim Caninos Brancos nada sabia do céu que a mão de um homem podia conter para ele. Além disso, não gostava das mãos dos animais-homens. Suspeitava delas. Era verdade que elas às vezes lhe davam pedaços de carne, mas o mais frequente era que infligissem dor. As mãos eram coisas das quais devia manter-se longe. Elas atiravam pedras, brandiam paus e chicotes, davam bofetadas e tapas e, quando o tocavam, tinham o intuito de machucá-lo com beliscões, torções e puxões. Nas vilas estranhas, descobrira as mãos das crianças e aprendera que elas eram cruéis no seu desejo de machucar. Além disso, certa vez um indiozinho de caminhar ainda vacilante quase lhe arrancara um olho. Por causa dessas experiências, ele suspeitava de todas as crianças. Não conseguia tolerá-las. Quando elas se aproximavam com suas mãos sinistras, ele se levantava.

Foi numa vila no Lago do Grande Escravo que, no decurso do seu ressentimento contra o mal das mãos dos animais-homens, ele veio a modificar a lei que tinha aprendido com Castor Cinza, a de que o crime imperdoável era morder um dos deuses. Nessa vila, segundo o costume de todos os cachorros em todas as vilas, Caninos Brancos saiu para roubar comida. Um menino estava cortando carne de alce congelada com um machado, e as lascas voavam na neve. Deslizando em busca de carne, Caninos Brancos parou e começou a comer as lascas. Observou o menino pôr o machado no chão e pegar um macete forte. Caninos Brancos pulou para longe, bem a tempo de escapar do golpe que já descia. O menino o perseguiu, e ele, um estranho na vila, fugiu entre duas tendas, para se ver acuado contra uma ribanceira elevada.

Não havia saída para Caninos Brancos. O único caminho de fuga era entre as duas tendas, e ali o menino o vigiava. Segurando o macete preparado para atacar, aproximou-se da vítima encurralada. Caninos Brancos estava furioso. Enfrentou o menino, o pelo eriçado e rosnando, seu senso de justiça ultrajado. Conhecia a lei do saque. Todos os restos de carne, como as lascas congeladas, pertenciam ao cachorro que os encontrasse. Ele não fizera nada de errado, não violara nenhuma lei, mas ali estava aquele menino preparado para lhe dar uma surra. Caninos Brancos mal soube o que aconteceu. Agiu num ímpeto de raiva. E agiu tão rapidamente que o menino também não entendeu o que acontecia. O que o menino percebeu foi apenas que de alguma maneira inexplicável fora derrubado na neve, e que a mão agarrada ao macete fora rasgada pelos dentes de Caninos Brancos.

Mas Caninos Brancos sabia que tinha violado a lei dos deuses. Enfiara os dentes na carne sagrada de um deles, e só podia esperar um castigo muito terrível. Fugiu para perto de Castor Cinza, atrás de cujas pernas protetoras se encolheu, quando o menino mordido e a família do menino apareceram exigindo vingança. Mas eles foram embora sem satisfazer seu desejo de vingança. Castor Cinza defendeu Caninos Brancos. E Mit-sah e Kloo-kooch também o defenderam. Escutando a guerra de palavras e observando os gestos zangados, Caninos Brancos entendeu que seu ato era justificado. E assim veio a aprender que havia deuses e deuses. Havia os seus deuses, e havia outros deuses, e entre

eles havia uma diferença. Justiça ou injustiça, era tudo o mesmo, ele devia aceitar tudo das mãos de seus deuses. Mas não era obrigado a aceitar injustiça dos outros deuses. Era privilégio seu manifestar a sua indignação com os dentes. E essa também era uma lei dos deuses.

Antes do fim do dia, Caninos Brancos aprenderia mais sobre essa lei. Mit-sah, sozinho, colhendo gravetos para a fogueira na floresta, encontrou o menino que fora mordido. Com ele estavam outros meninos. Trocaram palavras acaloradas. Depois todos os meninos atacaram Mit-sah. Estava sendo duro para ele. Os golpes choviam de todos os lados. Caninos Brancos primeiro observou. Era uma briga dos deuses, não era assunto seu. Depois compreendeu que era Mit-sah, um de seus deuses particulares, que estava sendo maltratado. Não foi um movimento raciocinado que levou Caninos Brancos a fazer o que então fez. Um ímpeto louco de raiva o lançou entre os combatentes. Cinco minutos mais tarde, o cenário estava coberto de meninos em fuga, muitos dos quais pingavam sangue sobre a neve, um sinal de que os dentes de Caninos Brancos não tinham estado ociosos. Quando Mit-sah contou a sua história no acampamento, Castor Cinza mandou que dessem carne a Caninos Brancos. Mandou que dessem muita carne, e Caninos Brancos, saciado e sonolento perto do fogo, compreendeu que a lei fora confirmada.

Foi na linha dessas experiências que Caninos Brancos veio a aprender a lei da propriedade e o dever da defesa da propriedade. Da proteção do corpo de seu deus à proteção das posses de seu deus foi um passo, e esse passo ele deu. O que era do seu deus devia ser defendido contra o mundo – mesmo ao preço de morder outros deuses. Esse não só era um ato de natureza sacrilégio, mas carregado de perigo. Os deuses eram todo-poderosos, e um cachorro não era páreo para eles; ainda assim Caninos Brancos aprendeu a enfrentá-los, ferozmente beligerante e destemido. O dever elevava-se acima do medo, e os deuses ladrões aprenderam a deixar a propriedade de Castor Cinza em paz.

Um dado a esse respeito Caninos Brancos aprendeu rapidamente, e foi que um deus ladrão era normalmente um deus covarde e inclinado a fugir ao som do alarme. Além disso, aprendeu que se passava um tempo muito curto entre o barulho do alarme e a vinda de Castor Cinza para ajudá-lo. Aprendeu que não era medo dele o que fazia o ladrão se afastar, mas medo de Castor Cinza. Caninos Brancos não dava o alarme latindo. Ele jamais latia. Seu método era lançar-se contra o intruso e afundar os dentes onde pudesse. Como era solitário, não tendo relação com os outros cachorros, estava extraordinariamente preparado para guardar a propriedade de seu mestre, e nisso era encorajado e treinado por Castor Cinza. Um dos resultados dessa prática foi tornar Caninos Brancos mais feroz e indomável, e ainda mais solitário.

Os meses se passavam, tornando cada vez mais forte a aliança entre o cão e o homem. Era o antigo pacto que o primeiro lobo que saiu da Floresta firmou com o homem. E, como todos os sucessivos lobos e cães selvagens que tinham agido de maneira semelhante, Caninos Brancos elaborou o pacto para si mesmo. Os termos eram simples. Pela posse de um deus de carne e osso, ele dava em troca a sua liberdade. Comida e fogo, proteção e companhia, eram algumas das coisas que recebia do deus. Em troca, guardava a propriedade do deus, defendia

o seu corpo, trabalhava para ele e o obedecia.

A posse de um deus implicava serviço. O de Caninos Brancos era um serviço de dever e reverência, mas não de amor. Ele não sabia o que era amor. Não tinha experiência do amor. Kiche era uma lembrança remota. Além disso, ele não só abandonara a Floresta e a sua espécie quando se entregara ao homem, como os termos do pacto eram tais que, se voltasse a encontrar Kiche algum dia, não abandonaria o seu deus para acompanhá-la. A sua lealdade para com o homem parecia de certa forma uma lei maior dentro de si do que o amor pela liberdade, espécie e família.

XIV A FOME

A primavera do ano já estava despontando, quando Castor Cinza terminou a sua longa viagem. Era abril, e Caninos Brancos tinha um ano quando entrou na vila natal e foi desarreado por Mit-sah. Embora ainda longe do pleno crescimento, Caninos Brancos, depois de Lip-lip, era o maior filhote de um ano da vila. Tanto do pai, o lobo, como de Kiche, ele tinha herdado a estatura e a força, e já estava à altura dos cachorros adultos. Mas ainda não crescera em peso. Seu corpo era esbelto e esguio, e a sua força mais fibrosa que maciça. Seu pelo era o verdadeiro cinza de lobo, e ao que tudo indicava ele mesmo era um verdadeiro lobo. O quarto de linhagem de cachorro que herdara de Kiche não tinha deixado marca física em Caninos Brancos, embora desempenhasse seu papel na sua constituição mental.

Ele passeou pela vila, reconhecendo com uma serena satisfação os vários deuses que tinha conhecido antes da longa viagem. Depois havia os cachorros, filhotes crescendo como ele próprio, e os cachorros adultos que não pareciam tão grandes e formidáveis como nas lembranças que deles guardava. Além disso, tinha menos medo deles do que antes, caminhando no seu meio com uma certa tranquilidade descuidada que lhe era tão nova quanto agradável.

Havia Baseek, um velho cachorro grisalho que nos seus dias mais jovens só precisava mostrar as presas para fazer Caninos Brancos dar meia volta encolhido de medo. Com ele Caninos Brancos tinha aprendido muito sobre a sua própria insignificância, e com ele devia agora aprender muito sobre a mudança e o desenvolvimento que tinha ocorrido nele próprio. Enquanto Baseek tornava-se mais fraco com a idade, Caninos Brancos tornava-se mais forte com a juventude.

Foi no corte de um alce, recém-morto, que Caninos Brancos aprendeu como tinham mudado as suas relações com o mundo dos cachorros. Ele pegara para si uma pata e parte da tibia, à qual estava ligado um bom pedaço de carne. Afastado do amontoado dos outros cachorros – na verdade, atrás de uma moita, longe dos olhos de todos –, estava devorando o seu pedaço, quando Baseek precipitou-se sobre ele. Antes que soubesse o que estava fazendo, Caninos Brancos já mordera o intruso duas vezes e saltara para longe. Baseek foi surpreendido pela temeridade e rapidez do ataque do outro. Ficou olhando

estupidamente para Caninos Brancos, a tibia vermelha e crua entre eles.

Baseek estava velho, e já tivera a oportunidade de conhecer a coragem crescente dos cachorros que antes costumava maltratar. Experiências amargas, que engolia à força, reunindo toda a sua sabedoria para enfrentá-las. Nos dias passados, teria pulado sobre Caninos Brancos numa fúria cheia de razões. Mas agora os seus poderes em declínio não lhe permitiam essa atitude. Eriçou o pelo com ferocidade e olhou sinistramente sobre a tibia para Caninos Brancos. Esse, ressuscitando grande parte do antigo temor reverente, pareceu esmorecer, encolher-se e apequenar-se, enquanto procurava na sua mente um meio de bater em retirada de um modo que não fosse demasiado inglório.

E foi nesse momento que Baseek errou. Se tivesse se contentado em olhar feroz e sinistramente, tudo teria saído bem. Prestes a bater em retirada, Caninos Brancos teria se afastado, deixando-lhe o pedaço de carne. Mas Baseek não esperou. Considerou que a vitória já era sua, e avançou para a carne. Enquanto inclinava a cabeça descuidado para cheirá-la, Caninos Brancos eriçou um pouco o pelo. Mesmo então, ainda não era tarde demais para que Baseek salvasse a situação. Se tivesse simplesmente parado sobre o pedaço de carne, a cabeça erguida e o olhar furioso, Caninos Brancos teria acabado por se afastar furtivamente. Mas a carne fresca cheirava forte nas narinas de Baseek, e a ganância o forçou a pegar um pedaço.

Isso foi demais para Caninos Brancos. Com a lembrança recente de seus meses de domínio sobre os companheiros da matilha do trenó, estava acima de seu autocontrole ficar sem fazer nada, enquanto outro devorava a carne que lhe pertencia. Atacou, segundo seu costume, sem avisar. Com a primeira mordida, a orelha direita de Baseek foi rasgada em tiras. O cachorro mais velho ficou espantado com a subitaneidade do ataque. Porém mais coisas, e coisas muito atroz, estavam acontecendo com igual subitaneidade. Ele foi derrubado. A garganta foi mordida. Enquanto lutava para se pôr de novo em pé, o cachorro jovem enterrou os dentes duas vezes no seu ombro. A rapidez de tudo era estonteante. Baseek atacou em vão Caninos Brancos, cortando o ar vazio com uma mordida ultrajada. No momento seguinte, seu focinho estava aberto e ele se afastava cambaleante do pedaço de carne.

A situação era agora invertida. Caninos Brancos estava sobre a tibia, o pelo eriçado e o olhar ameaçador, enquanto Baseek mantinha-se um pouco afastado, preparando a retirada. Não ousou arriscar uma luta com esse jovem relâmpago, e novamente teve consciência, ainda com mais amargura, do enfraquecimento da velhice que se aproximava. A sua tentativa de manter a dignidade foi heroica. Virando calmamente as costas para o jovem cachorro e a tibia, como se ambos estivessem abaixo da sua atenção e não merecessem a sua consideração, ele se afastou com passos largos e grandiosos. Nem parou, enquanto ainda estava à vista de todos, para lamber as feridas sangrentas.

O efeito em Caninos Brancos foi adquirir mais confiança em si mesmo, e um orgulho maior. Caminhava menos de mansinho entre os cachorros adultos, e sua atitude para com eles era menos transigente. Não que deixasse seus afazeres para procurar encrenca. Longe disso. Mas naquilo que fazia exigia consideração. Insistia no seu direito de seguir o seu caminho sem ser molestado, e não dava

passagem a nenhum outro cachorro. Ele tinha de ser levado em consideração, só isso. Já não devia ser desconsiderado e ignorado, como era o bando de filhotes e como continuava a ser o bando de filhotes que eram seus companheiros na matilha do trenó. Eles saíam do caminho, abriam passagem para os cachorros adultos, e deixavam que outros comessem a sua carne sob coação. Mas Caninos Brancos, sem companhia, solitário, sinistro, mal olhando para a direita e para a esquerda, temível, de aspecto ameaçador, distante e alheio, era aceito como um igual pelos perplexos cachorros mais velhos. Todos aprenderam rapidamente a deixá-lo em paz, não se arriscando a travar hostilidades, nem a dar mostras de grande amizade. Se o deixavam sozinho, ele os deixava sozinhos – uma situação que, depois de algumas lutas, achavam ser preeminentemente desejável.

No meio do verão, Caninos Brancos teve uma experiência. Caminhando na sua maneira silenciosa para investigar uma nova tenda que fora armada na beira da vila enquanto ele estava fora com os caçadores perseguindo alces, deu de cara com Kiche. Parou e olhou para a mãe. Lembrava-se dela vagamente, mas ele lembrava-se dela, o que era mais do que se podia dizer da mãe. Ela ergueu o lábio para ele no antigo rosnado de ameaça, e a sua lembrança tornou-se nítida. A sua infância esquecida, tudo o que era associado com esse rosnado familiar, precipitou-se de volta na sua mente. Antes do seu conhecimento dos deuses, ela fora para Caninos Brancos o centro do universo. Os antigos sentimentos familiares daquele tempo retornaram, cresceram dentro de seu ser. Saltou alegremente ao seu encontro, e ela o recebeu com presas cortantes que lhe abriram a bochecha até o osso. Ele não compreendeu. Recuou, confuso e perplexo.

Mas não era culpa de Kiche. Não era da natureza de uma loba mãe lembrar-se dos filhotes de um ano e pouco atrás. Portanto ela não se lembrava de Caninos Brancos. Ele era um animal estranho, um intruso; e a sua atual ninhada de filhotes lhe dava o direito de não gostar dessa intromissão.

Um dos filhotes se espalhou até Caninos Brancos. Eram meio-irmãos, só que não sabiam disso. Caninos Brancos cheirou o filhote com curiosidade, e depois disso Kiche jogou-se em cima dele, abrindo a sua face pela segunda vez. Ele recuou ainda para mais longe. Todas as antigas lembranças e associações morreram mais uma vez e foram enterradas na sepultura de onde tinham sido ressuscitadas. Ele olhou para Kiche que lambia o filhote, parando de vez em quando para lhe rosnar. Ela já não tinha valor para Caninos Brancos. Ele aprendera a se virar sem ela. O seu significado estava esquecido. Não havia lugar para ela no seu esquema de vida, assim como não havia lugar para ele no esquema de vida de Kiche.

Ele ainda estava parado, estúpido e perplexo, as lembranças esquecidas, perguntando-se o que tudo aquilo queria dizer, quando Kiche o atacou uma terceira vez, decidida a afastá-lo completamente da vizinhança. E Caninos Brancos deixou que ela o afastasse. Tratava-se de uma fêmea, e era uma lei da sua espécie que os machos não deviam lutar com as fêmeas. Ele nada sabia dessa lei, pois não era uma generalização da sua mente, nem um conhecimento adquirido pela experiência no mundo. Ele a conhecia por um estímulo secreto, como um impulso do instinto – do mesmo instinto que o fazia uivar para a lua e as

estrelas, e que o levava a temer a morte e o desconhecido.

Os meses se passaram. Caninos Brancos tornou-se mais forte, mais pesado e mais compacto, enquanto o seu caráter desenvolvia-se segundo as linhas traçadas pela sua hereditariedade e seu meio ambiente. O seu legado hereditário era uma matéria de vida que podia ser comparada com a argila. Possuía muitas possibilidades, era capaz de ser modelada em muitas formas diferentes. O meio ambiente serviu para modelar a argila, dar-lhe uma forma particular. Assim, se Caninos Brancos nunca tivesse se aproximado dos fogos do homem, a Floresta o teria moldado num verdadeiro lobo. Mas os deuses lhe tinham proporcionado um ambiente diferente, e ele foi moldado num cachorro que tinha muito de lobo, mas que era um cachorro, e não um lobo.

E assim, segundo a argila de sua natureza e a pressão das circunstâncias, o seu caráter estava sendo moldado de uma certa forma particular. Não havia como escapar disso. Estava se tornando mais sinistro, mais insociável, mais solitário, mais feroz, enquanto os cachorros aprendiam cada vez mais que era melhor a paz do que a guerra com ele, e a cada dia que passava Castor Cinza mais o valorizava.

Parecendo adquirir força em todas as suas qualidades, Caninos Brancos ainda assim sofria de uma fraqueza constante. Ele não tolerava que rissem dele. O riso dos homens era algo odioso. Podiam rir nas suas conversas do que quisessem menos dele, nesse caso ele não se importava. Mas no momento em que o riso se voltava contra Caninos Brancos, ele se enfurecia terrivelmente. Grave, digno, sombrio, um riso o alucinava de um modo que beirava o ridículo. Sentia-se tão ultrajado que por horas comportava-se como um demônio. E aí do cachorro que nesses momentos se metesse com ele! Conhecia muito bem a lei para descarregar a raiva em cima de Castor Cinza; por trás de Castor Cinza havia um macete e a cabeça de um deus. Mas por trás dos cachorros não havia senão espaço, e para esse espaço eles fugiam quando Caninos Brancos aparecia, enlouquecido por algum riso.

No terceiro ano de sua vida na vila, uma grande fome acometeu os índios do Mackenzie. No verão, os peixes não apareceram. No inverno, o caribu abandonou a sua trilha costumeira. Os alces eram escassos, os coelhos quase desapareceram, os animais caçadores e de rapina morreram. Sem o seu habitual suprimento de comida, enfraquecidos pela fome, eles se atacavam e devoravam uns aos outros. Apenas os fortes sobreviveram. Os deuses de Caninos Brancos eram também animais caçadores. Os velhos e os fracos dentre eles morreram de fome. Havia choro na vila, onde as mulheres e as crianças ficavam sem comida, para que o pouco que restava alimentasse as barrigas dos caçadores magros e de olheiras fundas que caminhavam pela floresta numa busca vã de carne.

A tais extremos foram levados os deuses que chegavam a comer o couro macio de seus mocassins e luvas, enquanto os cachorros comiam os arreios nos lombos e até as correias do chicote. Além disso, os cachorros se comiam uns aos outros, e os deuses também comiam os cachorros. Os mais fracos e sem valor foram comidos primeiro. Os cachorros ainda vivos observavam e compreendiam. Alguns dos mais audazes e sábios abandonavam os fogos dos

deuses, que tinham se tornado matadouros, e fugiam para a floresta, onde acabavam morrendo de fome ou eram comidos por lobos.

Nesse tempo de desgraça, Caninos Brancos também fugiu para a mata. Era mais apto para a vida do que os outros cachorros, pois tinha o treinamento da sua infância para guiá-lo. Tornou-se especialmente adepto de espreitar coisas vivas pequenas. Ele ficava deitado oculto por horas, seguindo os movimentos de um esquilo cauteloso, esperando, com uma paciência tão imensa quanto a fome que sentia, que o esquilo arriscasse vir para o chão. Mesmo então, Caninos Brancos não agia de modo precipitado. Esperava até estar seguro de poder atacar, antes que o esquilo chegasse ao refúgio de uma árvore. Então, e só então, ele se lançava como um raio do seu esconderijo, um projétil cinza, incrivelmente rápido, jamais errando o seu alvo – o esquilo em fuga que nunca era bastante veloz.

Por mais sucesso que tivesse com os esquilos, havia uma dificuldade que o impedia de viver e engordar com a carne deles. Não havia esquilos suficientes. Por isso, era levado a caçar coisas ainda menores. Tão aguda era a sua fome em certas ocasiões que não achava indigno desencovar ratos silvestres das suas tocas no chão. Nem desdenhava combater uma doninha, tão faminta como ele próprio, e muitas vezes mais feroz.

Nos piores picos da fome, ele voltava furtivo para os fogos dos deuses. Mas não se aproximava das fogueiras. Andava furtivo na floresta, evitando ser descoberto e roubando as armadilhas nos raros intervalos em que se pegava alguma caça. Até roubou um coelho da armadilha de Castor Cinza numa época em que Castor Cinza cambaleava trôpego pela floresta, sentando-se frequentemente para descansar, devido à fraqueza e falta de fôlego.

Certo dia Caninos Brancos encontrou um lobo jovem, magro e descarnado, desconjuntado de fome. Se ele próprio não estivesse faminto, Caninos Brancos poderia ter seguido com o companheiro e acabado no bando entre seus irmãos selvagens. Nas circunstâncias, derrubou o lobo jovem, matou e comeu.

A sorte parecia favorecê-lo. Sempre quando mais premido pela fome, ele descobria algo para matar. Além disso, quando estava fraco, tinha a sorte de nenhum dos animais de rapina maiores o encontrar por acaso. Da mesma forma, ele estava com a força que os dois dias de uma ração de lince lhe tinha dado, quando deu de cara com o bando de lobos famintos. Foi uma perseguição longa e cruel, mas ele estava mais bem nutrido que os outros, e acabou escapando. E não apenas escapou, mas, dando grandes voltas em torno da própria trilha, apanhou um de seus exaustos perseguidores.

Depois disso, saiu daquela região e rumou para o vale onde tinha nascido. Ali, na antiga toca, encontrou Kiche. As voltas com seus antigos truques, ela também fugira das fogueiras inhóspitas dos deuses e retornara para seu antigo refúgio a fim de parir os filhotes. Dessa ninhada restava vivo apenas um lobinho, quando Caninos Brancos apareceu na cena, e ele não estava destinado a viver por muito tempo. A vida jovem tinha poucas chances numa escassez daquelas.

O modo como Kiche saudou seu filho crescido foi tudo menos afetuoso. Mas Caninos Brancos não se importou. Ele já deixara a mãe para trás. Assim virou as costas filosoficamente e seguiu corrente acima. Nos braços da corrente, tomou a

curva para a esquerda, onde encontrou a toca do lince com quem a mãe e ele tinham lutado há muito tempo. Ali, na toca abandonada, acomodou-se e descansou por um dia.

Durante o começo do verão, nos últimos dias da fome, encontrou Lip-lip, que tinha igualmente fugido para a mata, onde levava uma existência miserável. Caninos Brancos deparou-se com ele inesperadamente. Caminhando em direções opostas ao longo da base de um penhasco elevado, eles rodaram um canto da rocha e descobriram-se face a face. Pararam com um alarme instantâneo, e olharam suspeitosamente um para o outro.

Caninos Brancos estava numa forma esplêndida. A sua caçada fora boa, e durante uma semana comera o suficiente. Estava até empanturrado com a caça mais recente. Mas, assim que viu Lip-lip, seu pelo encrepsou-se ao longo de todo o lombo. Era uma eriçar involuntário da sua parte, o estado físico que no passado sempre acompanhara o estado mental nele produzido pelos maus tratos e perseguição de Lip-lip. Assim como no passado eriçara o pelo e rosou a vista de Lip-lip, agora também, automaticamente, eriçou o pelo e rosou. Tudo foi cumprido de forma cabal e sem demora. Lip-lip tentou recuar, mas Caninos Brancos o atacou com força, ombro a ombro. Lip-lip foi derrubado e rolou sobre o lombo. Os dentes de Caninos Brancos mergulharam na garganta magra. Houve uma luta mortal, durante a qual Caninos Brancos caminhou ao redor, as patas enrijecidas e observando a cena. Depois retomou o seu curso e continuou a trotar ao longo da base do penhasco.

Certo dia, não muito tempo depois disso, chegou à orla da floresta, onde um trecho estreito de clareira descia para o Mackenzie. Já estivera naquele terreno antes, quando ainda estava vazio, mas agora uma vila o ocupava. Ainda escondido entre as árvores, parou para estudar a situação. Visões, sons e cheiros lhe eram familiares. Era a antiga vila que se mudara para um novo lugar. Mas as visões, sons e cheiros eram diferentes daqueles que sentira por último, quando fugira para a mata. Não havia choros nem gemidos. Sons satisfeitos saudavam seus ouvidos, e quando ele escutou a voz zangada de uma mulher, percebeu que era a raiva que provém de um estômago cheio. E havia no ar um cheiro de peixe. Havia comida. A fome se fora. Saiu ousadamente da floresta e entrou no acampamento, indo direto para a tenda de Castor Cinza. Castor Cinza não estava, mas Klo-o-kooch o acolheu com gritos de alegria e um peixe fresco inteiro, e ele deitou-se para esperar a chegada de Castor Cinza.

XV

O INIMIGO DA SUA ESPÉCIE

Se houvesse na natureza de Caninos Brancos qualquer possibilidade, por mais remota que fosse, de vir a confraternizar com a sua espécie, essa possibilidade foi irremediavelmente destruída quando o promoveram a líder da matilha do trenó. Pois agora os cachorros o odiavam – odiavam-no pela carne extra que Mit-sah lhe dava; odiavam-no por todos os favores reais e imaginários que recebia; odiavam-no porque ele sempre corria à frente do grupo, o rabo peludo abanando e a traseira perpetuamente afastando-se e enlouquecendo os olhos dos companheiros.

E Caninos Brancos com igual amargura lhes devolvia o ódio. Ser líder do trenó era tudo menos agradável para ele. Ser compelido a correr diante do bando a urrar, cada um dos cachorros já retalhado e dominado por ele no passado, era quase mais do que podia suportar. Mas devia suportar, ou perecer, e a vida que nele existia não tinha vontade de perecer. No momento em que Mit-sah dava a ordem para a partida, toda a matilha, com gritos ansiosos e selvagens, pulava adiante em perseguição a Caninos Brancos.

Não havia defesa para ele. Se virasse o corpo contra os companheiros, Mit-sah lhe lançaria o açoite cortante do chicote na face. Restava-lhe apenas fugir correndo. Ele não podia enfrentar aquela horda uivante com o seu rabo e traseira. Não eram armas apropriadas com que lutar contra as muitas presas impiedosas. Assim ele fugia, violando a sua própria natureza e orgulho a cada salto que dava, e saltando o dia todo.

Não se podem violar os estímulos da natureza sem que essa natureza recue para dentro de si mesma. Esse recuo é como o de um pelo, destinado a crescer para fora do corpo, que se virasse inaturalmente contra a direção de seu desenvolvimento e crescesse para dentro do corpo – um espinho inflamado e ulcerado. Era o que acontecia com Caninos Brancos. Todo impulso de seu ser o compelia a saltar sobre o bando que gritava no seu encaicho, mas era a vontade dos deuses que assim fosse; e por trás dessa vontade, para reforçá-la, estava o chicote de tripa de caribu com seu açoite cortante de nove metros. Assim Caninos Brancos só podia engolir a sua amargura e desenvolver um ódio e uma maldade proporcionais à ferocidade e ao caráter indomável da sua natureza.

Se jamais uma criatura foi inimiga da sua espécie, essa criatura era Caninos Brancos. Ele não pedia clemência, nem dava cartel a ninguém. Era continuamente desfigurado e marcado pelos dentes do bando, e com igual frequência deixava as suas marcas no bando. Ao contrário da maioria dos líderes de trenó, que, quando se armava o acampamento e soltavam-se os cachorros, amontoavam-se perto dos deuses em busca de proteção, Caninos Brancos desdenhava essa proteção. Caminhava audaciosamente pelo acampamento, infligindo durante a noite o castigo pelo que tinha sofrido ao longo do dia. Nos tempos antes de ser promovido a líder da matilha, o bando aprendera a sair do

seu caminho. Mas agora era diferente. Excitados pela perseguição de um dia inteiro a Caninos Brancos, influenciados subconscientemente pela iteração insistente nas suas mentes da visão de Caninos Brancos em fuga, dominados pela sensação de domínio desfrutada durante todo o dia, os cachorros não podiam se convencer de que deviam lhe ceder terreno. Quando Caninos Brancos aparecia entre eles, sempre havia uma contenda. O seu avanço era marcado por rosnados, mordidas e grunhidos. A própria atmosfera que ele respirava estava sobrecarregada de ódio e maldade, e isso apenas servia para aumentar o ódio e a maldade dentro dele.

Quando Mit-sah dava a ordem para que a matilha parasse, Caninos Brancos obedecia. A princípio, isso causava problemas para os outros cachorros. Todos pulavam sobre o odiado líder, só para ver o feitiço se virar contra o feiteiro. Atrás de Caninos Brancos estaria Mit-sah, o grande chicote cantando na sua mão. Assim os cachorros vieram a compreender que, quando a matilha parava por causa de uma ordem, Caninos Brancos devia ser deixado em paz. Mas, quando Caninos Brancos parava sem ordens, então tinham permissão de pular em cima dele e destruí-lo, se pudessem. Depois de várias experiências, Caninos Brancos nunca mais parou sem ordens. Ele aprendia rápido. Estava na natureza das circunstâncias que ele deveria aprender rápido, se quisesse sobreviver às condições inusitadamente severas em que a vida lhe era concedida.

Mas os cachorros nunca conseguiram aprender a lição de deixá-lo em paz no acampamento. Todo dia, perseguindo-o e desafiando-o aos gritos, a lição da noite anterior era apagada, e naquela noite teria de ser aprendida mais uma vez, para ser com igual rapidez esquecida. Além disso, havia uma maior consistência na sua aversão por Caninos Brancos. Sentiam entre eles e o filhote de lobo uma diferença de espécie – por si só causa suficiente para hostilidades. Como ele, eram lobos domesticados. Mas tinham sido domesticados há gerações. Grande parte da vida selvagem fora perdida, de modo que para eles a Floresta era o desconhecido, o terrível, a ameaça e a guerra constantes. Mas na aparência, ação e impulso, a Floresta ainda aderiu a Caninos Brancos. Ele a simbolizava, era a sua personificação; por isso, quando lhe mostravam os dentes, eles estavam se defendendo contra os poderes de destruição à espreita nas sombras da floresta e na escuridão além do fogo do acampamento.

Mas uma lição os cachorros realmente aprenderam, e essa foi a de sempre andar em bando. Caninos Brancos era demasiado terrível para que qualquer um deles o enfrentasse sozinho. Eles o desafiavam em formação de massa, pois do contrário ele os teria matado, um a um, numa noite. Nas circunstâncias, ele jamais teve a chance de matá-los. Podia derrubar um cachorro fazendo-o rolar de patas para o ar, mas o bando saltava sobre ele antes que pudesse prosseguir e desferir o golpe mortal na garganta. No primeiro indicio de conflito, todo o bando se reunia e o enfrentava. Os cachorros tinham brigas entre si, mas eram esquecidas quando se armava uma encrenca com Caninos Brancos.

Por outro lado, por mais que tentassem, eles não podiam matar Caninos Brancos. Ele era rápido demais para eles, demasiado formidável, demasiado sábio. Evitava lugares apertados e sempre recuava quando eles ameaçavam rodeá-lo, enquanto, no que dizia respeito a derrubá-lo, não havia cachorro entre

eles capaz de realizar o truque. As suas patas aderiam à terra com a mesma tenacidade com que ele se agarrava à vida. Quanto a isso, vida e apoio sob as patas eram sinônimos na interminável guerra com o bando, e ninguém sabia disso melhor que Caninos Brancos.

Assim ele se tornou o inimigo da sua espécie, os lobos domesticados, suavizados pelos fogos do homem, enfraquecidos à sombra protetora da força do homem. Caninos Brancos era amargo e implacável. A sua argila fora assim moldada. Declarou uma vendeta contra todos os cachorros. E tão terrivelmente viveu essa vendeta que Castor Cinza, ele próprio um selvagem feroz, não podia deixar de se maravilhar com a ferocidade de Caninos Brancos. Nunca, jurava, houvera um animal semelhante; e os índios nas vilas estranhas juravam da mesma forma, quando consideravam a história das suas matanças entre os cachorros.

Quando Caninos Brancos estava quase com cinco anos, Castor Cinza o levou noutra grande viagem, e de lembranças duradouras foi o estrago que realizou entre os cachorros das muitas vilas ao longo do Mackenzie, através das Montanhas Rochosas e ao longo da corrente do Porcupine ao Yukon. Ele se deliciava com a vingança que impunha à sua espécie. Eram cachorros comuns, não alimentavam suspeitas. Não estavam preparados para o modo rápido e direto de seu ataque sem aviso anterior. Não o conheciam pelo que era, um relâmpago de matança. Eriçavam o pelo à sua vista, enrijeciam as patas e o desafiavam, enquanto ele, sem perder tempo com preliminares elaboradas, entrando em ação como uma mola de aço, atacava as gargantas e as destruía, antes que eles soubessem o que estava acontecendo e enquanto ainda estavam convulsionados pela angústia da surpresa.

Ele tornou-se um adepto de brigas. Economizava. Nunca desperdiçava a sua força, nunca pelejava. Entrava na briga rápido demais para isso e, se errava o alvo, tornava a sair com igual rapidez. Tinha num grau inusitado a aversão do lobo a ambientes apertados. Não podia suportar um contato prolongado com outro corpo. Isso sabia a perigo. Deixava-o frenético. Ele devia estar longe, livre, firme sobre as próprias patas, sem tocar nenhuma coisa viva. Era a Floresta que ainda adería à sua natureza, afirmando-se por meio de seu ser. Esse sentimento fora acentuado pela vida de pária que tinha levado desde seus tempos de filhote. O perigo estava à espreita nos contatos. Era a armadilha, sempre a armadilha, o medo furtivo e profundo na sua vida, tecido na sua própria fibra.

Em consequência, os cachorros estranhos que encontrava não tinham nenhuma chance contra Caninos Brancos. Ele fugia às suas presas. Pegava-os ou afastava-se, ele próprio ileso em qualquer uma das duas ocorrências. No curso natural das coisas, ocorriam exceções a essa regra. Havia ocasiões em que vários cachorros, atacando-o de rijo, castigavam-no antes que ele pudesse sair correndo; e outras vezes em que um único cachorro deixava uma marca profunda no seu corpo. Mas eram acidentes. Em geral, tornara-se um lutador tão eficiente que seguia o seu caminho são e salvo.

Outra vantagem que possuía era a de julgar corretamente o tempo e a distância. Não que o fizesse conscientemente, entretanto. Ele não calculava essas coisas. Era tudo automático. Seus olhos viam corretamente, e os nervos

carregavam a visão corretamente para o seu cérebro. Suas partes eram muito mais bem ajustadas que as do cachorro comum. Funcionavam juntas com mais facilidade e constância. A sua coordenação nervosa, mental e muscular era muito, muito melhor. Quando seus olhos transmitiam ao cérebro a imagem em movimento de uma ação, o seu cérebro, sem esforço consciente, sabia o espaço que limitava essa ação e o tempo requerido para que fosse completada. Assim, ele podia evitar o pulo de outro cachorro ou o ataque de suas presas, e ao mesmo tempo sabia aproveitar a fração infinitesimal de tempo em que desfechar o seu ataque. Corpo e cérebro, os seus eram um mecanismo mais aperfeiçoado. Não que devesse ser elogiado por isso. A natureza fora mais generosa com ele do que com o animal médio, só isso.

Foi no verão que Caninos Brancos chegou a Forte Yukon. Castor Cinza tinha cruzado a grande bacia entre o Mackenzie e o Yukon no final do inverno, passando a primavera a caçar entre os contrafortes na fronteira oeste das Rochosas. Mais tarde, quando rompeu-se o gelo no Porcupine, ele construiu uma canoa e descera remando esse rio até o ponto de sua junção com o Yukon, logo abaixo do Círculo Ártico. Ali ficava o velho forte da Bay Company de Hudson; e ali havia muitos índios, muita comida e uma excitação sem precedentes. Era o verão de 1898, e milhares de caçadores de ouro estavam subindo o Yukon até Dawson e o Klondike. Ainda a centenas de quilômetros de sua meta, mesmo assim muitos deles já estavam na estrada há um ano, e o mínimo que qualquer um deles já viajara para chegar até aquele ponto eram oito mil quilômetros, enquanto alguns tinham vindo do outro lado do mundo.

Ali Castor Cinza parou. Um sussurro da corrida ao ouro chegara a seus ouvidos, e ele trouxera vários fardos de peles e outros cheios de luvas e mocassins de tripa costurada. Não teria se arriscado a fazer uma viagem tão longa, se não esperasse lucros generosos. Mas as suas expectativas não eram nada perto do que realmente lucrou. O seu sonho mais louco não passara de um lucro de cem por cento, mas conseguiu mil por cento. E como um verdadeiro índio, acomodou-se para comerciar com cuidado e lentidão, mesmo que gastasse todo o verão e o resto do inverno para vender as suas mercadorias.

Foi no Forte Yukon que Caninos Brancos viu os primeiros homens brancos. Comparados com os índios que tinha conhecido, eles eram para o filhote de lobo uma outra raça, uma raça de deuses superiores. Sua impressão era que eles tinham um poder superior, e no poder é que repousa a divindade. Caninos Brancos não elaborava esse raciocínio, não fazia na sua mente a generalização nítida de que os deuses brancos eram mais poderosos. Era um sentimento, nada mais, mas nem por isso menos potente. Assim como, nos seus tempos de filhote, os volumes gigantescos das tendas erguidas pelo homem tinham lhe deixado a impressão de serem manifestações de poder, assim ele agora se impressionou com as casas e o imenso forte, feitos de toras maciças. Ali havia poder. Esses deuses brancos eram fortes. Possuíam maior domínio sobre a matéria do que os deuses que conhecera, mesmo aqueles mais poderosos entre os quais estava Castor Cinza. Mas Castor Cinza era um deus-criança entre esses de pele branca.

Para falar a verdade, Caninos Brancos apenas sentia essas coisas. Delas não tinha consciência. No entanto, com mais frequência do que no pensamento, é

com base na sensação que os animais agem; e todo ato que Caninos Brancos agora executava baseava-se na sensação de que os homens brancos eram os deuses superiores. Em primeiro lugar, ele nutria muitas suspeitas a respeito deles. Impossível dizer que terrores desconhecidos possuíam, que dores desconhecidas poderiam infligir. Sentia curiosidade de observá-los, temor de ser notado por eles. Durante as primeiras horas, contentou-se em andar sorrateiramente e em vigiá-los de uma distância segura. Depois viu que nenhum dano acontecia aos cachorros que se aproximavam deles, e chegou mais perto.

Por sua vez, ele era objeto de grande curiosidade para os deuses brancos. Sua aparência de lobo logo lhes chamou a atenção, e eles o apontavam uns para os outros. Esse ato de apontar pôs Caninos Brancos na defensiva, e quando tentavam se aproximar, ele mostrava os dentes e se afastava. Ninguém conseguia pôr a mão nele, e ainda bem que não conseguiam.

Caninos Brancos logo aprendeu que bem poucos desses deuses – não mais que uma dúzia – viviam no local. A cada dois ou três dias um vapor (outra manifestação colossal de poder) chegava à margem do rio e parava por várias horas. Os homens brancos saíam desses vapores e mais tarde iam embora neles. Parecia haver números incontáveis desses homens brancos. Nos primeiros dias, ele viu mais homens brancos do que tinha visto índios em toda a sua vida; e com o passar dos dias eles continuavam a subir o rio, parar, e depois continuar a subir o rio e desaparecer da vista.

Mas se os deuses brancos eram todo-poderosos, os seus cachorros não valiam grande coisa. Isso Caninos Brancos logo descobriu, misturando-se com aqueles que desembarcavam com seus donos. Eram de formas e tamanhos irregulares. Alguns tinham patas curtas – curtas demais; outros tinham patas longas – longas demais. Tinham pelos em vez de peles finas e macias, e uns poucos ainda por cima tinham muito pouco pelo. E nenhum deles sabia brigar.

Como inimigo da sua espécie, era da competência de Caninos Brancos brigar com eles. O que não deixava de fazer, e logo sentiu por todos um poderoso desprezo. Eram moles e indefesos, faziam muito barulho e espojavam-se ao redor desajeitadamente, tentando conseguir pela força bruta o que ele conseguia com destreza e astúcia. Precipitavam-se aos gritos em cima dele. Caninos Brancos pulava para o lado. Eles ficavam sem saber onde ele se metera; e nesse momento ele os atacava no ombro, derrubava-os e dava o seu golpe na garganta.

Às vezes esse golpe era bem-sucedido, e um cachorro ferido rolava na poeira para ser atacado e despedaçado pelo bando de cachorros dos índios que esperava. Caninos Brancos era prudente. Aprendera há muito tempo que os deuses se encolerizavam quando seus cachorros eram mortos. Os homens brancos não eram exceção à regra. Por isso, quando derrubava e abria a garganta de um de seus cachorros, ele contentava-se em cair fora e deixar o bando entrar em ação e acabar o trabalho cruel. Era então que os homens brancos se precipitavam, descarregando a sua raiva pesadamente no bando, enquanto Caninos Brancos saía lépido e faceiro. Ele mantinha-se a uma pequena distância e observava, enquanto pedras, macetes, machados e todo tipo de armas caíam sobre os companheiros. Caninos Brancos era muito sábio.

Mas os companheiros tornavam-se sábios, à sua maneira, e nisso Caninos

Branco os imitava. Aprenderam que era na hora em que um vapor aportava à margem pela primeira vez que eles tinham diversão certa. Depois que os primeiros dois ou três cachorros estranhos tinham sido derrubados e destruídos, os homens brancos empurravam seus cachorros de volta para bordo, e vingavam-se selvagemmente dos atacantes. Um certo homem branco, depois de ver o cachorro, um setter, ser despedaçado diante de seus olhos, puxou o revólver. Atirou rapidamente, seis vezes, e seis do bando caíram mortos ou moribundos – outra manifestação de poder que penetrou profundamente na consciência de Caninos Brancos.

Caninos Brancos divertia-se com tudo. Ele não amava a sua espécie, e era bastante astuto para evitar danos a si próprio. A princípio, a matança dos cachorros dos homens brancos fora uma diversão. Depois de algum tempo, tornou-se a sua ocupação. Ele não tinha o que fazer. Castor Cinza estava ocupado, negociando e acumulando riquezas. Assim Caninos Brancos vivia ao redor do desembarque com a cambada mal-afamada dos cachorros dos índios, esperando os vapores. Com a chegada de um vapor, a diversão começava. Depois de alguns minutos, quando os homens brancos tinham se recuperado da surpresa, a cambada se dispersava. A diversão terminava até a chegada do próximo vapor.

Mas não se pode dizer que Caninos Brancos fosse membro da cambada. Ele não se misturava com os outros, continuava à parte, sempre sozinho, sendo até temido pelos companheiros. É verdade, ele agia com os outros. Comprava briga com o cachorro estranho, enquanto a cambada esperava. E depois que ele derrubava o cachorro estranho, a cambada vinha terminar a matança. Mas é igualmente verdade que ele então se retirava, deixando que a cambada recebesse o castigo dos deuses ultrajados.

Não era preciso muito esforço para armar essas brigas. Tudo o que ele tinha de fazer, quando os cachorros estranhos desembarcavam, era mostrar-se. Quando eles o viam, precipitavam-se sobre Caninos Brancos. Era o seu instinto. Ele era a Floresta – o desconhecido, o terrível, a ameaça perene, aquilo que rondava na escuridão ao redor das fogueiras do mundo primevo, quando eles, encolhendo-se perto do fogo, remodelavam os seus instintos, aprendendo a temer a Floresta de onde tinham vindo, a Floresta que tinham abandonado e traído. Geração após geração, ao longo de todas as gerações, esse medo da Floresta fora carimbado nas suas naturezas. Durante séculos, a Floresta simbolizara o terror e a destruição. E, durante todo esse tempo, tiveram permissão, concedida por seus donos, para matar as coisas da Floresta. Agindo dessa maneira, tinham protegido tanto a si próprios como aos deuses cuja companhia partilhavam.

E, ainda recém-chegados do suave mundo do sul, esses cachorros, ao descerem a prancha de desembarque e pisarem a margem do Yukon, não precisavam mais do que a visão de Caninos Brancos para experimentar o impulso irresistível de precipitar-se sobre ele e destruí-lo. Talvez fossem cachorros criados na cidade, mas não deixavam de possuir o medo instintivo da Floresta. Não era só com seus olhos que viam a criatura de aparência lupina à luz clara do dia, parada à sua frente. Eles o viam com os olhos de seus ancestrais, e por meio da memória herdada reconheciam o lobo em Caninos Brancos, e lembravam-se da antiga briga.

Tudo isso servia para tornar os dias de Caninos Brancos agradáveis. Se a sua visão impelia esses cachorros estranhos a atacá-lo, tanto melhor para ele, tanto pior para eles.

Não fora em vão que ele vira pela primeira vez a luz do dia numa toca solitária e travara suas primeiras batalhas com a perdiz, a doninha e o lince. E não fora em vão que os seus tempos de filhote tinham sido azedados pela perseguição de Lip-lip e todo o bando de filhotes. Tudo poderia ter sido diferente, e ele então teria se tornado alguém diferente. Se Lip-lip não tivesse existido, ele teria passado a sua infância com os outros filhotes e crescido mais como um cachorro, gostando mais dos cachorros. Se Castor Cinza tivesse possuído a inclinação do afeto e do amor, ele poderia ter sondado as profundezas da natureza de Caninos Brancos e trazido para a superfície toda sorte de qualidades bondosas. Mas nada disso acontecera. A argila de Caninos Brancos fora moldada até ele tornar-se o que era, soturno e solitário, sem afetos e feroz, o inimigo de toda a sua espécie.

XVI O DEUS LOUCO

Um pequeno número de homens brancos vivia em Forte Yukon. Esses homens estavam há muito tempo na região. Chamavam a si mesmos de Massa Azeda[1] e sentiam muito orgulho de assim se classificarem. Pelos outros homens, novos na região, não sentiam senão desprezo. Os homens que desembarcavam dos vapores eram recém-chegados. Eram conhecidos como chechaquos, e sempre se encolhiam à aplicação do nome. Faziam o seu pão com fermento em pó. Essa era a distinção invejosa entre eles e os garimpeiros, que, na verdade, faziam o seu pão com massa de fermento, porque não tinham fermento em pó.

Tudo isso não vem ao caso. Os homens no forte desprezavam os recém-chegados e gostavam de vê-los fracassar. Gostavam especialmente do estrago feito entre os cachorros dos recém-chegados por Caninos Brancos e sua cambada mal-afamada. Quando chegava um vapor, os homens do forte sempre faziam questão de descer até a margem para observar a brincadeira. Aguardavam a ocasião com tanto antegozo quanto os cachorros dos índios, e não demoraram a apreciar o papel selvagem e astuto desempenhado por Caninos Brancos.

Mas havia um homem entre eles que se divertia particularmente com o esporte. Ele vinha correndo ao primeiro som do apito do vapor e, quando a última luta findava e Caninos Brancos e o bando se dispersavam, voltava lentamente para o forte, a face coberta de pesar. Às vezes, quando um cachorro suave do sul desembarcava, emitindo seu grito de morte sob as presas do bando, esse homem não conseguia se conter, saltava no ar e gritava de prazer. E punha sempre um olho agudo e cobiçoso em Caninos Brancos.

Esse homem era chamado “Beleza” pelos outros homens do forte. Ninguém sabia o seu primeiro nome, todos o conheciam na região como Beleza Smith.

Mas ele era tudo menos uma beleza. Seu nome devia-se à antítese. Era preeminentemente feio. A natureza fora mesquinha com ele. Para começar, era um homem pequeno; e sobre a sua estrutura magra depositava-se uma cabeça ainda mais extraordinariamente magra. O ápice da cabeça podia ser comparado a um ponto. Aliás, na infância, antes de ser chamado de beleza pelos companheiros, recebeu o apelido de “Cabeça de Alfinete”.

Para trás, a partir do ápice, a cabeça enviesava para o pescoço, e para frente enviesava firmemente até encontrar uma testa baixa e extraordinariamente larga. A partir desse ponto, como se arrependida da sua parcimônia, a natureza alargara as feições com mão generosa. Os olhos eram grandes, e entre eles havia a distância de dois olhos. A face, em relação ao resto do corpo, era prodigiosa. A natureza lhe dera um enorme maxilar prognata, largo e pesado, que alongava-se para fora e para baixo até parecer repousar sobre o peito. Talvez essa aparência fosse devida ao cansaço do pescoço delgado, incapaz de sustentar apropriadamente uma carga tão grande.

Esse maxilar dava a impressão de uma determinação feroz. Mas faltava alguma coisa. Talvez fosse por causa do excesso. Talvez o maxilar fosse demasiado grande. Em todo caso, era mentira. Beleza Smith era conhecido em toda parte como o mais fraco dos covardes irresolutos e choramingas. Para completar a sua descrição, os dentes eram grandes e amarelos, enquanto os dois caninos, maiores que os outros, apareciam sob os lábios magros como presas. Os olhos eram amarelos e turvos, como se a natureza tivesse ficado sem pigmentos e espremido os restos de todas as suas bisnagas. O mesmo acontecia com o cabelo, ralo e irregular, de um amarelo lamacento sujo, erguendo-se sobre a cabeça e brotando na face em tufos e feixes inesperados, com uma aparência de grãos amontoados e soprados pelo vento.

Em suma, Beleza Smith era uma monstruosidade, e a culpa de tudo estava em outra parte. Ele não era responsável. A sua argila fora moldada assim na sua formação. Ele cozinhava para os outros homens no forte, lavava os pratos e servia de criado. Eles não o desprezavam. Antes o toleravam de um modo humano franco, como se tolera qualquer criatura que foi maltratada na sua modelagem. Além disso, eles o temiam. Seus ataques de fúria covardes faziam com que temessem um tiro pelas costas ou veneno no café. Mas alguém tinha de cozinhar, e quaisquer que fossem os seus defeitos, Beleza Smith sabia cozinhar.

Esse era o homem que olhava para Caninos Brancos, maravilhado com as suas proezas ferozes, e desejava possuí-lo. Tentou seduzir Caninos Brancos desde o início. Caninos Brancos começou por ignorá-lo. Mais tarde, quando a sedução se tornou mais insistente, Caninos Brancos eriçava o pelo, mostrava os dentes e recuava. Ele não gostava do homem. A sua impressão do homem era ruim. Sentia nele o mal, e temia a mão estendida e as tentativas de fala mansa. Por tudo isso, ele odiava o homem.

Com as criaturas mais simples, o bem e o mal são coisas compreendidas com simplicidade. O bem representa todas as coisas que trazem alívio, satisfação e o fim da dor. Portanto, o bem é apreciado. O mal representa todas as coisas que são carregadas de desconforto, ameaça e dor, sendo por isso odiado. A impressão de Beleza Smith sobre Caninos Brancos era ruim. Do corpo deformado e da

mente torcida do homem, de modo oculto, como o névoas elevando-se de pântanos maláricos, provinham emanações da morbidez interior. Não era pelo raciocínio, nem apenas pelos cinco sentidos, mas por outros sentidos mais remotos e não mapeados, que Caninos Brancos pressentia que o homem agourava o mal, impregnado de maldade, sendo portanto algo ruim e que era sábio odiar.

Caninos Brancos estava no acampamento de Castor Cinza, quando Beleza Smith o visitou pela primeira vez. Ao tênue som de seus passos distantes, antes que ele aparecesse à vista, Caninos Brancos já sabia quem estava vindo e começou a eriçar o pelo. Estava deitado confortavelmente, mas levantou-se rápido e, quando o homem chegou, esgueirou-se com os movimentos de um verdadeiro lobo para a beirada do acampamento. Não sabia o que diziam, mas podia ver o homem e Castor Cinza conversando. Em certo momento, o homem apontou na sua direção, e Caninos Brancos rosnou em resposta, como se a mão estivesse a ponto de descer sobre seu corpo em vez de estar, na verdade, a quinze metros de distância. O homem riu disso, e Caninos Brancos afastou-se furtivamente para a mata protetora, a cabeça virada e atenta enquanto deslizava suavemente sobre o chão.

Castor Cinza recusou-se a vender o cachorro. Ele ficara rico comerciando e não estava precisando de nada. Além disso, Caninos Brancos era um animal valioso, o cachorro de trenó mais forte que já tivera, e o melhor líder. Mais ainda, não havia cachorro como ele nem no Mackenzie nem no Yukon. Ele sabia brigar. Matava os outros cachorros com tanto facilidade quanto os homens matavam mosquitos. (Os olhos de Beleza Smith iluminaram-se a essa declaração, e ele lambeu os lábios finos com uma língua ansiosa.) Não, Caninos Brancos não estava à venda, por nenhum preço.

Mas Beleza Smith conhecia os hábitos dos índios. Começou a visitar frequentemente o acampamento de Castor Cinza e, escondidas sob o casaco, vinham sempre uma ou duas garrafas pretas. Um dos poderes do uísque é criar a sede. Castor Cinza contraiu a sede. Suas membranas febris e seu estômago queimado começaram a clamar mais e mais pelo fluido abrasador, enquanto o cérebro, desarranjado pelo estimulante desusado, permitia que ele fizesse de tudo para obtê-lo. O dinheiro que tinha recebido pelas suas peles, luvas e mocassins começou a desaparecer. Sumia cada vez mais rápido, e quanto mais curto ficava de dinheiro, mais curto se tornava o seu pavio.

Por fim, desapareceram todo o dinheiro, os bens e o bom humor. Não lhe restou senão a sede, um bem prodigioso em si mesmo que tornava-se ainda mais prodigioso a cada fôlego sóbrio que aspirava. Foi então que Beleza Smith veio lhe falar novamente sobre a venda de Caninos Brancos; mas desta vez o preço oferecido era em garrafas, e não em dólares, e os ouvidos de Castor Cinza estavam mais ansiosos por escutar.

– Você pega o cachorro e ganha as garrafas – foi a sua última palavra.

As garrafas foram entregues, mas depois de dois dias, “Você pega o cachorro”, foram as palavras de Beleza Smith para Castor Cinza.

Caninos Brancos entrou furtivamente no acampamento certa noite e deitou-se com um suspiro de contentamento. O temido deus branco não estava por perto. Por dias as suas manifestações do desejo de pôr a mão sobre Caninos Brancos

tinham se tornado mais insistentes, e durante esse tempo ele fora compelido a evitar o acampamento. Não sabia que mal aquelas mãos insistentes ameaçavam. Sabia apenas que elas ameaçavam alguma espécie de mal, e que era melhor manter-se longe do seu alcance.

Porém, mal tinha se deitado, quando Castor Cinza cambaleou na sua direção e amarrou uma tira de couro ao redor de seu pescoço. Sentou-se ao lado de Caninos Brancos, segurando a ponta da tira numa das mãos. Na outra mão tinha uma garrafa que, de tempos em tempos, era invertida acima de sua cabeça ao som de gorgolejos.

Assim se passou uma hora, quando as vibrações de pés em contato com o chão anunciaram aquele que se aproximava. Caninos Brancos foi o primeiro a escutar o som e eriçou o pelo ao reconhecer o intruso, enquanto Castor Cinza ainda cabeceava estupidamente. Caninos Brancos tentou puxar a tira suavemente da mão do seu dono, mas os dedos relaxados se fecharam com firmeza, e Castor Cinza despertou.

Beleza Smith entrou no acampamento a passos largos e parou acima de Caninos Brancos. Esse rosnou de leve para o ser temível, observando atentamente as suas mãos. Uma das mãos estendeu-se e começou a descer sobre a sua cabeça. O rosnado suave tornou-se tenso e áspero. A mão continuou lentamente a descer, enquanto ele se encolhia sob ela, olhando-a com malevolência, o rosnado tornando-se cada vez mais curto à medida que, com a respiração acelerada, aproximava-se do seu auge. De repente mordeu, atacando com as presas como uma cobra. A mão recuou com um safanão, e os dentes fecharam-se no vazio com um estalo agudo. Beleza Smith estava assustado e zangado. Castor Cinza deu uma pancada no lado da cabeça de Caninos Brancos, de modo que ele se agachou perto da terra em respeitosa obediência.

Os olhos suspeitosos de Caninos Brancos seguiam todo movimento. Viu Beleza Smith afastar-se e retornar com um pedaço de pau forte. Então a ponta da tira lhe foi entregue por Castor Cinza. Beleza Smith começou a ir embora. A tira se retesou. Caninos Brancos resistia. Castor Cinza lhe deu uma pancada à direita e à esquerda para fazer com que se levantasse e seguisse. Ele obedeceu, mas investiu com ímpeto, lançando-se sobre o estranho que o arrastava para longe. Beleza Smith não se afastou com um pulo. Esperava por isso. Manejou o pedaço de pau com destreza, interrompendo a investida a meio caminho e esborrachando Caninos Brancos no chão. Castor Cinza riu e moveu a cabeça aprovando. Beleza Smith esticou a tira de novo, e Caninos Brancos levantou-se mancando e tonto.

Não fez uma segunda investida. Bastou um golpe do pedaço de pau para convencê-lo de que o deus branco sabia manejá-lo, e ele era sábio demais para lutar contra o inevitável. Assim seguiu soturno no encalço de Beleza Smith, o rabo entre as patas, ainda rosnando suave e surdamente. Mas Beleza Smith não tirava o olho dele, e o pedaço de pau estava sempre pronto a atacar.

No forte, Beleza Smith o deixou amarrado em segurança e foi dormir. Caninos Brancos esperou uma hora. Depois aplicou os dentes à tira de couro, e no espaço de dez segundos estava livre. Não perdera tempo com os dentes. Não dera nenhuma roída inútil. A tira fora cortada, diagonalmente, quase com tanta

precisão como se tivesse sido cortada por uma faca. Caninos Brancos olhou para o forte, ao mesmo tempo eriçando o pelo e rosmando. Depois virou-se e voltou ao acampamento de Castor Cinza. Ele não devia lealdade a esse deus estranho e terrível. Entregara-se a Castor Cinza, e a Castor Cinza achava que ainda pertencia.

Mas o que ocorrera antes foi repetido – com uma diferença. Castor Cinza mais uma vez o amarrado com uma tira, e pela manhã entregou-o a Beleza Smith. E foi nesse ponto que surgiu a diferença. Beleza Smith lhe deu uma surra. Amarrado com firmeza, Caninos Brancos só conseguiu enfurecer-se inutilmente e suportar o castigo. Um macete e um chicote foram usados contra seu corpo, e ele experimentou a pior surra que já tinha recebido na vida. Até a grande surra que sofrera ainda filhote nas mãos de Castor Cinza era pouco em comparação.

Beleza Smith gostou da tarefa. Sentia prazer em bater. Olhava com prazer maligno para sua vítima, e os olhos ardiam sem brilho, enquanto manejava o chicote ou o macete e escutava os gritos de dor de Caninos Brancos e seus urros e rosmanos indefesos. Pois Beleza Smith era cruel à maneira dos covardes. Encolhendo-se e choramingando diante dos golpes ou palavras iradas de um homem, ele se vingava, por sua vez, nas criaturas mais fracas. Toda e qualquer vida gosta de poder, e Beleza Smith não era exceção. Tendo lhe sido negada a expressão de poder entre a sua própria espécie, ele caía sobre as criaturas menores, e ali vindicava a vida que nele havia. Mas Beleza Smith não tinha criado a si mesmo, e nenhuma culpa lhe devia ser atribuída. Ele viera ao mundo com um corpo distorcido e uma inteligência grosseira. Isso constituía a sua argila, e ela não fora moldada com bondade pelo mundo.

Caninos Brancos sabia por que estava apanhando. Quando Castor Cinza amarrado a tira de couro no seu pescoço e passou a ponta da tira para a guarda de Beleza Smith, Caninos Brancos sabia que era vontade de seu deus que ele partisse com Beleza Smith. E quando Beleza Smith o deixou amarrado fora do forte, sabia que era vontade de Beleza Smith que ele ali permanecesse. Portanto, ele tinha desobedecido a vontade de ambos os deuses, e merecia o conseqüente castigo. Vira cachorros mudarem de dono no passado, e vira os fugitivos apanharem como estava apanhando. Era sábio, mas na sua natureza havia forças maiores que a sabedoria. Uma dessas era a fidelidade. Ele não amava Castor Cinza, porém, mesmo em face de sua vontade e raiva, ele lhe era fiel. Não podia deixar de ser. Essa fidelidade era uma qualidade da argila que o compunha. Era a qualidade que constituía peculiarmente o patrimônio da sua espécie; a qualidade que diferenciava a sua espécie de todas as outras espécies; a qualidade que tornara o lobo e o cão selvagem capazes de deixar a floresta inculta para serem companheiros do homem.

Depois da surra, Caninos Brancos foi arrastado de volta para o forte. Mas dessa vez Beleza Smith o deixou amarrado com uma vara. Ninguém abre mão de um deus assim tão facilmente, e Caninos Brancos não era diferente. Castor Cinza era o seu deus particular, e, apesar da vontade de Castor Cinza, Caninos Brancos ainda se agarrava ao índio e não queria saber de separação. Castor Cinza o tinha traído e abandonado, mas isso não produzia nenhum efeito sobre Caninos Brancos. Não fora por nada que ele se entregara de corpo e alma a Castor Cinza.

Não houvera reserva da parte de Caninos Brancos, e o laço não devia ser rompido facilmente.

Assim, à noite, quando os homens do forte estavam dormindo, Caninos Brancos aplicou os dentes na vara que o prendia. A madeira era sazoadada e seca, e estava amarrada tão perto do seu pescoço que ele mal conseguia mordê-la. Foi apenas com o maior esforço muscular e arqueamento do pescoço que ele conseguiu colocar a madeira entre os dentes, e mal e mal entre os dentes; e foi só pelo emprego de uma imensa paciência, que se estendeu por muitas horas, que ele conseguiu roer a vara. Era algo que os cachorros supostamente não fariam. Sem precedentes. Mas Caninos Brancos o fez, afastando-se do forte de manhã cedo com a ponta da vara pendurada no pescoço.

Ele era sábio. Se fosse apenas sábio, não teria voltado para Castor Cinza que já o traía duas vezes. Mas havia a sua fidelidade, e ele voltou para ser traído ainda por uma terceira vez. Novamente ele se sujeitou a que Castor Cinza lhe atasse a tira de couro ao redor do pescoço, e novamente Beleza Smith veio reclamá-lo. E dessa vez a surra que levou foi ainda pior que a anterior.

Castor Cinza olhou impassível, enquanto o homem branco manejava o chicote. Não protegeu. O cachorro não era mais seu. Quando terminou a surra, Caninos Brancos estava doente. Um cachorro suave do sul teria morrido com essa surra, mas ele era diferente. A sua escola de vida fora mais dura, e ele próprio era feito de um estofado mais duro. Tinha uma enorme vitalidade. A sua garra de vida era forte. Mas ele estava muito doente. A princípio não conseguia se arrastar, e Beleza Smith teve de esperar meia hora por Caninos Brancos. E depois, cego e cambaleante, ele seguiu no encaixe de Beleza Smith de volta para o forte.

Foi então amarrado com uma corrente que desafiava seus dentes, e tentou em vão, dando arremetidas, puxar o grampo da madeira em que estava cravado. Depois de alguns dias, sóbrio e falido, Castor Cinza partiu Porcupine acima na sua longa viagem até o Mackenzie. Caninos Brancos permaneceu em Yukon, propriedade de um homem mais que meio louco e inteiramente bruto. Mas o que sabe um cachorro na sua consciência da loucura? Para Caninos Brancos, Beleza Smith era um deus verdadeiro, ainda que terrível. Era quando muito um deus louco, mas Caninos Brancos nada sabia da loucura; sabia apenas que devia se submeter à vontade desse novo dono, obedecer a todos os seus caprichos e fantasias.

XVII O REINO DO ÓDIO

Sob a tutela do deus louco, Caninos Brancos tornou-se um diabo. Era mantido acorrentado num cercado atrás do forte, e ali Beleza Smith o provocava, irritava e enlouquecia com pequenos tormentos. O homem logo descobriu a sua suscetibilidade ao riso e fazia questão, depois de lhe pregar uma peça dolorosa, de rir de Caninos Brancos. Esse riso era alto e desdenhoso, e ao mesmo tempo o deus apontava o dedo zombador para Caninos Brancos. Nessas ocasiões a razão

sunmia de Caninos Brancos, e nos seus acessos de fúria ficava até mais louco que Beleza Smith.

Antes Caninos Brancos fora apenas o inimigo da sua espécie, um inimigo feroz. Mas tornou-se então o inimigo de todas as coisas, e mais feroz do que nunca. A tal ponto era atormentado que odiava cegamente e sem a mais tênue centelha de razão. Odiava a corrente que o prendia, os homens que o espiavam pelas ripas do cercado, os cachorros que acompanhavam os homens e que rosnavam maldosamente contra a sua impotência. Odiava a própria madeira do cercado que o confinava. E em primeiro lugar, por último, e acima de tudo, odiava Beleza Smith.

Mas Beleza Smith tinha um propósito em tudo o que fazia com Caninos Brancos. Certo dia, vários homens se reuniram ao redor do cercado. Beleza Smith entrou, um pedaço de pau na mão, e tirou a corrente do pescoço de Caninos Brancos. Quando o dono já saíra, Caninos Brancos se soltou e correu ao redor do cercado, tentando pegar os homens no lado de fora. Era magnificamente terrível. Um bom metro e meio de comprimento e setenta e cinco centímetros de altura até o ombro, ele pesava bem mais do que um lobo de tamanho correspondente. Da mãe tinha herdado as proporções mais pesadas do cachorro, de modo que pesava, sem gordura e nem uma grama a mais de carne, mais de quarenta quilos. Era todo músculo, ossos e nervos – carne de luta nas melhores condições.

A porta do cercado estava sendo novamente aberta. Caninos Brancos fez uma pausa. Algo inusitado estava acontecendo. Esperou. A porta foi mais escancarada. Então um imenso cachorro foi jogado para dentro do cercado, e a porta fechou-se batendo atrás dele. Caninos Brancos nunca vira um cachorro assim (era um mastim); mas o tamanho e o aspecto feroz do intruso não o detiveram. Ali estava algo, que não era madeira nem ferro, em que podia exercer o seu ódio. Pulou sobre o cão com um lampejo das presas que rasgaram o lado do pescoço do mastim. Esse sacudiu a cabeça, rosnou áspero e mergulhou sobre Caninos Brancos. Mas Caninos Brancos estava aqui, ali e em toda parte, sempre esquivando-se e escapando, e sempre pulando sobre o cão, mordendo com as presas e pulando para longe a tempo de escapar da punição.

Os homens no lado de fora gritavam e aplaudiam, enquanto Beleza Smith, num êxtase de prazer, exultava com o dilaceramento e o estrago executados por Caninos Brancos. Não havia nenhuma esperança para o mastim desde o início. Era demasiado pesado e lento. No final, enquanto Beleza Smith batia em Caninos Brancos com um pedaço de pau, o mastim foi arrastado para fora do cercado pelo dono. Então pagaram-se as apostas, e as moedas tilintaram na mão de Beleza Smith.

Caninos Brancos passou a esperar ansiosamente a reunião de homens ao redor do seu cercado. Significava uma luta, e essa era a única maneira que agora lhe era concedida de expressar a vida que nele havia. Atormentado, incitado a odiar, era mantido preso para que não houvesse outro meio de satisfazer esse ódio a não ser nas ocasiões em que o seu dono julgava apropriado armar uma briga entre ele e outro cachorro. Beleza Smith tinha estimado bem os poderes de Caninos Brancos, pois ele era invariavelmente o vencedor. Certo dia, três

cachorros foram lançados contra ele, um depois do outro. Noutra dia, um lobo adulto, recém-apanhado na Floresta, foi empurrado por uma porta do cercado. E ainda noutra dia, dois cachorros foram jogados contra Caninos Brancos ao mesmo tempo. Essa foi a sua briga mais séria e, apesar de no final ter matado os dois cães, ele próprio quase morreu ao realizar a façanha.

No outono do ano, quando as primeiras neves caíam e o gelo ainda mole corria pelo rio, Beleza Smith comprou passagens para ele e Caninos Brancos num vapor que devia subir o Yukon até Dawson. Caninos Brancos já tinha conseguido uma reputação na região. Como “O Lobo Lutador” era conhecido por toda parte, e a jaula em que era mantido no convés do vapor ficava geralmente rodeada por homens curiosos. Ele se enfurecia e rosnava para todos, ou deitava-se e os estudava com um ódio frio. Por que não os odiaria? Nunca se perguntara. Conhecia apenas o ódio e deixava-se arrebatar por essa paixão. A vida tornara-se um inferno para ele. Não fora feito para a prisão em lugares pequenos que os animais selvagens suportam nas mãos dos homens. Ainda assim, era precisamente esse o tratamento que recebia. Os homens o fitavam, enfiavam varas entre as barras para fazê-lo rosnar e depois riam dele.

Eles eram o seu ambiente, esses homens, e eles estavam moldando a sua argila em algo mais feroz do que fora projetado pela natureza. Ainda assim, a natureza lhe dera plasticidade. Quando muitos outros animais teriam morrido ou perdido o ânimo, ele se ajustava e vivia, sem prejuízo para o ânimo. Talvez Beleza Smith, o arqui-diabo e torturador, fosse capaz de quebrar o ânimo de Caninos Brancos, mas até então não havia sinais de que estivesse conseguindo.

Se Beleza Smith tinha dentro dele um diabo, Caninos Brancos tinha outro, e os dois se enfureciam um contra o outro sem cessar. Nos primeiros dias, Caninos Brancos tivera a sabedoria de se encolher e submeter diante de um homem com um pedaço de pau na mão, mas essa sabedoria agora o abandonava. A mera visão de Beleza Smith bastava para lançá-lo em arrebatamentos de fúria. E, quando entravam em contato e ele apanhava com o pedaço de pau, continuava a grunhir e rosnar e a mostrar as presas. Nunca se podia extrair dele o último rosnado. Não importava quão terrível tivesse sido a surra, ele sempre tinha mais um rosnado; e, quando Beleza Smith desistia e retirava-se, o rosnado desafiador seguia atrás, ou Caninos Brancos pulava contra as barras da jaula berrando o seu ódio.

Quando o vapor chegou a Dawson, Caninos Brancos desembarcou. Mas ainda levava uma vida pública, preso na jaula, rodeado por homens curiosos. Era exibido como “O Lobo Lutador”, e os homens pagavam cinquenta centavos de pó de ouro para vê-lo. Não tinha descanso. Se deitava para dormir, era atizado por uma vara pontuda – para que o público visse o espetáculo pelo qual pagara. A fim de tornar a exibição interessante, era mantido em estado de fúria na maior parte do tempo. Mas o pior de tudo era a atmosfera em que vivia. Era considerado o mais temível dos animais selvagens, e isso lhe era incutido através das barras da jaula. Cada palavra, cada ação cautelosa, da parte dos homens, imprimia nele a sua própria e terrível ferocidade. Era muito combustível acrescentado à chama de sua fúria. O resultado só podia ser um, a sua ferocidade se alimentava de si mesma e aumentava. Era outro exemplo da

plasticidade da sua argila, da sua capacidade de ser moldado pela pressão do ambiente.

Além de ser exibido, ele era um animal lutador profissional. Em intervalos irregulares, sempre que se podia arranjar uma luta, ele era tirado da jaula e levado para a mata a alguns quilômetros da cidade. Em geral isso ocorria à noite, para evitar interferência da polícia montada do território. Depois de algumas horas de espera, quando a luz do dia já aparecera, chegavam o público e o cachorro com que devia lutar. Dessa maneira, ele veio a lutar com todos os tamanhos e raças de cachorros. Era uma região selvagem, os homens eram selvagens, e as lutas geralmente terminavam em morte.

Como Caninos Brancos continuava a lutar, é óbvio que eram os outros cachorros que morriam. Ele jamais conheceu a derrota. Seu antigo treinamento, quando lutava com Lip-lip e todo o bando de filhotes, lhe valia nessas horas. Havia a tenacidade com que aderiu à terra. Nenhum cachorro conseguia derrubá-lo. Esse era o truque favorito das raças dos lobos – precipitar-se sobre ele, quer com um ataque direto, quer com um guinada inesperada, na esperança de golpeá-lo no ombro e derrubá-lo. Os cachorros Mackenzie, os cachorros esquimó e labrador, os huskies e os malemutes – todos tentavam lhe aplicar o truque, e todos fracassavam. Nunca se soube que tivesse sido derrubado. Os homens contavam essa história uns para os outros, e olhavam para ver se acontecia, mas Caninos Brancos sempre os desapontava.

Depois havia a sua rapidez de raio. Isso lhe dava uma tremenda vantagem sobre os antagonistas. Fosse qual fosse a sua experiência de luta, eles jamais tinham enfrentado um cachorro que se movia tão rápido como Caninos Brancos. O que também devia ser levado em conta era o caráter imediato do seu ataque. O cachorro comum estava acostumado às preliminares de rosnar, eriçar o pelo e grunhir, e o cachorro comum era derrubado e derrotado antes que tivesse começado a lutar ou antes que tivesse se refeito da surpresa. Tão frequentemente isso acontecia que tornou-se costume segurar Caninos Brancos até que o outro cachorro passasse pelas preliminares, estivesse em forma e preparado, e mesmo até que fizesse o primeiro ataque.

Mas a maior de todas as vantagens a favor de Caninos Brancos era a sua experiência. Ele sabia mais sobre lutas do que qualquer um dos cachorros que o enfrentavam. Tinha travado mais lutas, sabia como fazer face a mais truques e métodos, tinha ele próprio mais truques, e o seu método nem precisava ser melhorado.

Com o passar do tempo, tinha cada vez menos lutas. Os homens já não alimentavam a esperança de encontrar um cachorro que fosse páreo para Caninos Brancos, e Beleza Smith foi compelido a lançar lobos contra ele. Os índios os agarravam em armadilhas para esse fim, e uma luta entre Caninos Brancos e um lobo sempre atraía uma multidão. Certa vez pegaram um lince fêmea adulto, e nessa ocasião Caninos Brancos lutou pela sua vida. A rapidez do lince estava à altura da sua; a ferocidade do lince igualava a sua; enquanto ele brigava apenas com as presas, ela também lutava com as patas de garras afiadas.

Mas depois do lince, cessaram as lutas para Caninos Brancos. Não havia mais

animais com que lutar – pelo menos, não havia nenhum considerado digno de lutar com ele. Assim continuou a ser exibido até a primavera, quando um certo Tim Keenan, um carteador negociante, chegou à região. Com ele veio o primeiro buldogue a entrar no Klondike. Que esse cachorro e Caninos Brancos viessem a se enfrentar, era inevitável, e por uma semana a luta esperada foi a principal fonte das conversas em certas partes da cidade.

XVIII A MORTE AGARRADA

Beleza Smith soltou a corrente de seu pescoço e deu um passo para trás.

Dessa vez Caninos Brancos não reagiu com um ataque imediato. Ficou parado, as orelhas eretas para a frente, alerta e curioso, vigiando o estranho animal à sua frente. Ele nunca vira um cachorro assim antes. Tim Keenan empurrou o buldogue para a frente com um resmungado “Ataque!” O animal avançou gingando para o centro do círculo, baixo, atarracado e desajeitado. Parou e piscou para Caninos Brancos.

Da multidão vieram gritos de “Ataque, Cherokee!” “Morda, Cherokee!” “Devore!”

Mas Cherokee não parecia ansioso para lutar. Virou a cabeça e piscou para os homens que gritavam, abanando ao mesmo tempo jovialmente o seu toco de rabo. Não tinha medo, apenas preguiça. Além disso, não lhe parecia séria a intenção de que brigasse com o cachorro que via à sua frente. Não estava acostumado a brigar com esse tipo de cachorro, e aguardava que trouxessem o verdadeiro cachorro.

Tim Keenan entrou e inclinou-se sobre Cherokee, acariciando-o nos dois lados dos ombros com mãos que esfregavam a contrapelo e que davam leves empurrões para a frente. Eram sugestões. Além disso, o seu efeito era irritante, pois Cherokee começou a rosnar, muito de leve, bem no fundo da garganta. Havia uma correspondência de ritmo entre os rosnados e os movimentos das mãos do homem. O rosnado subia na garganta com o auge de cada empurrão para a frente, depois diminuía para começar de novo com o início do próximo movimento. O fim de cada movimento era o acento do ritmo, o movimento terminando abruptamente e o rosnado aumentando com um safanão.

Isso não deixou de ter o seu efeito sobre Caninos Brancos. O pelo começou a se erguer no pescoço e pelos ombros. Tim Keenan deu um último empurrão para a frente e voltou a recuar. Quando o impulso que empurrava Cherokee morreu, ele continuou a seguir por sua própria vontade, numa corrida rápida de patas tortas. Foi então que Caninos Brancos atacou. Um grito de espanto e admiração se elevou. Ele tinha percorrido a distância e atacado mais como um gato do que como cachorro; e com a mesma rapidez felina mordera com as presas e pulara para longe.

O buldogue estava sangrando atrás de uma orelha por uma tira aberta no pescoço grosso. Não acusou o golpe, nem mesmo rosnou, mas virou-se e foi atrás de Caninos Brancos. O espetáculo de ambos os lados, a rapidez de um e a

constância do outro, tinha excitado o espírito partidário da multidão, e os homens faziam novas apostas e aumentavam as apostas originais. Mais uma vez, e ainda mais uma vez, Caninos Brancos atacou, mordeu e safou-se ileso; e o seu estranho inimigo continuava a segui-lo, sem muita pressa, não lentamente, mas deliberada e determinadamente, de um modo sistemático. Havia propósito no seu método – algo a ser feito que ele estava determinado a fazer e de que nada poderia desviá-lo.

Todo o seu porte, os seus movimentos, estavam marcados com esse propósito. Isso intrigava Caninos Brancos. Jamais vira um cachorro desse tipo. Não tinha a proteção do pelo. Era macio e sangrava facilmente. Não havia uma camada espessa de pele para obstruir os dentes de Caninos Brancos, como eles eram frequentemente obstruídos pelos cachorros de sua própria estirpe. Toda vez que atacavam, os dentes afundavam facilmente na carne submissa, enquanto o animal não parecia capaz de se defender. Outro fato desconcertante era que ele não fazia alarido, como Caninos Brancos estava acostumado a escutar dos outros cachorros com que lutara. Além de um grunhido e um resmungo, o cachorro recebia os golpes em silêncio. E nunca vacilou na sua perseguição a Caninos Brancos.

Não que Cherokee fosse lento. Ele podia se virar e rodopiar com bastante rapidez, mas Caninos Brancos nunca estava no lugar esperado. Cherokee também estava intrigado. Nunca lutara com um cachorro do qual não conseguia chegar perto. O desejo de entrar em contato sempre fora mútuo. Mas ali estava um cachorro que sempre mantinha uma distância, dançando e esquivando-se aqui e ali e em toda parte. E quando metia os dentes nele, o cachorro não mantinha a mordida, mas soltava-o imediatamente e afastava-se de novo como um raio.

Mas Caninos Brancos não conseguia atacar a parte macia debaixo da garganta. O buldogue era baixo demais, e as mandíbulas maciças constituíam uma proteção adicional. Caninos Brancos atacava e escapava ileso, enquanto as feridas de Cherokee aumentavam. Os dois lados do pescoço e a cabeça estavam em ripas e cheios de mordidas. Ele sangrava copiosamente, mas não mostrava sinais de estar desconcertado. Continuava a sua perseguição arrastada, embora em certo momento, frustrado, tivesse parado completamente e piscado para os homens que o observavam, abanando ao mesmo tempo o seu toco de rabo como expressão de sua vontade de lutar.

Nesse momento, Caninos Brancos saltou sobre ele e para longe, retalhando de passagem o que sobrava de uma orelha. Como uma leve manifestação de raiva, Cherokee retomou a perseguição, correndo na parte interna do círculo que Caninos Brancos estava traçando e procurando assestar a sua mordida mortal na garganta de Caninos Brancos. O buldogue errou por um triz, e gritos de admiração se elevaram no ar, quando Caninos Brancos eludiu de repente o perigo saltando na direção oposta.

Passava o tempo. Caninos Brancos ainda dançava, esquivando-se e escapando, atacando e afastando-se, sempre causando dano. E ainda assim o buldogue, com uma certeza sombria, labutava na sua perseguição. Mais cedo ou mais tarde realizaria o seu propósito, daria a mordida que venceria a batalha. Nesse meio tempo, aceitava todos os danos que o outro pudesse lhe infligir. Os

seus tufos de orelhas tinham se transformado em borlas, o pescoço e os ombros estavam mordidos em vinte lugares, e os próprios lábios cortados sangravam – tudo fruto daquelas mordidas relâmpagos que estavam fora do alcance da sua previsão e guarda.

Mais de uma vez Caninos Brancos tentara derrubar Cherokee, mas a diferença de alturas era grande demais. Cherokee era demasiado atarracado, demasiado rente ao chão. Caninos Brancos tentou o truque repetidas vezes. A chance veio num de seus rápidos esquivos e giros ao contrário. Pegou Cherokee com a cabeça virada para fora, rodopiando mais lento. O ombro estava exposto. Caninos Brancos lançou-se sobre ele, mas o seu próprio ombro estava muito acima, e ele golpeou com tal força que seu impulso o carregou por sobre o corpo do outro. Pela primeira vez na sua história de lutas, os homens viram Caninos Brancos perder o apoio das patas. O corpo deu um meio salto mortal no ar, e ele teria pousado sobre o lombo se não tivesse se torcido, à maneira de um gato, ainda no ar, no esforço de firmar as patas de novo no chão. O que aconteceu é que ele caiu pesado sobre o lado. No instante seguinte já estava sobre as patas, mas nesse momento os dentes de Cherokee se fecharam sobre a sua garganta.

Não foi uma boa mordida, por ser baixa demais em direção ao peito, mas Cherokee não a largou. Caninos Brancos pulou sobre as patas e correu loucamente pra lá e pra cá, tentando livrar-se do corpo do bulldogue. Isso o deixava frenético, esse peso agarrado, arrastado. Limitava os seus movimentos, restringia a sua liberdade. Era como uma armadilha, e todo o seu instinto se ressentia da captura e revoltava-se contra a cilada. Era uma louca revolta. Por vários minutos, ficou para todos os efeitos insano. A vida básica que nele havia tomou conta de Caninos Brancos. A vontade que seu corpo tinha de existir avolumou-se no seu interior. Estava dominado por esse mero amor carnal da vida. Toda a inteligência desaparecera. Era como se não tivesse cérebro. A razão foi desequilibrada pelo desejo carnal cego de existir e mover-se, a todo transe mover-se, continuar a se mover, pois o movimento era a expressão da sua existência.

Correu mais de uma vez ao redor, rodopiando, virando-se e invertendo a direção, tentando livrar-se dos vinte e três quilos que arrastava na garganta. O bulldogue só cuidava de não largar a mordida. Às vezes, raramente, conseguia pôr as patas no chão, para concentrar por um momento as suas energias contra Caninos Brancos. Mas, no momento seguinte, já perdia o apoio das patas e era arrastado ao redor no redemoinho de mais um dos rodopios malucos de Caninos Brancos. Cherokee identificava-se com o seu instinto. Sabia que estava agindo certo ao manter a mordida, e sentia às vezes certos frêmitos prazerosos de satisfação. Nesses momentos, até fechava os olhos e deixava que seu corpo fosse jogado para lá e para cá, de bom ou de mau grado, sem cuidar das feridas que poderia receber com isso. Os danos não contavam. A mordida era o importante, e a mordida ele não largava.

Caninos Brancos só parou quando já estava morto de cansaço. Nada podia fazer, e não compreendia. Nunca, em todas as suas lutas, uma coisa dessas lhe acontecera. Os cachorros com que brigava não lutavam dessa maneira. Com eles era mordida, cutilada e recuo, mordida, cutilada e recuo. Apoiou-se

parcialmente sobre o lado, ofegando por ar. Cherokee, ainda mantendo a mordida, precipitou-se contra ele, tentando obrigá-lo a deitar-se inteiramente de lado. Caninos Brancos resistiu, e podia sentir as mandíbulas mudando a mordida, relaxando de leve e voltando a se fechar num movimento de mastigação. Cada mudança trazia a mordida mais para perto da sua garganta. O método do buldogue era manter o que tinha, e, quando surgisse oportunidade, procurar aprofundar o golpe. A oportunidade aparecia, quando Caninos Brancos ficava quieto. Quando Caninos Brancos lutava, Cherokee se contentava simplesmente em manter a mordida.

A parte traseira saliente do pescoço de Cherokee era a única porção de seu corpo que os dentes de Caninos Brancos conseguiam alcançar. Ele mordeu em direção à base, naquele ponto em que o pescoço emerge dos ombros; mas não conhecia o método de mastigar como estratégia de luta, nem as suas mandíbulas eram adaptadas para tal coisa. Rasgava e cortava espasmodicamente com as presas em busca de espaço. Depois uma mudança na posição dos dois cachorros o desviou. O buldogue conseguira fazê-lo rolar sobre o lombo e, ainda agarrado à sua garganta, estava em cima dele. Como um gato, Caninos Brancos arqueou os quartos traseiros para dentro e, com as patas cavando no abdômen do inimigo acima dele, começou a arranhar com golpes longos e dilacerantes. Cherokee bem que poderia ter sido estripado, se não tivesse girado rapidamente sobre a sua mordida e tirado o corpo de cima do de Caninos Brancos, ficando em posição de ângulo reto com a sua vítima.

Não havia como escapar daquela mordida. Era como o próprio destino, e inexorável. A mordida se movia lentamente ao longo da jugular. O que salvava Caninos Brancos da morte era só a pele solta de seu pescoço e o pelo espesso que a cobria. Isso servia para formar um grande rolo na boca de Cherokee, e os pelos quase desafiavam os seus dentes. Mas, pouco a pouco, sempre que havia uma chance, ele agarrava mais pele solta e pelo na sua boca. O resultado era que ia lentamente estrangulando Caninos Brancos. A respiração do último ficava cada vez mais difícil a cada momento que se passava.

Começou a parecer que a batalha estava finda. Os apostadores de Cherokee exultavam e ofereciam apostas ridículas. Os apostadores de Caninos Brancos, conseqüentemente deprimidos, recusavam apostas de dez para um e vinte para um, embora um homem fosse bastante temerário a ponto de aceitar uma parada de cinquenta para um. Esse homem foi Beleza Smith. Ele deu um passo para dentro do círculo e apontou o dedo para Caninos Brancos. Depois começou a rir com desdenho e zombaria. Isso produziu o efeito desejado. Caninos Brancos ficou louco de raiva. Reuniu todas as suas reservas de força e levantou-se sobre as patas. Enquanto lutava ao redor do círculo, os vinte e três quilos do inimigo ainda agarrados na sua garganta, a sua raiva transformou-se em pânico. A vida básica no seu interior o dominou mais uma vez, e a sua inteligência fugiu diante da vontade carnal de viver. Ao redor, para um lado e para o outro, tropeçando, caindo e levantando-se, até erguendo-se às vezes nas patas traseiras e levantando o inimigo da terra, ele lutou em vão para afastar a morte agarrada.

Por fim tombou, desabando para trás, exausto; e o buldogue logo mudou a mordida, chegando mais para dentro, estropiando cada vez mais a carne coberta

de pelo, estrangulando Caninos Brancos com mais força que nunca. Gritos de aplauso se elevaram para o vencedor, e escutaram-se muitos gritos de “Cherokee!” “Cherokee!” A isso Cherokee reagia abanando vigorosamente o seu toco de rabo. Mas o clamor de aprovação não o distraía. Não havia nenhuma relação simpática entre o seu rabo e as suas mandíbulas poderosas. O rabo podia abanar, mas as mandíbulas mantinham a terrível mordida na garganta de Caninos Brancos.

Foi nesse momento que os espectadores tiveram a sua atenção desviada. Houve um tilintar de sinos. Escutaram-se gritos de condutores de cães de trenó. Todos, exceto Beleza Smith, olharam apreensivamente, o medo da polícia forte dentro deles. Mas viram, subindo a trilha, e não descendo, dois homens correndo com o trenó e cachorros. Estavam evidentemente descendo o arroio, vindo de uma viagem de exploração. À vista da multidão, pararam os cachorros e aproximaram-se do grupo, curiosos para ver a causa da comoção. O condutor dos cães tinha um bigode, mas o outro, um homem mais alto e mais jovem, estava barbeado, a pele rosada da pulsação do sangue e da corrida no ar gelado.

Caninos Brancos tinha praticamente parado de lutar. De vez em quando resistia espasmodicamente, mas em vão. Consequia aspirar um pouco de ar, e esse pouco tornava-se cada vez menos sob a mordida impiedosa que se apertava sem parar. Apesar da sua armadura de pelo, a grande veia da garganta já teria sido aberta há muito tempo, se a primeira mordida do buldogue não tivesse sido tão baixa a ponto de atingir praticamente o peito. Cherokee levava um longo tempo para levar a mordida para cima, e isso só tendera a obstruir as suas mandíbulas com pelo e dobras de pele.

Nesse meio tempo, a besta colossal em Beleza Smith ia subindo para a sua mente e dominando o pouquinho de sanidade mental que ele, quando muito, possuía. Quando viu os olhos de Caninos Brancos começarem a vidrar, soube sem sombra de dúvida que a luta estava perdida. Então perdeu as estribeiras. Pulou sobre Caninos Brancos e começou a chutá-lo selvagememente. Vieram assobios da multidão e gritos de protesto, mas foi tudo. Enquanto isso se prolongava, e Beleza Smith continuava a chutar Caninos Brancos, houve uma comoção na multidão. O recém-chegado jovem e alto forçava a passagem pelo grupo, acotovelando os homens à direita e à esquerda sem cerimônia, nem gentileza. Quando irrompeu dentro do círculo, Beleza Smith estava justamente no ato de dar mais um chute. Todo o seu peso estava sobre um dos pés, e ele se encontrava num estado de equilíbrio instável. Nesse momento, o punho do recém-chegado desfechou um golpe esmagador bem no meio da sua face. A perna restante de Beleza Smith deixou o chão, e todo o seu corpo pareceu elevar-se no ar, enquanto ele virava e caía sobre a neve. O recém-chegado virou-se para a multidão.

– Covardes! – gritou. – Animais!

Ele próprio estava enfurecido – uma raiva sadia. Os olhos cinzentos pareciam metal e aço, enquanto relampejavam sobre a multidão. Beleza Smith levantou-se e veio na sua direção, choramingando como um covarde. O recém-chegado não compreendeu. Não sabia que covarde abjeto o outro era, e pensou que ele estava voltando com a intenção de lutar. Assim, com um “Animal!”, jogou Beleza Smith

longe com um segundo soco esmagador na face. Beleza Smith decidiu que a neve era o lugar mais seguro, e continuou deitado onde tinha caído, sem fazer esforços para se levantar.

– Vamos, Matt, me dê uma mão – gritou o recém-chegado para o condutor de cães, que o tinha seguido até o círculo.

Os dois homens se inclinaram sobre os cachorros. Matt segurou Caninos Brancos, pronto a puxar assim que as mandíbulas de Cherokee fossem abertas. Isso o homem mais jovem procurava fazer, agarrando as mandíbulas do buldogue nas mãos e tentando separá-las. Era uma tarefa vã. Enquanto ele puxava, estirava e distendia, não parava de exclamar a cada expulsão de ar “Animais!”

A multidão começou a ficar tumultuada, e alguns dos homens protestavam contra o fim do espetáculo. Mas foram silenciados quando o recém-chegado levantou a cabeça por um momento e fitou-os.

– Malditos animais! – explodiu finalmente e voltou à sua tarefa.

– Não adianta, Sr. Scott, não vai conseguir separá-las dessa maneira – disse Matt por fim.

O par fez uma pausa e observou os cachorros trancados.

– Não está sangrando muito – anunciou Matt. – Ainda não entrou até o fim.

– Mas vai entrar a qualquer momento – respondeu Scott. – Ei, você viu isso! Ele aprofundou a mordida um pouco mais.

A comoção e apreensão do homem mais jovem por Caninos Brancos era crescente. Bateu selvagememente na cabeça de Cherokee mais de uma vez. Mas isso não afrouxava as mandíbulas. Cherokee abanava o toco de rabo avisando que compreendia o significado dos golpes, mas que ele sabia que estava certo, apenas cumprindo seu dever ao manter a mordida.

– Ninguém pode ajudar? – Scott gritou desesperadamente para a multidão.

Mas ninguém ofereceu ajuda. Em vez disso, a multidão começou sarcasticamente a encorajá-lo e a cobri-lo de conselhos jocosos.

– Você vai ter que arrumar uma alavanca – aconselhou Matt.

O outro pôs a mão no coldre na sua anca, tirou o revólver e tentou enfiar a boca da arma entre as mandíbulas do buldogue. Empurrou, e empurrou com força, até se poder ouvir distintamente o ranger do aço contra os dentes trancados. Os dois homens estavam de joelhos, inclinados sobre os cachorros. Tim Keenan entrou no círculo a passos largos. Parou ao lado de Scott e tocou-lhe o ombro, dizendo ameaçador:

– Não quebre os dentes dele, estranho.

– Então vou quebrar o seu pescoço – respondeu Scott, continuando a empurrar e introduzir a boca do revólver.

– Disse para não quebrar os dentes dele – repetiu o carteador negociante mais ameaçador do que antes.

Mas, se pretendia blefar, não funcionou. Scott não desistiu de seus esforços, embora olhasse friamente para cima e perguntasse:

– Seu cachorro?

O carteador resmungou.

– Então chegue aqui e desfaça essa mordida.

– Bem, estranho – o outro arrastava as palavras irritantemente. – Não me importo de lhe dizer que isso é algo que nunca consegui fazer. Não sei como se faz o truque.

– Então saia do caminho – foi a resposta – e não me incomode. Estou ocupado.

Tim Keenan continuou de pé ao seu lado, mas Scott não prestou mais atenção à sua presença. Conseguiu colocar a boca da arma entre as mandíbulas num lado, e estava tentando fazê-la sair entre as mandíbulas no outro lado. Feito isso, começou a abrir a mordida com a alavanca improvisada, gentil e cuidadosamente, afrouxando as mandíbulas um pouco de cada vez, enquanto Matt, um pouco de cada vez, soltava o pescoço estropiado de Caninos Brancos.

– Fique perto para receber o seu cachorro – foi a ordem peremptória de Scott para o dono de Cherokee.

O carteador negociante inclinou-se obedientemente e segurou Cherokee com firmeza.

– Agora – avisou Scott, dando o último golpe na alavanca.

Os cachorros foram separados, o buldogue lutando vigorosamente.

– Leve seu cachorro embora – comandou Scott, e Tim Keenan arrastou Cherokee de volta para a multidão.

Caninos Brancos fez vários esforços inúteis para se levantar. Uma vez ergueu-se sobre as patas, mas as pernas estavam fracas demais para sustê-lo, e ele lentamente esmoreceu e afundou de novo na neve. Os olhos estavam meio fechados, e sua superfície vidrada. As mandíbulas estavam abertas, e por entre as duas caía para fora a língua, suja e mole. Para todos os efeitos, ele parecia um cachorro estrangulado. Matt o examinou.

– Entrou quase até o fim – anunciou –, mas ele está respirando bem.

Beleza Smith tinha se levantado e aproximou-se para olhar Caninos Brancos.

– Matt, quanto vale um bom cão de trenó? – perguntou Scott.

O condutor, ainda de joelhos e inclinado sobre Caninos Brancos, calculou por um momento.

– Trezentos dólares – respondeu.

– E quanto vale um todo estropiado como este? – perguntou Scott, cutucando Caninos Brancos com o pé.

– Metade disso – foi o julgamento do condutor.

Scott virou-se para Beleza Smith.

– Ouviu, sr. Animal? Vou tirar o cachorro de você, e vou lhe pagar cento e cinquenta por ele.

Abriu a carteira e contou as notas.

Beleza Smith pôs as mãos nas costas, recusando-se a tocar no dinheiro oferecido.

– Não estou vendendo – disse.

– Oh, sim, está – o outro lhe assegurou. – Porque eu estou comprando. Aqui está o dinheiro. O cachorro é meu.

Beleza Smith, as mãos ainda nas costas, começou a recuar.

Scott pulou na sua direção, o punho para trás para acertar outro soco. Beleza Smith encolheu-se esperando o golpe.

– Tenho meus direitos – choramingou.
– Você perdeu o direito de ser o dono desse cachorro – foi a resposta. – Vai pegar o dinheiro? Ou vou ter que lhe dar outro soco?
– Está bem – falou Beleza Smith com a vivacidade do medo. – Mas pego o dinheiro sob protesto – acrescentou. – O cachorro é um tesouro. Não vou ser roubado. Um homem tem os seus direitos.
– Correto – respondeu Scott, entregando-lhe o dinheiro. – Um homem tem os seus direitos. Mas você não é um homem. Você é um animal.
– Espere até eu chegar a Dawson – ameaçou Beleza Smith. – Vou pôr a lei no seu encaixo.
– Se abrir a boca quando chegar a Dawson, vou mandar que o expulsem da cidade. Entendeu?
Beleza Smith respondeu com um resmungo.
– Compreendeu? – o outro trovejou com uma ferocidade abrupta.
– Sim – respondeu Beleza Smith, afastando-se encolhido.
– Sim o quê?
– Sim, senhor – rosou Beleza Smith.
– Cuidado! Ele morde! – alguém gritou, e uma gargalhada subiu no ar.
Scott deu-lhe as costas e voltou a ajudar o condutor, que estava cuidando de Caninos Brancos.

Alguns dos homens já partiam, outros ainda ficavam em grupos, observando e conversando. Tim Keenan juntou-se a um desses grupos.

– Quem é esse trouxa? – perguntou.
– Weedon Scott – alguém respondeu.
– E quem diabos é Weedon Scott? – perguntou o carteador negociante.
– Oh, um desses técnicos batutas das minas. Íntimo de todos os figurões. Se não quiser encrenca, fique longe dele, é o que digo. Tem ótimas relações com as autoridades. O Comissário do Ouro é um amigo especial seu.
– Achei que devia ser alguém – foi o comentário do carteador. – É por isso que não pus as mãos nele no início.

XIX O INDOMÁVEL

– É inútil – confessou Weedon Scott.
Sentado no degrau da sua cabana, ele fitava o condutor de cães, que reagiu com um dar de ombros igualmente sem esperança.
Juntos olharam para Caninos Brancos na ponta da sua corrente esticada, pelo eriçado, rosnando, feroz, lutando para pegar os cachorros do trenó. Depois de receberem várias lições de Matt, lições que foram ministradas com um pedaço de pau, os cachorros tinham aprendido a deixar Caninos Brancos em paz, e desde então estavam deitados a certa distância, aparentemente esquecidos da sua presença.
– É um lobo, e não há como domá-lo – anunciou Weedon Scott.
– Oh, não sei – objetou Matt. – Talvez tenha um bocado de cachorro dentro

dele, apesar das aparências. Mas de uma coisa tenho certeza, e não dá para negar.

O condutor fez uma pausa e virou a cabeça confiante para a Montanha Moosehide.

– Bem, não fique guardando o que você sabe como um avarento – disse Scott asperamente, depois de esperar um tempo razoável. – Desabafe. O que é?

O condutor indicou Caninos Brancos com o polegar virado para trás.

– Lobo ou cachorro, dá no mesmo... ele já foi domado.

– Não!

– Foi sim, e chegou a ser arreado. Olhe aqui. Está vendo estas marcas no peito?

– Tem razão, Matt. Ele foi um cachorro de trenó antes de Beleza Smith o pegar.

– E não há muitas razões para ele não voltar a ser um cachorro de trenó.

– O que você acha? – perguntou Scott ansioso. Depois a esperança esmoreceu enquanto acrescentava, sacudindo a cabeça: – Já está conosco há duas semanas e, se há alguma diferença, está mais selvagem do que nunca.

– Dê uma chance ao animal – aconselhou Matt. – Solte-o um pouco.

O outro o olhou incrédulo.

– Sim – continuou Matt –, sei que você tentou, mas não usou um pedaço de pau.

– Tente você então.

O condutor pegou um pedaço de pau e aproximou-se do animal acorrentado. Caninos Brancos observou o pedaço de pau à maneira de um leão enjaulado que observa o chicote do domador.

– Está vendo que ele não tira o olho do pedaço de pau? – disse Matt. – É um bom sinal. Ele não é bobo. Não vai se atrever a me atacar, enquanto eu tiver este pau na mão. Não é louco.

Quando a mão do homem se aproximou do seu pescoço, Caninos Brancos eriçou o pelo, rosnou e abaixou-se. Mas, enquanto olhava a mão que se aproximava, dava um jeito de ao mesmo tempo vigiar o pau na outra mão, suspenso ameaçadoramente sobre a sua cabeça. Matt desprende a corrente da coleira e deu um passo para trás.

Caninos Brancos não conseguia compreender que estava livre. Muitos meses tinham transcorrido desde que passara para as mãos de Beleza Smith, e durante todo esse período nunca conhecera um momento de liberdade, exceto nas ocasiões em que fora solto para lutar com outros cachorros. Imediatamente depois dessas lutas, voltava a ser aprisionado.

Não sabia o que pensar. Talvez alguma nova maldade dos deuses estivesse prestes a ser perpetrada sobre a sua cabeça. Caminhou lenta e cautelosamente, preparado para ser atacado a qualquer momento. Não sabia o que fazer, era tudo sem precedentes. Tomou a precaução de afastar-se dos dois deuses que o observavam e caminhou cuidadosamente para o canto da cabana. Nada aconteceu. Estava claramente perplexo, e voltou parando a uns três metros de distância e olhando os homens com atenção.

– Ele não vai fugir? – perguntou o seu novo dono.

Matt deu de ombros.

– Temos que apostar. A única maneira de descobrir é descobrindo.

– Pobre diabo – murmurou Scott com pena. – O que ele precisa é de um pouco de bondade humana – acrescentou, virando-se e entrando na cabana.

Voltou a sair com um pedaço de carne, que atirou para Caninos Brancos. Este pulou, afastando-se, e de uma certa distância estudou a carne com suspeição.

– Ei, cuidado, Major! – foi o grito de alerta de Matt, mas era tarde demais.

Major pulara para pegar a carne. No instante em que suas mandíbulas se fecharam sobre o pedaço de carne, Caninos Brancos o atacou. Major foi derrubado. Matt correu para apartar a briga, porém Caninos Brancos foi mais rápido. Major levantou-se cambaleando, mas o sangue que jorrava da sua garganta avermelhou a neve, formando uma trilha que se alargava.

– Que pena, mas foi bem feito – disse Scott rápido.

Mas o pé de Matt já começara o seu trajeto para chutar Caninos Brancos. Um salto, um relampejar de dentes, uma exclamação aguda. Caninos Brancos, rosnando ferozmente, recuou atrapalhadamente vários metros, enquanto Matt se abaixava e examinava a perna.

– Ele me pegou com certeza – anunciou, apontando para a calça e ceroula rasgadas, e a crescente mancha vermelha.

– Eu lhe disse que era inútil, Matt – disse Scott com voz desanimada. – Andei pensando nisso uma vez por outra, apesar de não querer pensar nisso. Mas agora chegou a hora da decisão. É a única coisa a fazer.

Enquanto falava, com movimentos relutantes sacou o revólver, abriu o tambor e assegurou-se do seu conteúdo.

– Pense um pouco, sr. Scott – objetou Matt –, esse cachorro passou pelo inferno. Não pode querer que ele saia um anjo branco e brilhante. Dê um pouco de tempo para ele.

– Olhe para Major – respondeu o outro.

O condutor examinou o cachorro abatido. Afundara sobre a neve no círculo de seu sangue, e estava claramente nas últimas.

– Bem feito. Foi o que o senhor falou, sr. Scott. Ele tentou tirar a carne de Caninos Brancos, e está morto da silva. Era de esperar. Não daria dois vivos no inferno por um cachorro que não lutasse pelo seu pedaço de carne.

– Mas olhe para você, Matt. Tudo bem sobre os cachorros, mas temos de traçar o limite em algum lugar.

– Bem feito para mim – argumentou Matt obstinado. – Por que fui me meter a chutá-lo? O senhor mesmo disse que ele estava com a razão. Então eu não tinha o direito de chutá-lo.

– Seria um ato de compaixão matá-lo – insistiu Scott. – Ele é indomável.

– Espere um pouco, sr. Scott, dê uma chance ao pobre diabo. Ele ainda não teve uma chance. Acaba de passar pelo inferno, e esta é a primeira vez que está solto. Dê uma chance para ele e, se ele não aprovar, eu próprio o matarei.

Assim!

– Só Deus sabe que não quero matá-lo nem mandar matá-lo – respondeu Scott, guardando o revólver. – Vamos deixá-lo correr solto e ver como a bondade pode ajudá-lo. Uma primeira tentativa.

Caminhou para perto de Caninos Brancos e começou a lhe falar numa voz gentil e branda.

– Melhor ter um pedaço de pau na mão – avisou Matt.

Scott sacudiu a cabeça e continuou a tentar ganhar a confiança de Caninos Brancos.

Caninos Brancos estava cheio de suspeitas. Algo estava por acontecer. Ele tinha matado o cachorro desse deus, mordido o companheiro do deus, e que mais esperar do que algum terrível castigo? Mas, diante das circunstâncias, continuava indomável. Eriçou o pelo e mostrou os dentes, os olhos vigiando, todo o seu corpo desconfiado e preparado para qualquer coisa. O deus não tinha nenhum pedaço de pau, por isso deixou que chegasse bem perto. A mão do deus se estendeu e começou a descer sobre a sua cabeça. Caninos Brancos encolheu-se e ficou tenso, enquanto se abaixava sob aquela mão. Ali havia perigo, algum golpe baixo ou coisa parecida. Ele conhecia as mãos dos deuses, o seu domínio comprovado, a sua destreza para machucar. Além disso, era antiga a sua antipatia a ser tocado. Rosnou mais ameaçador, abaixou-se ainda mais, mas a mão continuava a descer. Ele não queria morder a mão, e suportou o seu perigo até que o instinto cresceu dentro dele, dominando-o com seu desejo insaciável de vida.

Weedon Scott tinha pensado que era bastante rápido para evitar qualquer mordida ou cutilada. Mas ainda tinha de conhecer a rapidez extraordinária de Caninos Brancos, que o atacou com a certeza e a velocidade de uma cobra enroscada.

Scott deu um grito agudo de surpresa, pegando a mão rasgada e segurando-a bem apertado na outra mão. Matt soltou uma enorme praga e pulou para o lado do patrão. Caninos Brancos encolheu-se e recuou, o pelo eriçado, mostrando as presas, os olhos malévolos de ameaça. Agora podia esperar uma surra tão terrível quanto qualquer uma das que recebera de Beleza Smith.

— Ei! O que está fazendo? – gritou Scott de repente.

Matt tinha corrido para a cabana e vinha com um rifle.

– Nada – disse devagar, com uma calma descuidada que era simulada –, apenas vou cumprir a promessa que fiz. Acho que me cabe matá-lo como disse que faria.

– Não vai matar, não!

– Vou matar, sim. Observe.

Assim como Matt suplicara pela vida de Caninos Brancos quando fora mordido, agora era a vez de Weedon Scott suplicar.

– Você disse para lhe dar uma chance. Bem, então lhe dê a chance. Apenas começamos a tentativa, e não podemos desistir no início. Desta vez, bem feito para mim. E... veja!

Caninos Brancos, perto do canto da cabana e a uns doze metros de distância, rosnava com um rancor pavoroso, não para Scott, mas para o condutor dos cães.

– Bem, com mil diabos! – foi a expressão de espanto do condutor.

– Observe a sua inteligência – continuou Scott apressado. – Ele sabe o significado das armas de fogo tão bem quanto você. Tem inteligência, e temos de dar uma chance a essa inteligência. Guarde essa arma.

– Tá bem, de acordo – concordou Matt, encostando o rifle contra a pilha de

lenha.

– Mas olhe para isso! – exclamou no momento seguinte.

Caninos Brancos tinha se aquietado e parado de rosnar.

– Vale a pena investigar. Observe.

Matt estendeu a mão para pegar o rifle, e no mesmo momento Caninos Brancos rosnou. Ele se afastou do rifle, e os lábios de Caninos Brancos desceram, cobrindo as presas.

– Agora, só de brincadeira.

Matt pegou o rifle e começou lentamente a levá-lo ao ombro. O rosnado de Caninos Brancos iniciou-se com o movimento, e aumentou quando o movimento chegou perto do clímax. Mas, no minuto antes de o rifle ficar no mesmo nível que ele, Caninos Brancos pulou para o lado e escondeu-se atrás do canto da cabana. Matt ficou fitando no seu campo de visão o espaço vazio na neve que fora ocupado por Caninos Brancos.

O condutor baixou o rifle solene, depois virou-se e olhou para seu patrão.

– Concordo, sr. Scott. Esse cachorro é inteligente demais para ser morto.

XX

O SENHOR DO AMOR

Enquanto observava Weedon Scott se aproximar, Caninos Brancos eriçou o pelo e rosnou para avisar que não se submeteria a um castigo. Vinte e quatro horas tinham se passado desde que ele abrisse com os dentes a mão que agora estava enfaixada e suspensa por uma tipoia, para impedir o fluxo do sangue. No passado, Caninos Brancos tivera a experiência de castigos adiados, e ele temia que mais um estivesse prestes a lhe ser aplicado. Como poderia ser de outra maneira? Ele tinha cometido o que considerava ser sacrilégio, afundara as presas na carne sagrada de um deus, e ainda por cima de um deus superior de pele branca. Diante dessas circunstâncias, e da sua relação com os deuses, algo terrível o aguardava.

O deus sentou-se a alguns metros de distância. Caninos Brancos não viu nada de perigoso nisso. Quando os deuses aplicavam o castigo, eles sempre ficavam de pé. Além disso, esse deus não tinha pedaço de pau, chicote, arma de fogo. E, além do mais, ele próprio estava livre. Nenhuma corrente ou vara o prendia. Podia fugir em busca de segurança, enquanto o deus ainda se levantava cambaleando. Nesse meio tempo, esperaria e veria.

O deus ficou quieto, não fez nenhum movimento, e o rosnado de Caninos Brancos lentamente diminuiu para um grunhido, que refluíu para a garganta e cessou. Então o deus falou, e, ao primeiro som da sua voz, o pelo se eriçou no pescoço de Caninos Brancos e o rosnado subiu na sua garganta. Mas o deus não fez nenhum movimento hostil e continuou calmamente a falar. Por algum tempo Caninos Brancos rosnou em uníssono com ele, uma correspondência de ritmo sendo estabelecida entre o rosnado e a voz. Mas o deus continuava a falar interminavelmente. Falava para Caninos Brancos como nunca ninguém lhe falara. Falava suave e apaziguadoramente, com uma gentileza que de algum

modo, em algum lugar, tocava Caninos Brancos. Apesar de si mesmo e de todos os avisos pungentes do seu instinto, Caninos Brancos começou a ter confiança nesse deus. Experimentava um sentimento de segurança que não correspondia a toda a sua experiência com os homens.

Depois de longo tempo, o deus se levantou e entrou na cabana. Caninos Brancos o examinou apreensivamente, quando voltou a sair. Não tinha chicote, nem pedaço de pau, nem arma. Nem a sua mão machucada estava atrás das costas escondendo alguma coisa. Sentou-se como antes, no mesmo lugar, a alguns metros de distância. Estendeu um pequeno pedaço de carne. Caninos Brancos empinou as orelhas e investigou-o suspeitosamente, conseguindo olhar ao mesmo tempo para a carne e para o deus, alerta a qualquer ato manifesto, corpo tenso e pronto para pular fora ao primeiro sinal de hostilidade.

Ainda assim o castigo tardava. O deus segurava perto do seu focinho um pedaço de carne. E não parecia haver nada de errado com a carne. Mas Caninos Brancos suspeitava; e, apesar de a carne lhe ser oferecida com pequenos movimentos convidativos da mão, ele se recusava a tocá-la. Os deuses eram sábios, e não se sabia que poderosa traição estava à espreita por trás daquele pedaço de carne aparentemente inofensivo. Na experiência passada, especialmente no trato com as índias, a carne e o castigo tinham sido muitas vezes desastrosamente relacionados.

Por fim, o deus atirou a carne sobre a neve aos pés de Caninos Brancos. Ele cheirou a carne com cuidado, mas não olhou para o pedaço. Enquanto cheirava, mantinha os olhos fixos no deus. Nada aconteceu. Ele pegou a carne na boca e a engoliu. Ainda nada aconteceu. O deus estava realmente lhe oferecendo outro pedaço de carne. Mais uma vez recusou-se a pegá-lo da mão, e de novo a carne lhe foi atirada. Isso se repetiu várias vezes. Mas chegou o momento em que o deus se recusou a atirar a carne. Ele a conservou na mão e a ofereceu com firmeza.

A carne era boa, e Caninos Brancos estava com fome. Pouco a pouco, infinitamente cauteloso, ele se aproximou da mão. Por fim, chegou o momento em que decidiu comer a carne na mão do deus. Não tirava os olhos do deus, estendendo a cabeça com as orelhas achatadas para trás e o pelo eriçado e volumoso no pescoço. Um rosnado baixo também bramia na sua garganta como um aviso de que não estava para brincadeiras. Comeu a carne, e nada aconteceu. Pedaço a pedaço, comeu toda a carne, e nada aconteceu. E o castigo ainda tardava.

Lambeu os beiços e esperou. O deus continuava a falar. Na sua voz havia bondade – algo de que Caninos Brancos não tinha nenhuma experiência. E, dentro dele, despertava sentimentos que ele igualmente nunca experimentara antes. Sentia uma certa estranha satisfação, como se alguma necessidade estivesse sendo satisfeita, como se um vazio no seu ser estivesse sendo preenchido. Depois voltava a aguilhoada do instinto e o aviso da experiência passada. Os deuses eram sempre astuciosos, e tinham modos inimagináveis de atingir os seus fins.

Ah, ele tinha imaginado! Ali vinha ela, a mão do deus, pronta a causar dor, estendendo-se na sua direção, descendo sobre a sua cabeça. Mas o deus

continuava a falar. A sua voz era suave e tranquilizadora. Apesar da mão ameaçadora, a voz inspirava confiança. E, apesar da voz apaziguadora, a mão inspirava desconfiança. Caninos Brancos estava dilacerado por impulsos, sentimentos conflitantes. Tinha a impressão de que explodiria em pedaços, tão terrível era o controle que estava exercendo sobre si mesmo, mantendo juntas por uma decisão inusitada as forças contrárias que lutavam dentro de si para dominá-lo.

Adotou uma solução de compromisso. Rosnou, eriçou o pelo e achatou as orelhas. Mas não mordeu, nem pulou para longe. A mão desceu. Cada vez mais perto. Roçou as pontas do pelo eriçado. Ele se encolheu embaixo da mão. Ela o seguiu, pressionando mais forte contra o seu pelo. Encolhendo-se, quase tremendo, ainda conseguiu manter o controle sobre si mesmo. Era um tormento, esta mão que o tocava e violava o seu instinto. Não podia esquecer num dia todo o mal que sofrera nas mãos dos homens. Mas essa era a vontade do deus, e ele se esforçou para se submeter.

A mão levantou-se e desceu novamente num movimento de afago e carícia. Isso continuou, mas toda vez que a mão se levantava, o pelo se erguia embaixo dela. E toda vez que a mão descia, as orelhas se achatavam e um rosnado cavernoso subia na garganta. Caninos Brancos rosnava e rosnavava com um aviso insistente. Desse modo anunciava que estava preparado para retaliar qualquer golpe que pudesse receber. Não havia como saber quando seria revelado o motivo ulterior do deus. A qualquer momento aquela voz suave e que inspirava confiança poderia irromper num rugido de raiva, aquela mão gentil e acariciadora poderia se transformar numa garra opressora para segurá-lo indefeso e ministrar o castigo.

Mas o deus continuava a falar suavemente, e a mão não parava de subir e descer com pancadinhas nada hostis. Caninos Brancos experimentava sentimentos duais. Era repugnante a seu instinto. Restringia-o, opunha-se à sua vontade de liberdade pessoal. Mas não era fisicamente doloroso. Ao contrário, era até agradável, de um modo físico. O movimento de afago passou lenta e cuidadosamente a um esfregar das orelhas ao redor de suas bases, e o prazer físico até aumentou um pouco. Ainda assim, ele continuava a temer, e ficou de guarda, esperando algum mal não imaginado, sofrendo e gozando alternativamente, quando um ou outro sentimento tornava-se imperioso e o dominava.

– Bem, com mil diabos!

Assim falou Matt, saindo da cabana, as mangas arregaçadas, uma panela de água suja dos pratos nas mãos, interrompendo no meio o ato de esvaziar a panela, diante da visão de Weedon Scott afagando Caninos Brancos.

No momento em que a sua voz quebrou o silêncio, Caninos Brancos deu um pulo para trás, rosnando selvagememente para ele.

Matt olhou o seu patrão com uma desaprovação magoada.

– Se não se incomodar que eu expresse meus sentimentos, sr. Scott, vou tomar a liberdade de lhe dizer que o senhor é dezessete tipos de malucos, todos diferentes, e ainda mais alucos.

Weedon Scott sorriu com um ar superior, levantou-se e caminhou para perto

de Caninos Brancos. Falou com uma voz tranquilizadora, mas não por muito tempo, depois lentamente estendeu a mão, pôs-a sobre a cabeça de Caninos Brancos, e começou os afagos interrompidos. Caninos Brancos suportou o carinho, mantendo os olhos cheios de suspeita fixos, não sobre o homem que o afagava, mas sobre o homem de pé na soleira da porta.

– O senhor pode ser um ótimo técnico de mineração, o número um, tudo bem – disse o condutor profético –, mas perdeu a chance da sua vida quando era menino e não fugiu com um circo.

Caninos Brancos rosou ao som da voz, mas desta vez não pulou para se afastar da mão que acariciava a sua cabeça e a parte de trás de seu pescoço com movimentos longos e apaziguadores.

Foi o começo do fim para Caninos Brancos – o fim da antiga vida e do reino do ódio. Uma vida nova e incompreensivelmente mais bela estava nascendo. Realizar esse feito exigiu de Weedon Scott muito pensamento e uma paciência sem fim. E de Caninos Brancos exigiu nada menos que uma revolução. Ele tinha de ignorar os ímpetos e os estímulos do instinto e da razão, desafiar a experiência, desmentir a própria vida.

A vida, como a tinha conhecido, não só não comportara muito do que ele agora fazia, mas todas as correntes tinham fluído contra aquelas a que ele agora se abandonava. Em resumo, consideradas todas as coisas, ele tinha de realizar uma orientação muito mais vasta do que a realizada na época em que saíra voluntariamente da Floresta e aceitara Castor Cinza como seu senhor. Naquele tempo era um mero filhote, ainda de constituição macia, sem forma, pronto para que o poder das circunstâncias começasse o seu trabalho sobre ele. Mas agora era diferente. O poder das circunstâncias fizera o seu trabalho bem demais. Assim ele fora formado e endurecido para tornar-se o Lobo Lutador, feroz e implacável, sem amor para dar e incapaz de ser amado. Realizar a mudança era como um refluxo do ser, e isso quando a plasticidade da juventude já não era sua; quando a sua fibra tornara-se dura e cheia de nós; quando a sua trama e urdidura o transformara numa textura inflexível, áspera e tenaz; quando a face de seu espírito tornara-se férrea e todos os seus instintos e axiomas tinham se cristalizado em regras, cautelas, desgostos e desejos determinados.

Ainda nessa nova orientação foi o poder das circunstâncias que o pressionou e incitou, amolecendo o que tinha endurecido e remodelando-o numa forma mais bela. Weedon Scott foi, na verdade, esse poder das circunstâncias. Ele atingira as raízes da natureza de Caninos Brancos, e com bondade mexeu nos potenciais de vida que tinham esmorecido e quase perecido. Um desses potenciais era amar. Substituiu o gostar, que ultimamente fora o sentimento mais elevado que experimentara na sua relação com os deuses.

Mas esse amor não surgiu num só dia. Começou com um gostar e desenvolveu-se a partir desse ponto. Caninos Brancos não fugiu, embora lhe fosse permitido continuar solto, porque ele gostava desse novo deus. Isso era certamente melhor do que a vida que levava na jaula de Beleza Smith, e era necessário que ele tivesse um deus. O domínio do homem era uma necessidade da sua natureza. O selo da sua dependência do homem lhe fora imposto naquele dia remoto em que retornara da Floresta e se arrastara aos pés de Castor Cinza

para receber a esperada surra. Esse selo lhe fora imprimido mais uma vez, e indelevelmente, no seu segundo retorno da Floresta, quando a longa fome acabara e havia peixe outra vez na vila de Castor Cinza.

E assim, porque ele precisava de um deus e porque preferia Weedon Scott a Beleza Smith, Caninos Brancos não fugiu. Como reconhecimento da sua lealdade, passou a se encarregar da guarda da propriedade de seu dono. Rondava ao redor da cabana enquanto os cachorros do trenó dormiam, e o primeiro visitante noturno da cabana teve de lutar armado com um pedaço de pau até Weedon Scott vir salvá-lo. Mas Caninos Brancos logo aprendeu a diferenciar entre os ladrões e os homens honestos, avaliar o verdadeiro valor dos passos e da conduta. O homem que se aproximava com passos sonoros, em linha reta para a porta da cabana, ele deixava em paz – embora o observasse diligentemente até a porta se abrir e ele receber a aprovação do dono. Mas o homem que vinha com pouco barulho, por caminhos tortuosos, espiando com cautela, buscando o sigilo – esse era o homem que não recebia nenhuma trégua de Caninos Brancos, e que fugia abruptamente, correndo e sem dignidade.

Weedon Scott tomou a si a tarefa de redimir Caninos Brancos – ou melhor, de redimir a humanidade do mal que causara a Caninos Brancos. Era uma questão de princípio e consciência. Ele sentia que o mal feito a Caninos Brancos era uma dívida contraída pelo homem e que devia ser saldada. Assim ele se dava ao trabalho de ser especialmente bondoso com o Lobo Lutador. Todo dia fazia questão de acariciar e afagar Caninos Brancos, e por um longo tempo.

A princípio suspeito e hostil, Caninos Brancos aprendeu a gostar desse afago. Mas uma coisa ele nunca superou – o rosnar. Rosnava sempre, do momento em que começavam os afagos até o fim. Mas havia no rosnado uma nova nota. Um estranho não conseguia escutar essa nota, e para um estranho o rosnar de Caninos Brancos era uma mostra de selvageria primordial, torturante e pavorosa. A fibra da garganta de Caninos Brancos endurecera com a produção de sons ferozes ao longo dos muitos anos desde a primeira pequena dissonância de raiva na toca dos seus dias de filhote, e ele agora não conseguia suavizar os sons dessa garganta para expressar a mansidão que sentia. Ainda assim, o ouvido e a simpatia de Weedon Scott eram bastante refinados para captar a nova nota quase afogada na ferocidade – a nota que era a sugestão mais tênue de um canto de contentamento, e que ninguém mais conseguia escutar.

Enquanto se passavam os dias, a evolução do gostar para o amar se acelerou. O próprio Caninos Brancos começou a tomar consciência dessa mudança, embora na sua consciência nem soubesse o que era amar. Manifestava-se para ele como um vazio no seu ser – um vazio faminto, dolorido, desejoso, que clamava para ser preenchido. Era um dor e uma inquietação, e só recebia algum alívio com a presença do novo deus. Nessas ocasiões, o amor era para ele uma alegria, uma satisfação selvagem, uma emoção intensa. Mas, quando longe de seu deus, voltavam a dor e a inquietação, o oco no seu interior aumentava, pressionando-o com o seu vazio, e a fome atormentava e atormentava sem cessar.

Caninos Brancos estava no processo de se descobrir. Apesar da maturidade e da rigidez selvagem do molde que o tinha formado, a sua natureza estava

passando por uma expansão. Havia dentro de si um desabrochar de sentimentos estranhos e impulsos inusitados. O seu antigo código de conduta estava mudando. No passado, ele gostava do conforto e da dor finda, desgostava do desconforto e da dor, e tinha ajustado as suas ações de acordo com essas sensações. Mas agora era diferente. Devido a esse novo sentimento dentro de si, ele muitas vezes elegia o desconforto e a dor por causa de seu deus. Assim, de manhã cedo, em vez de perambular e saquear, ou deitar-se num canto protegido, esperava horas no alpendre desconfortável da cabana para ver a face de seu deus. À noite, quando o deus voltava para casa, Caninos Brancos deixava o lugar de dormir aquecido que tinha cavado na neve para receber o estalo amigável dos dedos e as palavras de saudação. Da carne, até da própria carne, ele abria mão para estar com o seu deus, para receber dele uma carícia ou acompanhá-lo até a cidade.

O gostar fora substituído pelo amar. E o amor era o fio de prumo que caíra até as suas profundezas, uma região a que o gostar nunca tivera acesso. E, em resposta, das suas profundezas surgira o novo – o amor. Ele devolvia aquilo que lhe era dado. Esse era realmente um deus, um deus do amor, um deus caloroso e radiante, em cuja luz a natureza de Caninos Brancos se expandia como uma flor se expande sob o sol.

Mas Caninos Brancos não era efusivo. Era velho demais, moldado com demasiada firmeza, para conseguir expressar-se de maneiras novas. Era demasiado senhor de si, equilibrado demais no seu isolamento. Por muito tempo cultivara a reticência, o alheamento e a insociabilidade. Nunca latira na sua vida, e agora não conseguia aprender a latir para saudar o deus que se aproximava. Ele nunca se intrometia no caminho do seu deus, nunca era extravagante nem tolo na expressão do seu amor. Jamais corria ao encontro de seu deus. Esperava a uma certa distância, mas sempre esperava, sempre estava ali. O seu amor tinha um pouco da natureza do culto – mudo, inarticulado, uma adoração silenciosa. Somente pelo olhar firme é que ele expressava o seu amor, e por seguir incessantemente com os olhos todo movimento de seu deus. Além disso, às vezes, quando o seu deus o fitava e falava com ele, Caninos Brancos deixava transparecer um constrangimento desajeitado, causado pela luta de seu amor para se expressar e a sua incapacidade física de expressá-lo.

Aprendeu a adaptar-se de muitas maneiras a seu novo modo de vida. Convenceu-se de que devia deixar os cachorros de seu dono em paz. Ainda assim a sua natureza dominadora se afirmava, e primeiro precisou surrá-los para que reconhecessem a sua superioridade e liderança. Feito isso, teve poucas encrencas com eles. Os cachorros lhe cediam a passagem, quando ele aparecia, passava ou caminhava entre eles, e, quando ele fazia valer a sua vontade, eles obedeciam.

Da mesma maneira, passou a tolerar Matt – como uma propriedade de seu senhor. O seu dono raramente o alimentava. Era Matt quem lhe dava comida, era a sua atividade; mas Caninos Brancos adivinhava que era de seu dono a comida que comia, e que era o seu dono que assim o alimentava vicariamente. Foi Matt quem tentou lhe colocar os arreios para obrigá-lo a puxar o trenó com os outros cachorros. Mas Matt fracassou. Somente quando Weedon Scott lhe colocou os arreios e obrigou-o a trabalhar, é que Caninos Brancos compreendeu. Aceitou como vontade de seu senhor que fosse conduzido e comandado por Matt, assim

como ele conduzia e comandava os outros cachorros do seu senhor.

Bem diferentes dos tobogãs de Mackenzie eram os trenós do Klondike com patins. E diferente era o método de conduzir os cachorros. Não havia a formação em leque da matilha. Os cachorros labutavam em fila única, um atrás do outro, puxando em tirantes duplos. E ali, no Klondike, o líder era realmente o líder. O cachorro mais sábio e também o mais forte era o líder, e a matilha obedecia e temia. Que Caninos Brancos ganhasse rapidamente esse posto, era inevitável. Não se satisfaria com menos, como Matt aprendeu depois de muita inconveniência e encrenca. Caninos Brancos escolheu o posto para si mesmo, e Matt apoiou esse julgamento com palavras, depois de realizado o experimento. Mas, embora trabalhasse no trenó durante o dia, Caninos Brancos não deixava de guardar a propriedade de seu senhor à noite. Assim ele estava a postos o tempo todo, sempre vigilante e fiel, o mais valioso de todos os cachorros.

– Tomando a liberdade de desabafar – disse Matt um dia –, peço licença para dizer que o senhor foi muito esperto quando pagou o preço que pagou por esse cachorro. Passou a perna em Beleza Smith, além de amassar a sua cara com os punhos.

Uma recrudescência de raiva brilhou nos olhos cinzas de Weedon Scott, e ele resmungou selvagememente: – O animal!

No final da primavera, Caninos Brancos experimentou uma grande dificuldade. Sem avisar, o senhor do amor desapareceu. Houvera avisos, mas Caninos Brancos não era versado nessas coisas e não compreendeu a mala feita. Lembrava-se mais tarde de que esse fazer a mala tinha precedido o desaparecimento do dono, mas na hora nada suspeitou. Naquela noite, ele esperou o retorno do senhor. À meia-noite, o vento frio que soprava o levou a se abrigar nos fundos da cabana. Ali cochilou, só meio adormecido, as orelhas atentas ao primeiro som do passo familiar. Mas, às duas da madrugada, a ansiedade o fez sair para o frio alpendre da frente, onde se deitou e esperou.

Mas o senhor não apareceu. De manhã, a porta se abriu e Matt saiu. Caninos Brancos fitou-o ansioso. Não havia língua com um pela qual pudesse ficar sabendo o que desejava saber. O dia veio e se foi, mas o senhor não apareceu. Caninos Brancos, que jamais conhecera doença na vida, adoeceu. Adoeceu gravemente, tão mal se sentia que Matt foi finalmente obrigado a obrigá-lo dentro da cabana. Além disso, ao escrever a seu patrão, Matt dedicou um pós-escrito a Caninos Brancos.

Ao ler a carta em Circle City, Weedon Scott chegou à seguinte passagem:

“O diabo do lobo não quer trabalhar. Não quer comer. Não tem mais vontade de viver. Todos os cachorros estão lhe dando surras. Quer saber o que aconteceu com o senhor, e não sei como lhe dizer. Pode ser que venha a morrer.”

Era como Matt tinha dito. Caninos Brancos parou de comer, perdeu o ânimo e deixava qualquer cachorro da matilha maltratá-lo. Na cabana, deitava-se no chão perto do fogão, sem interesse pela comida, por Matt ou pela vida. Matt podia falar gentilmente com ele ou rogar-lhe pragas, era igual; não fazia mais do que virar os olhos opacos para o homem, deixando depois a cabeça cair na sua posição costumeira entre as patas da frente.

Então, certa noite, lendo para si mesmo com lábios que se moviam e sons

resmungados, Matt foi surpreendido por um ganido baixo de Caninos Brancos. Ele se levantara, as orelhas apontadas para a porta, e estava escutando com toda a atenção. Um momento mais tarde, Matt ouviu um passo. A porta se abriu, e Weedon Scott entrou. Os dois homens apertaram as mãos. Depois Scott olhou ao redor da sala.

– Onde está o lobo? – perguntou.

Então ele o descobriu, de pé onde estivera deitado, perto do fogão. Não tinha corrido ao encontro do dono à maneira dos outros cachorros. Estava parado, observando e esperando.

– Meu Deus! – exclamou Matt. – Olhe só, está abanando o rabo!

Weedon Scott caminhou a passos largos pela metade da sala na direção de Caninos Brancos, chamando-o ao mesmo tempo. Caninos Brancos foi ao seu encontro, não com um grande pulo, mas com rapidez. Ele estava desajeitado de constrangimento, mas quando chegou perto, os olhos adquiriram uma expressão estranha. Algo, um imensidão incomunicável de sentimento, erguia-se nos seus olhos como uma luz e emitia o seu brilho.

– Ele nunca me olhou dessa maneira durante o tempo todo que o senhor esteve fora – comentou Matt.

Weedon Scott não escutou. Estava acororado sobre os tornozelos, face a face com Caninos Brancos, e aflagava-o – esfregando as bases das orelhas, fazendo longos movimentos acariciadores pelo pescoço até os ombros, dando pancadinhas gentis na espinha com as almofadas dos dedos. E Caninos Brancos rosnava em resposta, a nota sentimental do rosnado mais pronunciada do que nunca.

Mas isso não era tudo. De alegria, o grande amor dentro de seu ser, sempre avolumando-se e lutando para se expressar, conseguiu descobrir um novo modo de expressão. De repente enfiou a cabeça para a frente e empurrou-a entre o braço e o corpo do dono. E ali, confinado, escondido à exceção das orelhas, já sem rosnar, continuou a cutucar e aconchegar-se.

Os dois homens olharam um para o outro. Os olhos de Scott brilhavam.

– Céus! – disse Matt com uma voz admirada.

Um momento mais tarde, quando já tinha se recuperado, disse:

– Sempre insisti que esse lobo era um cachorro. Olhe para ele!

Com o retorno do senhor do amor, a recuperação de Caninos Brancos foi rápida. Duas noites e um dia, ele ainda passou na cabana. Depois saiu a passeio. Os cachorros do trenó tinham esquecido a sua bravura. Lembravam-se apenas dos tempos mais recentes, da sua fraqueza e doença. Quando o viram sair da cabana, pularam em cima dele.

– Por falar em baderna – murmurou Matt alegremente, parado na soleira da porta e observando a cena. – Dê uma surra neles, lobo! Uma sova... uma surra e tanto!

Caninos Brancos não precisava de encorajamento. Bastava o retorno do senhor do amor. A vida fluía mais uma vez pelo seu corpo, esplêndida e indomável. Lutou de pura alegria, encontrando na briga a expressão de muito que sentia e que sem isso ficava emudecido. A matilha se dispersou numa derrota ignominiosa, e foi só depois do escurecer que os cachorros voltaram sorrateiros,

um a um, expressando com submissão e humildade a sua vassalagem a Caninos Brancos.

Tendo aprendido a se aconchegar, Caninos Brancos foi muitas vezes culpado do ato. Não conseguia ir além disso. A única coisa de que sempre tinha sido particularmente cioso era da sua cabeça. Sempre desgostara que alguém a tocasse. Era a Floresta dentro dele, o medo da dor e da armadilha, que dera origem aos impulsos de pânico para evitar contatos. Era a ordem de seu instinto que a cabeça devia ficar livre. E agora, com o senhor do amor, aconchegar-se era o ato deliberado de se colocar numa posição de desamparo perfeito. Era a expressão da total confiança, da entrega absoluta, como se ele dissesse:

– Eu me coloco nas vossas mãos. Que a vossa vontade seja cumprida em mim.

Certa noite, não muito tempo depois do retorno, Scott e Matt estavam jogando cartas antes de irem dormir.

– Quinze dá dois, quinze dá quatro e um par dá seis – Matt estava contando os pontos, quando houve um alarido e sons de rosnados lá fora. Olharam um para o outro, enquanto se levantavam.

– O lobo pegou alguém – disse Matt.

Um grito selvagem de medo e angústia os fez correr.

– Traga uma luz! – gritou Scott, enquanto pulava para fora.

Matt foi atrás com a lâmpada, e à sua luz viram um homem deitado de costas sobre a neve. Os braços estavam dobrados, um acima do outro, sobre a face e a garganta. Estava tentando proteger-se dessa maneira contra os dentes de Caninos Brancos. E era necessário. Caninos Brancos estava enfurecido, atacando perigosamente o lugar mais vulnerável. Do ombro ao punho dos braços cruzados, a manga do casaco, a camisa de flanela azul e a camisetinha de baixo estavam em tiras, enquanto os próprios braços, terrivelmente retalhados, jorravam sangue.

Tudo isso os dois homens viram no primeiro instante. No momento seguinte, Weedon Scott agarra Caninos Brancos pela garganta e arrastava-o para longe. Caninos Brancos lutava e rosnava, mas não tentou morder, enquanto rapidamente se acietava a uma palavra áspera do dono.

Matt ajudou o homem a se levantar. Quando se aprumou, ele abaixou os braços cruzados, revelando a face bestial de Beleza Smith. O condutor largou-o precipitadamente, com um gesto semelhante ao de um homem que pegou brasa acesa. Beleza Smith piscou os olhos para a luz da lâmpada e olhou ao redor. Avistou Caninos Brancos e o terror tomou conta da sua face.

No mesmo momento, Matt percebeu dois objetos sobre a neve. Levou a lâmpada para perto deles, indicando-os com o pé a seu patrão – uma corrente de aço para cachorro e um pedaço de pau forte.

Weedon Scott viu e acenou com a cabeça. Nenhuma palavra foi dita. O condutor pôs a mão no ombro de Beleza Smith e virou-o para a estrada. Nenhuma palavra precisou ser dita. Beleza Smith partiu.

Nesse meio tempo, o senhor do amor estava afagando Caninos Brancos e falando com ele.

– Tentou roubar você, hein? E você não quis saber disso! Bem, bem, ele cometeu um erro, não?

– Deve ter pensado que tinha pego mil demônios – riu abafado o condutor.

Caninos Brancos, ainda excitado e de pelo eriçado, rosnavava e rosnavava, o pelo lentamente se abaixando, a nota sentimental remota e vaga, mas crescendo na garganta.

[1] *Sour-doughs* = massa azeda, garimpeiros. (N.T.)

XXI

A LONGA TRILHA

Estava no ar. Caninos Brancos sentiu a calamidade vindoura, mesmo antes que houvesse alguma evidência tangível. De maneira vaga, compreendeu que era iminente uma mudança. Não sabia nem como, nem por que, mas captava a vinda do acontecimento futuro através dos próprios deuses. De modos mais sutis do que imaginavam, eles traíam suas intenções ao cachorro-lobo que rondava o alpendre da cabana e que, embora nunca entrasse na cabana, sabia o que se passava dentro das suas mentes.

– Ei, escute só isso! – exclamou o condutor de cães na ceia certa noite.

Weedon Scott escutou. Pela porta entrava um ganido ansioso e baixo, como um soluçar abafado que apenas se tornasse audível. Depois vinha a longa fungada, quando Caninos Brancos se assegurava de que o seu deus ainda estava dentro da cabana e não desaparecera numa longa e misteriosa fuga.

– Acho que esse lobo sabe o que o senhor vai fazer – disse o condutor de cães.

Weedon Scott olhou para o companheiro com olhos quase suplicantes, embora isso fosse desmentido pelas suas palavras.

– Que diabos vou fazer com um lobo na Califórnia? – perguntou.

– É o que digo – respondeu Matt. – Que diabos vai fazer com um lobo na Califórnia?

Mas isso não satisfaz Weedon Scott. O outro parecia estar julgando a sua atitude com neutralidade.

– Os cachorros dos brancos não teriam nenhuma chance contra ele – continuou Scott. – Ele os mataria à primeira vista. Se não me levasse à bancarrota com todas as ações por perdas e danos, as autoridades o tirariam das minhas mãos e o electrocutariam.

– Ele é um rematado assassino, sei – foi o comentário do condutor.

Weedon Scott olhou para o companheiro de modo suspeito.

– Não funcionaria – disse decidido.

– Não funcionaria – concordou Matt. – Ora, o senhor teria de contratar um homem só para cuidar dele.

A suspeita do outro foi abrandada. Acenou com a cabeça alegremente. No silêncio que se seguiu, o ganido baixo e meio soluçante se fez ouvir à porta e depois a longa e inquiridora fungada.

– Não dá para negar que ele gosta muito do senhor – disse Matt.

O outro fitou-o com uma raiva súbita.

– Raios, homem! Sei o que fazer e o que é melhor para todos!

– Concordo com o senhor, só que...

– Só o quê? – cortou Scott.

– Só que... – o condutor de cães começou suavemente, depois mudou de ideia e deixou transparecer uma crescente raiva dentro de si. – Bem, não precisa ficar tão esquentado. A julgar pelas suas ações, alguém poderia pensar que não sabe o

que fazer.

Weedon Scott discutiu consigo mesmo por algum tempo, e depois disse mais gentilmente:

– Tem razão, Matt. Não sei o que fazer, e esse é que é o problema.

– Ora, seria muito ridículo levar esse cachorro comigo – irrompeu depois de outra pausa.

– Concordo com o senhor – foi a resposta de Matt, e mais uma vez o seu patrão não ficou satisfeito com o que ouvia.

– Mas como é que, em nome do grande Sardanapalo, ele sabe que o senhor vai embora é o que me intriga – continuou o condutor inocentemente.

– Foge à minha compreensão – respondeu Scott, sacudindo tristemente a cabeça.

Então chegou o dia em que, pela porta aberta da cabana, Caninos Brancos viu a valise fatal sobre o chão e o senhor do amor arrumando as suas coisas na mala. Além disso, havia idas e vindas, e a atmosfera até então plácida da cabana estava agitada por estranhas perturbações e desassossegos. Ali estava a evidência indubitável. Caninos Brancos já a tinha pressentido. Ele agora a ponderava. O seu deus estava se preparando para outra fuga. E, como não o levava junto antes, o que podia esperar era ser deixado para trás mais uma vez.

Naquela noite, Caninos Brancos soltou o longo uivo do lobo. Assim como tinha uivado nos seus dias de filhote, quando fugira da Floresta até a vila só para encontrá-la vazia, nada a não ser um monte de lixo a marcar o sítio da tenda de Castor Cinza, ele apontou o focinho para as estrelas frias e desabafou toda a sua dor.

Dentro da cabana, os dois homens tinham acabado de ir para a cama.

– Ele não quer comer de novo – observou Matt do seu beliche.

Houve um resmungo vindo do beliche de Weedon Scott, e uma agitação nos cobertores.

– Pela maneira como se comportou na outra vez que o senhor viajou, não me admiraria se desta vez ele morresse.

Os cobertores no outro beliche se agitaram irritados.

– Oh, cale a boca! – gritou Scott na escuridão. – Você incomoda mais que uma mulher.

– Concordo com o senhor – respondeu o condutor, e Weedon Scott não ficou muito certo se o outro tinha dado uma risadinha ou não.

No dia seguinte, a ansiedade e inquietação de Caninos Brancos eram ainda mais pronunciadas. Ele seguia os passos do dono sempre que esse saía da cabana, e rondava o alpendre quando o dono permanecia lá dentro. Pela porta aberta, podia vislumbrar a bagagem no chão. À valise juntaram-se duas grandes malas de lona e uma caixa. Matt estava enrolando a manta de pele e os cobertores do dono dentro de uma pequena lona. Caninos Brancos ganiu ao ver a operação.

Mais tarde, chegaram dois índios. Ele os observou com atenção, enquanto punham a bagagem sobre os ombros e desciam o morro atrás de Matt, que carregava a roupa de cama e a valise. Mas Caninos Brancos não os seguiu. O dono ainda estava na cabana. Depois de algum tempo, Matt retornou. O dono veio até a porta e chamou Caninos Brancos para dentro.

– Pobre diabo – disse gentilmente, esfregando as orelhas de Caninos Brancos e dando palmadinhas na sua espinha. – Eu vou pegar a longa trilha, vou para onde você não pode me seguir. Agora me dê um rosnado... o último, um bom rosnado de adeus.

Mas Caninos Brancos recusou-se a rosnar. Em vez disso, e depois de um olhar inquisitivo e desejoso, ele se aconchegou, enterrando a cabeça entre os braços e o corpo do dono, desaparecendo da vista.

– O apito! – gritou Matt. Do Yukon elevou-se o berro rouco de um vapor fluvial. – O senhor vai ter de abreviar a despedida. Não deixe de trancar a porta da frente. Vou sair pelos fundos. Vamos!

As duas portas bateram ao mesmo tempo, e Weedon Scott esperou que Matt desse a volta até a frente. De dentro da cabana vinham um ganido e um soluçar surdos. Depois longas e profundas fungadas.

– Você tem de cuidar bem dele, Matt – disse Scott, enquanto partiam morro abaixo. – Escreva e me conte como ele está se portando.

– Certo – respondeu o condutor. – Mas escute só!

Os dois homens pararam. Caninos Brancos estava uivando como os cachorros uivam quando o dono morreu. Estava dando voz a uma tristeza absoluta, o grito elevando-se em ímpetos de cortar o coração, diminuindo numa aflição tremida, depois elevando-se de novo em torrente após torrente de dor.

O Aurora era o primeiro vapor do ano a partir para o Exterior, e seus conveses estavam apinhados de aventureiros prósperos e caçadores de ouro quebrados, todos igualmente loucos para chegar ao Exterior como antes tinham estado loucos para penetrar no Interior. Perto da prancha de desembarque, Scott estava apertando a mão de Matt, que se preparava para voltar à margem. Mas a mão de Matt se afrouxou no aperto da mão do outro, enquanto seu olhar passava além do companheiro e fixava-se em algo mais atrás. Scott virou-se para ver. Sentado no convés a alguns metros de distância, e observando ansioso, estava Caninos Brancos.

O condutor de cães praguejou em voz baixa, com acentos aterrados nas palavras. Scott só olhava, admirado.

– O senhor trancou a porta da frente? – perguntou Matt.

O outro fez que sim com a cabeça e perguntou:

– E a dos fundos?

– Pode apostar que sim – foi a resposta fervorosa.

Caninos Brancos achatou as orelhas de modo insinuante, mas permaneceu onde estava, sem fazer nenhuma tentativa de se aproximar.

– Vou ter de levá-lo comigo para a margem.

Matt deu uns dois passos na direção de Caninos Brancos, mas o outro se esquivou. O condutor correu para pegá-lo, e Caninos Brancos escapou entre as pernas de um grupo de homens. Curvando-se, virando-se, furtando-se, ele escapava pelo convés, eludindo os esforços do outro para capturá-lo.

Mas quando o senhor do amor o chamou, Caninos Brancos aproximou-se com pronta obediência.

– Não quer vir para a mão que o alimentou todos esses meses – resmungou o condutor ressentido. – E o senhor... o senhor nunca o alimentou depois daqueles

primeiros dias de convivência. Não consigo entender como é que ele decidiu que o senhor é que é o dono.

Scott, que estivera afagando Caninos Brancos, de repente chegou-se mais perto e apontou cortes frescos no focinho e um talho entre os olhos.

Matt inclinou-se e passou a mão pela barriga de Caninos Brancos.

– Esquecemos a janela. Ele está todo cortado e arranhado por baixo. Deve ter pulado e quebrado o vidro, meu Deus!

Mas Weedon Scott não estava escutando. Estava pensando rápido. O apito do Aurora fez soar o anúncio final da partida. Alguns homens escapuliam apressados pela prancha de desembarque até a margem. Matt soltou a bandana de seu pescoço e começou a colocá-la ao redor do pescoço de Caninos Brancos. Scott agarrou a mão do condutor.

– Adeus, Matt, meu velho. Sobre o lobo... não precisa me escrever. Você entende, eu...!

– O quê! – explodiu o condutor. – Não vai me dizer que...

– Exatamente isso. Aqui está a sua bandana. Sou eu que vou lhe escrever sobre o lobo.

Matt parou no meio da prancha de desembarque.

– Ele não vai suportar o clima! – gritou para Scott. – A não ser que o senhor corte o pelo nos meses de calor!

A prancha de desembarque foi retirada, e o Aurora afastou-se balouçando da margem. Weedon Scott abanou um último adeus. Depois virou-se e inclinou-se sobre Caninos Brancos, parado a seu lado.

– Agora rosne, seu sem-vergonha, rosne! – disse enquanto afagava a cabeça receptiva e esfregava as orelhas achatadas.

XXII

A TERRA DO SUL

Caninos Brancos desembarcou do vapor em San Francisco. Ficou estarecido. No âmago mais profundo de si mesmo, abaixo de qualquer processo de raciocínio ou ato de consciência, ele tinha associado o poder com a divindade. E jamais os homens brancos lhe pareceram deuses tão maravilhosos como agora, quando caminhava pelo calçamento escorregadio de San Francisco. As cabanas de toras que conhecera eram substituídas por prédios elevados. As ruas estavam cheias de perigos – carros, carroças, automóveis; grandes cavalos puxando com esforço imensos caminhões; e monstruosos bondes elétricos e a cabo buzinando ressoando pelo meio, berrando a sua ameaça insistente à maneira dos lince que ele conhecera nas matas do norte.

Tudo isso era a manifestação de poder. Através de tudo, por trás de tudo, estava o homem, governando e controlando, expressando-se, como antigamente, pelo seu domínio sobre a matéria. Era colossal, atordoador. Caninos Brancos estava aterrado. O medo pousou na sua mente. Assim como, nos seus dias de filhote, fora obrigado a sentir a sua pequenez e insignificância no dia em que saiu pela primeira vez da Floresta para a vila de Castor Cinza, agora, na sua estatura

plenamente desenvolvida e no orgulho da sua força, era obrigado a sentir-se pequeno e insignificante. E havia tantos deuses! Ele estava tonto com o enxame de deuses. O trovão das ruas batia em seus ouvidos. Estava perplexo diante do tremendo e interminável ímpeto e movimento das coisas. Como nunca antes, ele agora sentia a sua dependência do senhor do amor, no encaixe de cujos passos seguia, jamais o perdendo de vista não importa o que acontecesse.

Mas Caninos Brancos não devia ter mais do que uma visão de pesadelo da cidade – uma experiência como um sonho ruim, irreal e terrível, que o assombrou muito tempo depois nos seus sonhos. O dono o colocou num vagão de bagagem, preso num canto no meio de arcas e valises empilhadas. Ali dominava um deus atarracado e musculoso, fazendo muito barulho, atirando as arcas e as caixas de um lado para o outro, arrastando-as pela porta e jogando-as nas pilhas, ou lançando-as para fora da porta, em meio a choques e colisões, a outros deuses que as aguardavam.

E ali, nesse inferno de bagagem, Caninos Brancos foi abandonado pelo dono. Ou, pelo menos, Caninos Brancos pensou que fora abandonado, até sentir o cheiro das malas de roupas do dono a seu lado e passar a vigiá-las.

– Já estava mais que na hora de o senhor aparecer – resmungou o deus do vagão, uma hora mais tarde, quando Weedon Scott surgiu na porta. – Esse seu cachorro não me deixa pôr nem um dedo nas suas coisas.

Caninos Brancos saiu do vagão. Ficou atônito. A cidade do pesadelo desaparecera. O vagão não tinha sido para ele mais do que um quarto numa casa, e quando entrara no recinto, a cidade estava toda ao seu redor. No intervalo, a cidade tinha sumido. O rugido já não aturdiu seus ouvidos. Diante dele estava um campo sorridente, inundado de sol, indolente na sua quietude. Mas Caninos Brancos não teve muito tempo para se maravilhar com a transformação. Ele a aceitou como aceitava todas as atividades e manifestações inexplicáveis dos deuses. Era o seu modo de ser.

Um coche estava esperando. Um homem e uma mulher aproximaram-se do dono. Os braços da mulher se abriram e fecharam em torno do pescoço do dono – um ato hostil! No momento seguinte, Weedon Scott já se soltara do abraço e agarra Caninos Brancos, que se tornara um demônio enfurecido a rosnar.

– Tudo bem, mamãe – dizia Scott, enquanto agarra Caninos Brancos com firmeza e o acalmava. – Ele achou que você fosse me atacar e não aguentou. Tudo bem. Tudo bem. Vai aprender logo, logo.

– E espero que nesse meio tempo eu possa acarinhar o meu filho, quando o seu cachorro não estiver por perto – ela riu, embora estivesse pálida e trêmula de susto.

Ela olhou para Caninos Brancos, que rosnou e eriçou o pelo, fitando-a com olhos malévolos.

– Ele vai ter que aprender, e vai aprender sem demora – disse Scott.

Falou suavemente com Caninos Brancos até o acalmar, depois a sua voz tornou-se firme.

– Deita! Deita!

Esse fora um dos truques que o dono lhe ensinara, e Caninos Brancos obedeceu, embora se deitasse com relutância e morosidade.

– Agora, mãe.

Scott lhe abriu os braços, mas manteve os olhos em Caninos Brancos.

– Deita! – avisou. – Deita!

Eriçando o pelo em silêncio, meio agachado porque já se levantava, Caninos Brancos deitou-se de novo e observou o ato hostil ser repetido. Mas nenhum mal aconteceu, nem do abraço do estranho homem-deus que se seguiu. Depois as malas de roupas foram colocadas no coche, os estranhos deuses e o senhor do amor também subiram no carro, e Caninos Brancos os seguiu, ora correndo vigilantemente atrás, ora eriçando o pelo para os cavalos na corrida, avisando-os que ele estava ali para cuidar que nenhum mal acontecesse ao deus que eles puxavam tão velozmente pela terra.

Ao final de quinze minutos, o coche entrou balançando por um portão de pedra e seguiu entre uma fila dupla de nogueiras arqueadas e entrelaçadas. Nos dois lados estendiam-se gramados, a sua larga extensão quebrada, aqui e ali, por grandes carvalhos de ramos robustos. Nas proximidades, em contraste com o verde claro da grama cuidada, os campos de feno queimados de sol exibiam um tom bronzeado e dourado, enquanto mais além viam-se os morros castanhos amarelados e as pastagens nas montanhas. Do topo do gramado, na primeira ondulação suave do nível do vale, a casa de varandas fundas e muitas janelas erguia-se sobranceira.

Caninos Brancos não teve muita oportunidade de ver tudo isso. Mal o coche tinha entrado no terreno da casa, quando foi provocado por um cão pastor, de olhos brilhantes, focinho afilado, justamente indignado e zangado. Estava entre ele e o dono, isolando-o. Caninos Brancos não deu nenhum rosnado de aviso, mas o seu pelo se eriçou enquanto partia para o ataque silencioso e mortal. O ataque nunca se completou. Caninos Brancos parou de um modo abrupto e desajeitado, com as patas dianteiras rígidas retesando o corpo contra o seu momentum, quase sentando-se sobre as ancas, tão desejoso estava de evitar o contato com o cachorro que já estava prestes a atacar. Era uma fêmea, e a lei da sua espécie erguia uma barreira entre eles. Atacá-la exigia de Caninos Brancos nada menos que uma violação do seu instinto.

Mas com a cachorra pastora era diferente. Sendo uma fêmea, ela não possuía esse instinto. Por outro lado, sendo uma cachorra pastora, o seu medo instintivo da Floresta, e especialmente do lobo, era extraordinariamente agudo. Caninos Brancos era um lobo, o saqueador hereditário que pilhara os seus rebanhos desde o tempo em que as ovelhas foram pela primeira vez agrupadas e guardadas por algum de seus obscuros ancestrais. E assim, enquanto ele abandonava a arremetida e retesava-se para evitar o contato, ela pulava em cima dele. Caninos Brancos rosnou involuntariamente ao sentir os dentes no seu ombro, mas fora isso não tentou machucá-la. Recuou, as patas enrijecidas de constrangimento, e tentou passar ao redor dela. Esquivou-se deste ou daquele lado, curvou-se e virou-se, mas em vão. Ela continuava entre ele e o caminho por onde queria prosseguir.

– Aqui, Collie! – chamou o homem estranho no coche.

Weedon Scott riu.

– Não faz mal, papai. É uma boa disciplina. Caninos Brancos vai ter de

aprender muitas coisas, e é bom começar desde já. Ele vai acabar se adaptando bem.

O coche seguiu adiante, e Collie continuava a bloquear a passagem de Caninos Brancos. Ele tentou ultrapassá-la na corrida, deixando o caminho e circulando pelo gramado; mas ela corria no círculo interno e menor, sempre presente, enfrentando-o com as suas duas filas de dentes brilhantes. Ele deu meia volta, passando pelo caminho para o outro gramado, e mais uma vez ela o forçou a se desviar.

O coche estava levando o dono embora. Caninos Brancos o vislumbrava desaparecer entre as árvores. A situação era desesperada. Ele tentou outro círculo. Ela seguiu, correndo rápida. E então, de repente, ele se virou contra Collie. Era o seu velho truque de luta. Ombro a ombro, ele a atacou em cheio. Ela não foi só derrubada. Tão veloz corria que rolou pela grama, ora sobre o lombo, ora sobre o lado, enquanto lutava para se deter, agarrando-se ao cascalho com as patas, e gritando agudamente o seu orgulho ferido e a sua indignação.

Caninos Brancos não esperou. O caminho estava desimpedido, e isso era tudo o que ele queria. Ela partiu atrás dele, sem cessar o seu alarido. Era um caminho reto agora e, quando começaram a correr realmente, Caninos Brancos foi capaz de lhe ensinar muitas coisas. Ela corria freneticamente, histericamente, empregando o máximo das suas forças, anunciando o esforço que fazia a cada pulo; e, durante todo esse tempo, Caninos Brancos corria facilmente à sua frente, sem esforços, deslizando como um fantasma sobre o terreno.

Ao rodear a casa até a porte-cochère, ele alcançou o coche. O carro tinha parado, e o dono estava descendo. Nesse momento, ainda correndo a toda velocidade, Caninos Brancos percebeu de repente um ataque pelo lado. Era um galgo que se precipitava sobre ele. Caninos Brancos tentou enfrentá-lo. Mas corria com demasiada velocidade, e o galgo estava perto demais. O cachorro o golpeou no lado, e tal era o seu momentum para diante, e tal foi a surpresa do ataque, que Caninos Brancos foi jogado ao chão, onde rolou completamente derrubado. Ele saiu do emaranhado um espetáculo de malignidade, as orelhas achatadas para trás, os lábios contorcidos, o focinho enrugado, os dentes estalando após as presas errarem por pouco a garganta macia do galgo.

O dono vinha correndo, mas estava longe demais, e foi Collie quem salvou a vida do galgo. Antes que Caninos Brancos pudesse pular e dar o golpe fatal, bem quando ele estava no ato de saltar em cima do galgo, Collie chegou. Ela fora vencida em habilidade e na corrida, sem falar no fato de ter sido derrubada sem cerimônia no cascalho, e a sua chegada foi como a de um tornado – composto de dignidade ofendida, fúria justificada e ódio instintivo por esse saqueador da Floresta. Atacou Caninos Brancos em ângulo reto no meio do seu pulo, e ele mais uma vez foi derrubado e rolou pelo chão.

No momento seguinte chegava o dono, que com uma das mãos segurou Caninos Brancos, enquanto o pai afastava os outros cachorros.

– Sim, senhor, uma recepção muito calorosa para um pobre lobo solitário do Ártico – disse o dono, enquanto Caninos Brancos se acalmava sob a sua mão acariciadora. – Em toda a sua vida só se sabe de uma vez em que foi derrubado, e agora ele rolou pelo chão duas vezes em trinta segundos.

O coche se afastara, e outros deuses estranhos tinham saído da casa. Alguns mantinham-se respeitosa e à distância, mas dois deles, mulheres, cometeram o ato hostil de agarrar o dono pelo pescoço. Entretanto, Caninos Brancos estava começando a tolerar esse ato. Não parecia causar nenhum mal, e os barulhos que os deuses produziam não eram certamente ameaçadores. Esses deuses também faziam tentativas de se aproximar de Caninos Brancos, mas ele os afastava com um rosnado de aviso, e o dono também alertava com palavras. Nessas ocasiões, Caninos Brancos encostava-se nas pernas do dono e recebia palmadinhas tranquilizadoras na cabeça.

Ao ouvir a ordem “Dick! Deita!”, o galgo subira os degraus e deitara-se num dos lados da varanda, ainda rosnando e mantendo o intruso sob uma vigilância soturna. Uma das deusas-mulheres encarregou-se de Collie, com os braços ao redor do seu pescoço, afagando-a e acariciando-a; mas Collie estava muito perplexa e preocupada, ganindo e inquieta, ultrajada pela presença permitida desse lobo, segura de que os deuses estavam cometendo um erro.

Todos os deuses começaram a subir os degraus para entrar na casa. Caninos Brancos seguiu no encaixe do dono. Dick, na varanda, rosnou, e Caninos Brancos, nos degraus, eriçou o pelo e rosnou em resposta.

– Leve Collie para dentro e deixe os dois brigarem – sugeri o pai de Scott. – Depois disso ficarão amigos.

– Nesse caso Caninos Brancos, para mostrar a sua amizade, terá de ser o principal pranteador no funeral – riu o dono.

O velho Scott olhou incrédulo, primeiro para Caninos Brancos, depois para Dick, e finalmente para o filho.

– Você quer dizer que...?

Weedon acenou com a cabeça.

– Exatamente isso. Você teria um Dick morto em um minuto... dois minutos no máximo.

Ele virou-se para Caninos Brancos. – Vamos, lobo. É você que terá de entrar.

Caninos Brancos subiu os degraus e cruzou a varanda de pernas enrijecidas, com o rabo rigidamente ereto, mantendo os olhos em Dick para evitar um ataque pelo flanco, e preparado ao mesmo tempo para qualquer manifestação feroz do desconhecido que pudesse saltar sobre ele lá do interior da casa. Mas nada temível apareceu inesperadamente e, quando entrou na casa, explorou o terreno com cuidado, procurando o temível sem encontrá-lo. Depois deitou-se com um grunhido de satisfação aos pés do dono, observando tudo o que acontecia, sempre pronto a se levantar de um salto e a lutar pela vida com os terrores que, sentia, deviam estar à espreita sob a armadilha do teto da morada.

XXIII

O DOMÍNIO DO DEUS

Não só Caninos Brancos era adaptável por natureza, como tinha viajado muito, e conhecia o significado e a necessidade da adaptação. Ali, em Sierra Vista, que era o nome da propriedade do Juiz Scott, Caninos Brancos logo

começou a se sentir em casa. Não teve mais nenhuma encrenca séria com os cachorros. Eles sabiam mais a respeito dos costumes da Terra do Sul do que Caninos Brancos, e a seus olhos ele se qualificara ao acompanhar os deuses para dentro da casa. Apesar de lobo, e sem precedentes, os deuses tinham sancionado a sua presença, e eles, os cachorros dos deuses, só podiam reconhecer essa sanção.

Dick, necessariamente, teve de passar primeiro por algumas formalidades tensas, depois das quais aceitou Caninos Brancos com tranquilidade como um acréscimo à propriedade. Se dependesse de Dick, eles teriam sido bons amigos, mas Caninos Brancos era avesso à amizade. Tudo o que ele pedia dos outros cachorros era que o deixassem em paz. Em toda a sua vida, manteve-se longe da sua espécie, e ainda desejava o isolamento. As tentativas de aproximação de Dick o incomodavam, por isso ele afastava Dick com um rosnado. Nas terras do norte tinha aprendido a lição de que devia deixar em paz os cachorros do dono, e ele não esqueceu essa lição. Mas insistia na sua privacidade e solidão, e ignorou Dick tão completamente que essa criatura de boa índole finalmente desistiu e passou a ter tanto interesse por ele quanto pelo poste de amarrar os cavalos perto do estábulo.

Já Collie era diferente. Embora ela o aceitasse por ordem dos deuses, isso não era razão para que o deixasse em paz. Tecida no seu ser estava a lembrança dos inumeráveis crimes que ele e a sua espécie tinham perpetrado contra os cães pastores ancestrais. Não seria em um dia, tampouco no espaço de uma geração, que os rebanhos de ovelhas destrocados cairiam no esquecimento. Tudo isso era um acicate para ela, impelindo-a à retaliação. Ela não podia atacar diante dos deuses que permitiam a presença de Caninos Brancos, mas isso não a impedia de tornar a vida dele um tormento nos pequenos detalhes. Havia entre eles uma briga de eras, e Collie, por sua parte, cuidaria para que essa hostilidade não fosse esquecida.

Assim Collie aproveitava-se de seu sexo para atormentar Caninos Brancos e maltratá-lo. O instinto não permitia que ele a atacasse, enquanto a persistência de Collie não permitia que a ignorasse. Quando ela se precipitava sobre Caninos Brancos, ele virava o ombro protegido sob o pelo para seus dentes afiados, e afastava-se com passos solenes de patas enrijecidas. Quando ela o atacava com demasiada força, era compelido a andar em círculo, o ombro exposto a Collie, a cabeça virada para o outro lado, e na face e nos olhos uma expressão paciente de grande tédio. Às vezes, entretanto, uma mordida no quarto traseiro apressava a sua retirada, que era então tudo menos solene. Mas, no geral, ele conseguia manter uma dignidade quase imponente. Ignorava a existência de Collie sempre que possível, fazendo questão de mantê-la longe do seu caminho. Quando a via ou ouvia aproximar-se, levantava-se e saía andando.

Caninos Brancos tinha muito que aprender em outras áreas. A vida na Terra do Norte era a própria simplicidade, quando comparada com os assuntos complicados de Sierra Vista. Em primeiro lugar, teve de aprender a conhecer a família do dono. De certa maneira, estava preparado para essa tarefa. Como Mit-sah e Kloo-kooch tinham pertencido a Castor Cinza, partilhando a sua comida, o seu fogo e os seus cobertores, agora, em Sierra Vista, todos os

habitantes da casa pertenciam ao senhor do amor.

Mas nessa questão havia uma diferença, e muitas diferenças. Sierra Vista era um terreno muito mais vasto que a tenda de Castor Cinza. Havia muitas pessoas a serem consideradas. Havia o juiz Scott, e a sua esposa. Havia as duas irmãs do dono, Beth e Mary. Havia a sua esposa, Alice, e depois havia os filhos, Weedon e Maud, crianças de quatro e seis anos. Não havia meios de alguém lhe informar sobre todas essas pessoas, e de laços de sangue e relações familiares ele não sabia absolutamente nada, nem seria jamais capaz de saber. Ainda assim compreendeu rapidamente que todos pertenciam ao dono. Depois, por observação, sempre que lhe era dada essa oportunidade, pelo estudo da ação, da fala e da própria entonação da voz, aprendeu lentamente a intimidade e o grau de estima que cada um desfrutava com o dono. E, seguindo esse padrão determinado, Caninos Brancos os tratava de acordo com seu valor. O que era valioso para o dono, ele valorizava; o que era caro para o dono, Caninos Brancos tratava com carinho e protegia cuidadosamente.

Era assim com as duas crianças. Durante toda a sua vida, ele não gostara de crianças. Odiava e temia as suas mãos. Não foram ternas as lições que aprendera a respeito de sua tirania e crueldade nos dias das vilas indígenas. Quando Weedon e Maud se aproximaram pela primeira vez, ele rosnou em tom de aviso e assumiu um ar maligno. Uma bofetada do dono e uma palavra áspera o compeliram a permitir as carícias, embora ele rosnasse e rosnasse sob as mãozinhas, e no rosnado não havia nenhuma nota sentimental. Mais tarde, observou que o menino e a menina eram de grande valor aos olhos do dono. Foi assim que se tornaram desnecessárias bofetadas ou palavras ásperas para que as crianças pudessem afagá-lo.

Ainda assim, Caninos Brancos nunca foi efusivamente afetuoso. Submetia-se aos filhos do dono com uma graça honesta, mas adversa, e suportava as suas tolices como alguém suportaria uma operação dolorosa. Quando já não conseguia tolerar os afagos, levantava-se e afastava-se determinado a passos largos. Depois de um certo tempo, até começou a gostar das crianças. Mas não o demonstrava. Nunca ia ao seu encontro. Por outro lado, em vez de afastar-se ao vê-las, esperava que elas se aproximassem. E ainda mais tarde, observou-se que um brilho satisfeito aparecia nos seus olhos quando as avistava, e que um olhar comprido com um quê de pesar curioso as seguia quando o deixavam por outras diversões.

Tudo isso era uma questão de desenvolvimento, e levava tempo. O próximo na escala da sua estima, depois das crianças, era o juiz Scott. Havia possivelmente duas razões para isso. Primeiro, ele era evidentemente uma posse valiosa ao dono, e, depois, não demonstrava suas emoções. Caninos Brancos gostava de deitar-se a seus pés na varanda larga, quando o juiz lia o jornal, lançando de vez em quando um olhar ou uma palavra a Caninos Brancos – sinais tranquilos de que reconhecia a sua presença e existência. Mas isso era apenas quando o dono não estava por perto. Quando o dono aparecia, todos os outros seres deixavam de existir para Caninos Brancos.

Caninos Brancos deixava que todos os membros da família o afagassem e valorizassem, mas nunca lhes dava o que concedia ao dono. Nenhuma carícia

deles conseguia introduzir na sua garganta o estranho canto de amor, e, por mais que tentassem, jamais o persuadiram a se aconchegar contra os seus corpos. Essa expressão de abandono e rendição, de confiança absoluta, ele reservava apenas para o dono. Na verdade, ele nunca considerou os membros da família senão como posses do senhor do amor.

Bem cedo, Caninos Brancos também teve de começar a diferenciar a família e os criados da casa. Os últimos tinham medo dele, enquanto Caninos Brancos apenas se continha para não atacá-los. Isso porque considerava que eles também eram posses do dono. Entre Caninos Brancos e eles existia uma neutralidade, e nada mais. Eles cozinhavam para o dono, lavavam os pratos e faziam outras tarefas, assim como Matt fizera no Klondike. Eram, em suma, apêndices da casa.

Fora da casa, ainda havia muito mais para Caninos Brancos aprender. O domínio do dono era amplo e complexo, mas tinha seus marcos e limites. A propriedade terminava na estrada da região. Mais além era o domínio comum de todos os deuses – as estradas e as ruas. Depois, dentro de outras cercas, havia os domínios particulares de outros deuses. Uma miríade de leis governava todas essas coisas e determinava a conduta, mas ele não conhecia a fala dos deuses, nem havia outra maneira de aprender senão pela experiência. Obedecia os seus impulsos naturais até que colidiam com alguma lei. Quando isso acontecia algumas vezes, ele aprendia a lei e a partir daí a observava.

O elemento mais potente na sua educação era a bofetada da mão do dono, a censura da voz do dono. Devido ao imenso amor de Caninos Brancos, uma bofetada do dono o machucava muito mais do que qualquer surra que recebera de Castor Cinza ou de Beleza Smith. Eles tinham machucado apenas a sua carne; embaixo da carne o espírito ainda se enfurecia, esplêndido e invencível. Mas, com o dono, a bofetada era sempre demasiado leve para machucar a carne. No entanto, atingia-o mais profundamente. Era a expressão da desaprovação do dono, e o espírito de Caninos Brancos esmorecia com o golpe.

Na verdade, a bofetada era raramente dada. A voz do dono bastava. Pela voz, Caninos Brancos sabia se fizera algo certo ou não. Pela voz, ele aperfeiçoava a sua conduta e ajustava as suas ações. Ela era a bússola que lhe indicava o rumo e ensinava a traçar o mapa das maneiras de uma nova terra e vida.

Na Terra do Norte, o único animal domesticado era o cão. Todos os outros animais viviam na Floresta, constituindo, quando não demasiado formidáveis, presas legítimas para qualquer cachorro. Ao longo de todos os seus dias, Caninos Brancos tinha pilhado as coisas vivas em busca de alimento. Não entrava na sua cabeça que, na Terra do Sul, isso fosse diferente. Mas foi o que logo teve de aprender ao residir no Vale de Santa Clara. Vadiando ao redor de um canto da casa de manhã cedo, deparou-se certa vez com uma galinha que tinha escapado do galinheiro. O impulso natural de Caninos Brancos foi comê-la. Uns dois saltos, um lampejo de dentes, um grito assustado, e ele tinha abiscoitado a ave aventureira. Era criada na fazenda, gorda e macia; e Caninos Brancos lambeu os beiços e decidiu que a comida era boa.

Mais tarde naquele dia, encontrou por acaso outra galinha extraviada perto dos estábulos. Um dos criados correu a salvá-la. Ele não sabia da raça de Caninos Brancos, por isso apanhou como arma um chicote leve. Ao primeiro corte do

chicote, Caninos Brancos deixou a galinha pelo homem. Um pedaço de pau poderia ter detido Caninos Brancos, mas não um chicote. Em silêncio, sem vacilar, recebeu um segundo golpe na sua investida, e, quando saltou para atingir a garganta do criado, esse gritou “Meu Deus!” e cambaleou para trás. Deixou cair o chicote e protegeu a garganta com os braços. Em consequência, o seu antebraço foi aberto até o osso.

O homem estava muito assustado. O que enervava o criado não era tanto a ferocidade de Caninos Brancos, mas o seu silêncio. Ainda protegendo a garganta e a face com o braço rasgado e sangrando, tentou retirar-se para o celeiro. E a situação teria se tornado preta, se Collie não tivesse aparecido na cena. Assim como salvara a vida de Dick, ela então salvou a do criado. Investiu contra Caninos Brancos num frenesi de fúria. Ela sempre soubera. Tinha mais conhecimento do que os deuses descuidados. Todas as suas suspeitas eram justificadas. Ali estava o antigo saqueador mais uma vez às voltas com seus velhos truques.

O criado fugiu para os estábulos, e Caninos Brancos recuou em face dos dentes malignos de Collie, apresentando-lhes o ombro e circulando ao seu redor. Mas Collie não desistiu, como era seu costume, depois de um intervalo decente de castigo. Ao contrário, estava cada vez mais excitada e zangada, até que, por fim, Caninos Brancos jogou pelos ares toda e qualquer dignidade e fugiu abertamente pelos campos.

– Ele vai ter que aprender a deixar as galinhas em paz – disse o dono. – Mas não posso lhe ensinar a lição, se não o pegar em flagrante.

Dois noites mais tarde ocorreu o flagrante, mas numa escala mais generosa do que o dono tinha esperado. Caninos Brancos observava atentamente os galinheiros e os hábitos das galinhas. À noite, depois que as aves já estavam empoleiradas, subiu no topo de uma pilha de lenha recém-cortada. Dali chegou ao telhado de um galinheiro, passou sobre a viga mestra e caiu no terreno interno. Um momento mais tarde estava dentro do galinheiro, e a matança começou.

De manhã, quando o dono saiu na varanda, cinquenta galinhas Leghorn brancas, enfileiradas pelo criado, saudaram seus olhos. Ele assobiou para si mesmo baixinho, primeiro com surpresa, e depois, no final, com admiração. Diante de seus olhos também surgiu Caninos Brancos, mas no último não havia sinais de vergonha ou culpa. Ele se portava com orgulho, como se, na verdade, tivesse realizado uma façanha digna de louvor e mérito. Não havia nele nenhuma consciência de pecado. Os lábios do dono se apertaram, enquanto ele se defrontava com a tarefa desagradável. Depois falou áspero para o culpado inconsciente, e na sua voz não havia senão fúria divina. Além disso, agarrou o focinho de Caninos Brancos e esfregou-o nas galinhas mortas, dando-lhe ao mesmo tempo várias brofetadas sonoras.

Caninos Brancos nunca mais saqueou um galinheiro. Era contra a lei, e ele a tinha aprendido. Depois o dono o levou para dentro do pátio das galinhas. O impulso natural de Caninos Brancos, quando viu a comida viva esvoaçando ao seu redor e embaixo do seu nariz, era pular e pegar. Ele obedecia ao impulso, mas era contido pela voz do dono. Eles continuaram no pátio por meia hora. De vez em quando o impulso dominava Caninos Brancos, e, a cada vez que ele se

rendia ao instinto, a voz do dono o continha. Foi assim que ele aprendeu a lei e, quando saiu do território das galinhas, tinha aprendido a ignorar a sua existência.

– Você não consegue curar um matador de galinhas. – O juiz Scott sacudiu a cabeça tristemente na mesa do almoço, quando o filho lhe contou a lição que tinha dado a Caninos Brancos. – Uma vez tendo adquirido o hábito e o gosto de sangue... – Novamente sacudiu a cabeça com tristeza.

Mas Weedon Scott não concordou com o pai.

– Vou lhe dizer o que vou fazer – desafiou por fim. – Vou trancar Caninos Brancos com as galinhas a tarde inteira.

– Mas pense nas galinhas – objetou o juiz.

– E mais – continuou o filho –, para cada galinha que ele matar, eu lhe pagarei uma moeda de ouro de um dólar.

– Mas você também tem de penalizar o papai – interveio Beth.

A irmã a apoiou, e um coro de aprovação se elevou ao redor da mesa. O juiz Scott acenou a cabeça em sinal de assentimento.

– Tudo bem. – Weedon Scott pensou por um momento. – E se, no final da tarde, Caninos Brancos não tiver atacado nenhuma galinha, para cada dez minutos do tempo que ele passou no pátio do galinheiro, você terá de lhe dizer, com modos graves e com deliberação, como se estivesse no tribunal emitindo solenemente um julgamento, “Caninos Brancos, você é mais inteligente do que eu pensava”.

De pontos de observação escondidos, a família observou o teste. Mas foi um fiasco. Trancado no pátio e ali abandonado pelo dono, Caninos Brancos deitou-se e dormiu. Uma vez levantou-se e caminhou até o cocho para beber um gole de água. As galinhas, ele calmamente ignorou. Pelo que lhe dizia respeito, elas não existiam. As quatro horas correu e pulou, alcançou o telhado do galinheiro e saltou para o terreno lá fora, de onde caminhou sério até a casa. Ele tinha aprendido a lei. E na varanda, diante da família encantada, o juiz Scott, face a face com Caninos Brancos, disse lenta e solenemente, dezesseis vezes: “Caninos Brancos, você é mais inteligente do que eu pensava”.

Mas era a multiplicidade de leis que confundia Caninos Brancos e muitas vezes lhe causou desgraça. Ele teve de aprender que não devia tocar nas galinhas que pertenciam a outros deuses. Depois havia gatos, coelhos e perus; todos esses, ele devia deixar em paz. Na verdade, quando aprendera apenas parcialmente a lei, a sua impressão foi que devia deixar em paz todas as coisas vivas. Lá fora no pasto dos fundos, uma codorniz podia esvoaçar sob o seu focinho ileso. Todo tenso e tremendo de ansiedade e desejo, ele controlava o seu instinto e permanecia quieto. Estava obedecendo à vontade dos deuses.

Mas depois, certo dia, novamente no pasto dos fundos, viu Dick lançar-se sobre uma lebre e perseguir-la. O próprio dono estava observando e não interferiu. Ao contrário, encorajou Caninos Brancos a participar da perseguição. E assim ele aprendeu que não havia tabus quanto a lebres. No final, elaborou toda a lei. Entre ele e todos os animais domésticos, não devia haver hostilidades. Se não amizade, pelo menos a neutralidade devia ser alcançada. Mas os outros animais – os esquilos, as codornizes e os tapitis – eram criaturas selvagens que nunca se sujeitaram ao homem. Eram presas legítimas para qualquer cachorro.

Os deuses protegiam apenas os domesticados, e entre esses a luta mortal não era permitida. Os deuses detinham o poder de vida e morte sobre os seus súditos, e os deuses eram criamentos de seu poder.

A vida era complexa no Vale de Santa Clara depois da simplicidade da Terra do Norte. E a principal coisa exigida por essas complexidades da civilização era controle, comedimento – um equilíbrio do ser tão delicado quanto o adejar de asas diáfanas e, ao mesmo tempo, tão rígido quanto o aço. A vida tinha milhares de faces, e Caninos Brancos descobriu que devia conhecê-las a todas – por exemplo, quando ia à cidade de San Jose, correndo atrás do coche, ou vadiando pelas ruas quando o coche parava. A vida fluía ao seu redor, profunda, ampla e variada, chocando-se continuamente contra os seus sentidos, exigindo ajustes e concordâncias instantâneos e intermináveis e compelindo-o, quase sempre, a reprimir os seus impulsos naturais.

Havia açougues em que a carne ficava dependurada ao seu alcance. Essa carne, ele não devia tocar. Havia gatos nas casas que o dono visitava que deviam ser deixados em paz. E havia cachorros em toda parte que lhe rosnavam e que ele não devia atacar. E depois, nas calçadas apinhadas, havia inumeráveis pessoas cuja atenção ele atraía. Elas paravam e fitavam-no, apontavam-no umas para as outras, examinavam-no, falavam com ele e, o pior de tudo, afagavam-no. E os contatos perigosos de todas essas mãos ele devia tolerar. Mas conseguiu alcançar essa tolerância. Além disso, superou os seus modos desajeitados e constrangidos. De maneira altaneira, recebia as atenções das multidões de deuses estranhos. Com alguma condescendência, aceitava a sua condescendência. Por outro lado, havia nele algo que impedia uma grande familiaridade. Eles o afagavam na cabeça e continuavam seu caminho, contentes e deliciados com a própria audácia.

Mas nem tudo era fácil para Caninos Brancos. Correndo atrás do coche na periferia de San Jose, ele encontrava certos meninos para quem se tornara uma prática a brincadeira de lhe atirar pedras. Mas ele sabia que não tinha permissão de persegui-los e derrubá-los. Nesse caso, era compelido a violar o seu instinto de autopreservação, e certamente o violou, pois estava se tornando domesticado, capacitando-se para a civilização.

Ainda assim, Caninos Brancos não estava totalmente satisfeito com o arranjo. Ele não tinha ideias abstratas sobre justiça e jogo limpo. Mas há um certo senso de equidade na vida, e esse seu senso se ressentia da injustiça de não ter permissão de se defender contra os que lhe jogavam pedras. Esquecia-se de que, na aliança firmada entre ele e os deuses, esses se comprometiam a cuidar dele e defendê-lo. Certo dia o dono pulou do coche, chicote na mão, e deu uma surra nos atiradores de pedras. Depois disso nunca mais lhe atiraram pedras, e Caninos Brancos compreendeu e ficou satisfeito.

Teve outra experiência de natureza semelhante. A caminho da cidade, vadiando ao redor do bar nas estradas transversais, havia três cachorros que sistematicamente investiam contra ele, quando passava pelo local. Conhecendo o seu método mortal de luta, o dono nunca deixara de incutir em Caninos Brancos a lei de que não devia brigar. Em consequência, tendo aprendido bem a lição, Caninos Brancos tinha grandes dificuldades sempre que passava pelo bar das

estradas transversais. Depois da primeira investida, o seu rosnado sempre mantinha os três cachorros a distância, mas eles seguiam atrás, ganindo, brigando e insultando-o. Isso durou por algum tempo. Os homens no bar até incitavam os cachorros a atacar Caninos Brancos. Certo dia abertamente açularam os cachorros contra ele. O dono parou o coche.

– Ataque – disse para Caninos Brancos.

Mas Caninos Brancos não conseguia acreditar. Olhou para o dono e olhou para os cachorros. Depois voltou a olhar ansioso e indagador para o dono.

O dono fez que sim com a cabeça.

– Ataque, meu velho. Estrçalhe.

Caninos Brancos não hesitou mais. Virou-se e saltou silenciosamente entre os inimigos. Todos os três o enfrentaram. Houve muito rosnado e grunhido, um entrecchoque de dentes e uma agitação de corpos. A poeira da estrada se elevou numa nuvem e encobriu a batalha. Mas, ao cabo de vários minutos, dois cachorros estavam estrebuchando na poeira e o terceiro em plena fuga. Ele pulou uma vala, passou por uma cerca e fugiu por um campo. Caninos Brancos seguiu, deslizando sobre o chão à maneira dos lobos e com a velocidade dos lobos, rapidamente e sem fazer barulho, e no centro do campo derrubou e matou o cachorro.

Com essa matança tripla acabaram os seus principais problemas com os cachorros. A notícia correu o vale, e os homens cuidavam para que os seus cachorros não molestassem o Lobo Lutador.

XXIV

O CHAMADO DA ESPÉCIE

Os meses iam e vinham. Havia muita comida e nenhum trabalho na Terra do Sul, e Caninos Brancos vivia gordo, próspero e feliz. Ele não estava apenas no sul geográfico, mas no sul da vida. A bondade humana era como um sol brilhante sobre Caninos Brancos, e ele florescia como uma flor plantada em terra boa.

Mas continuava de certa maneira diferente dos outros cachorros. Conhecia a lei até melhor do que os cachorros que não tinham conhecido outra vida, e observava a lei mais escrupulosamente, mas ainda assim havia nele uma sugestão de ferocidade à espreita, como se a Floresta ainda permanecesse em Caninos Brancos e o lobo dentro dele apenas dormisse.

Ele nunca fazia amizade com os outros cachorros. Tinha vivido solitário, no que dizia respeito à sua espécie, e solitário continuaria a viver. Nos seus dias de filhote, sob a perseguição de Lip-lip e o bando de cachorrinhos, e nos seus dias de luta com Beleza Smith, ele tinha adquirido uma aversão fixa por cachorros. O curso natural da sua vida fora desviado, e, afastando-se da sua espécie, ele se ligara ao humano.

Além disso, todos os cachorros do sul o olhavam com suspeição. Ele despertava neles o medo instintivo da Floresta, e eles sempre o saudavam com rosnados, grunhidos e um ódio beligerante. Por outro lado, aprendeu que não era necessário usar os seus dentes neles. As presas à mostra e os lábios torcidos eram

em geral eficazes, raramente deixando de forçar o cachorro que investia aos gritos a recuar sobre as ancas.

Mas havia um tormento na vida de Caninos Brancos – Collie. Ela nunca lhe dava um momento de paz. Não era tão receptiva à lei como ele. Desafiava todos os esforços do dono para que se tornasse amiga de Caninos Brancos. Nos ouvidos desse, nunca deixava de soar o seu rosnado agudo e nervoso. Ela nunca lhe perdoara o episódio da matança das galinhas, e persistia na crença de que as intenções de Caninos Brancos eram ruins. Ela o considerava culpado antes do ato, e tratava-o de acordo com esse julgamento. Tornou-se uma peste para ele, seguindo-o como um policial pelo estábulo e pelo terreno, e se ele se atrevia a olhar curiosamente para uma pomba ou galinha, irrompia num alarido de indignação e fúria. Quanto a Caninos Brancos, o modo favorito de ignorá-la era deitar-se, com a cabeça sobre as patas dianteiras, e fingir que dormia. Isso sempre a confundia e silenciava.

A exceção de Collie, tudo ia bem para Caninos Brancos. Ele aprendera controle e equilíbrio, e conhecia a lei. Alcançou uma serenidade, uma calma, uma tolerância filosófica. Já não vivia num ambiente hostil. O perigo, a dor e a morte não rondavam à espreita por toda parte. Com o tempo, o desconhecido, como um terror e ameaça sempre iminente, esmaecia. A vida era suave e fácil. Fluía sem obstáculos, e nem o medo nem o inimigo o espreitavam pelo caminho.

Sentia saudades da neve sem disso ter consciência. “Um verão estranhamente longo” teria sido o seu pensamento, se tivesse pensado a respeito; nas circunstâncias, apenas sentia saudades da neve de um modo vago e subconsciente. Da mesma forma, especialmente no calor do verão quando sofria com o sol forte, experimentava tênues saudades do norte. No entanto, o único efeito dessa saudade sobre Caninos Brancos era deixá-lo inquieto e desassossegado sem saber o que o incomodava.

Caninos Brancos jamais fora de demonstrar o afeto. Além de se aconchegar e introduzir uma nota sentimental no seu grunhido de amor, não tinha como expressar o seu sentimento. Mas foi-lhe dado descobrir uma terceira maneira. Ele sempre fora suscetível ao riso dos deuses. O riso sempre lhe provocara loucura, deixando-o frenético de raiva. Mas não estava na sua natureza zangar-se com o senhor do amor, e quando o deus decidiu rir de Caninos Brancos de um modo bonachão e por brincadeira, ele ficou confuso. Sentiu a ferroada e o acicate da velha raiva lutando para crescer no seu interior, mas ela lutava contra o amor. Não conseguiu se zangar, mas tinha de fazer alguma coisa. A princípio assumiu uma pose digna, e o dono riu ainda mais. Depois tentou ser mais digno, e o dono riu com mais força do que antes. Por fim, os risos do dono acabaram com a sua dignidade. As mandíbulas se abriram levemente, os lábios levantaram um pouco, uma expressão zombeteira, mais amor que humor, apareceu nos seus olhos. Ele aprendera a rir.

Da mesma forma, aprendeu a fazer brincadeiras com o dono, a ser derrubado e rolado pelo chão, a ser a vítima de inúmeros truques violentos. Em troca fingia raiva, eriçando o pelo e rosnando ferozmente, estalando os dentes em mordidas que tinham toda a aparência de intenção mortal. Mas ele nunca perdia a cabeça. As mordidas eram sempre dadas no ar vazio. Ao fim de uma dessas

brincadeiras rudes, quando os golpes, bofetadas, mordidas e rosnados eram rápidos e furiosos, eles se separavam de repente e paravam a alguns metros de distância, olhando um para o outro. E depois, com a mesma subitaneidade, como o sol nascendo num mar de tempestade, começavam a rir. Isso sempre culminava com os braços do dono se fechando ao redor do peçoço e ombros de Caninos Brancos, enquanto o último emitia e rosnava o seu canto de amor.

Mas ninguém mais fazia dessas brincadeiras com Caninos Brancos. Ele não o permitia. Fazia questão da sua dignidade e, quando tentavam qualquer brincadeira, o seu rosnado de aviso e o pelo eriçado eram tudo menos travessos. O fato de dar ao dono essas liberdades não era razão para que fosse um cachorro comum, amando aqui e amando ali, o objeto de qualquer um para uma brincadeira e uma boa diversão. Ele amava com um coração exclusivista, recusando-se a baratear a si mesmo ou ao seu amor.

O dono saía bastante a cavalo, e acompanhá-lo era um dos principais deveres na vida de Caninos Brancos. Na Terra do Norte, ele demonstrara a sua lealdade labutando nos arreios; mas não havia trenós na Terra do Sul, nem os cachorros transportavam cargas nos lombos. Assim ele manifestava a sua lealdade de outro modo, correndo com o cavalo do dono. O dia mais longo jamais o deixava exausto. Ele tinha o caminhar do lobo, macio, incansável e sem esforço, e ao final de oitenta quilômetros chegava lépido à frente do cavalo.

Foi em conexão com as cavalgadas que Caninos Brancos alcançou outro modo de expressão – notável porque o utilizou apenas duas vezes em toda a sua vida. A primeira vez ocorreu quando o dono estava tentando ensinar a um puro-sangue fogoso o método de abrir e fechar portões sem que o cavaleiro precisasse apelar. Muitas e repetidas vezes, ele emparelhou o cavalo com o portão tentando fechá-lo, mas toda vez o cavalo se assustava, recuava e arremetia para longe. O animal ficava mais nervoso e excitado a cada momento. Quando empinava, o dono o esporeava obrigando-o a repor as patas dianteiras no chão, com o que ele começava a dar coices com as patas traseiras. Caninos Brancos observava esses movimentos com uma ansiedade crescente até não poder mais se conter, quando pulou na frente do cavalo e latiu selvagem e ameaçadoramente.

Embora muitas vezes tentasse latir depois desse episódio, e o dono o encorajasse, só conseguiu latir apenas mais uma vez, e então não foi na presença do dono. Uma correria pelo pasto, uma lebre aparecendo de repente embaixo das patas do cavalo, uma guinada violenta, um tropeção, uma queda e uma perna quebrada para o dono foram a causa do latido. Caninos Brancos pulou com fúria na garganta do cavalo agressor, mas foi contido pela voz do dono.

– Para casa! Vá para casa! – comandou o dono, quando tinha se certificado do seu ferimento.

Caninos Brancos não tinha vontade de abandoná-lo. O dono pensou em escrever uma nota, mas procurou em vão lápis e papel nos seus bolsos. Mais uma vez ordenou que Caninos Brancos fosse para casa.

O último o olhou ansioso, partiu, depois retornou e ganiu baixinho. O dono lhe falou com uma voz gentil mas séria, e ele levantou as orelhas e escutou com uma atenção dolorida.

– Tudo bem, meu velho, apenas corra para casa – dizia a voz – Vá para casa

e conte o que aconteceu comigo. Para casa, lobo. Trate de ir para casa!

Caninos Brancos sabia o significado de “casa” e, embora não compreendesse o restante da conversa, sabia que a vontade do dono era que ele fosse para casa. Virou-se e partiu relutante. Depois parou, indeciso, e olhou para trás por cima do ombro.

– Para casa! – foi o comando áspero, e desta vez ele obedeceu.

A família estava na varanda, tomando o ar fresco da tarde, quando Caninos Brancos apareceu. Meteu-se entre as pessoas, ofegante, coberto de poeira.

– Weedon está de volta – anunciou a mãe de Weedon.

As crianças acolheram Caninos Brancos com gritos de alegria e correram ao seu encontro. Ele as evitou e passou pela varanda, mas elas o encurralaram contra uma cadeira de balanço e a balastrada. Ele rosnou e tentou abrir caminho entre elas. A mãe olhou apreensiva na sua direção.

– Confesso que ele me deixa nervosa ao redor das crianças – disse. – O meu pavor é que algum dia ele as ataque sem mais nem menos.

Rosnando selvagemmente, Caninos Brancos pulou do seu canto, derrubando o menino e a menina. A mãe os chamou e consolou, dizendo-lhes para deixar Caninos Brancos em paz.

– Um lobo é um lobo – comentou o juiz Scott. – Não dá para confiar em nenhum.

– Mas ele não é todo lobo – interveio Beth, falando pelo irmão na sua ausência.

– Você só tem a opinião de Weedon a esse respeito – replicou o juiz. – Ele meramente presume que haja algum sangue de cachorro em Caninos Brancos, mas, como ele próprio lhe dirá, nada sabe a esse respeito. Quanto à aparência de Caninos Brancos...

Ele não terminou a frase. Caninos Brancos estava na sua frente, rosnando ferozmente.

– Vai embora! Deita! – comandou o juiz Scott.

Caninos Brancos virou-se para a esposa do senhor do amor. Ela gritou de susto, quando ele agarrou o vestido com os dentes e puxou-o até o tecido frágil se rasgar. A essa altura, Caninos Brancos tinha se tornado o centro das atenções. Ele deixara de rosnar e estava parado, a cabeça levantada, olhando nas suas faces. A garganta se mexia espasmodicamente, mas não produzia som, enquanto ele lutava com todo o seu corpo, convulsionado pelo esforço de livrar-se de algo incomunicável que forcejava para ser expresso.

– Espero que não esteja ficando louco – disse a mãe de Weedon. – Falei para Weedon que o clima quente talvez não fizesse bem a um animal ártico.

– Acho que ele está tentando falar – anunciou Beth.

Nesse momento a fala acudiu a Caninos Brancos, irrompendo numa grande explosão de latidos.

– Alguma coisa aconteceu a Weedon – disse a esposa resolutamente.

Agora estavam todos de pé, e Caninos Brancos desceu correndo os degraus, olhando para trás para que o seguissem. Pela segunda e última vez na sua vida, ele latira e se fizera compreender.

Depois desse acontecimento, Caninos Brancos encontrou um lugar mais

caloroso nos corações do pessoal de Sierra Vista, e até o criado cujo braço ele tinha rasgado admitia que era um cachorro muito sábio, mesmo que fosse um lobo. O juiz Scott ainda mantinha a sua opinião, e para o desagrado de todos provava o seu pensamento por medições e descrições tiradas da enciclopédia e de várias obras de história natural.

Os dias iam e vinham, despejando o brilho ininterrupto do sol sobre o Vale Santa Clara. Mas, quando se tornaram mais curtos e começou o segundo inverno de Caninos Brancos na Terra do Sul, ele fez uma estranha descoberta. Os dentes de Collie já não eram afiados. Havia um quê de brincadeira nas suas mordidas e uma gentileza que os impedia de machucar de verdade. Ele esqueceu que ela tornara a sua vida um fardo e, quando ela cabriolava ao seu redor, reagia de forma solene, procurando ser brincalhão e tornando-se nada menos que ridículo.

Certo dia, ela o levou para uma longa perseguição pelo pasto dos fundos e dentro da mata. Era a tarde em que o dono devia cavalgar, e Caninos Brancos sabia disso. O cavalo estava selado e esperando à porta. Caninos Brancos hesitou. Mas havia nele algo mais profundo do que toda a lei que tinha aprendido, do que os costumes que lhe foram inculcados, do que o seu amor pelo dono, do que a própria vontade de viver isolado; e quando, no momento de sua indecisão, Collie lhe deu uma mordida e saiu correndo, ele virou-se e seguiu atrás. O dono cavalgou sozinho naquele dia; e na mata, lado a lado, Caninos Brancos correu junto a Collie, assim como a sua mãe, Kiche, e o velho Caolho tinham corrido há muitos anos na silenciosa floresta boreal.

XXV

O LOBO ADORMECIDO

Foi por essa época que os jornais se encheram com a fuga audaciosa de um condenado da prisão de San Quentin. Era um homem feroz. Fora mal feito. Não nascera direito e não tivera nenhuma ajuda da modelagem que recebera nas mãos da sociedade. As mãos da sociedade eram duras, e esse homem constituía uma amostra impressionante de seu trabalho manual. Era uma besta – uma besta humana, é verdade, mas ainda assim uma besta tão terrível que talvez fosse mais bem caracterizada como carnívora.

Na prisão de San Quentin, ele se mostrara incorrigível. O castigo não conseguiu dobrar o seu espírito. Podia morrer numa loucura surda e lutando até o fim, mas não conseguia viver sendo surrado. Quanto mais ferozmente lutava, com mais aspereza a sociedade o tratava, e o único efeito dessa dureza era torná-lo mais violento. Camisas de força, regimes de fome, surras e pancadas eram o tratamento errado para Jim Hall, mas foi o tratamento que recebeu. Era o tratamento que tinha recebido desde os seus tempos de menino gorducho numa favela de San Francisco – argila macia nas mãos da sociedade e pronta a ser modelada.

Foi durante o terceiro período de Jim Hall na prisão que ele encontrou um guarda quase tão animal quanto ele. O guarda tratou-o injustamente, mentiu sobre Jim Hall para o diretor, causou a perda de seu bom conceito, perseguiu-o.

A diferença entre eles era que o guarda carregava um molho de chaves e um revólver. Jim Hall tinha apenas as mãos nuas e os dentes. Mas ele pulou sobre o guarda certo dia e usou os dentes na garganta do outro como qualquer animal da selva.

Depois disso, Jim Hall foi viver na solitária. Ali viveu por três anos. A cela era de ferro, o chão, as paredes, o telhado. Nunca saía dessa cela. Nunca via o céu, nem a luz do sol. O dia era um crepúsculo e a noite, um silêncio negro. Ele estava numa tumba de ferro, enterrado vivo. Não via nenhuma face humana, não falava com nenhum humano. Quando a comida era enfiada na cela, rosnavava como um animal selvagem. Odiava todas as coisas. Por dias e noites, urrou a sua fúria ao universo. Por semanas e meses, jamais produziu um som, devorando no silêncio negro a própria alma. Era um homem e uma monstruosidade, tão temível quanto qualquer visão que já assombrou um cérebro enlouquecido.

E então, certa noite, ele escapou. O diretor da prisão disse que era impossível, mas ainda assim a cela estava vazia e, despedaçado em duas metades no lado de fora, estava o corpo de um guarda morto. Os outros guardas mortos marcavam a sua trilha pela prisão até os muros externos, e ele matara com as mãos para evitar fazer barulho.

Estava com as armas dos guardas assassinados – um arsenal vivo a fugir pelos morros, perseguido pelo poder organizado da sociedade. Havia um substancial prêmio de ouro pela sua cabeça. Fazendeiros avarentos o caçavam com espingardas. O seu sangue poderia pagar uma hipoteca ou enviar um filho para a universidade. Cidadãos de espírito público baixavam os seus rifles e partiam em busca de Jim Hall. Um bando de cães de caça seguia o rastro de seus pés ensanguentados. E os sabujos investigadores, os lutadores pagos da sociedade, com telefone, telegrafo e trem especial, agarravam-se à sua trilha noite e dia.

Às vezes deparavam-se com o fugitivo, e os homens o enfrentavam como heróis, ou estouravam como uma boiada pelas cercas de arame farpado, para o grande deleite da comunidade que lia a história à mesa do café da manhã. Depois desses encontros, os mortos e feridos eram transportados em carroças para as cidades, e os seus lugares preenchidos por outros homens ansiosos pela caçada humana.

E então Jim Hall desapareceu. Os sabujos buscaram em vão o rastro perdido. Vaqueiros inofensivos em vales remotos eram detidos por homens armados e obrigados a se identificarem, enquanto os restos mortais de Jim Hall eram descobertos numa dúzia de encostas por homens gananciosos que reclamavam o dinheiro do seu sangue.

Nesse meio tempo, os jornais eram lidos em Sierra Vista, menos por interesse que por ansiedade. As mulheres estavam com medo. O juiz Scott não levava a história a sério e ria, mas sem razão, pois foi nos seus últimos dias no tribunal que Jim Hall se postara à sua frente e recebera a sentença. E, na sala aberta do tribunal, Jim Hall proclamara que chegaria o dia em que se vingaria do juiz que o condenara.

Pelo menos daquela vez, Jim Hall tinha razão. Era inocente do crime pelo qual fora condenado. Era um caso, no jargão dos ladrões e da polícia, de “falso pretexto”. Jim Hall estava sendo “conduzido” à prisão por um crime que não

tinha cometido. Devido às duas condenações anteriores, o Juiz Scott lhe impôs uma sentença de cinquenta anos.

O juiz Scott não conhecia todos os detalhes, e não sabia que fazia parte de uma conspiração policial, que a evidência era tramada e fruto de falso testemunho, que Jim Hall não tinha culpa do crime de que o acusavam. E Jim Hall, por outro lado, não sabia que o juiz Scott apenas ignorava os detalhes. Jim Hall acreditava que o juiz sabia tudo sobre o caso e estava mancomunado com a polícia na perpetração da monstruosa injustiça. Assim, quando o destino de cinquenta anos de morte em vida foi pronunciado pelo juiz Scott, Jim Hall, odiando todas as coisas na sociedade que o maltratava, levantou-se e teve uma crise de fúria na sala do tribunal, até ser derrubado por meia dúzia de seus inimigos policiais. Para ele, o juiz Scott era a pedra fundamental no arco da injustiça, e sobre o juiz Scott ele esvaziou os frascos da sua ira e lançou as ameaças de sua futura vingança. Depois Jim Hall partiu rumo à sua morte em vida... e escapou.

De tudo isso, Caninos Brancos nada sabia. Mas entre ele e Alice, a esposa do dono, existia um segredo. Toda noite, depois que Sierra Vista já se retirara para dormir, ela se levantava e deixava Caninos Brancos entrar para dormir no saguão grande. Ora, Caninos Brancos não era um cachorro do interior da casa, nem tinha permissão de dormir na casa; assim toda manhã, bem cedo, ela descia furtiva e deixava que ele soubesse antes que a família acordasse.

Numa dessas noites, enquanto toda a casa dormia, Caninos Brancos despertou e continuou deitado muito quieto. E muito quieto farejou o ar, lendo a mensagem que trazia sobre a presença de um deus estranho. E aos seus ouvidos chegaram os sons dos movimentos do deus estranho. Caninos Brancos não irrompeu num alarido furioso. Não era a sua maneira de ser. O deus estranho caminhava sem fazer barulho, porém mais silenciosamente caminhava Caninos Brancos, porque ele não tinha roupas que roçassem contra a carne do corpo. Seguiu em silêncio. Na Floresta tinha caçado caça viva infinitamente pequena, e conhecia a vantagem da surpresa.

O deus estranho parou ao pé da grande escada e escutou, e Caninos Brancos estava tão morto, tão sem movimento que observou e esperou. No alto da escada, a passagem conduzia ao senhor do amor e às posses mais queridas do senhor do amor. Caninos Brancos eriçou o pelo, mas esperou. O pé do deus estranho ergueu-se. Ele estava começando a subida.

Foi então que Caninos Brancos atacou. Não deu nenhum aviso, nenhum rosnado antecipou a sua ação. Ergueu o corpo no ar com o pulo que o fez aterrissar nas costas do deus estranho. Caninos Brancos agarrou-se com as patas dianteiras aos ombros do homem, enterrando ao mesmo tempo as presas na sua nuca. Agarrou-se por um momento, o bastante para derrubar o deus de costas. Juntos espatifaram-se no chão. Caninos Brancos soltou-se com um pulo e, quando o homem lutava para se levantar, atacou de novo com as presas cortantes.

Sierra Vista acordou alarmada. O barulho que vinha do andar térreo era como o de vinte demônios em batalha. Escutaram-se tiros de revólver. A voz de um homem gritou de horror e angústia. Houve muitos rosnados e grunhidos, e acima de tudo elevava-se o som de estilhaços e o estrondo de mobília e vidro.

Mas quase tão rápido quanto tinha irrompido, a comoção esmoreceu. A luta não tinha durado mais que três minutos. O pessoal da casa assustado se aglomerou no topo da escada. Lá de baixo, como se de um abismo de escuridão, subia um som de gorgolejo, como de ar fazendo bolhas na água. Às vezes esse gorgolejar tornava-se sibilante, quase um assobio. Mas isso também esmoreceu rapidamente e cessou. Já nenhum som subia da escuridão, a não ser o ofegar pesado de uma criatura lutando dolorosamente por um pouco de ar.

Weedon Scott apertou um botão, e a escada e o saguão térreo foram inundados de luz. Ele e o juiz Scott, revólveres na mão, desceram cautelosamente. Não havia necessidade para essa cautela. Caninos Brancos tinha cumprido o seu dever. No meio dos destroços da mobília derrubada e despedaçada, deitado um pouco de lado, a face escondida por um dos braços, estava um homem. Weedon Scott inclinou-se, retirou o braço e virou a face do homem para cima. A garganta aberta explicava a maneira da sua morte.

– Jim Hall – disse o juiz Scott, e pai e filho olharam significativamente um para o outro.

Depois voltaram-se para Caninos Brancos. Ele também estava deitado de lado. Os olhos estavam fechados, mas as pálpebras se ergueram de leve com o esforço de olhar para os deuses que se inclinavam sobre ele, e o rabo agitou-se perceptivelmente num vão esforço de abanar. Weedon Scott o afagou, e a garganta roncou um rosnado de reconhecimento. Mas era um rosnado fraco quando muito, e logo cessou. As pálpebras se abaixaram e fecharam, e todo o corpo pareceu relaxar e achatarse sobre o chão.

– Ele está liquidado, pobre diabo – resmungou o dono.

– Vamos cuidar disso – afirmou o juiz, enquanto partia para o telefone.

– Francamente, ele tem uma chance em mil – anunciou o cirurgião, depois de trabalhar uma hora e meia em Caninos Brancos.

O amanhecer irrompia pelas janelas e enfraquecia as luzes elétricas. À exceção das crianças, toda a família estava reunida ao redor do cirurgião para ouvir o seu veredicto.

– Uma pata traseira quebrada – continuou. – Três costelas quebradas, e pelo menos uma delas perfurou os pulmões. Perdeu quase todo o sangue do corpo. Há uma grande probabilidade de lesões internas. Alguém deve ter saltado sobre ele. Isso sem falar nos três buracos de bala que o trespassaram. Uma chance em mil é realmente otimista. Ele não tem uma chance em dez mil.

– Mas ele não deve perder nenhuma chance – exclamou o juiz Scott. – Não faça caso das despesas. Tire raios X... qualquer coisa. Weedon, telegrafe imediatamente para San Francisco e procure o doutor Nichols. Nada contra o senhor, doutor, compreenda, mas ele tem que aproveitar qualquer chance.

O cirurgião sorriu indulgentemente.

– Claro que compreendo. Merece tudo o que pode ser feito por ele. Deve ser cuidado como se cuidaria de um ser humano, uma criança doente. E não esqueça o que lhe disse sobre a temperatura. Volto às dez horas de novo.

Caninos Brancos recebeu todos os cuidados. A sugestão do juiz Scott de uma enfermeira profissional foi rejeitada com indignação pelas meninas, que se encarregaram elas próprias da tarefa. E Caninos Brancos conquistou a única

chance em dez mil que o cirurgião lhe negara.

O último não deve ser censurado pelo seu julgamento errôneo. Durante toda a sua vida tratara e operara humanos delicados da civilização, que levavam vidas abrigadas e descendiam de muitas gerações protegidas. Comparados a Caninos Brancos, eram frágeis e débeis, agarrando a vida sem nenhuma força na sua garra. Caninos Brancos viera diretamente da Floresta, onde os fracos morrem cedo e não se concede abrigo a ninguém. Nem no seu pai, nem na sua mãe havia alguma fraqueza, nem nas gerações anteriores. Uma constituição de ferro e a vitalidade da Floresta eram a herança de Caninos Brancos, e ele se agarrava à vida, com todo o seu ser e todas as suas partes, em espírito e carne, com a tenacidade que outrora pertencia a todas as criaturas.

Amarrado prisioneiro, sem poder fazer nenhum movimento por causa do gesso e das ataduras, Caninos Brancos passou semanas enfraquecido. Dormia por longas horas e sonhava muito, e pela sua mente cruzava um desfile interminável de visões da Terra do Norte. Todos os fantasmas do passado se manifestaram e vieram lhe fazer companhia. Mais uma vez viveu na toca com Kiche, subiu tremendo nos joelhos de Castor Cinza para lhe oferecer a sua submissão, correu para salvar a vida diante de Lip-lip e de todo o tumulto uivante do bando de filhotes.

Cruzou mais uma vez o silêncio, caçando o alimento vivo durante os meses da escassez, e de novo correu à frente da matilha do trenó, os chicotes de tripa de Mit-sah e Castor Cinza estalando atrás, as vozes gritando “Raa! Raa!” quando chegavam a uma passagem estreita e a matilha se fechava como um leque para passar. Viveu novamente todos os seus dias com Beleza Smith e as lutas que tinha travado. Nessas horas choramingava e rosnava no seu sono, e aqueles que o observavam diziam que estava tendo sonhos ruins.

Mas havia um pedacelo especial que o fazia sofrer muito – os monstros dos bondes tinindo e tilintando que eram para ele lince colossais aos berros. Ele se deitava ao abrigo de uns arbustos, esperando que um esquilo se aventurasse para bem longe do seu refúgio na árvore. Depois, quando pulava sobre o animalzinho, ele se transformava num bonde, ameaçador e terrível, elevando-se acima dele como uma montanha, berrando, tinindo e cuspidando fogo sobre ele. Acontecia o mesmo quando desafiava o gavião a descer do céu. Do alto do azul ele descia veloz, quando caía sobre Caninos Brancos, transformando-se no bonde ubíquo. Ou, ainda, ele estava no cercado de Beleza Smith. Fora do cercado, os homens começavam a se reunir, e ele sabia que haveria uma luta. Observava a porta à espera de seu antagonista. A porta se abria, e, lançando-se sobre ele, vinha o terrível bonde. Mil vezes isso ocorria, e a cada vez o terror que inspirava era vívido e enorme como nunca.

Por fim, chegou o dia em que a última atadura e o último gesso foram retirados. Foi um dia de gala. Toda a Sierra Vista se reuniu ao redor. O dono lhe esfregou as orelhas, e ele emitiu o rosnado de amor. A esposa do dono o chamou de “Bendito Lobo”, nome que foi adotado com aclamação e todas as mulheres o chamavam de Bendito Lobo.

Ele tentou se levantar, mas, depois de várias tentativas, caiu de fraqueza. Passara tanto tempo deitado que os músculos tinham perdido a agilidade, e toda a

força os abandonara. Sentiu um pouco de vergonha por causa da sua fraqueza, como se deveras estivesse faltando ao serviço que devia aos deuses. Por essa razão, fez esforços heroicos para se levantar, e por fim ficou de pé sobre as quatro patas, cambaleando e balançando para frente e para trás.

– Bendito Lobo! – entoou o coro das mulheres.

O juiz Scott as observava triunfante.

– Que seja como suas bocas acabaram de declarar – falou. – Exatamente como sempre afirmei. Um mero cachorro não poderia ter feito o que ele fez. É um lobo.

– Um Bendito Lobo! – emendou a esposa do juiz.

– Sim, Bendito Lobo – concordou o juiz. – E, a partir de agora, é assim que vou chamá-lo.

– Ele vai ter de aprender a caminhar de novo. – disse o cirurgião. – E bem que poderia começar desde já. O esforço não vai machucá-lo. Levem-no para fora.

E para fora ele partiu, como um rei, com toda a Sierra Vista ao seu redor e cuidando dele. Estava muito fraco, e quando chegou ao gramado deitou-se e descansou um pouco.

Depois do cortejo continuou o seu caminho, pequenos jorros de força entrando nos músculos de Caninos Brancos, à medida que ele os usava e o sangue começava a percorrê-los. Chegaram aos estábulos e ali, na soleira da porta, estava Collie com meia dúzia de filhotes gorduchos brincando à sua volta ao sol.

Caninos Brancos observou a cena com um olhar admirado. Collie rosnou avisando-o, e ele cuidou para manter a distância. Com o pé, o dono ajudou um filhote a se arrastar na direção de Caninos Brancos. Ele eriçou o pelo cheio de suspeitas, mas o dono lhe avisou que tudo estava bem. Collie, presa nos braços de uma das mulheres, observava ciumenta, e com um rosnado lhe avisou que nem tudo estava bem.

O filhote se espalhou na sua frente. Ele levantou as orelhas e observou-o curioso. Os focinhos se tocaram, e ele sentiu a pequena língua quente do filhote na sua queixada. A língua de Caninos Brancos veio para fora, ele não sabia bem por que, e ele lambeu a face do filhote.

Aplausos e gritos satisfeitos dos deuses saudaram a cena. Ele ficou surpreso e olhou-os perplexo. Depois a fraqueza o venceu, e ele se deitou, as orelhas de pé, a cabeça inclinada sobre um lado, observando o filhote. Os outros filhotes vieram se arrastando até Caninos Brancos, para grande desgosto de Collie, e ele permitiu com um ar sério que trepassem e caíssem sobre o seu corpo. A princípio, entre os aplausos dos deuses, deixou transparecer um pouco do seu antigo constrangimento e embaraço. Mas depois disso passou, enquanto continuavam as cambalhotas e as pancadas dos filhotes, e ele se deixou ficar deitado, com os olhos pacientes e meio fechados, cochilando ao sol.

Jack London
(1876-1916)

JOHN GRIFFITH CHANEY (conhecido como Jack London) nasceu em São Francisco, em 12 de janeiro de 1876. Sua mãe, Flora Wellman, abandonada pelo companheiro, se casou com John London, de quem o escritor adotou o sobrenome. Em 1878, a família se mudou para Oakland – a primeira das várias mudanças –, onde John London abriu um negócio, sem sucesso. Para ajudar no sustento da casa, Jack começou a trabalhar como entregador de jornal. Em 1891, comprou um barco a vela, iniciando uma ligação com o mar que seria perpetuada em sua obra. No seu aniversário de dezessete anos, se alistou para trabalhar na escuna *Sophia Sutherland* e passou sete meses no Japão. Ao retornar em meio à depressão industrial que assolava os Estados Unidos, acabou fazendo pequenos trabalhos que pagavam um salário miserável e que comprometeram sua saúde frágil.

Em 1895, voltou para Oakland e se matriculou na Universidade da Califórnia, permanecendo apenas um semestre. No ano seguinte, ingressou no Partido Socialista e intensificou sua luta pelos direitos dos trabalhadores, passando a ser atacado pelos jornais, que o chamavam de “o menino socialista de Oakland”. Em 1897, se uniu à corrida pelo ouro no Alasca. A expedição foi um fracasso e ele retornou a Oakland sem dinheiro e padecendo de escorbuto. No ano seguinte começou a escrever sobre suas experiências, vendendo a primeira história, “To the Man on Trail”, em 1899. Um ano depois, publicou a primeira coletânea de contos, *The Son of the Wolf*, que o notabilizou pelo retrato vigoroso da vida brutal na região de Klondike, no Alasca. Nesse mesmo ano, casou-se com Bessie Maddern, com quem teve duas filhas. Em 1902, partiu para Londres, onde fez um estudo sobre as condições sociais dos trabalhadores, que daria origem a *The People of the Abyss* (1903).

Jack London teve uma prolífica carreira literária, que inclui diversos contos e romances célebres, como *O chamado da floresta* (1903), *O lobo do mar* (1904), *Caninos brancos* (1906) e *Martin Eden* (1909). No restante de sua curta mas intensa existência foi reconhecido e celebrado mundialmente pela sua obra, trabalhou como jornalista e correspondente de guerra, proferiu palestras e viajou pelo mundo, estabelecendo residência no Rancho Beauty, na Califórnia. Em 1905, casou-se com Charmian Kittredge, sua companheira até o final da vida. Depois de lutar contra várias doenças crônicas, Jack London morreu em 22 de novembro de 1916. Há várias hipóteses para a causa de sua morte, entre elas falência renal e overdose acidental de morfina.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *White Fang*

Tradução: Rosaura Eichenberg

Capa: Ivan Pinheiro Macahado

Revisão: Jó Saldanha e Renato Deitos

L844c

London, Jack, 1876-1916

Caninos Brancos / Jack London / tradução de Rosaura Eichenberg. -- Porto Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v.266)

ISBN 978.85.254.2363-4

1. Ficção norte-americana-aventuras. I. Título. II. Série.

CDD 813.37

CDU 820(73)-311.3

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© L&PM Editores, 2002

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br